

# Povo Lusitano da Pré-História à Democracia

Francis Raposo Ferreira



**elefante**  **2021**  
editores

# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

## Pré-História

---

A vitória é paixão muito antiga  
Desta insatisfeita raça humana,  
Com ajuda, talvez eu consiga  
Cantar algumas da gente Lusitana,  
Quem sabe uma ajuda amiga  
Me torne a tarefa menos desumana.  
Não que tema o desafio lançado,  
Mas ficarei menos cansado.

Lusitanos e seus antecedentes,  
Outros há que não vale a pena,  
Pois se uns foram influentes,  
Outros tiveram acção pequena  
Na formação de tão singelas gentes,  
De alma clara e de tez morena.  
Numa mistura de povos e raças  
Nasceu tal povo de distintas traças.

Foi, há muitos séculos passados,  
Que esta grande paixão desabrochou,  
Ainda de Lusos não eram chamados  
E por sua ambição tudo começou,  
Nunca se deram por conquistados  
Nem nunca o perigo os amedrontou.  
Vieram de vários pontos cardeais,  
No intuito de defender seus ideais.

O período de Paleolítico era chamado,  
Ou a "idade da pedra lascada",  
O homem comia o que lhe era dado  
Não se preocupava em semear nada,  
Não se fixavam em nenhum lado,  
Viviam numa constante caminhada.  
O sol era seu relógio orientador,  
A água era conquista de grande valor.

Amaram artes mais diversificadas  
Que nossa mente possa imaginar,  
Algumas são, hoje, muito admiradas  
E adoravam simples jogos de brincar,  
Sem terem armas muito apuradas,  
Eram exímios na pesca e no caçar.  
A necessidade aguçava o engenho,  
E a sobrevivência motivava o empenho.

Com uma técnica aperfeiçoada,  
Conciliando o artístico e o agreste,  
Eles matavam os animais à pedrada  
E desenvolveram a arte rupestre,  
Era a sua história a ser contada  
De Norte a Sul, de Este a Oeste.  
Tão simples imagens do cotidiano,  
Ainda tão úteis, passado tanto ano.

Eram povos de muita origem e raça,  
E verdadeiros desportistas se revelaram,  
Além da técnica da pesca e da caça  
Ainda, corrida em marcha nos legaram.  
Em tudo punham algo da sua graça,  
Costumes que até nossos dias chegaram.  
Não podemos ignorar essa memória,  
Seria estarmos a matar a Lusa história.

Posteriormente saltaram o fosso,  
Como se de uma prova se tratasse,  
As armas de pedra viraram osso,  
Até que a era dos metais chegasse,  
Artefactos construídos a modo grosso,  
O importante era que não quebrasse.  
Tempos de luta constante para sobreviver,  
Homens e animais, era matar ou morrer.

Como o resultado de qualquer jogo,  
Ou mero acaso de simples brincadeira,

Eles descobriram a maravilha do fogo,  
Que os fez ver a vida de outra maneira,  
A mudança não terá surgido logo,  
O medo do oculto tomava a dianteira.  
Não se temia a vida, mas sim o desconhecido,  
A algum demónio se deve ter atribuído.

Ambiciosos e determinados como eram,  
Novas vitórias a si mesmos exigiram,  
Assim, novas experiências que fizeram  
E a riqueza da agricultura, descobriram,  
A normas e regras se predispuseram,  
Da vida nómada e errante se despediram.  
Assim começou nossa triste sina,  
Criarmos regras, que nossa liberdade elimina.

A era do Neolítico, seria de fulgor.  
Deixara-se a fase do Paleolítico,  
Inferior, médio e superior,  
E já se atravessara a época do Mesolítico,  
O homem torna-se domesticador  
Abre-se um novo caminho artístico.  
Estabelecem-se, junto ao rio, em aldeias,  
O culto dos mortos traz outras ideias.

A técnica agrícola era desgastante,  
A tomar novas opções, os obrigou,  
Diminuiu o movimento constante,  
A vida, nómada, definitivamente, findou,  
A arte conquistou novo figurante,  
Através da cerâmica, aos nossos dias chegou.  
Incentivam-se as primeiras trocas comerciais,  
Desponta um dos poderes infernais.

O sedentarismo despertou necessidades,  
Até então, totalmente, ignoradas,  
Mas eles ultrapassam todas as dificuldades  
Técnicas de conservação são inventadas,  
O vestuário ganha novas realidades,

Vestes de lã, linho e algodão são agora  
[usadas.

As peles de animais dificultam os movimentos,  
Tornar-se-ão apreciadas em futuros  
[momentos.

Monumentos funerários são construídos,  
Para os entes queridos preservar,  
Por Antas e Dólmens ficarão conhecidos,  
E ainda hoje, alguns podemos admirar,  
Supõem-nos simplesmente adormecidos  
E que no futuro virão a despertar.  
Iniciava-se o negro culto da morte,  
Quem sabe por Fé, medo, ou pura má sorte.

Atraídos pelas imensas ofertas  
Que na península lhe são proporcionadas,  
Chegam muitos e diversos atletas  
À conquista destas terras abençoadas,  
Nesses tempos não se conheciam metas,  
Nem existiam tácticas erradas.  
Muito mais que simples jogo, era a vida,  
Tudo se resolvia numa luta ou numa corrida.

De África vieram os primeiros atletas,  
Por Iberos eles eram conhecidos,  
Chegando depois, da Europa, os Celtas,  
Por Gregos e Fenícios antecidos,  
Ocupavam e arrasavam aldeias completas,  
Não tinham contemplos com os vencidos.  
Tempos de antigamente, duros e brutais,  
Vencedores e vencidos, inimigos mortais.

Os Gregos deixam algo muito especial,  
Ainda hoje faz o nosso encantamento,  
É a sua arte, tem uma beleza tal  
Que parece criada para ornar o pensamento,  
Mas também a vertente espiritual  
Lhes merece um especial tratamento.  
Muito nos chegou da Grécia Antiga,

Talvez muito mais que hoje se consiga.

Pensamento onde entra a democracia,  
Lembremos Sócrates; Aristóteles; Platão,  
Primeiros grandes mestres da Filosofia  
Que fizeram da Grécia a grande civilização,  
Era, assim, que do solo Grego nascia  
Nova ordem de interpretar a humanização.  
Por entre pensamentos se faz a história,  
Por entre outros se perde a glória.

De entre o que os Fenícios deixaram  
Há algo que nunca poderemos esquecer,  
Pois sem os caracteres que nos legaram,  
Tais linhas, seria impossível escrever,  
Herança que já muitos ignoraram,  
Ignorando o quanto lhes fará sofrer.  
Simples rabiscos não saber interpretar  
É dor maior do que a que possamos explicar.

Sendo o território da futura Lusa nação  
Banhado por costa marítima tão bela  
Não admira a primeira e grande paixão,  
Desses povos, fosse a prática da vela,  
Fazendo da força do vento, o ganha-pão,  
Delineando contornos de linda aguarela.  
Qual ousado Deus ousaria imaginar  
Que nascia, aqui, linda história de navegar.  
Além de serem exímios velejadores  
Eram também imbatíveis comerciantes,  
Os Fenícios foram os fundadores  
De Cartago, povo de ótimos navegantes,  
Lançados estavam os pilares percussores  
De feitos tão grandes e tão distantes.  
Seria sobre as águas de mares e oceanos  
Que se escreveriam belos feitos Lusitanos.

Os Cartagineses, com bons treinadores,  
Na história fizeram questão de ficar,

Tornaram-se excelentes remadores,  
Para a força do vento, nas velas, auxiliar,  
Esforço nada digno de grandes senhores,  
Justificava outras forças escravizar.  
Aguardavam a morte remando no convés,  
Tentando vencer, não a morte, mas as marés.

Celtas e Iberos decidiram-se aliar,  
Foi o povo Celtibero a surgir,  
Só que eles não podiam imaginar  
Que em tribos se iriam dividir,  
A história avançava sem parar,  
O mundo continuava a evoluir.  
As sementes deixadas iam germinando  
Enquanto raças e crenças se iam misturando



## Lusitânia

---

As tribos, no cimo dos montes habitavam,  
Por causa das guerrilhas de muitos anos.  
De entre todas que os Celtiberos formavam  
Uma se salientava, era a dos Lusitanos,  
Desde cedo que estes ansiavam  
Libertar-se do jugo de chefes tiranos.  
Todo o povo anseia pela sua liberdade,  
Nunca se resignando a outra realidade.

Era comandada por antigo pastor,  
Homem robusto e corajosos, Viriato,  
Que enfrentaria o novo invasor,  
Os Romanos. Seria vítima de vil acto,  
Tornando-se no ídolo impulsionador  
De novo unir de forças, novo pacto.  
Os heróis são a força de um povo,  
Eles caem, mas este levanta-se de novo.

Não conseguindo, o pastor, vencer  
Eles resolveram inventar a corrupção,  
Foram três amigos, triste de saber,  
Quem o mataria, uma baixa traição,  
Os Lusitanos viram-no desaparecer  
Mas não enfraquecem sua determinação.  
Não ousem os Deuses sequer sonhar  
Que o povo se deixa, nem pela morte,  
derrotar.

Dois séculos de luta, vencidos os Lusitanos,  
A península Ibérica é integrada  
No imenso e poderoso império dos Romanos.  
A vida da população é radicalmente alterada,  
Adivinhavam-se duros anos,  
A liberdade ficava, somente, adiada.  
Se não ousam os Deuses, porque ousaram,  
Os Romanos, pensar que o, ideal, matavam.

## Romanização

---

Ano setenta A.C. um poeta Latino nascia,  
Foi em Andes e Virgílio se chamava,  
"Eneida" a obra que o imortalizaria,  
Enquanto o Império Romano dominava,  
Augusto, o imperador, ali se enaltecia,  
O autor, superar Homero procurava.  
A obra aspirava atingir a perfeição,  
Roma via-a como meio de divulgação.

O domínio Romano ia-se acentuando  
Do sul para norte, mais difícil resistir,  
E a vida das gentes ia-se adaptando  
Às leis do senhor a quem tinham de servir.  
O sonho da liberdade, asas ia ganhando,  
Nunca deixando de se fazer ouvir.  
Todo o usurpador se deixa cair na tentação  
De pensar que os oprimidos, o têm no coração.

Um dos sectores mais influenciado  
Foi o da agricultura, o outro o da economia,  
O solo passou a ser melhor aproveitado  
Com culturas que até aí se desconhecia,  
O território mantinha-se ocupado,  
O descontentamento crescia dia-a-dia.  
A força do império Romano não enganava,  
Enfrentá-la, quem seria que ousava.

O Latim foi adoptado como língua oficial  
De todos os territórios ocupados,  
É feita uma divisão administrativa judicial  
E os aglomerados populacionais alterados,  
Nada era deixado ao acaso, tudo formal,  
Os Romanos eram gestores organizados.  
Comandar tão majestoso império  
Requeria organização, rigor e critério.

Importantes centros urbanos criados,  
Extensa rede rodoviária liga os centros,  
Desenvolve-se a olaria, feiras e mercados,  
É a Romanização, até nos monumentos.  
Não se pode negar que territórios ocupados  
Eram empurrados por novos e vigorosos  
ventos.

O ocupador não precisa de autorização  
Para implantar a sua vontade, sua razão.

O império Romano quase meio mundo domina,  
Mas a alguns a ideia não os seduz,  
E lá longe, numa terra chama Palestina,  
Um homem os desafia. É Jesus.  
Será essa tal de vontade divina  
A gerar movimento que à revolta conduz.  
Ninguém sonhe que um povo ocupado  
Seja, vez alguma, um povo dominado.

Apregoando um só Deus e nova religião,  
Pelo mundo a sua palavra vai espalhando,  
Os Romanos tentam controlar a situação  
E percebem que só o calarão, Matando.  
Matam, mas não evitam a propagação  
Que, sabem-no bem, os vai ultrapassando.  
Nem o mais forte de todos os governantes  
Consegue sobreviver a injustiças constantes.

Tudo o que representara e fizera  
Granjeou-lhe imensos admiradores,  
O seu nascimento ditou uma nova era  
E a sua doutrina congregou seguidores,  
Atraiu as atenções da perigosa fera  
Não temeu humilhações ou dores.  
Quem nasce com áurea de libertador  
Não vacila perante o mais forte opressor.

## Islamismo

---

Após cerca de oito séculos a mandar,  
Os Romanos, vêm chegar novos senhores.  
Suevos, Germânia, os primeiros a chegar,  
Foram do reino da Galécia os fundadores,  
Eis que novos desafios se faziam soar,  
Era preciso enfrentar novos conquistadores.  
O Sangue Lusitano continuava a correr  
Nas veias desta gente difícil de abater.

Este reino quinhentos anos durou,  
Até que, pelo reino Visigodo, foi anexado,  
Povo Bárbaro que o Cristianismo abraçou,  
Depois de a península Ibérica ter unificado,  
Direito Visigótico, do melhor que nos deixou,  
Prolongou-se muito depois de terem abalado.  
Igrejas, numerosos nomes e apelidos,  
Vestígios Visigóticos que nos foram oferecidos.

O reino durou perto de duzentos anos,  
Acabou por não resistir a nova invasão,  
Chegavam novos senhores, os Muçulmanos,  
Que adoravam a Alá e liam no Corão,  
Seus costumes e tradições causaram danos  
No que respeitava à prática da religião.  
Adorando os seus próprios Deuses,  
Viram no Cristianismo causa para reveses.

Tarik Ibn-Ziyad os comandava,  
Derrotar os Francos, passados os Pirenéus,  
Era sonho que mais os inspirava,  
Queriam todos os territórios como seus,  
Aqueles que o Mediterrâneo banhava,  
Não os auxiliaria seu próprio Deus.  
Durante sua presença, largos anos,  
Por aqui se viram governantes Muçulmanos.

Há muito sonhavam dominar esta região,  
Mas sua presença não era bem vista.  
Nas Astúrias nasce movimento Cristão  
Que os enfrenta e luta pela reconquista,  
Gente que se entrega de alma e coração  
Na sua ânsia da liberdade prevista.  
Travava-se de uma luta de Deuses, na terra,  
Muçulmanos e Cristãos andavam em guerra.

Os Mouros, como eram denominados,  
Tinham exército organizado e poderoso,  
Pelo que os Cristãos se viram obrigados  
A encetar processo de reconquista moroso,  
Os alicerces foram sendo semeados,  
Adivinhando-se um culminar glorioso.  
Os Deuses até que nem interviriam,  
Que fossem os homens a resolver, decidiriam.

Durante sua estadia nesta parte do mundo  
Introduziram os seus usos tradicionais,  
Produzindo um alterar significativo e profundo  
No modo de viver e sentir das gentes locais,  
Ainda hoje sofremos influência disso tudo,  
Nunca mais nossas vidas seriam iguais.  
Não aceitar ideais do povo ocupador  
Não significa não aproveitar o seu melhor.

Intervieram em vários campos: arquitectura;  
Literatura, com lendas de encantar; poesia.  
Revolucionaram as técnicas da agricultura,  
Da medicina; da matemática e da astronomia,  
Eram conceitos novos para a altura,  
Determinantes no futuro. A história assim o  
diria.  
Abençoadas as gentes que sabem aprender  
Com quem lhes pode melhorar o viver.

Na agricultura resolveram problemas de outrora,  
Relacionados com a técnica da irrigação,  
Introduziram o açude; a levada; a azenha e a nora.  
Sem dúvidas, uma grande contribuição.  
Mesmo assim teriam de ir embora,  
Sua permanência não obtinha aceitação.  
Aprender com tem algo para nos ensinar  
Não significa que abduquemos de sonhar.

Na indústria desenvolveram as artes do couro;  
Da cerâmica; da seda e ainda da vidraria,  
Fazendo jus ao ditado "trabalhar como um mouro"  
A arte, grande, atenção lhes mereceria,  
Acabou por se tornar uma era de ouro,  
Que a Península Ibérica lhes agradeceria.  
Assimilavam-se preciosos ensinamentos,  
Alimentavam-se libertadores sentimentos.

Corrigiram problemas de longos anos,  
Introduziram o zero na numeração,  
Algo que estava em falta na dos Romanos,  
E que complicava toda a aritmética operação.  
Negar o contributo dos Muçulmanos  
Seria faltar à verdade da história da evolução.  
Não fossem diferenças tão acentuadas,  
Os Deuses aceitariam devoções partilhadas.

No que diz respeito à arquitectura,  
Representação humana, proibi-a o Corão,  
Eles utilizavam o arco em ferradura  
E motivos geométricos, arabescos, na  
decoreação,  
É tudo uma pura questão de cultura,  
Com fortes influências do factor religião.  
Deuses e homens em perfeita harmonia,  
Onde cada Deus emanava sua profecia.

Decorre ano de seiscentos trinta e dois,  
Algo acontece a nível internacional,  
Irá influenciar, durante muitos sóis,  
Todo o desenvolvimento mundial,  
Tendo cota significativa, anos depois,  
Na fundação do reino de Portugal.  
Maomé morre, era o homem da paz,  
Árabes reeditam guerras de tempos atrás.

São vagas de exércitos em guerra,  
Enfrentam Persas Sassânidas e Bizantinos,  
Tremem todos os recantos da terra,  
Soldados caem quais débeis meninos,  
Tanto sangue humano aqui se enterra,  
Ocupam Síria, Egipto e terra dos Palestinos.  
Norte de África é palco de ocupação,  
Árabes não perdoam tanto ano de invasão.

Mais de trinta anos resistem os dominadores,  
Xá da Pérsia, Cabul, o último a cair,  
Imperio Persa constituía um dos maiores,  
Sobreviveu, conseguindo não restituir  
Sua capital, cidade berço de valores,  
Constantinopla, continuava, assim, a luzir.  
Império Muçulmano, a muito mais aspirava,  
Sobre a Índia e Península Ibérica se lançava.

Quanto mais tem, mais o império avança,  
Ilhas Mediterrânicas também são tomadas,  
Tal como sul de Itália e terras de França,  
Grandes sementes culturais são lançadas,  
Estimulam a tolerância, ganham confiança,  
Cresce e zonas longínquas são abandonadas.  
Bizantinos e Francos guardavam, na memória,  
Épocas de conquistas onde era sua a vitória.

## Ideal Cristão

---

Pelágio, ano de Setecentos e dezoito,  
Figura, de quem pouco se conhece,  
Revela ser guerreiro bastante afoito  
Mostrando que o sonho Cristão não arrefece,  
Organiza os seguidores no seu couto  
E pelas montanhas Asturianas desce.  
Fosse Rei Visigodo, um Asturiano nativo,  
Ou Duque da Cantábria, manteve o sonho vivo

Setecentos vinte e dois, primeira vitória,  
Covadonga, do movimento Cristão,  
Utilizando tácticas guardadas na memória,  
Viriato o inspirador em questão,  
Ninguém procurava fama ou glória,  
Lutavam por um sonho, de alma e coração.  
Alexandro Herculano tal tese defenderia,  
A trombeta de Pelágio bem alto se ouviria

Assim renascia o movimento Cristão,  
Que não abdicava do seu religioso ideal,  
Formara os reinos das Astúrias; Castela; Leão;  
Aragão e Navarra, rumo à reconquista total,  
Eram diferentes estes tempos de então,  
Fosse hoje e nada mais seria igual.  
Começaria nesta luta contra os Muçulmanos  
O abrir do caminho ao reino dos Lusitanos.

Sonho sustentado numa lenda sã,  
Santiago surgiria, miraculosamente,  
Em vários combates da reconquista Cristã,  
Lutando ao lado da sua gente.  
Matamoros lhe ficou de alcunha, nada vã,  
Ouvindo-se seu grito na linha da frente.  
"Santiago y cierra España" se ouvia,  
Exército Português, seu protector seria.



Século dez, acentua-se a desagregação,  
Influências de grupos de mercenários,  
Na sua maioria convertidos ao Islão,  
Querem novos reinos, ataques são diários,  
Turcos Seljúcidas lhe fazem oposição,  
Territórios reunificados contam-se vários.  
Turcos Seljúcidas e Otomanos são diferentes,  
Estes, antepassados dos Turcos presentes.

Mil e trinta e um, importante Califado,  
Córdova, de Hisham III, é abolido,  
Surgindo o reino Taifa, um principado  
Muçulmano. Um grito de vitória é ouvido  
Em toda a Al-Andalus, como era chamado  
O território, hoje, por Andaluzia, conhecido.  
Movimentos que não podemos ignorar,  
Na história tudo se tende a interligar.

Coimbra, mil e sessenta e quatro a correr,  
É conquistada, de forma definitiva,  
Fernando primeiro de Castela quer ter  
Importante cidade sob sua ordem activa,  
Para a governar, decide-se por escolher,  
Sesnando Davides, figura bem criativa.  
Moçárabe, companheiro de El-Cid,  
Futuro de Coimbra é ele quem decide.

No desenvolvimento da história Lusitana,  
Muito movimento lateral há a considerar,  
É complexa, bastante, a história humana,  
Povos há, cuja influência não é de ignorar  
Deveras importante a acção muçulmana.  
O mundo era verdadeira bola a girar.  
Mil e setenta e um, Manzikiert, Turquia,  
Exército Bizantino pesada derrota sofria.

Romano IV, Bizantino imperador,  
Pelos Turcos Seljúcidas é capturado,  
Constantinopla sofre humilhação maior,

Nunca mais o imperador será perdoado,  
Seu regresso faz-se por entre ódio e dor,  
Bizantinos cegam-no e parte exilado.  
Turcos Seljúcidas vão muito mais além,  
Mil setenta e oito, tomam Jerusalém.

Voltando ao mesmo ano, setenta e um,  
Nuno Mendes, conde de Portucale,  
Revolta-se, sem demonstrar medo algum,  
Contra Garcia I, rei da Galiza, foi-lhe fatal.  
Morreu, mas deixou lançado  
Do caminho para se chegar até Portugal.  
Terá sido perto de Braga, Batalha de Pedroso,  
Que Nuno Mendes se tornou glorioso.

Da família Vimara Peres descendente,  
Do conde Mendo Nunes era filho,  
Seu grande sonho levará-o em frente,  
Avançou, acendendo o rastilho  
Que despertaria novos sonhos na Lusa gente,  
Garcia I não lhe perdoou tal sarilho.  
Demoraria ainda alguns anos,  
Até germinar a semente dos sonhos Lusitanos.

Séculos dez e onze, Império Bizantino  
Debate-se com grandes dificuldades,  
Desvia-se do caminho fulcral, campesino,  
Tribos nómadas revelam novas vontades,  
Querem ser donas do próprio destino,  
Perdas de territórios são puras realidades.  
Península Itálica, pelos Normandos tomada,  
A população Bizantina está fragilizada.

Aleixo primeiro Comneno, desesperado,  
Pede ajuda às gentes do ocidente,  
Turcos Seljúcidas trazem-no ameaçado,  
Cristãos apercebem-se do perigo iminente,  
Jerusalém é território bastante desejado,  
Por peregrinos e Cristãos do oriente.

Mil e noventa e cinco, mês de novembro,  
Concilio de Clermont, aqui relembro.

Papa Urbano segundo revela sagacidade,  
"É imperioso libertar a Terra Santa,  
Podemos dar à expedição outra validade,  
Forma de penitência", Oh esperteza, quanta  
De ti não despertou nobre ansiedade,  
Desvalorizando toda a consequência. Tanta.  
Nobres e povo aceitam desafio Papal,  
Prepara-se uma expedição sem igual.

## Cruzadas

---

Mil noventa e seis, a ideia até agrada,  
Organizar movimentos de soldados.  
Estava lançada a semente da cruzada,  
Homens sempre prontos a serem chamados  
"Ao toque da trombeta e bandeira desfraldada"  
Respondiam velozmente aos apelos lançados.  
Reconquistar todo o território peninsular  
Ideal que durante séculos os vai orientar.

Homens dispostos a dar sua vida  
Partem rumam a terras de Oriente,  
Cruz vermelha nas suas roupas cosida,  
Torna-se símbolo desta singela gente,  
Homens, cuja participação destemida  
Daria ao mundo, uma cor diferente.  
Simples Cruzes Vermelhas desenhadas  
Alimentavam o sentido das Cruzadas.

Nove são as tradicionalmente faladas,  
Movimento permanente na realidade,  
Nem todas se revelaram bem organizadas,  
Algumas primaram pela baixa qualidade,  
Vários reis se aproveitaram das cruzadas,  
Novas conquistas, verdadeira finalidade.  
São cavaleiros em constante demanda,  
Já não só a fé que os motiva e comanda.

Conquistas, feitas de recuos e avanços,  
Que nos deixaram importantes legados,  
Nem tudo foram vitórias, nem falhanços,  
Muito, ainda hoje, devemos aos cruzados,  
Possibilidade houvesse de fazer tais balanços,  
Talvez até ficássemos bem admirados.  
Basta recordar que entre essas heranças,  
Nasceram e edificaram as Lusas esperanças.

Cruzadas não eram só boas intenções,  
Significavam muita cobiça e brutalidade,  
Por onde passavam arrasavam multidões,  
Sexta cruzada terá escapado à normalidade,  
Reis forneciam-lhe guarida e provisões,  
Esperando, em troca, alguma vila ou cidade.  
Cristianismo e Islão não mais conviveram,  
Judeus, Árabes, até Cristãos, muito sofreram.

Alem de influenciarem a cavalaria,  
Fortaleceram relações económica/culturais,  
Comércio Europa- Ásia muito cresceria,  
Produtos desconhecidos tornam-se habituais,  
Algodão e açúcar, a Europa não os conhecia,  
Mas as cruzadas deixaram-nos muito mais.  
As investidas contra o mundo do Islão  
obrigaram a "Jihad" a parar sua expansão.

Por todo o mundo há reinos Muçulmanos,  
Algo visto, pelos Cristãos, sem agrado,  
Grandes hostes de soldados, todos os anos,  
Partiam em defesa do poder conquistado,  
Eram guerreiros confiantes e ufanos,  
Após, em Compostela, terem rezado.  
Barra do rio Douro e a baía de Lisboa,  
Pontos de escala por onde tudo se escoia.

Afonso VI, rei de Leão, vê força que avança,  
São nobres Cristãos numa das cruzadas,  
Peças importantes no ganhar de confiança,  
Trata-se de bons executantes no jogo das  
espadas,  
O Cristianismo vê renascer a esperança  
De que suas terras sejam reconquistadas.  
Os Muçulmanos preparam-se para resistir,  
Não pensam abdicar do que vinham a  
construir.

Dois desses nobres e afamados cruzados  
Condes e primos, D. Henrique e D. Raimundo,  
Depois, além de primos, ficaram cunhados,  
O primeiro ficou a dever vassalagem ao  
segundo,  
Estavam lançados todos os dados  
De onde se construiria um novo mundo.  
Não estavam vencidos os Muçulmanos,  
Seria tarefa para durar ainda muitos anos.

D. Henrique casa com Dona Teresa,  
D. Raimundo torna-se no herdeiro real,  
Aquele recebe terras da origem Portuguesa,  
Seria pai do primeiro rei de Portugal,  
Terá, ou não, demonstrado pouca firmeza  
Na defesa daquele que seria seu ideal.  
Pode ser outra a realidade da história,  
Mas esta, nos foi inculcada na memória.

## Condado Portucalense

---

A história faz-se de recuos e avanços,  
Sempre interligados por acontecimentos  
Que na hora de fazer os balanços,  
Apelam à memória de idos momentos,  
Numa viagem sem grandes descansos,  
Despindo patrióticos sentimentos.  
Eis-nos chegados à hora de recuar,  
Para, firmemente, podermos avançar.

Ano de oitocentos sessenta e oito,  
Condado Portucalense é fundado,  
Vimara Peres, quem saboreia tal gosto,  
Entre o Douro e o Minho, situado,  
Prosperidade a brilhar-lhe no rosto,  
Começa a ser território cobiçado.  
Sabendo-se súbditos do reino de Leão,  
Portucalenses não escondiam sua ambição.

Eram terras do Condado Portucalense,  
Mas feudo do reino de Leão e Castela,  
Nada que Vimara Peres não soubesse,  
Embora sonhasse abrir outra janela,  
Galiza, sua terra, não se compadece,  
Anexando como sua tão próspera parcela.  
Três anos durou tão ténue separação  
Mil e setenta e um, definitiva anexação.

Somente cinco anos governaria,  
Lucidio Vimaranes, filho e herdeiro,  
Nove anos seguintes lhe sucederia,  
Chegados ao seu ano derradeiro,  
Não se sabe bem o que aconteceria,  
Tempo difícil, tudo breve e passageiro.  
Decorria Novecentos e vinte e dois,  
Hermenegildo Gonçalves viria depois.

Porto a capital da Portucalense gente.  
Hermenegildo Guterres, grande senhor,  
Conseguiria um Condado independente,  
Coimbra, até às campanhas do Almançor,  
Finas do século X, mais concretamente,  
Tempo em que vigorou uma paz maior.  
Fruto de todo o labor desenvolvido,  
Título mais nobre lhes é atribuído.

Casado com Mumadona Dias,  
Condessa e mulher muito poderosa,  
Ele terá sido escolha das chefias,  
Teria ela influências misteriosas,  
Práticas de agrado das maiorias,  
Muitas delas, estratégias arditosas.  
Morto o marido, ei-la a governar,  
Mumadona Dias, mulher a recordar.

Fundaria o Mosteiro de S. Mamede,  
Apoiando a construção do castelo,  
Condes de Portucale ali teriam sede.  
Foi mulher cuja vida, sem paralelo,  
Por forte determinação se mede,  
Deixando-nos um percurso singelo.  
Contrariando costumes enraizados,  
Ainda em vida, divide bens herdados.

Gonçalo Mendes é filho e sucessor,  
Membro da gente Galaico-Portuguesa,  
Seus tempos não seriam do melhor,  
Além de constantes revoltas da nobreza,  
Enfrentaria as tropas de Almançor,  
Grande inimigo da coroa Leonesa.  
Novecentos noventa e sete, sua morte,  
Batalha contra Almançor dita sua sorte.

Santiago de Compostela é invadida,  
Almançor comanda os Muçulmanos,



Gonçalo Mendes ali perde a vida,  
Lutando e orgulhando os Lusitanos,  
Aos setenta e dois anos ia de partida  
Governara quarenta e sete anos.  
Seu filho, e da condessa Ilduara Pais,  
Mendo Gonçalves agarrará os varais.

Desempenhará importante cargo real,  
Na corte de Bermudo II, rei de Leão,  
Terá a responsabilidade educacional  
Do futuro rei, Afonso V, na sua mão.  
Será ainda seu regente na fase inicial,  
Governando com entrega e determinação.  
Abd al-Malik, filho do Almançor, atacou,  
Mas, graças a ele, a paz depressa chegou.

Sua morte nunca foi bem determinada,  
Terá sido num ataque Viking à Galiza,  
Ou simples vítima de alguma cilada,  
A verdade, entre tais hipóteses desliza,  
Nunca, é ponto assente, será desvendada.  
Tempos de história muito imprecisa.  
Ficaram testemunhos do mais importante,  
Primórdios de um povo determinante.

Gonçalo Mendes, conde tão somente,  
O título de Duque passa a ostentar,  
Século XI, Coimbra vê, novamente,  
Seu condado voltar a desabrochar,  
Desta vez agrupando ainda mais gente,  
Lamego; Viseu e Feira se lhe vêm juntar.  
Sesnando Davides, reconquistador,  
Da cidade de Coimbra, é seu senhor.

Mil e sessenta e quatro decorria,  
Voltava a viver-se alguma paz,  
Até quando, ninguém o sabia,  
Num breve instante, tudo volta atrás.  
Portucale e Galiza iam para Garcia,

Nuno Mendes, ficar-se não era capaz.  
Aquele, filho de Fernando I de Leão,  
Não lhe permitiria tal traição.  
Mil e setenta e um a decorrer,  
Mire de Tibães, terras de Braga,  
Batalha de Pedroso irá ocorrer,  
Nuno Mendes, muito caro paga,  
Acabando mesmo por morrer.  
Garcia, sonhos mais ousados esmaga.  
Condado Portucalense sofre extinção.  
Garcia II iria sofrer igual expulsão

Tal terra do Condado Portucalense,  
Feudo do reino de Leão e Castela,  
Que posteriormente a Galiza pertence,  
Verá abrir-se uma nova janela,  
Quando Afonso VI de Leão reconhece  
O Conde D. Henrique como merecedor dela.  
Assim, com a futura terra Portuguesa,  
Oferece-lhe a mão de sua filha, D. Teresa.

D. Henrique não ficou muito contente,  
Certa vassalagem teria de lhe prestar,  
Assim, um território independente,  
Ele terá começado a perspectivar,  
Correria nas suas veias sangue desta gente  
Que nunca teve medo de sonhar.  
As lutas revestiam-se de imensos ideais,  
Nem sempre disputadas por meios leais.

Mil cento e doze, a morte o atraçouu,  
Sem ter tornado o condado independente,  
D. Teresa o governo do condado assegurou,  
Provocando a ira de muita da sua gente,  
O povo Lusitano como que adivinhou  
Os pensamentos que lhe povoavam a mente.  
Não existem registos muito concretos  
Que nos possam garantir estarmos certos.

D. Teresa tinha reconhecimento legal,  
Primeiro por sua irmã, D. Urraca,  
Senhora, Leão e Castela, da coroa real,  
Depois pelo sobrinho e pelo Papa.  
As relações começaram a correr mal  
Quando a ambição mais além abarca.  
D. Teresa começa a intitular-se rainha,  
Sonho em que nunca estará sozinha.

Fernão Peres de Trava está com ela,  
Trata-se de nobre Galego e poderoso,  
Não o aceita a coroa de Leão e Castela.  
Atacada refugia-se no Castelo de Lanhoso,  
Mil cento vinte um, termina a querela,  
D. Teresa assina tratado habilidoso.  
Grandes poderes, ao Galego, são dados,  
Deixando nobres Portugueses revoltados.

D. Teresa abandona os ideais do marido.  
Ao nobre Galego, uma filha irá dar.  
Revolta-se o filho, que será escolhido  
Para a revolta, contra sua mãe, chefiar,  
Episódio na Lusa história muito repetido,  
Sem fontes que o possam confirmar.  
Fazer emergir mitos e Heróis nacionais  
Constituía uma das estratégias tradicionais.  
Quanto de mito, quanto de realidade,  
Existirá em episódios tão remotos,  
Pouco importa a pureza da verdade,  
Heróis ou vilões, todos estão mortos,  
Ficando-nos, apenas, dessa dura idade,  
A história escrita nos nossos rostos.  
Fosse por ambição ou por mero engano,  
Assim se iniciava o sonho Lusitano.

## D.Afonso Henriques

---

Toda a história, de qualquer nação,  
É também a história de seus governantes,  
É construída de lendas, verdades ou não,  
Das suas vidas, sonhos, medos, amantes,  
De vitórias e derrotas, do poder de decisão  
Que muda o destino de outros figurantes.  
Cantar o sonho Lusitano é sonho meu,  
Sonhando immortalizar o que a Pátria me deu.

Mil cento e vinte cinco, Afonso Henriques  
É um jovem com catorze anos de idade,  
Arma-se cavaleiro, gestos muito chiques,  
Tornando-se guerreiro com liberdade,  
Nobres Portugueses lhe apoiam os tiques,  
Eles pretendiam algo mais, era a verdade.  
D. Teresa pouca importância lhes dava,  
Preferia o Galego Fernão Peres de Trava.

Decorre o ano de mil cento vinte sete,  
Afonso VII, rei de Castela e Leão,  
Cerco a cidade de Guimarães mete,  
Cerco que dará azo a muita confusão.  
Porquê cercar Guimarães, se repete,  
D. Teresa não estava ali, porquê então?  
Se era vassalagem que pretendia,  
Deveria ter ido ao encontro de sua tia.

D. Teresa era regente do Condado,  
Seu filho, apenas jovem infante.  
Aquela em Coimbra se havia refugiado,  
Numa estratégia de seu amante,  
D. Afonso VII pode ter sido enganado,  
Nunca admitindo algo tão humilhante.  
O cerco, tal como as lutas, foi real,  
Egas Moniz terá tido papel essencial.

Não terá sido na lenda do laço,  
Que nunca terá acontecido na verdade,  
Ele terá servido para acertar o passo  
Rumo ao fim do cerco à cidade,  
Pode até ter comparecido no paço,  
Acompanhando o infante, jurando lealdade.  
Afonso VII desejava isolar D. Teresa,  
Chamando a si o apoio da nobreza.

Terá o Infante jogado em duas frentes,  
Jurando lealdade ao seu primo,  
Enquanto agrupava as Lusas gentes?  
Puras hipóteses o que aqui exprimo,  
Não há fontes consideradas suficientes,  
Hipóteses, ideias, somente o que afirmo.  
D. Afonso Henriques não tinha legalidade  
Para prestar vassalagem, essa é a verdade.  
O jovem Infante não hesita desafiar  
O poder de sua mãe, sonho a emergir.  
Mil cento vinte e oito, tudo vai mudar,  
D. Afonso Henriques aceita dirigir  
Forças que se mostram dispostas a lutar  
Contra D. Teresa e quem a seguir.  
Arredores de Guimarães, S. Mamede,  
É aqui que o poder das forças se mede.

Dois exércitos preparam-se para a batalha,  
Fernão Peres de Trava está confiante,  
Sente a vitória garantida, aquilo não falha,  
Tem os Barões Portucalenses por diante,  
Considera-os pura e reles escumalha,  
Acaba por sofrer pesada derrota, humilhante.  
Exaltam os senhores de Sousa e Ribadouro,  
Suas pretensões ganhavam ancoradouro.

Seu poder na região estava solidificado,  
Portanto não o admitiam perder,  
Ansiavam por o Galego subjugado.

Suspiravam por poderem volver  
Ao tempo de Mumadona Dias e seu condado,  
Agora, queriam obrigar o Galego a ceder.  
Afonso Henriques era visto como o ideal,  
Se sonhavam manobrá-lo, pensaram mal.

Soeiro Mendes de Sousa "O Grosso",  
Gonçalo Mendes de Sousa "Sousão"  
Combateram ao lado do jovem moço,  
Tal como Egas Moniz, seu aio de eleição.  
Quanto à data certa há um certo fosso,  
Vinte quatro de Junho, talvez sim ou não.  
Gonçalo Mendes da Maia "O Lidador"  
Outro que lutou ao lado do rei fundador.

O jovem resolve assumir a autoridade,  
Afonso sétimo de Leão, deveras ocupado,  
Não atribui importância a tal novidade,  
Bastava-lhe que ficasse salvaguardado,  
Por Afonso Henriques, o preito de fidelidade,  
Autorizando que conduzisse o condado.  
Aumentar o prestígio era seu sonho maior,  
Ambicionava vir a tornar-se imperador.

Afonso Henriques, tem ideais, nada o impede  
De pela sua concretização batalhar,  
Depois de vencer a mãe, batalha de S.  
Mamede,  
Decide, seu primo Afonso VII, desafiar,  
O Rei de Leão e Castela é forte, não cede  
E vai obrigar Afonso Henriques a lutar.  
Eram tempos de guerras sangrentas e brutais,  
Onde os homens lutavam como ferozes  
animais.

Um dos primeiros obstáculos enfrentados  
Originou outra grande lenda do país,  
Fala dos valores morais que foram resgatados,  
Junto do rei de Leão e Castela, por Egas Moniz,

Ele e todos os seus se terão feito apresentados  
Para que o Rei os enforcasse, este, assim não  
quis.

Começava a travar-se uma luta desigual  
Objectivo, a independência de Portugal.  
Diz a lenda, é parte da história Portuguesa,  
Que estando o príncipe, em Guimarães  
cercado,  
Prometeu lealdade à Hispânica realeza,  
Se aquele cerco fosse levantado,  
Nestes tempos era comum esta fineza  
Para ultrapassar o obstáculo encontrado.  
Não importava o que se prometia,  
Importante era salvar a pele, depois logo se  
via.

Queria tornar o condado independente,  
Mas isso só, não era o bastante,  
Envolveu-se noutra guerra, outra frente,  
Os Mouros, por um território mais possante,  
Era guerreiro temido e valente,  
Não abdicava de levar seu sonho avante.  
Os Deuses não elegiam apenas o militar,  
As grandes vitórias nasciam no organizar.

Mil cento e trinta, morre D. Teresa,  
Afonso VII afasta tentativa de ocupação,  
Levada a cabo por força Portuguesa,  
Mantendo, assim, a fronteiriça região.  
D. AfonsoHenriques age com firmeza,  
Fazendo de Coimbra o seu centro de acção.  
Mil cento e trinta e um é o ano luz,  
Aqui nasce o Mosteiro de Santa Cruz.

Quatro anos volvidos, vai mais além,  
Fundando o castelo de Leiria,  
O rei de Leão e Castela, sonhava também,  
Ser Imperador ele desejava e queria,  
Contrariá-lo, que não ousasse ninguém,

Antipapa Anacleto II, a bênção lhe daria.  
Os reis peninsulares lhe juram vassalagem,  
D. Afonso Henriques ignora a mensagem.

Afonso VII rompe tréguas acertadas,  
Nem a seu primo perdoa tal traição,  
Castelo de Leiria cai em mãos erradas,  
D. Afonso Henriques espera pela ocasião  
Para reconquistar defesas que lhe eram  
tiradas,  
Mouros, em breve sua bravura, sentirão.  
Não se deixava abater por uma meia derrota,  
A lenda continuava a crescer à sua volta.

Mil cento e trinta e sete, importante ano,  
Tratado de paz, em Tui, é assinado,  
Passo decisivo para o futuro rei Lusitano,  
Agora sim, pode atacar o outro lado,  
Treme a Mourama, grande será o dano,  
Nada, nem ninguém, será poupado.  
Seu, grande, espírito de estratégia militar  
Não tardará a fazer-se anunciar.

Mil cento trinta e nove, talvez muito arrisque,  
Enfrentando os Mouros com determinação,  
Enfrenta-os e vence-os na batalha de Ourique,  
Sua valentia é lenda em franca ascensão  
Cinco Reis Mouros cairão a pique,  
Originando mudanças no original brasão.  
D. Afonso Henriques era homem de fé,  
Herança que ainda hoje se mantém de pé.  
À cruz, totalmente em tons de azul, inicial,  
Que entre as hostes, flutuava como sua  
bandeira,  
Ainda nos tempos de Conde de Portucale,  
Após Ourique, gesto de credence verdadeira,  
D. Afonso Henriques, numa visão triunfal,  
Acrescentou cinco escudos, real bordadeira.  
Reis Mouros vencidos ou chagas de Cristo,



O qual, em Ourique, ele próprio teria visto.

Quanto aos pontos, número e significado,  
Têm-se levantado muitas teorias,  
Desde do foro religioso ao mais simples  
recado,  
Dinheiros pagos a Judas por suas tropelias,  
Ou afirmar que dinheiro, aqui, seria cunhado.  
Incertezas que chegaram até nossos dias.  
Muito se dizia sem se dizer quase nada,  
A caneta de D. Afonso Henriques, era a  
espada.

Batalha coberta de dúvidas e incertezas,  
Dando origem a lendas, anos mais tarde,  
Invocadas quando as cores Portuguesas  
Corressem o risco de perder a liberdade,  
Atribuíram-lhe poderes de Deuses e Deusas,  
Prometeram-lhe toda a sua lealdade.  
Jovem guerreiro, bravo e destemido,  
Tornar-se-ia, também, homem apetecido.

D. Afonso Henriques, talvez embalado  
No vento de tão saborosa vitória,  
Não se desvia do objectivo traçado,  
Quiçá com sonho paterno na memória,  
Passando a ser "Rei" auto-intitulado,  
Prenúncio de tempos de glória.  
Ainda sob efeito da vitória, invade a Galiza,  
Afonso VII de Leão não desvaloriza.

Seguem-se retaliações fortes e arrasadoras,  
Tropas imperiais entram em solo Português,  
Vivem-se horas de aflição, devastadoras  
Desde a serra do Soajo até Valdevez,  
Os confrontos prolongam-se horas e horas,  
Até se abrir uma réstia de alguma lucidez.  
É necessário evitar uma batalha campal,  
Há que centrar esforços contra outro mal.

Melhores equipes são selecionadas,  
Comece o torneio de Arcos de Valdevez.  
As forças Lusas saem consagradas,  
Terão de esperar por mil cento quarenta e  
três,  
Existem algumas opiniões desencontradas,  
D. Afonso Henriques é Rei Português.  
Entretanto, obedecendo a sua Santidade  
Centravam esforços na defesa da Cristandade.

É verdade, com alguns anos de demora  
O rei de Leão e Castela dava-se por vencido,  
E, numa conferência realizada em Zamora,  
D. Afonso Henriques obtinha o pretendido.  
Assentimento do Papa é o que falta agora,  
Para que o jovem reino seja reconhecido.  
Arrasta-se o tempo até mil cento setenta e  
nove,  
O jovem Rei promete riquezas, o Papa resolve.  
D. Afonso Henriques não ficara parado,  
Prosseguira na conquista de seu sonho,  
Tal como também já havia casado,  
Mil cento quarenta cinco, futuro risonho,  
Num caminho duro e deveras agitado,  
Mais alegre e saboroso que medonho.  
Mafalda de Saboia, foi a noiva escolhida,  
A seu lado se matéria até ao fim da vida.

Entretanto prosseguia sua caminhada,  
Mil cento quarenta e sete conquista Santarém,  
Depois é a vez de Lisboa ser conquistada,  
É outubro de quarenta e sete também,  
Todos se vergam à força da sua espada,  
Nada nem ninguém o para ou detém.  
Apregoa a luta em nome do ideal Cristão,  
Tudo valia para caminhada não ser em vão.

A conquista da cidade, hoje a Capital,

Sucedeu a um enorme cerco montado  
Em seu redor. A mesquita vira Sé Catedral.  
Pelos cruzados foi o nosso rei ajudado,  
Erguia-se o sonho do reino de Portugal,  
D. Afonso Henriques sentia-se encorajado.  
A glória está reservada aos destemidos,  
O jovem Rei era um dos mais temidos.

A tomada desta importante cidade do país  
Está associada a uma história por confirmar,  
Diz-se que um nobre, de nome Martin Moniz,  
Se entalou na porta, para o exército entrar,  
Nascia um herói, terá morrido feliz  
A Lusa história o haveria de perpetuar.  
Cidade de Lisboa, finalmente, conquistada  
E crescia a lenda da sua temida espada.

Ano este, de quarenta e sete, glorioso,  
Tomaria ainda mais dois Castelos,  
Almada e Palmela. Avançava vitorioso,  
Erguendo história sem paralelos,  
Conquistar Alcácer do Sal lhe dá gozo  
Mil cento cinquenta e oito, tão belos.  
As conquistas não deixam de o acompanhar,  
Novo ano, toma Castelo de Cera, Tomar.

Antes mesmo de este ano terminar,  
Novas terras, para seu reino deseja,  
Évoramonte consegue conquistar,  
E logo se lhe segue a cidade de Beja.  
Perde-a, três longos anos, deixa passar  
E reconquistá-la é algo que almeja.  
De três em três batalhadores anos  
Traz novas gentes à gente dos Lusitanos.

Évora sente que sua hora é chegada,  
Mil cento sessenta e cinco, ano corrente,  
Serpa e Moura conquista de uma assentada,  
Apenas um ano lhe passara pela frente.

A vida vai longa e deveras cansada,  
Derrota em Badajoz o deixa ferido e doente.  
Guerreiro destemido, só no fim da sua vida  
Sentiu a dor de uma batalha perdida.  
Após todas estas conquistas efectuar,  
O rei preocupa-se com o povoamento,  
A igreja Portuguesa prontifica-se a ajudar  
Para a Santa Sé lhe dar o reconhecimento,  
Entretanto tivera tempo para pensar  
Em tratar do seu próprio casamento.  
O reino de Portugal tornara-se realidade,  
Agora era preciso tratar da continuidade.

D. Mafalda de Sabóia foi a escolhida  
Para concretizar dois objectivos concretos,  
Reaproximação à linhagem perdida.  
Como naquele tempo já eram tão espertos,  
E a legitimação, da Santa Sé, pretendida,  
D. Afonso Henriques dava passos certos.  
As batalhas não lhe tiravam outro vigor,  
Foi o jovem Rei, também Rei no amor.

Morre Afonso VII, Fernando a reinar,  
Hesita, mas reconhece o reino de Portugal.  
D. Afonso Henriques não desiste de lutar  
Pelo desejo de alargar o território nacional,  
Está invencível, não o conseguem derrotar,  
Acredita-se numa protecção divinal.  
Muito mais que um guerreiro valente,  
Demonstra ser governante competente.

A fronteira meridional de território é o Tejo,  
Mas o rei de Leão mostra-se preocupado,  
Um guerreiro Luso conquista no Alentejo  
Terras onde ele sempre tinha reinado,  
D. Afonso Henriques agradece o gracejo,  
Évora, o pedaço de terra conquistado.  
Geraldo, conhecido como o Sem Pavor,  
Conquista simpatia e bens a seu favor.

El-Rei de Portugal, o temido guerreiro,  
Sofre a única derrota aos sessenta anos,  
Em Badajoz, acabou por ficar prisioneiro,  
Além de fracturar a perna, fortes danos,  
Mais uma vez demonstra ser homem matreiro,  
Não comprometendo os bens Lusitanos.  
Ninguém esperasse vê-lo desistir,  
Há que procurar a estratégia que convir.

Encetam-se negociações com o rei de Leão,  
Tudo vale, até que consiga ser libertado.  
As condições, para a sua libertação,  
Impõem devolver território conquistado,  
Não lhe importam pormenores da negociação,  
O mais importante continuar o reinado.  
A paz não era estado de grande rigor,  
Em breve se voltará a falar do conquistador.

Aproveitando esta Ibérica confrontação  
Os Mouros, em Santarém o cercaram,  
Vale a D. Afonso Henriques o Rei de Leão,  
Tréguas com os Muçulmanos assinaram,  
Voltava a unir-se o mundo Cristão,  
Contra aqueles que enfrentá-los, ousavam.  
Os Deuses impunham Santas alianças,  
Os homens viam nelas novas esperanças.  
Mil cento setenta e nove, Portugal  
É reconhecido como território independente,  
E D. Afonso Henriques, através de bula papal,  
Alexandre III, torna-se rei da Lusa gente,  
Adivinhavam-se dificuldades sem igual,  
Agora era tempo de se olhar em frente.  
D. Afonso Henriques permitiu-se sonhar,  
Os Deuses lhe deram forças para avançar.

A igreja de Santa Cruz manda construir,  
Tem uma obra-prima da renascença,  
O pequeno púlpito, onde podemos distinguir

Figuras de sibilas; profetas e doutores da igreja,  
D. Afonso Henriques sabia bem como agir,  
Era preciso cimentar a nossa independência.  
Combater contra os invasores Muçulmanos,  
E ir conquistando terras aos Castelhanos.

D. Afonso Henriques teve reinado de esplendor,  
Cinquenta e sete anos de conquistas preciosas,  
Mil cento e oitenta e cinco, morre o Conquistador.  
Ficou, eternamente grato às ordens religiosas,  
Teve nelas um auxílio de grande valor,  
Juntos festejaram conquistas das mais valorosas.  
Deixava instaladas as bases do reino de Portugal,  
Agora era tempo de uma vida imortal.

O seu sucessor estava, há muito, encontrado,  
Era seu filho legítimo, D. Sancho primeiro,  
Um outro, Fernando Afonso, era filho bastardo,  
Não sendo, por isso, seu legítimo herdeiro,  
Pedro Afonso também deve ter sonhado,  
Tornar-se sucessor de tão nobre guerreiro.  
Filhos bastardos, tal as inúmeras amantes,  
Seriam realidade comum de futuros governantes.

Morria D. Afonso Henriques, "O Fundador",  
Deixando-nos importante legado,  
Voltasse hoje e grande seria sua dor,  
Ver Portugal, ao mundo, assim subjugado,  
Libertou-nos do jugo do antigo senhor,  
Sonhando o que já seu pai havia sonhado.  
Homens de tamanha bravura e firmeza  
Estiveram na génese da nação Portuguesa.

Nem tudo terá sido assim tão claro,  
Nada o era nesses tempos idos,  
D. Afonso Henriques não era caso raro,  
Tinha amigos e inimigos preferidos.  
Quantas vezes terá evitado um reparo,  
Mantendo seus soldados unidos.  
Foi homem de grandes sonhos e ideais,  
Seguido pelas Lusas gentes, puras e leais.

## D. Sancho I

---

D. Sancho I tem só doze anos de idade  
Quando faz a sua estreia militar,  
Resultou num autêntico fracasso, é verdade,  
Mas serviu para grande lição tirar,  
Nesse tempo ser cavaleiro era vaidade,  
Quem não mostrasse coragem, não poderia  
reinar.  
Os jovens iniciavam sua vida militar bem cedo,  
Queriam demonstrar não ter medo.

Cidade Rodrigo foi o alva da expedição,  
Contra o rei de Leão, Fernando segundo,  
Os ensinamentos retirados da lição  
Foram armas para encarar o mundo,  
Eram estratégias de pura preparação  
Para se saber sua têmpera lá bem no fundo.  
Aspirar a ser Rei da ilustre Lusa gente,  
Implicava determinação para seguir em frente.

Armado cavaleiro em mil cento setenta  
Ajuda o pai, debilitado desde Badajoz, a reinar,  
Ao subir ao trono, por uma vertente se orienta,  
O povoamento do território. Começa a actuar,  
Imigrantes, na Flandres e Borgonha,  
arregimenta,  
Para as povoações mais remotas, povoar.  
Tal preocupação lhe dá o cognome de  
"Povoador",  
Com dezanove filhos daria o exemplo maior.

Não terá nascido destinado a reinar,  
Seu irmão D. Henrique seria o sucessor,  
O destino tudo se encarregou de alterar,  
Conduzindo-o ao cargo de rei e senhor.  
Com nome de Santo se vira baptizar,



Obrigaram-no a escolher um outro melhor.  
Martinho, em Sancho Afonso se tornou,  
Não era nome Hispânico, tudo se acertou.

Contando trinta anos, e um mais,  
Assume o trono, ignora Papais obrigações,  
Desenvolve instituições municipais,  
Aos concelhos fronteiriços dá condições  
E grandes regalias. Atribui novos forais,  
Vê nas ordens religiosas poderosas uniões.  
D. Sancho I inventa o pagamento adiantado,  
Celestino III, o Papa, sente-se enganado.

Alega que seu pai, anterior rei dos Lusitanos,  
Teria feito um antecipado pagamento,  
Teria pago, de uma só vez, por dez anos,  
O Papa não aceitou tal argumento,  
D. Afonso Henriques só usara uns enganos  
Para obter o eclesiástico reconhecimento.  
Jogava-se um jogo do gato e do rato,  
Reis e Papas tinham visões distintas do  
contrato.

D. Sancho I via-se de braços atados,  
O Papa não se rende, nem se comove.  
Aproveita a passagem dos cruzados,  
Em mil cento e oitenta e nove,  
Conquistar territórios a sul situados.  
É novo objectivo que o move,  
Aceita as imposições do Papa, sem opção  
Envia o dinheiro a Roma, recebe a absolvição.

Castelo de Alvor o primeiro conquistado,  
Um cerco quarenta e três dias iria durar  
Até a cidade de Silves passar para o seu lado.  
Rei de Portugal, Silves e Algarve se faz  
intitular,  
Nesta ultima conquista se viu ajudado  
Por seu meio-irmão. O rei o irá recompensar.  
D. Sancho dá-lhe o cargo de alcaide de Seia

E furtar-se ao pagamento à Santa Sé, planeia.

O Papa determina a sua excomunhão,  
Às portas da morte aceita exigências Papais,  
No seu reinado, o ouro sofre amoedação,  
Há Portugueses em universidades  
internacionais,  
Do seu reinado nos chega uma bela explicação  
Das mordomias exigidas pelas comitivas reais.  
Carneiros, porcos, vacas, peixe, galinhas e  
vinho,  
Suficiente para todos, o rei nunca viajava  
sozinho.

Tudo ficava a cargo da população,  
Até mesmo tachos e panelas necessárias,  
Só as destinadas ao Rei é que não,  
Essas mereciam atenções extraordinárias,  
Nem sequer era esquecida a alimentação  
Destinada aos cães, eram exigências várias.  
D. Sancho I não se lembrava do Papa,  
Pagamentos, vai sendo algo que lhe escapa.

Foi enquanto D. Sancho I reinava  
Que chegou a Portugal, Vila de Alpedriz,  
A ordem religiosa de Calatrava.  
Que foi a precursora da ordem de Avis,  
Nessa altura ninguém sequer sonhava  
Como viria a ser importante para o país.  
Reinou vinte e seis anos em Portugal,  
E acumulou um valoroso tesouro real

Ignorar as recomendações do Papado  
Nem sempre se revelou como negativo,  
Se assim não fora, não se teria casado  
Com D. Dulce de Aragão, o motivo,  
Roma temia o poder daí saído, e reforçado,  
D. Sancho I era homem esperto e vivo.  
Sentia, pelos homens do Clero, desprezo

Tomando atitudes de cariz controverso.

D. Sancho tinha a povoação na ideia,  
Atribuindo Foral, prova de confiança;  
Mil cento oitenta seis, as beirãs Gouveia  
E Covilhã, um ano depois é Bragança,  
Tal como Viseu. Quer ver a terra cheia,  
Sabe que só assim é que o reino avança.  
Mil cento noventa e nove, é fundada  
Importante fortaleza, a cidade da Guarda.  
Foi durante a vigência do seu reinado,  
Mil cento noventa e cinco, mais  
concretamente,  
Que nasceu o nosso Santo mais adorado,  
Fernando de Bulhões se chamou inicialmente,  
Como Santo António seria imortalizado,  
Na alma e no coração da Lusa gente.  
Filho de gente não rica, mas bem remediada,  
Sua ascendência nobre nunca foi confirmada.

Mil duzentos e onze, El-Rei está cansado.  
D. Sancho primeiro diz "Adeus até mais",  
Dando assim o seu reinado por terminado.  
Coimbra recebia os seus restos mortais,  
Está na igreja de Santa Cruz sepultado,  
Deixando a seu filho os destinos nacionais.  
Tempos de imprevisíveis dificuldades,  
Onde se tinham de conciliar capacidades.

## D. Afonso II

---

D. Afonso II ascende ao trono Português,  
Ciente da falta de vocação militar,  
Pensa ser útil de outra forma, assim o fez,  
Resolve as cortes, em Coimbra, convocar,  
Impondo, ao Clero, outro grande revés,  
As ordens não podem mais bens amealhar.  
D. Afonso II tinha noção do que sofria,  
Encarregou alguém de controlar o que comia.

Das primeiras leis Portuguesas é autor,  
Direito civil e propriedade privada,  
Os assuntos que tratam em pormenor,  
Também a inquirição é instalada,  
Dos nobres sente o verdadeiro furor,  
Não aceitavam ver sua posição ameaçada.  
Foi excomungado, resistiu às investidas,  
Até suas tias viram sumir benesses  
prometidas.

Não temeu reprimir abusos dos privilegiados,  
O rei, nem às irmãs facilidades dava,  
Mas grandes benefícios seriam dados,  
Vila Alentejana de Avis, à ordem de Calatrava.  
Tentou defender os mais explorados,  
Criando leis contra quem os explorava.  
Ordenou o levantamento e registo cadastral,  
Evitando que se usurpassem terras de  
Portugal.

O Clero, associado à ambiciosa nobreza,  
Liderou a forte contestação Real,  
O bispo de Braga, usando de baixeza,  
Lançou calúnias sobre o Rei de Portugal,  
D. Afonso II demonstraria firmeza  
Até ao momento da sua vida estar no final.

Honório III, o Papa, chegou mesmo a ameaçar  
Dar o reino a quem o quisesse conquistar.

Durante doze anos reinou em Portugal.  
Casado com D. Urraca, infanta de Castela,  
Seu maior feito, reconquistar Alcácer do Sal.  
O seu testamento foi uma obra singela,  
Administração centrada na figura real,  
Num reino de fronteiras dadas a sequela.  
Nem todos são abençoados para a guerra,  
Podendo agradar aos Deuses, gerindo a terra.

Pelo cognome de "O Gordo" conhecido,  
Deixou seu filho D. Sancho II como sucessor,  
O seu testamento faz ainda mais sentido  
Se atentarmos que o herdeiro era ainda  
menor,  
O reino de Portugal era bastante pretendido,  
Muçulmanos e Castelhanos, qual inimigo  
maior.  
Portugal aprendia a vencer na incerteza,  
Quem sabe se nascia aqui a Fé Portuguesa.

## D. Sancho II

---

D. Sancho II era um jovem na flor da idade,  
Iniciando-se então nova forma de reinar,  
A menoridade do rei fez a necessidade  
De serem alguns ricos-homens a mandar,  
Tomaram medidas de grande utilidade,  
Que determinantes se viriam a revelar.  
Cresciam as esperanças das reais tias,  
De verem aumentar seus poderes e  
mordomias.

As relações entre a Santa Sé e Portugal  
Foram uma das suas preocupações,  
Talvez não fosse preocupação real  
Pois nunca foi muito além de intenções,  
Mas sabendo analisar o que poderia vir de mal  
Enceta, com o Bispo de Braga, negociações.  
D. Sancho II lá deve ter pensado,  
Pagar por pagar, que não seja ao Papado.

Resolve as desavenças com as tias,  
Conseguindo uma pátria unificada.  
Estavam traçadas as principais guias  
De uma governação bem programada.  
Conquistas lhe trazem riosos dias,  
Moura, Serpa, Tavira, Cacela, terra  
conquistada.  
Um homem consegue tanta vitória,  
E numa só derrota vê gente sem memória.

Enquanto seu primo, Afonso IX, rei de Leão  
Andava, com os Mouros, ocupado,  
D. Sancho II, aproveita-se bem da situação  
E vai trazendo o Alentejo para o nosso lado,  
Só que alguns dos seus planeiam alta traição,  
Anseiam por ver o rei ser destronado.

Valoroso guerreiro, foi vencido pela inveja,  
Vinda da nobreza Portuguesa e da igreja.

Está revelada a sua linha de actuação,  
Dedicar-se à administração territorial,  
Concede novos forais, tinha grande visão,  
Iniciando nova fase de expansão nacional.  
O desleixe tomou conta da administração,  
Cresce a contestação ao rei de Portugal.  
Vive-se a prepotência de alguma nobreza,  
Transmitindo indícios de real fraqueza.

A conquista, treze anos duraria,  
Pela ordem de Santiago foi ajudado,  
D. Sancho II bem os recompensaria,  
Era costume que se encontrava enraizado.  
Grande trama, nas suas costas, se urdia,  
Com vista a deixar D. Sancho isolado.  
D. Martinho Rodrigues apresenta queixa  
formal,  
Bispo do Porto, não perdoava ao rei de  
Portugal.

Inocência IV enviou carta bem severa,  
O novo Papa, não aceitava o estado social,  
Assassínio de clérigos, rapto de Freira,  
Profanação de cemitério, uma desordem total,  
Pela resposta, o Papa, nem sequer espera,  
Considera D. Sancho inútil, como rei de  
Portugal.  
Decide o Papa, gosta o clero e a nobreza,  
Ignora-o D. Sacho II, mantém a coroa  
Portuguesa.

O Bispo de Salamanca resolve intervir,  
Lança-lhe um interdito, logo confirmado,  
D. Sancho II sente o domínio a fugir  
E é por intrigas de seu irmão confrontado.  
Era a pura guerra pelo poder a surgir,

D. Sancho II mostra-se homem determinado.  
D. Afonso, irmão do rei, aproveita o momento  
Motivado pela desordem e descontentamento.

Prelados e nobres vão ao concílio de Latrão  
Alertar para uma desordem nacional.  
O Papa, através de bula, sugere a ascensão  
De D. Afonso III ao trono de Portugal,  
Inicia-se uma guerra de irmão contra irmão,  
D. Sancho II inicia caminhada triunfal.  
Homem que nunca, pelo irmão, foi derrotado,  
Viu-se, por forças estranhas, crucificado.

D. Afonso III já se sentia coroado,  
O seu sonho de vir a governar o país  
Estava prestes a ser concretizado.  
Respeitar a ordem religiosa jura em Paris,  
Condição para concretizar algo tão sonhado,  
Momento que sempre tanto sonhou e quis.  
Vem de Bolonha e vence, sem vencer, o irmão,  
Este vai em exílio, admitindo a resignação.

D. Sancho II abdicou da cadeira real  
Sem nunca ter conhecido qualquer derrota,  
Na guerra com seu irmão, foi pressão papal  
Que o levou a optar por aceitar tal volta,  
Ver-se-ia enviado para fora de Portugal,  
A Toledo foi parar, sob forte escolta.  
Episódio, talvez decisivo, continua em segredo,  
O rapto de D. Mécia. O rei morreria em Toledo.



## Afonso III

---

D. Afonso III tornou-se o quinto rei Português,  
Trazendo uma novidade à realeza,  
Casou-se, divorciou-se e casou outra vez,  
Mas nenhuma, das duas era Portuguesa,  
Grande vida de boémia e luxúria fez,  
Quando viveu, quinze anos, em terra Gaulesa.  
O Papa nomeou-o como o rei ideal,  
De elogiar esta preocupação com Portugal.

O novo rei vinha muito bem titulado,  
Visitador, curador e defensor de Portugal.  
Com Dona Matilde estava casado,  
Era condessa de Bolonha, tudo gente real,  
Ao chegar ao trono de tudo se fez olvidado  
E preparou nova cerimónia matrimonial.  
D. Matilde era mais velha, não podia procriar,  
A sucessão era algo, precioso, de assegurar.

Era grande a Lusitana esperança  
Depositada no novo senhor de Portugal.  
Fizera na corte de Luís IX de França  
A construção da sua formação pessoal,  
Rapidamente aumentou essa confiança,  
Ao convocar cortes com representação geral.  
Prestou especial atenção à classe média,  
As queixas desta, ao Papa, eram coisa séria.

No plano militar o facto digno de reparo  
Foi a conquista da província algarvia.  
Mil duzentos quarenta e nove, conquista Faro,  
Uma ajuda primordial importância teria.  
Das ordens religiosas, episódio nada raro,  
Mas também um conflito, com Castela, abria.  
Importante é que tudo acabou em beleza,  
Algarve era terra da coroa Portuguesa.

Conquista saborosa que, contudo, conduziria  
A graves crises com o reino de Castela,  
Situação que D. Afonso III resolveria  
Conquistando Dona Beatriz e casando com ela,  
Filha ilegítima do monarca Castelhana, servia  
Para apaziguar as hostes e acabar com a  
querela.  
Sua esposa, ao Papa, foi fazer queixa real,  
Teve azar, aquele gostava do rei de Portugal.

Mas o conflito com a coroa Castelhana  
Só se resolveria com o tratado de Badajoz,  
Mil duzentos sessenta e sete, onde o rio  
Guadiana  
Foi eleito como fronteira desde o Caia até à  
foz,  
A tranquilidade pairava sobre terra Lusitana,  
Se os outros não chateiam, chateamos nós.  
Vários Arcebispos Portugueses foram-se  
queixar,  
Pretendiam, eles, mais um rei, excomungar.

Quarenta e três queixas contra o Monarca,  
Não podiam cobrar o dízimo e usar os fundos,  
D. Afonso III não os teme e contra-ataca,  
Era como que uma guerra entre dois mundos,  
Muitas outras queixas, o documento, aparca.  
Utilizavam-se os argumentos mais imundos.  
Reunidas as cortes, mil duzentos setenta e  
quatro,  
Na cidade de Santarém, não se prova o facto.

O Papa voltou a mostrar-se algo desgostado,  
Gregório X, mandou excomungar o soberano  
E que um interdito sobre o reino fosse lançado,  
Mil duzentos setenta e sete, o corrente ano,  
O rei Português sentiu-se como que ameaçado,  
Ao preparar-se para deixar o terreno humano.  
Devolveu tudo à igreja, jurando obediência,

Tudo o que ele desejava era perdão e clemência.

Devolvendo bens, tudo se esquece e passa,  
Vivia-se já sob a atracção do dinheiro,  
Acabou, D. Afonso III, sepultado em Alcobaça,  
Não em qualquer lado, mas sim no Mosteiro,  
Não importa o que se pensa ou que se faça,  
Basta um bom gesto, no momento derradeiro.  
D. Afonso III legou-nos, para a posteridade,  
Produção legislativa de profunda utilidade.

Moeda fraca podia, agora, ser cunhada,  
Significava um grande passo em frente.  
D. Afonso III enfrentou a classe privilegiada  
E tomou medidas a favor da pobre gente,  
Talvez fossem só medidas de pura fachada,  
Sendo que na realidade, tudo seria diferente.  
Muita esperteza se exige a quem reinar,  
Não importando quais as estratégias a  
adoptar.

Desenvolveu importante sistema fiscal,  
Permitindo gerar e acumular riqueza,  
Inventam-se formas de encher o cofre real,  
D. Afonso III usa de toda a sua esperteza  
Para aumentar o poder económico de Portugal,  
Agradecer-lhe-á, eternamente, a pátria  
Portuguesa.  
D. Afonso III foi excelente administrador,  
Encontrando na Igreja o seu grande opositor.

Terá visto o único Papa Lusitano,  
Pedro Julião, João XXI melhor dizendo,  
Enfrentou adversidades de grande dano  
Umás vezes ganhando, outras perdendo,  
Fez-se vítima de intrigas e de engano,  
Com ele, a Lusa Pátria foi crescendo.  
Pode dizer-se que foi rei inteligente,

Conquistando o trono e a Lusa gente.  
Mil duzentos setenta e nove, se finava,  
Deixou obra digna de se orgulhar,  
O reino de Portugal caminhava  
Para, a nível mundial, se destacar.  
Na hora de partir, um pouco recuava,  
Na sua vontade de poderes separar.  
Os Deuses moveram fortes influências,  
Não os temeu em vida, na morte fez  
cedências.

Os tempos até correram de feição,  
A igreja elegia novo guia espiritual,  
Escolheria um filho da Lusa nação,  
Nunca tal honra tivera Portugal.  
Pedro Hispano torna-se XXI e João,  
Não haveria oportunidade igual.  
Seria curto o pontificado do Papa Lusitano,  
Somente oito meses, nem um ano.

## D. Dinis

---

Quando chegou o momento de reinar,  
D. Dinis foi alvo de alguma contestação,  
Até o Infante D. Afonso teve de enfrentar,  
Tratava-se de um seu, mais novo, irmão,  
Tudo valia para se procurar desviar  
A linha recta que indicava a sucessão.  
D. Afonso, dizia-se legitimo sucessor,  
Seu irmão nascera de casamento sem valor.

D. Afonso, senhorio de imensas terras,  
Decidiu tomar medidas de pura provocação.  
D. Dinis não desejava guerras,  
Mas também não temia a confrontação.  
"Terras minhas, tu não dominas ou encerras"  
Quis, D. Afonso, demonstrar ao irmão.  
Uma destas terras era de Vide:  
Soa grito real. "Meu reino, ninguém divide."

D. Afonso só podia fugir, assim o fez,  
O destino escolhido foi o reino de Castela,  
Na altura em conflitos com o rei Português.  
D. Dinis, escreveria página longa e bela  
Na história de Portugal. Fê-lo com sensatez,  
Sem nunca virar a cara a uma querela.  
Faltava-lhe resolver conflitos com a Igreja,  
Eram muitas as queixas, ainda mais a inveja.

Reinado de D. Dinis, dos que mais durou,  
Quarenta e seis anos, mais precisamente,  
Durante os quais, graves crises enfrentou,  
Saindo-se deles muito airosamente,  
De muita perícia e astúcia utilizou,  
Para que seu projecto fosse em frente.  
Ano de mil duzentos oitenta e nove,  
Faz proposta a Nicolau IV, tudo se resolve.

D. Dinis tinha nobre sentido de estado,  
Precisava encontrar meio de estabilização  
Quem sabe se tornar-se homem casado  
Não seria bom passo para a solução,  
Talvez estivesse aqui mesmo ao lado  
Quem lhe traria paz e lhe acalmaria o coração.  
Eram tempos de grandes ambições,  
Casamentos, muito mais que simples uniões.

Aragão era importante potência internacional,  
O que pode revelar a astúcia do Rei D. Dinis,  
Conquistava uma forte aliança para Portugal  
E ainda dava uma Rainha Santa ao nosso país.  
Muitas as histórias de sua grande moral,  
Praticar o bem, modo de se sentir feliz.  
Jóias e enfeites não entravam na sua  
realidade,  
Bastava-lhe toda a sua, grande, beldade.

O país já não vivia problemas de expansão,  
Mas viviam-se privilégios exagerados,  
D. Dinis entendeu por bem tomar a decisão  
De os combater e os manter controlados.  
A si deveria ser dirigida toda a apelação,  
Os campos teriam de andar sempre cultivados.  
O clero também se viu atingido,  
Não podia adquirir bens de raiz, ficou sentido.

Mas não foi um reinado só de proibição,  
D. Dinis tentava reinar de forma equilibrada.  
A ordem de Santiago queria a separação  
Do mestre Castelhana, foi pelo rei apoiada,  
D. Dinis mostrou ser homem de visão,  
As ordens eram ajuda muito respeitada.  
Desafiou as leis da própria natureza,  
Colocando-a ao serviço da coroa Portuguesa.

Outra ordem veria o seu nome mudar,

Era dos Templários e de Cristo passou a ser,  
D. Dinis percebeu que tinha de actuar  
Para não deixar esta ordem morrer,  
Que ninguém se deixasse ludibriar,  
Sabia que, no futuro, muito lhe poderiam  
valer.  
Aos poucos descobria-se toda sua cultura,  
Mostrava-se acima dos homens daquela altura.

Ano de mil duzentos e noventa, grande passo,  
São aprovados os estudos gerais,  
D. Dinis era senhor de saber nada escasso,  
Arte e cultura recebiam apoios essenciais,  
Portugal afastava-se do caminho do fracasso,  
Abraçando grandes projectos culturais.  
Artes; Medicina; Leis e Direito Canónico,  
Olhava-se o futuro com amor patriótico.

A protecção à Igreja não foi esquecida  
E quando entrou em guerra com Castela,  
Mil duzentos noventa e cinco, estava definida  
A estratégia, estabilizar fronteiras em dada  
parcela,  
Quando não vislumbrava outra saída  
D. Dinis abria sempre uma nova janela.  
Homem de grandes amores e alguns filhos,  
Viu que a Rainha, não lhe arranjaría sarilhos.

Dois anos, o tempo que esta guerra durou,  
Acabandnum acordo com os Castelhanos,  
Tratado que em Alcanizes se assinou  
E que satisfazia os interesses dos Lusitanos,  
Concórdia com que sempre sonhou,  
Clima de paz e ajuda durante quarenta anos.  
Estabelecia-se o estímulo da amizade  
Para que as novas fronteiras fossem realidade.

As feiras francas foram desenvolvidas,  
Como resultado dos privilégios e isenções

Que a várias povoações foram concedidas.  
E deu vital importância às exportações.  
Flandres; Inglaterra e França, as servidas  
Pelos bens que nossos navios levavam nos  
porões.  
Instituiu-se a marinha Portuguesa em  
definitivo,  
Nos grandes mares, Portugal mostrava-se  
activo.  
Os excedentes começaram a ser exportados,  
Mel; vinho; cortiça; azeite; peixe e sal  
São alguns dos produtos ali comercializados,  
Constituindo fonte de rendimento nacional,  
Nenhuns aspectos se viam descurados,  
Tudo era merecedor da atenção Real.  
D. Isabel continuava a conquistar simpatia,  
Portugal, fase de grande expansão vivia.

Os comerciantes Portugueses no estrangeiro  
Mereceram medidas de protecção,  
Surgindo no Porto um movimento pioneiro  
Que levou os mercadores a uma associação,  
Portugal era um reino sempre em primeiro,  
D. Dinis reinava com muita determinação.  
Bolsa de seguros, com aprovação real,  
Para evitar fugas ao cumprimento legal.

As cotizações faziam-se em Portugal  
E na Flandres, tudo em partes iguais.  
A multa era a penalização oficial  
Para o incumprimento das disposições legais.  
Os mercadores sentiam protecção real,  
Contra os assaltos, constantes e brutais.  
Danos, resultado do ataque de salteadores,  
Deixavam de preocupar os nossos mercadores.

Mil trezentos e oito, acorda-se com Inglaterra  
Incrementar o comércio entre as duas nações,  
Mas também o estímulo pelo cultivo da terra,



Como mais-valia, é alvo das reais atenções,  
D. Dinis encarava outra forma de guerra,  
Não hesitaria perante ameaças ou pressões.  
Portugal cresce enquanto se espanta,  
Com os milagres atribuídos à Rainha Santa.

Nas zonas de Entre- Douro e Minho  
Começa por fazer a divisão em casais,  
Depois resolve prosseguir caminho  
E divide-as em povoações. Um avanço mais.  
D. Dinis sabe que não está sozinho,  
O Povo acompanha-o nos seus ideais.  
D. Isabel transforma pão em Rosas,  
Tornando-se das Rainhas mais maravilhosas.

Em Trás-os-Montes a divisão é colectivista,  
Entrega as terras a grupos de cidadãos,  
D. Dinis era um monarca com larga vista,  
O futuro do país não morria nas suas mãos,  
Entretanto revelava sua veia de artista,  
Sem nunca se atemorizar com pequenos  
senãos.

Milagres não paravam de se suceder,  
Santa ou não, praticar o bem, era seu viver.

Alguns serviços tornaram-se comunitários,  
Para cada região um tipo de povoamento,  
Por exemplo na Estremadura foram vários,  
Bem como as distintas formas de pagamento,  
D. Dinis era dotado de dotes extraordinários,  
Talvez o maior estivesse no seu casamento.  
D. Isabel sempre soube das reais traições,  
Nunca dando mostras de grandes  
preocupações.

A parceria foi uma das formas adoptada,  
Tal como o tributo pago em cereais,  
Era conhecido como o imposto da jugada,  
Visto ser proporcional ao número de animais,  
Toda a administração era bem organizada,

Não se permitiam falhas que podiam ser fatais.  
D. Isabel como que pressentia o sarilho,  
Teria de mediar conflitos entre pai e filho.

Os jugos eram juntas de bois, utilizadas  
Na agricultura, daí a denominação.  
Estas medidas revelaram-se acertadas  
Para o desenvolvimento da agricultura e da  
nação,

Entre as várias decisões tomadas,  
Estava o Pinhal de Leiria, melhor, sua  
plantação.  
D. Isabel não podia permitir o conflito,  
Já ambos se aprontavam, quando se ouviu seu  
grito.

D. Dinis justificou o cognome de “O Lavrador”,  
Mas também no campo da cultura  
El-Rei se revelaria um grande dinamizador,  
Introduzindo medidas de radical ruptura,  
Sua veia de galã, verdadeiro pinga-amor,  
Levou-o a escrever poemas de grande ternura.  
D. Isabel não se importava com a situação,  
Vivia segura de ser seu, o real coração.

Língua Portuguesa ganha a exclusividade,  
Em documentos oficiais, é a afirmação  
nacional.

Portugal vive era de grande actividade,  
Como que o pronuncio de sua afirmação  
mundial.

O intelecto Português vai-se tornando  
realidade,

D. Dinis vai conquistando seu lugar imortal.  
D. Isabel continua a percorrer o seu caminho,  
O povo Português demonstra-lhe grande  
carinho.

D. Dinis constrói sociedade bem administrada,

Nada escapava ao controle real,  
Demonstrando ser homem de visão alargada  
Manda traduzir obras de importância vital,  
Nos pormenores, no pequeno nada  
Planta sementes da ilustre história de Portugal.  
D. Isabel continua a apoiar o marido,  
Rainha de Portugal, nunca se deve ter  
arrependido.

Rodeou-se de homens bastante cultos e  
letrados  
Para levar a sua caminhada de vencida.  
Deixou-nos poemas por si escritos e rimados,  
Fruto da sua forma culta de encarar a vida,  
Não se sabe a quem terão sido dedicados,  
Se a D. Isabel ou alguma amante mais  
querida.  
Senhora de grande formação cultural,  
Sua preocupação, era a harmonia matrimonial.

Não teve um reinado calmo e sossegado,  
Aliava a governação ao desenvolvimento do  
país,  
E ainda se viu, pelo seu filho, ser contestado,  
Valendo-lhe a rainha St<sup>a</sup> Isabel para um final  
feliz,  
D. Dinis, várias vezes, sentiu-se abençoado  
Pela bela esposa que, Deus, para si quis.  
A rainha, que como Santa ficaria conhecida,  
Não ignorava que fora noiva muito pretendida.  
Afonso IV de Portugal e Afonso XI de Castela  
Preparavam-se para combater,  
A lepra foi mais forte do que ela.  
Já, em mil trezentos e vinte cinco vira morrer  
O "Rei-Poeta", ou como diria qualquer bela  
O "Trovador". Foi o desaparecer  
De um Rei que deixou grande legado.  
Portugal era reino com futuro assegurado.

Rei morto, rei posto, lá diz o ditado,  
Logo que morreu El-Rei D. Dinis  
Já seu filho Afonso estava preparado  
Para assumir os comandos do país,  
Tinha trinta e quatro, ao ser aclamado.  
Muitos anos antes, o trono, ele o quis.  
Entrando em confronto com o progenitor,  
Seria D. Isabel a conseguir evitar o pior.

## D. Afonso IV

---

D. Dinis preferia um outro sucessor,  
D. Afonso Sanches, seu filho bastardo,  
Mas o futuro rei defendeu-se com ardor  
E como Afonso IV se viu consagrado,  
Começa logo por deserdar seu opositor,  
Guerras e vinganças, marca de seu reinado.  
Afonso Sanches resolve invadir Portugal,  
Volta a ser D. Isabel quem evita pior mal.

Não demonstrou medo, agiu com firmeza,  
Sem perder tempo com qualquer  
contemplação,  
Assim que assumiu a coroa Portuguesa,  
Tratou logo de mandar exilar o meio-irmão,  
Mas mandou-o numa grande pobreza,  
Era a paga pela ousadia de tentar a coroação.  
O exilado não aceitou de bom grado,  
Perdera terras que seu pai lhe tinha dado.

Escolheu para sua esposa, a Princesa Beatriz,  
Filha do Rei Sancho IV de Castela,  
União que se revelou importante para o país,  
Além de se tratar de uma princesa muito bela,  
Foi a esposa que ele sempre desejou e quis,  
Não se lhe conhecendo outro amor, além dela.  
Apesar de serem parentes muito chegados,  
Nunca admitiram outra hipótese, que não  
casados.

A primogénita desta união, Maria de Portugal,  
Com o Rei Afonso XI de Castela se casaria,  
Sabendo que o genro tratava a filha mal,  
D. Afonso IV em novas guerras se meteria,  
Foi um exemplo de grande amor paternal,

Que nem ao genro, abusos contra a filha,  
permitia.  
Quem não se sente, não é boa gente,  
Diz o nosso povo, o rei sentiu-o fortemente.

Quatro anos duraram, seria Maria de Portugal  
A promover a assinatura da Paz, 1339 Sevilha.  
Nesta época eram prática corrente e normal,  
Em dois povos onde o sangue tanto fervilha,  
D. Afonso IV aceitou, tudo tem um final,  
Impondo como condição, respeito pela filha.  
Afonso XI, teve de abdicar da vaidade,  
Só assim, o sogro, lhe daria tranquilidade.

Aquilo é que foram abraços de Paz,  
Provavelmente uma Paz tão falsa e podre  
Que ainda hoje, por cá, alguém a traz,  
Tentando governar-se como sabe e pode.  
A Lusa história de repetições se escreve e faz,  
Mas quem mais sofre é sempre o pobre.  
D. Afonso IV construiria toda sua história  
Com base numa postura algo contraditória.

Mil trezentos e quarenta, tropas batem-se lado  
a lado,  
Contra o Rei de Fez e Marrocos e Emir de  
Granada,  
Participando na grande vitória da Batalha do  
Salado,  
Episódio onde D. Afonso IV deixou marca  
gravada.  
Era bravo lutador, extremamente respeitado,  
Pelo seu mau génio e pelo poder da sua  
espada.  
Guerras onde os homens combatiam como  
animais,  
Terminando em verdadeiras chacinas finais.

Afonso XI de Castela viu sua frota destroçada,

Não tendo alternativa que não fosse se  
humilhar,  
Pedindo a Maria de Portugal, esposa  
maltratada,  
Que intercedesse junto de seu pai para o ir  
ajudar,  
D. Afonso IV não lhe prometeu a ajuda  
solicitada,  
Enquanto não a fosse, o genro, a suplicar.  
Afonso XI de Castela não tinha outra opção,  
Pedi ao sogro, por carta, "Não me diga não".

D. Afonso IV decide enviar-lhe uma frota,  
Comandada por um Almirante Genovês,  
Os ventos pareciam indicar grande derrota,  
Tal a supremacia da força do Rei de Fez,  
Afonso XI não podia deixar fechar aquela porta  
Implorou ajuda pessoal do rei Português.  
Maria de Portugal foi o elo para comunicar  
D. Afonso IV, aceitava ao lado do genro lutar.

Afonso XI, ansiando por informações  
Foi esperá-la a Juromenha, muito sentimental.  
D. Afonso IV começou a tomar decisões,  
Reuniu-se com D. Martim Peres de Soveral,  
Cavaleiro de Avelar, e toca a reunir peões.  
Estava em causa a honra e bom nome de  
Portugal.  
Cavaleiros e peões aumentam ao longo do  
caminho,  
Ao comando El-Rei. O genro recebe-o com  
carinho.

O rei Português, acompanhado da filha,  
Entra por Castela, recebido honrosamente,  
Dirigindo-se depois para Sevilha,  
Onde sogro e genro ficaram frente a frente,  
Sobe a tensão, toda a tropa se perfilha,  
Maria de Portugal desanuvia o ambiente.

Ontem eram inimigos viscerais,  
Hoje aceitam lutar pelos mesmos ideais.

Estratégia, entre ambos, delineada  
Marcharam oito dias até Pena Del Ciervo,  
D. Afonso IV combatia o rei de Granada  
Rei de Castela enfrentava restante acervo,  
Combatiam os infiéis, tinham sorte traçada,  
Os Deuses protegiam o exército seu servo.  
Combater com força alicerçada na Fé,  
Parece tornar-se mais fácil, coisa pouca até.

Assustava o extenso arraial Muçulmano.  
A cavalaria Castelhana iniciou a peleja,  
Noutro ponto, o intrépido exercito Lusitano,  
Não teria a vitória servida numa bandeja,  
Esquece-se todo o sofrimento humano,  
Vencerá quem a graça dos Deuses bafeja.  
Cavalo, homem, espada, armadura,  
Tudo se confunde, de morte é a fartura.  
Eis que surge a bravura de D. Afonso IV,  
Não dá tréguas ao exército inimigo,  
A vitória das forças Cristãs é um facto.  
Nunca temendo enfrentar o perigo,  
Os monarcas felicitam-se pelo pacto,  
Esquecendo qualquer desacordo antigo.  
Os Deuses lhe aprontaram grande lição,  
Nada poderá deter os homens em união.

Ficaram os despojos de prata e ouro  
À mercê de tão bravo vencedor.  
Afonso XI, grato pelo desaire Mouro,  
Pedi ao sogro que escolhesse do melhor,  
O monarca Português ignorou o tesouro,  
Combatera por um orgulho superior.  
Aproveitava a necessidade do genro,  
Para lhe mostrar como não seria tenro.

El-Rei de Portugal, gesto pouco vulgar,



Só depois de, muito, pelo genro, instado,  
Escolheu uma Cimitarra digna de admirar,  
Tal valor, pedras preciosas, em si cravado,  
Nenhuma jóia que dali pudesse retirar  
Teria o valor de saber-se respeitado.  
Homem capaz da maior barbaridade,  
Sabia como demonstrar sua superioridade.

Escolheu também um dos prisioneiros,  
Sobrinho de Abul-Hassan, rei de Marrocos  
E Fez, não era tesouro dos verdadeiros,  
Mas que podia valer como muito poucos,  
Nestes duros tempos de valentes guerreiros,  
Atitudes destas não eram coisas de loucos.  
Saber impor respeito e demonstrar firmeza,  
Era algo que não faltava à Lusa realeza.

Realmente importante esta vitória,  
Principalmente entre o mundo Cristão,  
Desde Carlos Martel não havia memória  
De tão grande entusiasmo e satisfação,  
D. Afonso IV ditava leis na história,  
Impondo sua vontade ao aliado de ocasião.  
O Rei Português demonstrava personalidade,  
Vencendo a força sem brutalidade.

Afonso XI resolveu tirar proveito  
Enviando ao Papa Benedito doze,  
Pomposa embaixada de riqueza e efeito.  
O Papa ignorou, Afonso IV zangou-se,  
Não compreendia com que direito  
Sua Santidade desprezara gesto tão doce.  
Protecção da Igreja, todos, desejavam,  
Poder do Papa, algo que não ignoravam.

Adivinhavam-se outros desafios mais,  
Ano de mil trezentos e quarenta e três,  
Vive-se o drama da carestia dos cereais,  
Nada que possa derrotar o rei Português,

Decide tomar medidas providenciais,  
Sua grande visão revela-se outra vez.  
Monarcas que tivessem filhas ou filhos,  
Tinham, neles, como vencer sarilhos.  
O embaixador Martim Esteves Avelar  
Vai para Barcelona em negociação,  
Intuito assinar acordo com vista a casar  
A Infanta D. Leonor e Pedro IV de Aragão,  
Maneira diplomática de contornar  
Tão dramática e perigosa preocupação.  
Povo que sofre as amarguras da fome  
Enfrenta todos, tudo se esfuma e consome.

Mil trezentos quarenta e sete, novo desafio.  
Agora é a terra, em Coimbra, que treme.  
Um ano mais tarde a peste faz um razio,  
El-Rei D. Afonso IV respeita-a, não a teme,  
Há que reerguer o reino a partir do vazio,  
Para tal é necessário homem forte ao leme.  
Nenhum homem saudável pode preguiçar,  
O reino precisa de braços para se levantar.

Peste negra, problema de séria gravidade,  
Vitimou grande parte da população,  
O monarca proíbe o ócio e mendicidade,  
Promulgando tal específica legislação,  
Era preciso agir com forte tenacidade,  
Nunca vacilando na forte determinação.  
Dedicado povo Lusitano que nunca vacilava  
Aceitou o caminho que o rei lhe apontava.

D. Afonso teve conflituoso final de reinado,  
A guerra civil entre Pedro I de Castela  
E o seu meio-irmão, trouxe muito exilado.  
Começou a emergir a intriga e querela.  
O pior momento fazia-se anunciado,  
Sem ser nos ventos de alguma caravela.  
D. Afonso IV viu os exilados Castelhanos  
Apoiarem a paixão do futuro rei dos Lusitanos.

El-Rei de Portugal, "O Bravo" sentiu medo,  
Aquele amor não era bom para o país,  
D. Afonso IV tenta, tudo em segredo,  
Impedir aquele amor, o Infante andava feliz,  
D. Fernando, filho legítimo de D. Pedro,  
Dava mostras de ser um doente petiz.  
Foi crime horrendo, golpe baixo e nefasto,  
Que ditaria a morte de Inês de Castro.

El-Rei temia pelo futuro de Portugal,  
D. Pedro assumira os filhos da amante,  
O Infante sofreu com a morte, reagiu mal,  
Dali à guerra com o pai, foi um instante,  
Gente de sua confiança deu-lhe apoio total,  
Choravam a dor sentida pelo Infante.  
D. Beatriz evitou a guerra entre Portugueses,  
Conduzindo os contendores à paz de  
Canaveses.

D. Afonso IV foi rei deveras importante,  
Contribuições administrativas foram várias,  
Subsidiou construção da marinha mercante,  
No seu reinado descobriram-se as Canárias,  
Contradição foi a nota mais dominante,  
Tal o volume de leis inéditas e contrárias.  
Legislou em aspectos da vida social,  
Talvez tentando mostrar-se homem de moral.

Moral que não passava de pura aparência,  
D. Afonso IV tinha enorme vontade  
De pôr fim a certo estado de desobediência,  
Tinha era de agir com grande subtilidade,  
D. Beatriz, sabia-o por própria experiência,  
Não aprovaria que abusasse da autoridade.  
D. Pedro e Inês de Castro continuavam-se  
amando  
Enquanto, no Paço Real, se educava D.  
Fernando.

A reconciliação, pai e filho, chegou já no final  
Do reinado de D. Afonso, "O Bravo", mas  
cruel.

Mil trezentos cinquenta e sete, ano fatal,  
Terminava um reinado, que por ódio de fel,  
Ficaria marcado na bonita história de Portugal,  
Onde o amor teria o mais importante papel.  
Portugal viverá inolvidáveis momentos,  
Onde ódio e amor serão fortes sentimentos.

## D. Pedro I

---

Portugal aclama o novo rei, D. Pedro I,  
Que ficaria conhecido na Lusa história  
Sob o cognome do "Cruel" ou "Justiceiro",  
Justiça de que, igual não temos memória,  
Quando lhe mataram o amor verdadeiro,  
Deram-lhe ensejos para atingir a glória.  
Sendo descrito como uma pessoa jovial,  
Exerceria a justiça de forma muito pessoal.

Inês de Castro, aia galega da sua mulher,  
Conquistaria o amor do coração real,  
D. Pedro afirmou nenhuma outra querer,  
Depois de morta, fá-la-ia Rainha de Portugal.  
Jamais um grande amor poderá morrer,  
D. Pedro quis tornar o seu, num amor imortal.  
Amante de dança e música, quando ainda  
criança,  
Teria como objectivo de sua governação, a  
vingança.

Com os assassinos não terá contemplação,  
Seu desejo de vingança é deveras forte,  
A dois fá-los sofrer, arranca-lhe o coração,  
"A morte só pode ser vingada com a morte,"  
Terá sido a sua linha de pensamento e  
orientação,  
O terceiro, fugindo, terá uma outra sorte.  
História de amor como nenhuma outra vivida,  
Portugueses esqueceram a Rainha traída.

D. Pedro terá mandado, segundo reza a  
tradição,  
Desenterrar o corpo da mulher amada,  
Depois obrigado os nobres ao beija-mão,  
Anunciando que D. Inês estava coroada,

Ninguém ousou demonstrar oposição,  
Era o epílogo de uma paixão inacabada.  
Talvez para negar defesa a tal acto de  
cobardia,  
D. Pedro publicou lei a proibir a advocacia.

O rei de Portugal mandou construir, de  
seguida,  
Dois túmulos, obra de escultura gótica,  
Para, no dia do juízo final, o amor ganhar vida,  
Mosteiro de Alcobaça, a arena erótica,  
Os Deuses elogiaram tal decisão atrevida,  
Continuava a paixão, agora de forma  
simbólica.  
Todo aquele que ousa obstruir a liberdade,  
Não é amigo da educação, uma real verdade.

D. Pedro foi um bom administrador,  
Não hesitando em defender Portugal,  
Mesmo quando seu grande opositor  
Era a fortíssima influência Papal,  
Levado nas asas de tão forte e doloroso amor,  
Nunca se vivera, no reino, tempo igual.  
Esqueceu-se de tudo que, aos pais, prometera,  
Nunca esquecendo aquela que, por amor,  
morrera.

Promulgou famoso Beneplácito Régio,  
Documentos eclesiásticos viam a circulação  
Ficar dependente de consentimento prévio.  
Aos mais desfavorecidos deu protecção,  
Por vezes esqueceu um governo mais sério,  
Dando liberdade a momentos de diversão.  
Lisboa, a altas noites, várias noites foi  
acordada,  
D. Pedro não suportava a dor da perda da  
amada.

Ajudou Aragão na invasão de Castela.

Seu reinado prolongou-se por dez anos,  
Portugal nunca vira governação tão bela,  
Diziam as gentes, uns românticos os  
Lusitanos,  
Trocaria, de boa vontade, sua cabeça amarela,  
Pela vida daquela a quem causaram tantos  
danos.  
Dele se contam outras histórias de pasmar,  
Um certo escudeiro, D. Pedro, mandou castrar.

Por afecto ao jovem ou a certa dama da corte,  
Com quem o mesmo lhe terá sido infiel,  
Da história só se conhece sua triste sorte,  
Não há qualquer registo do facto, em papel,  
Antes dolorosa castração que a morte,  
Ninguém ousasse desafiar o rei dito cruel.  
Complicadas são as linhas da vida,  
Outro se tornaria na morte da mulher querida.

Jaz no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça,  
Deixando seu filho Fernando como sucessor.  
Hoje, quando já tanto tempo passa,  
Ainda protagoniza da mais linda história de  
amor,  
Não há nada que um amante não faça  
Quando seu coração sangra de tanta dor.  
Mil trezentos sessenta e sete, morre em  
Estremoz,  
Dois herdeiros reais, nenhum ao mundo, D.  
Inês pôs.

## D. Fernando I

---

D. Fernando I, filho legítimo de D. Pedro I,  
Torna-se no nono rei de Portugal,  
No seu reinado, as guerras no estrangeiro  
Foram uma constante, logo na parte inicial.  
Muitas, levou a deitar no seu travesseiro  
Sendo portador de beleza pouco habitual.  
Reinado marcado por alguma política ruinosa,  
Mas sobretudo por agitada vida amorosa.

Henrique de Trastâmara assassina seu irmão.  
Morrendo D. Pedro I de Castela,  
Inicia-se a luta pela corrida à sucessão,  
D. Fernando ousa, e entra nela,  
Opõem-se os reinos de Navarra e Aragão,  
Abrindo frente para nova querela.  
De Sancho IV de Castela, materno bisneto,  
D. Fernando vê-se como sucessor directo.

Fidalgos partidários do rei vencido  
Correm a refugiar-se em terras de Portugal,  
Começando a cantar-lhe ao ouvido:  
"Reclamai a coroa de Castela". Vai dar-se mal,  
Sacrifica grande parte do erário recebido,  
Não obtendo nenhum proveito no final.  
Prometia ao rei de Aragão as terras a  
conquistar,  
Aos fidalgos, terras de Portugal, prometia dar.

Tal trajecto logo no início marcado,  
Não prometia vida fácil, nem sequer singela,  
Algo a que o mundo vivia habituado,  
Sendo que para resolver qualquer querela,  
Novo e rocambolesco tratado era assinado,  
Promessas, amores, traições, qual novela.  
Mil trezentos sessenta e nove a setenta,



D. Fernando como herdeiro se apresenta.

Campanhas militares sem qualquer sucesso,  
O Papa Gregório XI ofereceu a mediação,  
Conversações que acabaram por ter um preço,  
Portugal e Castela acordaram em nova união,  
Felizmente que não significava retrocesso,  
O rei Mouro de Granada foi a nossa salvação.  
Tendo sido o Papa chamado a intervir,  
Conseguir-se-á acordo que há-de convir.

Assina-se o primeiro tratado, Alcoutim,  
D. Fernando casará com Leonor de Castela,  
Filha de Henrique, noivado de breve fim,  
El-rei de Portugal prefere outra a ela,  
Não gosta o povo Luso, mas o rei sim,  
Henrique, logo vê abrir-se nova janela.  
Mil setenta e um, acordo assinado,  
Para ser, imediatamente, rasgado.

D. Henrique de Castela não fica ofendido,  
Nestes tempos, era coisas normais.  
Logo, outro noivo estava escolhido,  
Se um não queria, havia muitos mais,  
Falar de amor não fazia qualquer sentido,  
Casamentos, puras negociações reais.  
Se El-rei de Portugal não a agarra,  
Que se case com Carlos III de Navarra.

D. Fernando, livre de tal promessa,  
Feia ou bonita, El-Rei não gostava dela,  
Logo novo amor lhe surge, assim, à pressa.  
D. Henrique como que espreitava à janela,  
Nova guerra, não há nada que a impeça,  
D. Fernando lá estava, sempre de sentinela.  
Prometera casar com a filha do rei de Aragão,  
Prometendo entregar à de Castela, seu  
coração.

Não sendo, nem uma, nem outra, a desejada,  
Apaixona-se por D. Leonor Teles de Meneses,  
Mulher, com um seu cortesão, casada.  
Vem de longe a fama de que os Portugueses,  
Só ouvem o coração, é herança bem pesada,  
Que nos tem causado tantos e tantos reveses.  
Pobre do real, e inocente, tesoureiro,  
Foi a Aragão entregar o subsídio, ficou  
prisioneiro.

Rei que é rei, tem o poder de mandar,  
Assim anule-se o casamento anterior,  
Para que El-Rei D-. Fernando possa casar  
Com aquela que é seu verdadeiro amor,  
Poder que até lhe permite, a moeda, alterar,  
Provocando carestia e fome, verdadeiro horror.  
Andaluzia necessitava de protecção real,  
Os Mouros tornavam-se aliados de Portugal.

Mil trezentos setenta e três, novo tratado,  
Foi a dezasseis de julho, com a Inglaterra,  
D. Henrique de Castela sente-se atraído,  
Não hesita, pega em armas, voltar a guerra.  
D. Fernando, fora mal aconselhado,  
Por quem almeja por Castelhana terra.  
Rapidamente o confronto se reata,  
Duque de Lancaster, para tal o arrasta.

Corre, ainda, mil trezentos setenta e três,  
Assina-se novo tratado, em Santarém,  
Fraqueza política do monarca Português,  
Intrigas na corte, não agradam a ninguém.  
Morre Henrique de Castela. Outra vez,  
Duque de Lancaster em busca de apoio vem.  
Mostra-se arrogante para com seu aliado,  
D. Fernando não recebe o gesto de bom grado.

Mil trezentos setenta e oito, novo conflito,  
Dois Papas entram em colisão,

D. Fernando baloiça, talvez algo aflito,  
Começando por apoiar o Papa de Avinhão,  
Só que Inglaterra lhe lança um grito,  
Levando-o a alterar a sua decisão.  
Ano de Mil trezentos oitenta a correr,  
Castela não perdoa, voltam-se a combater.  
Dois anos duraria tal confronto,  
Até que decidiram, sem Inglaterra o saber,  
Sentarem-se à mesa e encontrar ponto  
Que fosse de entendimento. Tinha de ser,  
Tudo começa e acaba, qual simples conto.  
Em Elvas, o encontro viria a suceder.  
Corria o ano de mil trezentos oitenta e dois,  
Os efeitos do acordo chegariam anos depois.

D. Fernando, mostrando patriótico sentido,  
Arranjou maneira de contornar a situação,  
Não atendendo ao que lhe era pedido,  
Herdeiro Castelhana desejava a mão  
De D. Beatriz. D. Fernando estava prevenido.  
"A teu pai, tudo bem, mas a ti é que não".  
Não casava com o filho, mas sim com o pai,  
Nobreza Portuguesa teme o que ali vai.

Casando com a Infanta D. Beatriz,  
D. João I de Castela tornava-se herdeiro  
Da coroa Portuguesa. D. Leonor assim o quis.  
Já andaria de amores com o Andeiro.  
Nobres Portugueses temem pelo país,  
Procuram quem os livre de tal cativoiro.  
Morre D. Fernando, sem herdeiro varão,  
Toca a corneta apelando à Lusa união.

Morrera o "Belo", até mesmo "O Formoso",  
Em três "Guerras Fernandinas" se viu  
derrotado,  
Assinando acordo bastante desastroso,  
Ao dar ouvidos a seu coração apaixonado,  
Outros tantos após caminho perigoso,

Seguindo Lancaster, representante do velho aliado.  
Herdou, de seu pai, imponente riqueza,  
Tratou de instalar em local de grande firmeza.

Torre do castelo de S. Jorge, a mais alta,  
Além de ser também a de maior segurança,  
Torre do Haver ou do Tombo, aqui nada falta,  
Desde livros dos tombos à famosa herança.  
Sua desgraça começa a vir à ribalta,  
Ao ver-se no cerne de fraterna vingança.  
Promulgaria a célebre lei das Sesmarias.  
Ah D. Fernando, que falta, hoje, cá fazias.

Impedia o pousio das terras de agricultura,  
Expropriando terras não trabalhadas.  
Portugal vivia em dramática e ociosa altura.  
Várias as vertentes ali se viam legisladas,  
Toda a Europa estava às portas da rotura,  
Fugia-se do campo, terras abandonadas.  
Igualmente mandou construir, e reparar,  
Castelos e muralhas, a defesa não podia  
descurar.

A defesa de Lisboa, Porto, e outras mais,  
Via-se, assim, elevada em alguns degraus.  
D. Fernando I promoveu relações comerciais,  
A marinha, viu nascer companhia das Naus,  
Todos os navios pagavam taxas fiscais,  
Para suportar custos dos momentos maus.  
Funcionava como que um seguro naval,  
Mais uma inovação Lusa a nível Mundial.  
Representava uma pequena percentagem,  
Tratando-se de incentivo não podia ser brutal,  
Dos lucros obtidos em cada viagem.  
À Universidade ordenou viagem final,  
Fixá-la em Lisboa traria grande vantagem,  
Professores estrangeiros preferiam a capital.  
Na hora da morte, pediu os sacramentos,

Lamentando todos os seus maus momentos.

A dinastia de Borgonha terminava neste  
reinado,  
Portugal, dois anos de crise teria de  
atravessar,  
Clima de tensão e ansiedade estava instalado,  
Grande caos político e social se irá registrar,  
Quem vista o ideal Português, é procurado,  
Dificuldades; Angústias; Dor, não eram de  
ignorar.  
Morto o Rei sublevou-se de armas na mão  
Portugal teme a ameaça de nova convulsão.

Há que unir esforços em torno do líder  
escolhido,  
"Todos com o Mestre de Avis. Por Portugal,  
lutar".  
É o grito de revolta que se faz ouvido,  
Não se ignorando o perigo que poderá resultar  
Se Portugal não se mantiver unido.  
D. João I de Castela não se deixa assustar.  
Lusitanos já escolherem quem os irá conduzir,  
Esta Lusa gente, não hesita na hora de resistir.

## Crise 1383-1385

---

Outubro de mil trezentos oitenta e três,  
Morre o rei D. Fernando, medo  
É o sentimento do povo Português,  
No lugar do herdeiro, ficou enredo,  
D. Leonor trata o povo com altivez,  
Não sonhando seu fim negro em Toledo.  
Tantas guerras, outros tantos tratados,  
Nos deixaram, a Castela, direcionados.

D. João I de Castela, pelo casamento,  
Apresenta-se como legal herdeiro,  
Tratado de Elvas teria um aditamento,  
D. João I tornara-se no noivo verdadeiro,  
Retirando-a à promessa feita a seu rebento,  
Mais que amor, foi passo interesseiro.  
Ilustres figuras Portuguesas viram o sinal,  
O rei de Castela sonhava anexar Portugal.

D. João, filho de D. Pedro I e D. Inês,  
Na altura, em terras de Toledo, exilado,  
E outro filho do antigo rei Português,  
No ventre de Teresa Lourenço gerado,  
Sentiam que teria chegado a sua vez  
De lutarem pelo trono tão desejado.  
Este último, de nome João, igualmente,  
Grão-mestre de Avis, menos pungente.

O exilado, após D. Fernando ter morrido,  
Era visto como a maior ameaça a Castela,  
Pelo que logo, ali, se viu detido,  
Ficando o outro João entregue à querela,  
Lisboa desperta sob forte alarido,  
Só acalmando ao ver o mestre à janela.  
"Ai que matam o mestre" gritava o pajem,  
No paço, D. João dá provas de coragem.

Contando com apoios de muito nobre,  
Não hesitou em matar o conde Andeiro,  
Álvaro Pais, conspirador, descobre  
Como levar o povo a apoiar o companheiro,  
Áurea de esperança e desespero encobre  
Quanto vai no Paço, teme-se golpe traiçoeiro.  
"Se matam o mestre, que se incendeie o Paço"  
Eis que o mestre se mostra, hora do abraço.

Abraço entre o povo e o mestre de Avis,  
Que se case este com a Rainha D. Leonor,  
Tal proposta, A rainha, aceitá-la não quis,  
Quem sabe chorava a morte de seu amor,  
Não D. Fernando, mas sim traidor infeliz  
Que manchara a honra do seu rei e senhor.  
Terá visto, D. João, aqui forma de vingança,  
Sim ou não, importante ganhava confiança.

Foge, a Rainha, para terras de Alenquer,  
Seguindo mais tarde para Santarém,  
Terras leais, a tão estranha rainha e mulher.  
Dezasseis de Dezembro, eis que alguém  
Expressa o desejo que o povo mais quer,  
Que de Castela, não venha ninguém.  
"Viva D. João Regedor e Defensor  
Do Reino". Vive-se entre esperança e temor.

D. João, mestre de Avis, é aclamado regente,  
Tornava-se irreversível o caminho da guerra,  
D. João I de Castela mobiliza a sua gente,  
Cercando Lisboa, por rio e também por terra,  
A burguesia da capital apoia, financeiramente,  
O mestre de Avis. O Clero toma atitude de  
espera.  
Alguns dos nobres mantêm fidelidade feudal,  
Apoiando a conspiração contra Portugal.

Nuno Álvares Pereira revela-se forte aliado,

Finais de mil trezentos oitenta e três,  
Castelo de S. Jorge é alvo conquistado,  
Primeira grande vitória do nobre Português.  
Inícios do ano seguinte, se vê nomeado  
Fronteiro do Alentejo, D. João o quis e fez.  
Parte Nuno Álvares Pereira, preparar a defesa,  
Mil homens, joga-se a independência  
Portuguesa.

Chegados a terras próximas do Crato,  
Deparam-se com força Castelhana,  
Não se amedrontam com tal aparato,  
Há que expulsá-la de terra Lusitana.  
Abril de mil trezentos oitenta e quatro,  
Dia seis, cheiro a vitória, do céu emana.  
Tropas Castelhanas, número muito superior,  
Tentam, sem combater, levar a melhor.

Nuno Álvares Pereira recusa a proposta,  
Investem os Castelhanos, confiantes,  
Ignoravam que receberiam como resposta  
Táticas de guerra, lições brilhantes,  
Tropas em rectângulo era a resposta  
De um dos mais inteligentes comandantes.  
Maioria das lanças situadas na vanguarda,  
Peões, com as restantes, nas alas e  
retaguarda.

Castelhanos atacam com toda a cavalaria,  
Tropas Lusas contém forte investida,  
Lanças e virotões, força que a tudo resistia,  
Desanima o inimigo, arrogância perdida,  
Tomado de pânico, em debandada fugia,  
Nova técnica de guerra se fazia conhecida.  
Peões armados com poderosa lança,  
Aguardavam a carga da cavalaria que avança.

Curiosos números da batalha, boa memória,  
Força Castelhana com perdas numerosas,



Do lado Lusitano, segundo ficou na história,  
Nem uma morte, há coisas curiosas,  
Nuno Álvares Pereira vivia horas de glória,  
Aproveitando-se de marcas duvidosas.  
Ataque inicial de cavalaria, forte,  
Seguido do corpo a corpo, e nem uma morte.  
Tempos impregnados de teor religioso,  
Susceptíveis de fáceis interpretações,  
Nem uma morte era algo milagroso,  
Quem sabe, Divinas demonstrações,  
Deus apoiava o Luso Povo, vitorioso,  
Como que aprovando suas pretensões.  
Nuno Álvares Pereira granjeia fama,  
Terra após terra, à causa Lusa chama.

Prometem entregar-lhe Vila Viçosa,  
Acredita em quem lhe mente,  
Só mais tarde tal Vila será nossa,  
Matam-lhe o irmão, traiçoeiramente,  
Provocam-lhe a dor, não lhe tiram força,  
Continua nas conquistas, bravamente.  
Maio do mesmo ano, Lisboa é cercada,  
Por terra e mar, situação complicada.

Não esmorece Nuno Álvares Pereira,  
Desloca-se até ao castelo de Palmela,  
Aí manda acender valente fogueira,  
Que a vejam, em Lisboa, os de Castela,  
O mestre responde da mesma maneira,  
Eficaz forma de comunicar, aquela.  
Cercos que duraria até três de Setembro,  
Levantaram forçados pela peste, relembro.

Os Deuses não escutavam os homens da  
Igreja,  
Resolvendo apoiar os leais Lusitanos,  
Enviaram quantidade de peste de fazer inveja,  
Obrigando à retirada dos soldados  
Castelhanos,

Entretanto já tinham perdido uma peleja,  
Valverde, arrabalde de Lisboa, eram muitos  
danos.

D. Nuno Álvares Pereira iniciava sua glória,  
Que seria consagrada em futura grande vitória.

Páscoa de mil trezentos oitenta e cinco,  
Reforços Ingleses arrimam a Portugal,  
A luta é preparada com afinco,  
Seiscentos homens de currículo triunfal,  
Guerra dos Cem Anos lhes deu vinco,  
Divisão de archeiros seu grande aval.  
Sopram ventos impregnados de ansiedade  
D. João simboliza a luta pela liberdade.

Nuno Álvares Pereira, e outros mais,  
Defendem a importância de reunir cortes,  
Uma vez mais soubera ler sinais  
Que se aproximavam lutas fortes,  
É imperioso tomar decisões essenciais,  
Fracassar significará muitas mortes.  
Coimbra acaba por ser a cidade eleita,  
D. João de Avis encarna a escolha perfeita.

Cortes paridas de ideia avassaladora,  
Reunindo D. João com representantes do povo  
E nobres, era preciso dinâmica geradora  
Da construção de um reino de Portugal novo,  
D. Nuno Álvares Pereira alvitrou ser hora  
De se reunirem cortes e afastar algum estorvo.  
Mosteiro de São Domingos, em Lisboa,  
Foi o local onde se reuniu toda esta gente boa.  
Aceitaram a proposta do Condestável,  
Convoquem-se cortes para o Paço Real,  
Coimbra parece ser cidade bem agradável  
Para se discutir o futuro de Portugal,  
Elabore-se ordem de trabalhos razoável,  
Terão de ser cortes com representação  
nacional.

Atribuições da coroa e financiamento da guerra  
Dois dos pontos a debater naquela bonita  
terra.

O terceiro dizia respeito ao que cada estado,  
Entenda-se cada estado da sociedade  
Portuguesa,  
Poderia apresentar para ser analisado,  
Alguns apostavam no desmembramento da  
nobreza,  
Aproveitando o facto de alguns nobres terem  
apoiado  
As aspirações de Castela, faziam-no com  
fineza.  
D. Nuno ruma ao norte, companhia real,  
Dois meses e o Minho é terra de Portugal.

“Viva D. João I. El-rei de Portugal”,  
Terá sido o grande grito de aclamação,  
Seu primeiro e importante édito real,  
Terá sido nomear o Condestável da nação,  
Nuno Álvares Pereira, alvo edital,  
Reuniu seus homens e passou à acção.  
D. João desejava reinar num reino unido,  
Assim todos deveriam ter direito a ser ouvido.

Arcebispo era o de Braga, e prior, o de Santa  
Cruz,  
Coimbra. Bispos, os das cidades principais.  
De entre todos os homens ligados a Jesus,  
O abade de Alcobaça destacava-se entre os  
demais,  
D. João de Ornelas, sua lealdade, a D. João,  
induz  
A grande respeito, por parte dos apoiantes  
reais.  
Setenta e dois fidalgos e muitos outros  
cavaleiros

Representavam a nobreza, bem como  
escudeiros.

Os Beneditinos enviaram dois dos seus abades,  
E como representantes da classe popular,  
Os representantes de trinta e uma vilas e  
cidades,  
Aqueles eram mitrados, a bispos se podem  
comparar.  
Novos burgueses, viram nas populares  
liberdades,  
Uma força de mudança que não poderiam  
ignorar.  
Sentia-se o soprar de novos ventos nacionais,  
Tinham nascente no mar, através dos  
mesteirais.

A Burguesia, fortemente apoiada pelos  
legistas,  
Não descarta tão soberana oportunidade,  
Apoia D. João, revelando-se bons oportunistas,  
Toma-se consciência de uma nova realidade,  
Nascem três partidos, o dos Nacionalistas,  
Burgueses e D. João, lutavam pela liberdade.  
D. Beatriz de Portugal, interesses de Castela,  
Sem estar presente, teve quem lutasse por  
ela.

Partido Legitimista, partidários Castelhanos,  
D. João de Portugal, filho de D. Pedro e D.  
Inês,  
Representava outra escolha dos Lusitanos,  
Partido Legitimista-Nacionalista, Português,  
D. Dinis, seu irmão, causava aqui alguns  
enganos,  
Não fossem argumentar com alguns porquês.  
D. João de Portugal não fora filho legitimado,  
Brilhantemente, por João das Regras,  
aproveitado.

Notável legista, revelava-se óptimo orador,  
Foi abatendo argumento após argumento,  
Conduzindo o processo para que o sucessor  
Não fosse outro que não o homem do  
momento,  
D. João, mestre de Avis, merecia ser o senhor  
Escolhido para comandar o Luso  
ressurgimento.  
Unida concordância de todos os grandes  
E comum povo: "D. João que nos comandes".

D. João era investido como rei de Portugal,  
Mil trezentos oitenta e cinco, seis de Abril,  
Era o corolário tido como o mais natural  
Passados os dois anos de ansiedade febril,  
Os reis de Castela violaram o acordo  
antenupcial,  
Ansiavam unir os reinos, sonho muito viril.  
Não respeitando o tratado de Salvaterra  
Davam, aos Portugueses, pretexto para a  
guerra.

D. João terá aceite a nomeação para regente  
Com algum constrangimento, talvez temor.  
Matou o conde Andeiro por conduta indecente,  
Afinal manchara a honra de seu rei e senhor,  
Do que por outro motivo mais concretamente,  
Crónica de que Pero Lopez Ayala foi o autor.  
D. João seria, ao início, um fraco lutador,  
D. Nuno Álvares Pereira seria o seu professor.

Castela, D. João I não aceita a decisão,  
A coroa de Portugal é parte de Castela,  
Prepara e envia forte expedição,  
Fidalgos da Beira encontram-se com ela,  
Leais apoiantes e aliados de D. João,  
Travam, em Trancoso, vitoriosa querela.  
Tão saborosa vitória, quanto inesperada,  
Depois de tanta terra Lusa saqueada.

Alcaides desavindos, coisas elementares,  
Gonçalo Vasques Coutinho, Trancoso,  
Martim Vasques da Cunha, Linhares,  
João Fernandes Pacheco, talvez receoso,  
Alcaide de Celorico, limou preliminares  
E promoveu reencontro glorioso.  
Vinte e nove de Maio, Alto da Capela,  
S. Marcos, saem derrotados os de Castela.

Reza a lenda local, história imaginativa,  
S. Marcos terá surgido por milagre,  
Lutando ao lado da Lusa comitiva,  
Deixando, para que o futuro o consagre,  
Marca de ferradura gravada na rocha viva,  
Lendas nascidas de onde não se sabe.  
Fruto de valioso saque é recuperado  
Numeroso grupo de cativos é libertado.

Voltavam os Castelhanos de Viseu,  
Cidade, além de saqueada, incendiada,  
Batalha a batalha se defendeu  
Lusa independência tão ameaçada.  
Tal humilhação nunca Castela esqueceu,  
Capela incendiariam em futura jornada.  
Rei de Castela sente fugir-lhe o poder,  
Prepara numeroso exército e vem combater.  
Mil trezentos oitenta e cinco, Junho,  
D. João I de Castela invade Portugal,  
Era a segunda invasão com seu cunho,  
Conquistar Lisboa era seu objectivo final,  
Para ter o reino debaixo de seu punho,  
Trazia consigo um aliado muito leal.  
Vasto contingente de cavalaria Francesa,  
Aljubarrota seria seu palco de tristeza.

Há muito que andava a ser preparado,  
Desde o fracassado cerco a Lisboa,  
Mais tempo não pode ser retardado,

É tempo de reclamar como sua a Lusa coroa,  
Junho, exército castelhano, comandado  
Pelo próprio rei de Castela, em pessoa.  
Entram por terras do norte de Portugal,  
Vestem confiança de vitória total.

Trinta e dois mil homens, impressionante,  
Portugal, seis mil e quinhentos somente,  
D. João I de Castela cavalgava confiante,  
D. João I de Portugal confia na sua gente,  
Lisboa e Santarém são objectivo distante,  
Tropas Lusos partem para lhes fazer frente.  
Lisboa não resistirá a novo cerco prolongado,  
Plano de retenção tem de ser estudado.

D. João I e seu Condestável, em Alenquer,  
Conselho do reino sem ideias de acção,  
Castelhanos não se podem aproximar sequer,  
Teme-se pela coroa, momentos de tensão.  
D. Nuno parte, descobrirá um meio qualquer  
De os travar. Pede-se a Deus nova bênção.  
Leva como destino a cidade de Tomar,  
Dizendo a El-rei que ali o irá esperar.

O condestável opusera-se à corrente  
Que defendia um ataque a Castela,  
“É aqui que temos de lhes fazer frente”  
D. João terá pensado “que ideia aquela”  
Nada a fazer, toca a reunir a Lusa gente  
E procurar D. Nuno. Decisão tão bela.  
Aliados Ingleses devidamente enquadrados,  
Os dados eram, definitivamente, lançados.

D. João I sabe quão grave é o momento,  
Decide partir, rumando a Leiria,  
Ali próximo se daria Luso ajuntamento,  
D. Nuno estuda o terreno, só ele sabia  
Como tirar, do local, todo aproveitamento  
Que, à fraca força Lusa, tanta falta fazia.

Importante, e decisiva, batalha à porta,  
D. Nuno atrai os Castelhanos a Aljubarrota.

Castelhanos marchavam com lentidão,  
D. Nuno aproveita esta benesse,  
Estuda o terreno com toda a precisão,  
E a estratégia que mais confiança merece  
Escolhido o local, há que gerar confusão,  
Quer um local, noutro, ao inimigo, aparece.  
Força Lusitana surge na vertente da colina,  
Mostra-se e movimenta-se de forma felina.  
Mil trezentos oitenta e cinco, catorze de  
Agosto,  
Tropas de D. João I, e aliados Ingleses,  
Enfrentaram, com o calor a queimar-lhes o  
rostro,  
As forças de Castela, valorosos Portugueses  
Que nunca abandonariam o seu posto,  
Mesmo quando tivessem de enfrentar reveses.  
Agosto, Aljubarrota, calor escaldante,  
Castelhanos avançam de modo arrogante.

Dez da manhã de catorze de Agosto,  
Exército Português frente para a estrada,  
Quem os visse, diria que a contragosto,  
De onde a hoste Castelhana era esperada,  
Cada soldado estava firme no seu posto,  
Infantaria ao centro, archeiros na vanguarda.  
Nos flancos, mais besteiros, cavalaria,  
Bem como o restante corpo de Infantaria.

D. João I, fechava o quadrado atrás,  
Reforços e cavalaria sob seu comando,  
Vê-los, força Castelhana, não era capaz,  
Pelo que marchava confiante, ignorando  
Estratagema militar inovador e audaz,  
Em lugar do sonhado combate brando.  
Aljubarrota foi das grandes batalhas campais,  
Idade média, queimando todos os manuais.



Pensando tratar-se de rebeldes ocasionais,  
Ignoram o exército Português, sem parar,  
D. Nuno via seus planos organizacionais  
Resultarem, era sua estratégia a frutificar,  
Assustador. Castelhanos eram muitos mais,  
Havia que, pelo momento certo, aguardar.  
Exército inimigo, de cansaço fervilha.  
Desnível suave da vertente sul é armadilha.

Tropas Portuguesas invertem posição,  
Terrenos da vertente sul pré-preparados,  
Beneficiando de mais veloz deslocação,  
Ainda Castelhanos não eram posicionados,  
Já Portugueses tinham postos de acção,  
Por conjunto de paliçadas resguardados.  
Seis horas, comando Castelhana ordena:  
"Ataque" antes que a noite entre em cena.

Carrega a força de cavalaria Francesa,  
Há que romper a infantaria adversária,  
Resiste a primeira linha Portuguesa,  
Campo de batalha sem a largura necessária  
Para a cavalaria manobrar com destreza,  
Dão ao ataque uma eficiência deficitária.  
Paliçadas, troncos espetados na vertical,  
Muito juntos entre si, são trunfo de Portugal.

Não bastando tais imprevistos argumentos,  
Intensa chuva de virotes, besteiros e  
archeiros,  
Provocou desorientação e duros momentos,  
Castelhanos não apoiam seus cavaleiros.  
Ainda nem posicionara restantes elementos,  
Pelo que muitos deles foram feitos prisioneiros.  
Ataca o que restava do exército Castelhana,  
Desorganizadamente, sem nenhum plano.  
D. João, mestre de Avis, e seus leais  
apoiantes,

Não se deixaram levar por ilusões,  
Tinham consciência que as tropas ocupantes  
Ainda lhe iriam trazer muitas preocupações,  
D. Nuno Álvares Pereira adoptou tácticas  
brilhantes,  
Os Castelhanos caíram como verdadeiros  
peões.  
Exército em número superior, caiu que nem  
bobo,  
Nas inovadoras tácticas das covas do lobo.

Dispondo de uma frente bastante alargada,  
Viram-se obrigados, pelo próprio terreno,  
A apertar-se, numa acção pouco concertada  
D. Nuno Álvares Pereira mantinha-se sereno,  
Divide em dois sectores sua vanguarda,  
De modo a resistir a nova ameaça em pleno.  
D. João I de Portugal, adivinhando o pior,  
Manda avançar a retaguarda, sem temor.

Apanhados assim de surpresa, desorientados,  
Castelhanos pouco mais podem fazer,  
Vendo-se, entre os flancos Lusos, esmagados,  
Só lhes resta esperar pela hora de morrer,  
Triste sorte destes numerosos soldados,  
Nem D. João I de Castela lhes podia valer.  
Ainda o sol não se escondera no horizonte,  
Já soldados Castelhanos se punham a monte.

D. João I de Castela, precipitadamente,  
Sem providenciar qualquer cobertura,  
Dera ordens de retirada geral à sua gente,  
Viveram-se momentos de loucura,  
Castelhanos fugiam desorganizadamente,  
Portugueses iniciaram feroz procura.  
Alguns esconderam-se nas redondezas,  
Provando a raça das padeiras Portuguesas.

D. João de Castela agira cobardemente,

Como que procurando refúgio no fim da tarde,  
Esquecendo-se de dar protecção à sua gente,  
A cavalaria Portuguesa dizima-a sem piedade,  
Alguns tentam esconder-se, ingloriamente,  
Não há forno que lhes valha ou os resguarde.  
Tentativa tão inglória quanto derradeira  
Que, na história, seria abortada por uma  
padeira.

Brites de Almeida, padreira de Aljubarrota,  
Conquistaria seu lugar na história,  
Tal qual a tática usada em derrota  
Que, Castela, gravou em sua memória,  
Mesmo que se trate de lenda patriota,  
Foi o quadrado que trouxe a glória.  
Manhã de quinze de Agosto, desolação,  
Orgulho Castelhana era, agora, desilusão.

Tantos os cadáveres espalhados,  
Que as águas, vermelhas, dos ribeiros,  
Viram seus cursos ficarem barrados,  
Não só pelos corpos dos guerreiros,  
Como também fidalgos ali deixados  
Sem honra, como meros cães rafeiros.  
Castela acordou em pesadelo total,  
Negro era o estado de alma geral.  
Surpresa, foi o sentimento mundial,  
O exército Português, disposto em quadrado,  
Conseguiu obter um sucesso tal,  
Que ninguém o poderia ter imaginado,  
Talvez nem os senhores do reino de Portugal,  
Tática onde até cabia a ala do namorado.  
Covas do lobo, repletas de paus em bico,  
Onde cavalos e cavaleiros caíam a pico.

O despertar do dia seguinte seria doloroso,  
Tantos soldados, e nobres fidalgos, perdidos  
Que esquecer tal derrota se tronaria moroso,  
Os Franceses rememoravam dias já vividos,

Crécy e Poitiers, erros de tática, clamoroso,  
Posteriormente, Azincourt, seriam repetidos.  
D, Nuno Álvares Pereira e D. João,  
Invencível dupla, mestres de tão linda lição.

Mil trezentos oitenta e cinco, era o ano,  
Palco de tais acontecimentos, Aljubarrota,  
Só um grande esforço, quase sobre-humano,  
Infligiria, aos Castelhanos, tamanha derrota,  
D. João representava o ideal Lusitano,  
Provando que o povo acertara na aposta.  
Agradeceria a Deus e a João das Regras,  
Notável legista que tosquiara ovelhas negras.

Muitos outros lhe devem ter vindo à mente,  
Alguns ainda que muito em segredo,  
Como o Bispo de Braga, D. Lourenço Vicente,  
Ou o modesto tanoeiro, Afonso Anes Penedo,  
Que não hesitaram em colocar-se na frente  
Daqueles que apoiavam D. João, sem medo.  
Portugal vivia momento de felicidade, novo,  
Passada a angustia e ansiedade, festejava o  
povo.

D. Nuno Alvares Pereira, o condestável,  
Revelou-se um grande estratega militar,  
Estudou qual o terreno mais aconselhável,  
Para sua tática, revolucionária, instalar,  
Campo de S, Jorge, local bastante viável,  
Dispostas a tropas, só lhes resta aguardar.  
As tropas Castelhanas foram como que  
obrigadas  
A chegar por onde eram mais desejadas.

Adoptando inovadora tática militar,  
Crê-se que de D, Nuno Álvares Pereira, a  
autoria,  
Homens apeados conseguiram derrotar,  
Tão poderosa, e numerosa, força de cavalaria,

O mundo não sonhava que estava a acordar  
O progenitor da mais sublime Dinastia.  
Tão estrondosa vitória merecia comemoração,  
Reforce-se a Anglo-Luso aliança, case-se D.  
João.

Demorou a digeri-la, o reino Castelhana,  
Talvez tenha ficado meio desorientado,  
Só a reconheceram passado muito ano,  
Mil quatrocentos e onze, papel assinado,  
Tratado de Ayllón. Novo jogo palaciano,  
Só doze anos depois é que foi ratificado.  
Realidade ou pura invenção do cronista,  
Fernão Lopes assim descreveu a conquista.

## D. João I

---

Regressemos um pouco ao passado,  
Não por qualquer apelo de saudade.  
Quando o Conde Andeiro é assassinado,  
D. Leonor, mostrando sua sagacidade,  
Escreve ao genro, acto desesperado,  
Procurando obter sua cumplicidade.  
Sendo, pelo genro, somente ignorada,  
Resolve jogar a sua, talvez, última, cartada.

“Ilustres nobres, apoiem D. João, mestre de  
Avis”,  
Tal tentativa de vingança ser-lhe-ia fatal,  
Ver-se-ia obrigada a abandonar o país,  
Quando D. João se tornou João I de Portugal,  
Viveu um resto de vida bastante infeliz,  
Enclausurada em Tordesilhas até ao final.  
Após a sua morte, ficou o dito do povo  
Português:  
“Pelo bem de Portugal, nada fez,”

Se há vitória que tenha dado brado,  
Aljubarrota foi uma delas, de certeza,  
Os Castelhanos, em número mais elevado,  
Subestimaram a determinação Portuguesa,  
Olvidando do Luso exército, comandado  
Por D. Nuno Álvares Pereira, a firmeza.  
Na memória, o rescaldo daquela tarde,  
Em que o mundo viu a força da Portugalidade.

A coroa Portuguesa ganhava estabilidade,  
O tratado de paz só seria confirmado,  
E D. João I reconhecido, anos mais tarde.  
Mil trezentos oitenta e sete, vê-se casado  
Com D. Filipa de Lencastre, outro tratado,  
Agora com Inglaterra, cooperação e amizade.

Sonhavam-se tempos de grandes bonanças,  
Os Deuses enviavam sinais de mudanças.

Mil trezentos oitenta e seis, Mosteiro iniciado,  
Sete reis o foram vendo crescer,  
Mil quinhentos e dezassete se deu por  
acabado,  
O que na realidade nunca veio a acontecer,  
Monumento internacionalmente admirado,  
A UNESCO, não hesitou em o reconhecer,  
Como constituindo património Mundial.  
Dois e mil e sete, é uma das maravilhas de  
Portugal.

Quando a Fé é grande, a vitória não falha,  
O povo assim acredita e assim o diz,  
Hoje é conhecido por Mosteiro da Batalha,  
Nele repousam os príncipes da dinastia de  
Avis,  
Dois séculos andou a construção na calha,  
Trata-se de obra de arte, construída de raiz.  
Exemplo da arquitectura gótica tardia  
Portuguesa,  
Mosteiro Dominicano de inigualável beleza.  
Comovente a história da sua construção,  
Pequeno templo começou por ser construído,  
Visível ainda no Séc. XIX, era nesta edificação  
Que o amor a Deus era então ouvido,  
Aqui, os operários recebiam apoio e protecção,  
Obra pobre, mas com o respeito devido.  
Igreja, claustro e dependências monásticas  
inerentes,  
Eram as que, no projecto inicial, estavam  
presentes.

Sala do Capitulo, Sacristia, anexos e refeitório,  
Estrutura semelhante ao Mosteiro de Alcobaça,  
D. João I, já coroado, viu que seria obrigatório,  
Uma capela do fundador, então que se faça.

As Capelas imperfeitas, que nome tão inglório,  
Foi o rei D. Duarte quem lhes deu sua traça.  
A capela do fundador é também a capela  
funerária,  
Aqui repousam os restos desta gente  
extraordinária.

Claustro menor foi iniciativa de D. Afonso V,  
D. João II desinteressou-se da edificação,  
Com as dependências ficou ainda mais bonito,  
Foi aquele o obreiro da sua construção,  
D. Manuel também lhe aprovou o visto,  
Até o Mosteiro dos Jerónimos serem a opção.  
Mil quinhentos e dezasseis, ou dezassete,  
Ano em que a última pedra se lhe mete.

O mosteiro, século XIX, seria restaurado,  
Luís Mouzinho de Albuquerque na direcção,  
Thomas Pitt, viajante Inglês do passado,  
Séc. XVIII, viu sua traça servir de inspiração,  
Mostrara o Mosteiro ao mundo, apaixonado,  
Através das suas gravuras. Houve  
transformação.

Dois claustros, junto das capelas imperfeitas,  
Foram destruídos, outras alterações foram  
feitas.

Vivia-se época de grande conturbação,  
A religião atravessava tempos difíceis no país,  
As ordens religiosas eram alvo de extinção,  
Vê-se no Mosteiro, símbolo da dinastia de Avis,  
Símbolos religiosos sofrem total remoção,  
Mosteiro da Batalha, nome que muito mais diz.  
Reestrutura-se a Capela do Fundador,  
A actual configuração destrona a anterior.

Capela-Mor, de acabamento posterior,  
Ostenta arco triunfal acairelado,  
As capelas colaterais tiveram distinto labor,



Nas dependências claustrais mais avançado,  
No corpo do templo feito com menos vigor,  
Processo que deve ter sido bem estudado.  
Galerias norte e oriental, então já levantadas,  
Com sete tramos, em colunelos suportadas.

Afonso Domingues lhe deu a traça inicial,  
Huguet, Arquitecto Inglês, o substituiria,  
Aquele ganhou experiencia na Sé Catedral,  
Este, o gótico flamejante nos apresentaria,  
Homens que honram a história de Portugal,  
Imortalizando-se entre gente que nem os  
conhecia.

Sala do Capítulo, tumulto do soldado  
desconhecido,  
Espaço de planta quadrada, por obra de arte  
protegido.

Abóbada de estrela de um voo singular,  
Formada por dezasseis nervuras radiais,  
Oito lançadas das paredes, digno de admirar,  
Das chaves secundárias exteriores, as outras  
mais,

Todas convergindo para se encontrar,  
Numa chave central de motivos naturais.  
História algo rocambolesca a antecedeu,  
Em jeito de lenda a nossos tempos se  
estendeu.

Estando Afonso Domingues velho e invisual,  
Terá D. João I ordenado o seu afastamento,  
O arquitecto Português recebeu a nova, muito  
mal

E não hesitou em manifestar  
descontentamento,  
Aproveitaria o rescaldo de um quase desastre  
real

Para dar vida à construção de tal  
deslumbramento.

Mil quatrocentos e um, seis de Janeiro,

Vive-se grande agitação em redor do Mosteiro.

D. João primeiro representava o motivo,  
Iria assistir ao auto de celebração dos Reis,  
O povo desejava ver sua majestade ao vivo,  
Os Deuses resolveram intervir, como sabeis  
Seus poderes desenvolvem efeito decisivo,  
El –Rei atrasou-se “Para que vos salveis”..  
Huguet aguardava-o, servindo de anfitrião,  
Mas sua obra acabaria caída no chão.

Afonso Domingues viu ali oportunidade  
De levar seu projecto em diante,  
D. João I resolveu satisfazer-lhe a vontade,  
“ De ora em diante sereis vós o mandante”  
A abóboda tornou-se uma realidade,  
O mestre tomou, então, decisão confiante:  
“Quero uma pedra aqui bem no centro,  
Depois fechem as portas e deixem-me cá  
dentro”

A Abóboda não caiu, o mestre morreu lá,  
Sem pronunciar a frase tão ansiada,  
“A abóboda não caiu, a abóboda não cairá.”.  
Da pedra onde assistiu à morte anunciada,  
Se fez sua estátua, ela o perpetuará  
Nos horizontes de uma história inacabada.  
Quem filhos, tão ilustres viu nascer,  
Não pode deixar-se derrotar, só reerguer.

Portal central, de rasgamento profundo,  
Na face exterior da sala, deitando  
Para a galeria do claustro, mostra ao mundo,  
Cinco arquivoltas de fora, emparelhando  
Com quatro de dentro, é de ficar mudo,  
Temendo provocar os Deuses, rezando.  
Ornado por folhas estilizadas e radiantes,  
O vão é outro encanto para os visitantes.

Dois grandes vãos quebrados,  
Cada um com duas janelas geminadas,  
Abrem-se de cada um dos lados,  
Sendo aquelas por um óculo sobrepujadas,  
Dignos de apreciar são os rendilhados  
Da bandeira que as mantém ligadas.  
Indícios do estilo gótico flamejante,  
Beleza é a palavra ouvida a todo o instante.  
Todo o objectivo de tão belo monumento,  
Pode ser definido pela Capela do Fundador,  
Aqui pode inferir-se do sentimento  
Que terá causado a D. João I, tanta dor  
Por não a ter pronta à data de seu falecimento,  
O homem sonhou, a morte foi superior,  
Ali se encontra, o monarca, sepultado,  
Juntamente com a rainha, foi trasladado.

Construção de formato central octogonal,  
Integrando, na fachada, grandes janelões,  
Iluminando o mausoléu do rei de Portugal,  
Pilares e arcos unem-se em várias direcções,  
Na abóboda, verdadeira obra imperial,  
Vêm-se as armas reais, por entre decorações.  
Aqui jazem alguns dos príncipes de Avis,  
Outros não, porque D. Duarte assim o quis,

Lendo o testamento por seu pai deixado,  
D, Duarte, idealizou um novo panteão,  
D. João I não desejava ser incomodado,  
Inicie-se, de imediato, a dita construção,  
O tempo é que já ia bastante avançado,  
Morre o rei, não se atinge a sua conclusão.  
Muitas obras de valorização foram feitas,  
Mas estas Capelas ficaram sempre  
incompletas.

Refeitório, claustros e dependências,  
São outras das partes integrantes,  
Deste monumento onde as experiências,

Ditaram leis e se viraram litigantes,  
Reflectindo aprendizagens e vivências,  
Nessa altura, como agora, deveras  
importantes.

Obra de arte dedicada a importante vitória,  
Constitui, hoje, motivo de orgulho e glória.

Sete anos após Aljubarrota, Nuno Álvares  
Pereira,  
Manda construir, Calvaria de Cima, a Ermida  
De S. Jorge, local da batalha derradeira,  
Onde depositara o estandarte da sua vida,  
Eram tempos de devoção cristã e milagreira,  
Não uma fé fútil, mas sim de forma aguerrida.  
Hoje, ali existe um centro de interpretação,  
Conta-nos a história através de bela  
simulação.

Portugal era reino de homens destemidos,  
Prenhes de alto sentido de liberdade,  
Não recuando perante perigos conhecidos,  
Entregando-se de espontânea vontade  
A todos os sacrifícios que lhes eram pedidos,  
Lutando com valentia e lealdade.  
D. Nuno Álvares Pereira, D. João, mestre de  
Avis,  
Eram toda a esperança de um povo Feliz.

Mil trezentos e noventa, D, João de Castela  
Morre sem deixar, de D. Beatriz, sucessor,  
A ameaça Castelhana esfumava-se pela janela,  
D. João I podia agora mostrar o seu melhor,  
Qual afamado pintor, esboçar uma aguarela,  
Onde o personagem principal fosse um  
veleizador.  
Desenvolvimento social e económico do país,  
Torna-se a preocupação do Rei de Avis.  
Revelou-se um homem amante da paz,  
Sendo grande excepção a conquista de Ceuta,

Não é por acaso que tal conquista se faz,  
D. João I sabia bem que era a praça certa,  
Mostrando que era homem arguto e audaz,  
A navegação Africana por ali era feita.  
Na véspera da partida de Lisboa, má sorte,  
D. Filipa de Lencastre encontrava a morte.

D. João gostava de tudo controlar,  
Não delegando em outrem a responsabilidade,  
Bem como o poder, de governar,  
Embora sendo homem de grande  
generosidade,  
Sua cultura, à época, era algo de elogiar,  
Sem que fizesse disso algum alarde.  
Três de seus filhos se viram cavaleiros  
armados,  
Mesquita de Ceuta, após os Mouros  
derrotados.

D. Duarte, D. Henrique e ainda D. Pedro,  
Que também beberam do cálice do  
conhecimento,  
Cultura e sabedoria não se constroem em  
segredo,  
Antes através de boas práticas de  
relacionamento,  
Tristes daqueles que por ignorância ou medo,  
Tentam conservar o que sabem em  
recolhimento.  
Luís Vaz de Camões, tão bem os cantaria,  
Nos Lusíadas, de ínclita geração os  
denominaria.

Três a que outros tantos irmãos se juntaram:  
D. Isabel, D. João, condestável de Portugal,  
E D. Fernando, de Infante Santo o baptizaram  
Outros, em novos morreram, eram em parte  
igual.  
Abençoados filhos que tão alto nos honraram,

Conquistando para o país, o respeito mundial.  
Casamento emanando tanta felicidade  
Não conseguiu contornar a moda da  
infidelidade.

D. João primeiro surpreenderia o mundo,  
Não só graças à sua grande sagacidade,  
Preocupou-se por colocar ordem em tudo,  
Leis, finanças, justiça social, autoridade,  
Mas seu sonho era muito mais profundo,  
Estendia-se muito para além da racionalidade.  
Ceuta não foi um ensaio, foi acto de certeza,  
Seria o desfraldar da expansão Portuguesa.

Quatro anos foram investidos na preparação,  
Nenhum pormenor foi ao acaso deixado,  
D. Duarte, sucessor, bebia águas de  
ponderação,  
D. Henrique veio de lá, pelo mar, apaixonado,  
E as viagens conquistaram o outro irmão,  
D. Fernando e D. João não tinham  
acompanhado.  
Dezanove mil homens, mil setecentos  
marinheiros,  
E duzentos navios. Valorosos aventureiros.

Mil quatrocentos e quinze, Ceuta é tomada,  
Sem resistência inimiga, vá-se lá  
compreender,  
A causa da conquista nunca foi explicada,  
Religião, desejo de glória ou de combater,  
Dúvida, na história, eternamente marcada,  
Eram outros tempos, outros modos de viver.  
Tantas facilidades, Gomes Eanes de Zurara  
Dá-nos conta, com elas nem D. João I contara.  
Conquistada tão importante praça,  
Há que regressar à distante pátria amada,  
D. Pedro Meneses, homem de raça,  
E conde de Viana, assume a sua guarda,

Mouros tentarão quebrar tal estado de graça,  
A guarnição terá de ser reforçada.  
D. João tem consciência das dificuldades,  
Há que abrir corredor para suprir  
necessidades.

“Indultem-se os criminosos e condenados,  
Recompensem-se os nobres voluntários,  
Os Marroquinos não irão ficar parados,  
Precisamos de homens leais e extraordinários,  
Temos de nos saber fazer respeitados,  
Mostrando que não somos simples visionários.  
Sacrifícios, os Deuses, nos irão pedir,  
Não tenhamos medo, a vitória virá a seguir.”

Motivações que justifiquem a conquista,  
Continuam a gerar alguma discussão,  
Alguns historiadores seguem a pista  
Do sentimento da necessária expansão,  
Enquanto outros defendem saltar à vista  
Que o principal fundamento, foi a religião.  
Eram tempos onde esconder a verdade,  
Constituía estratégia de grande validade.

Invocar simples interesses económicos,  
Conhecia-se sua riqueza comercial,  
Seria comprometer desejos patrióticos,  
De mudar a rota para portos de Portugal.  
D. João I enviou embaixadores, heróicos,  
Como espiões, iam em viagem nupcial.  
Sicília seu hipotético destino, pedir a mão  
Da rainha, o móbil da viagem em questão.

O Infante D. Henrique assume o leme,  
Não de qualquer nau, mas dos  
descobrimientos,  
O mundo inteiro como que treme,  
Adivinham-se inesquecíveis momentos,  
Aos dezoito anos, o mar nos leve

Até Porto Santo, de mil e quatrocentos.  
João Gonçalves Zarco o navegador,  
Deste redescobrimento de grande valor.

Terra já conhecida, segundo a cartografia,  
Tal como sucedia com a ilha da Madeira,  
Onde, algum tempo mais tarde, chegaria  
O Luso navegador Tristão Vaz Teixeira,  
Fortes potencialidades, a terra oferecia,  
Seu povoamento seria prioridade charneira.  
Não se ignorava o interesse da coroa  
Castelhana,  
Era, como as canárias, vizinha da costa  
Africana.

Sua disputa conduziu a conflito ibérico,  
O primeiro motivado por razões  
expansionistas,  
Portugal continuou seu plano estratégico,  
Havia que ganhar avanço na guerra das  
conquistas,  
Como que jogavam um jogo algébrico,  
Descobrimo e escondendo novas pistas.  
Diogo de Silves navega em águas dos Açores,  
Mil quatrocentos vinte e sete. Bravos  
navegadores.  
Nesse mesmo ano chegam ao grupo oriental,  
Ilhas de São Miguel e de Santa Maria,  
Continuava o crescimento do reino de  
Portugal,  
Depois, todo o grupo central se descobriria,  
Terceira; Graciosa; S. Jorge; Pico e Faial,  
O grupo Ocidental, para mais tarde ficaria.  
Catorze de Agosto de mil quatrocentos trinta e  
três,  
D. João I despede-se do amado reino  
Português.

D. João não esquecer o território nacional,



Preocupando-se com leis que conduzissem o povo

A aceitar medidas de disciplina moral,  
Assim sonhava o que seria um reino novo,  
Disciplinando até, aspectos da vida sentimental:

“Clérigos com amantes, isso, não aprovo”  
Muitas mulheres abandonavam os maridos,  
Para viver com homens do clero. Bem servidos.

D. João quis ouvir a opinião popular,  
Não esquecendo princípios que defendera,  
Era evidente que o reino estava a atravessar  
Promissor e florido estado de primavera,  
Onde havia muita semente a lançar,  
Para que esta terra não fosse simples quimera.  
Conquistaria brilhante lugar na história,  
Eternizando-se como “O de Boa Memória”.

Na memória também seu desejo ficou,  
Ser enterrado no Mosteiro da Batalha,  
Morrendo em Lisboa, tal tarefa dificultou,  
Negar seu último desejo, ai Deus nos valha,  
Se essa vontade, el-rei expressou,  
Então que se cumpra sem qualquer falha.  
Durante um mês, o cortejo fúnebre, fluiu,  
Mas el-rei desejou e o povo cumpriu.

## D. Duarte

---

Morto D. João I, avança D. Duarte,  
Ano de mil quatrocentos trinta e três,  
Monarca que se interessou pela cultura e arte,  
E estimulou o expansionismo Português,  
Em Tanger não conseguiu colocar estandarte,  
Não vivendo a dor da morte do irmão, em Fez.  
D. Duarte viveria um curto reinado,  
Acabando por ser, pela peste vitimado.

Homem dedicado à escrita e à cultura,  
Do "Leal Conselheiro" seria o autor,  
Monarca bastante culto para aquela altura,  
Viu Gil Eanes dobrar o Cabo Bojador,  
A reforma da legislação teve a sua assinatura  
E revelou-se um rei de cariz conciliador.  
"Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda  
Sela"  
Constitui uma obra de literatura muito bela.

As cortes, cerca de cinco vezes, reuniram  
Se atentarmos que só reinou cinco anos,  
Tem de se admitir que poucos assim se viram,  
Havia que rectificar erros e enganos,  
O Dr. Rui Fernandes, e outros, anuíram  
Em colaborar com os interesses soberanos.  
O rei morreu ainda as reformas eram  
pequeninas,  
Revistas por D. Pedro, as "Ordenações  
Afonsinas".

D. Duarte revelou-se monarca preocupado,  
Gerar consenso, sua preocupação.  
Homem, pelo conhecimento, interessado,  
Escreveu "Leal Conselheiro", a moral e religião  
Constituem principal tema focado,

Não se quedando aqui tão fértil produção.  
“Livro de Ensinança de bem cavalgar  
Toda a Sela” manual para cavaleiros ensinar.

Foi ainda durante o seu reinado  
Que Sagres acolheu o Infante D. Henrique,  
Mil quatrocentos trinta e quatro, é dobrado  
O cabo Bojador, agora que bem claro fique  
Que todo o mito e medo está derrubado,  
E que o navegador Gil Eanes se glorifique.  
Angra dos Ruivos, ano seguinte, é atingida.  
Afonso Gonçalves Baldaia já ia de saída.

Mil quatrocentos trinta e seis, é vê-lo chegar  
A Rio do Ouro e Pedra da Galé.  
Mais um ano passa, a tragédia anda no ar,  
Organiza-se uma expedição, em nome da fé,  
Marrocos é o reino que se pretende atacar,  
Mas nem todos embarcam nessa maré.  
D. Pedro e D. João, Infante de Portugal,  
Não apoiam a ideias dos irmãos, mau sinal

A batalha resultaria numa enorme derrota,  
D. Fernando ficou detido em cativo,  
Portugal sofria ali humilhante afronta,  
Além de significar a perda de muito dinheiro,  
D. Duarte não tinha apoiado a aposta  
E lamentava ver seu irmão feito prisioneiro.  
D. Duarte foi casado com D. Leonor de Aragão,  
Nove filhos nasceriam desta união.

Não nascendo em ordem para reinar,  
Teve na morte, do mais velho, a aliada,  
Muitas alegrias, nos haveria de dar.  
A história Lusa começaria a ser narrada,  
Fernão Lopes de tal se irá encarregar.  
D. Duarte era senhor de cultura elevada.  
Seu pai, cedo lhe deu responsabilidade,  
Demonstrou merecê-la desde tenra idade.

## D. Afonso V

---

D. Afonso, futuro quinto de Portugal,  
Foi o terceiro na ordem natural de sucessão,  
D. João de Portugal morreu jovem, era normal,  
D. Filipa de Portugal, sorte igual ao irmão.  
D. Duarte teve ainda outro filho natural,  
Filho de Joana Manuel, uma anterior união.  
D. Maria de Portugal nasceria morta,  
D. Fernando de Portugal teria a glória à porta.

Seria o pai de futuro Rei de Portugal,  
D. Manuel primeiro, mais concretamente.  
D. Leonor de Portugal, teria casamento  
imperial,  
Frederico III, sacro Imperador, o nubente,  
Império Romano-Germânico na rota nacional.  
D. Duarte de Portugal, morreu precocemente.  
D. Catarina de Portugal, a penúltima da lista,  
D. Joana de Portugal, coroa de Castela  
conquista.

Henrique IV de Castela, quando decidiu casar,  
Escolheu mulher na corte Portuguesa,  
Em D. Joana de Portugal a escolha foi parar,  
Desse casamento nasceria Joana a Beltraneja,  
Que no trono Português se haveria de sentar.  
D. Afonso V lhe proporcionaria tal gentileza.  
Mesmo sendo seu tio, para esposa a escolheu,  
Tinha sangue Português, o povo Luso  
entendeu.

D. Duarte estava, há dois anos, morto,  
A regência de D. Leonor não agradava,  
D. Afonso, o sucessor, era ainda um garoto,  
O Povo, por novo regente, ansiava,  
O Infante D. Pedro personificava o rosto

Com que Portugal há muito sonhava.  
Conhecido como Infante das sete partidas,  
Aceitou as responsabilidades oferecidas.

Foi agraciado pelo imperador da Hungria,  
Segismundo, com o feudo de Treviso,  
Na ordem do Dragão, o Infante, se integraria,  
Estando com Portugal quando foi preciso,  
Cavaleiro da Ordem da Jarreteira se tornaria,  
Henrique IV de Inglaterra, seu tio, tratou  
disso.

Desposaria D. Isabel de Aragão, condessa de  
Urgel,  
A história fala-nos de um amor forte e fiel.

A história escreve-se por aminhos paralelos,  
Nem todos gostaram de o ter por regente,  
D. Afonso, seu meio-irmão e conde de  
Barcelos,  
Preferia D. Leonor, manipulava-a facilmente,  
Não eram tempos de exemplares modelos.  
D. Pedro é que parecia continuar indiferente.  
Num gesto de concórdia, e de esperança,  
Faz de D. Afonso o primeiro Duque de  
Bragança.

A regência mostra-se bastante activa,  
O país continua na onda da evolução,  
O Atlântico é explorado por sua iniciativa,  
Com o Infante D. Henrique na direcção.  
Mil quatrocentos quarenta e oito, efectiva,  
Para o sobrinho, D. Afonso V, a transição.  
Sente-se a influencia do Conde de Bragança,  
Não esconde os seus desejos de vingança.

D. Afonso V anula todos os éditos,  
Aqueles que foram por D. Pedro emanados,  
Abdicando, inclusive, dos reais créditos

Que determinavam poderes em si  
concentrados,  
Surgem então alguns boatos, nada inéditos,  
Que colocam tio e sobrinho desalinhados.  
Só mais tarde, El-rei descobre a asneira,  
Já o Infante morrera na batalha da  
Alfarrobeira.

Do casamento com D. Isabel de Aragão,  
Nasceram seis filhos, três de cada sexo.  
D. Pedro, Infante de Portugal, vive  
proclamação  
Que se revelará não ter qualquer nexos,  
Valencia estava ocupada pelo rival D. João,  
Reinaria em Aragão com pouco sucesso.  
Reveses militares, sofreria, amiúde.  
Ainda novo morrera com problemas de saúde.

Cristóvão Colombo, em Sagres terá estudado,  
Outro dos que se terá sentido atraído.  
Mil quatrocentos quarenta e oito, novo  
reinado,  
D. Afonso V assume o trono tão pretendido,  
Portugal vê-se em convulsões mergulhado,  
O novo monarca anula tudo que fora decidido.  
D. Pedro é considerado influência perigosa,  
D. Afonso V acredita numa mentira impiedosa.

D. Afonso, tio do monarca e Duque de  
Bragança,  
O conde de Ourém e o Arcebispo de Lisboa,  
Constroem rede de intrigas, com a esperança  
De que o monarca elimine D. Pedro, não foi à  
toa  
Que o fizeram, tratava-se de pura vingança.  
Enquanto regente chamara o poder à coroa.  
D. Afonso V não se apercebe de tal ratoeira,  
Desafia seu tio, dá-se a batalha de  
Alfarrobeira.

Ano de mil quatrocentos quarenta e nove,  
Vinte de Maio, muito mais concretamente,  
Nem o apelo de D. Henrique o demove,  
Fora teia tão forte e tecida tão habilmente.  
Não importando que o mundo não aprove,  
O confronto é inevitável, a batalha vai em  
frente.

D. Pedro é morto, o mundo condena tal  
vergonha,  
Surge D. Isabel de Portugal, Duquesa de  
Borgonha.

D. Isabel condena toda aquela crueldade,  
Acolhendo os sobrinhos na sua corte:  
D. Jaime, futuro Arcebispo da cidade,  
Lisboa, e seu futuro Cardeal, uma sorte.  
D. Pedro, Conde de Barcelona, mais tarde;  
D. Isabel, senhora de, pelo primo, amor forte.  
D. João, futuro príncipe de Antioquia.  
Gratos órfãos a tão generosa tia.  
D. Afonso V desdenha alguns feitos Lusitanos,  
Por qualquer motivo, ou simples retaliação,  
Concentra atenções nos territórios Africanos,  
Concedendo prioridade à sua exploração.  
D. Henrique não deixa de sentir alguns abanos  
Mas não desiste do seu sonho da navegação.  
O rei pressiona quem não pode protestar,  
Pobres e remediados, até os mortos têm de  
pagar.

D. Afonso V, com seu espírito guerreiro,  
E sonhando com as riquezas Africanas,  
Deseja combater Mouros pelo mundo inteiro,  
Apelando às boas almas Lusitanas,  
Mas não consegue um apoiante verdadeiro,  
Os nobres preferem coisas mais medianas.  
D. Leonor, irmã do rei, teve seu casamento

Pago pelos nobres, sem grande contentamento.

D. Afonso V tentou combater o adultério, Ordenações Afonsinas o celebre documento, Tratava-se de um problema grave e sério, Funcionários reais traziam, a todo o momento, Amantes para a corte. Deixou-lhes ao critério, Optarem entre as amantes e o real sustento. Crimes contra o património eram punidos, Revertendo para o reino, parte dos lucros obtidos.

Quem fosse, por furto, condenado, Melhor seria não voltar a desafiar a sorte, Corria o risco de acabar enforcado, Dois furtos no mesmo ano, pena de morte. D. Afonso V queria que o seu reinado Fosse de segurança e rigor bem forte. Mil quatrocentos quarenta e sete, casou, D. Isabel de Lencastre quem ele desposou.

Maio de mil quatrocentos setenta e cinco, Há praticamente vinte anos que enviuvara, A expansão prosseguia com algum afinco, Nuno Tristão já a Arguim chegara, Tal como à Terra Negra, abrindo o trinco Para a entrada em terras que sempre sonhara. Mil quatrocentos, plena década de quarenta, Mais ano, menos ano, pouco nos apoquentá.

António Fernandes atingira o Cabo dos Mastros, Algures entre o rio Gâmbia e Cabo Verde, Ambicionando objectivos muito mais vastos, D, Henrique chama Fra Mauro e lhe pede Que elabore mapa-múndi, segundo velhos rastros.



O religioso Veneziano não treme e pronto  
cede.  
Decorre o ano de mil quatrocentos e  
cinquenta,  
Que grande e forte mais-valia se acrescenta.

Mil quatrocentos cinquenta e dois, Portugal  
Vive tempos de grande prosperidade,  
Chega ouro, desde terras da África Meridional,  
Em grande, muito grande mesmo, quantidade,  
Cunham-se cruzados em ouro, nada é igual,  
Há que saber aproveitar riquíssima  
oportunidade.

João de Teive descobre as Flores e o Corvo,  
Portugal continua a trilhar um percurso novo.  
Mil quatrocentos cinquenta e três, o momento,  
Cai Constantinopla, capital do império

Bizantino,  
Para o exército Otomano, grande  
acontecimento

Que irá mudar o mundo e o Luso destino,  
Seu porto representava como que o grande  
centro

Das rotas entre Ásia e Europa. Corte  
repentino.

D. Henrique sente que é hora de investir,  
Outras rotas se têm de procurar e descobrir.

Otomanos bloqueiam as rotas comerciais,  
Começam a escassear sedas e especiarias,  
No Atlântico moram as esperanças nacionais,  
D. Henrique vê ali o futuro dos Lusos dias,  
Adivinham-se grandes batalhas internacionais,  
Espanhóis e Portugueses anseiam ser os guias.  
Movem-se por interesses que não a Fé,  
Neste mesmo ano, Nuno Tristão descobre a  
Guiné.

Na crónica da descoberta e conquista da  
Guiné,  
Datada de mil quatrocentos cinquenta e três,  
Gomes Eanes de Zurara descreve como é  
Que se deu a descoberta do navegador  
Português.  
Crónicas em que se pode acreditar, confiar até,  
Pois no momento exacto, o cronista as fez.  
Distintas poderão ser agora as interpretações,  
Valam o que valem, ninguém dará explicações.

Ano de cinquenta e cinco a decorrer,  
Mil e quatrocentos depois de Cristo,  
Bula Romanus Pontifex vai aparecer,  
Papa Nicolau V, onde está bem explícito  
Todo o poder que Portugal pode exercer  
Em terras e mares, algo nunca antes visto.  
Terras e mares descobertas a sul do Bojador,  
Terão os reis de Portugal como seu senhor.

António de Nóli, navegador Italiano,  
Explora a costa da Guiné, cinquenta e seis,  
Descobre algumas ilhas para o reino Lusitano.  
Bristol, cidade Inglesa para que sabeis,  
Assiste à chegada de navio, nesse mesmo ano,  
Com açúcar Madeirense, é bom que o  
saboreeis.  
Alargava-se a Lusitana fonte de riqueza,  
Levando, mares fora, a força da coroa  
Portuguesa.

João Gonçalves Ribeiro e Diogo Gomes  
Passaram A Gâmbia e o Senegal,  
Tempos de grandes aventuras e grandes  
nomes  
Que lutavam por engradecer o nome de  
Portugal.  
Sem querer arriscar a vida dos seus homens  
Preferiu não acostar, previa hostilidade local.

Com almadias de Mouros trocou, seda e  
Algodão,  
Em pleno rio, marfim e Malagueta em grão.

Demonstrando não bastar ser bom navegador,  
Rumou direito à Gâmbia, território conhecido,  
Com o régulo Frangasik fez trocas de valor,  
Oitenta e três quilos de ouro, terá conseguido.  
Além de, sob o grande mercado e centro de  
Cantor,  
Importantes informações ali ter colhido.  
O Povo Português mostrava-se um povo afoito,  
Decorria mil quatrocentos cinquenta e oito.  
D. Afonso V tinha sede de vingança,  
Nunca esquecera a morte de D. Fernando,  
Enquanto Portugal pelo mundo avança,  
Conquistar Tanger o vai atormentando,  
No ano de cinquenta e oito tenta, não alcança,  
O desespero é algo que o vai matando.  
A cidade se lhe apresenta como inexpugnável,  
Rei que se preze tem sempre razão  
justificável.

Cabo Verde viu Diogo Gomes ali chegar,  
Pedro de Sintra atingiu a Serra Leoa,  
O infante sentia sua determinação triunfar,  
Fora sua a iniciativa, sem apoio da coroa,  
Não hesitara, para na morte poder ofertar  
Tanta glória ao seu rei, ao povo e a Lisboa.  
Quantas vezes morre, na morte do fundador  
Todo o esforço desenvolvido pelo navegador.

Descobrir novos mundos, descobrimos nós,  
Mas não fossem velhas invenções  
Provavelmente não desataríamos tantos nós,  
Algumas chegaram-nos de passadas gerações,  
Inventando não se sentiriam tão sós,  
D. Henrique lhes agradeceu tais intenções.  
Alteração do tipo de leme, passou a central,

Constituiu-se como inovação fundamental

Desapareciam antigos lemes laterais,  
Aparecia grande invenção Chinesa,  
A Bússola. Mas ainda havia outro mais,  
O Portulano, carta de navegar, de Veneza.  
Todos estes instrumentos, deveras essenciais,  
Convergiram para áreas de terra Portuguesa.  
Três inventos que se combinaram  
E que tão longe e gloriosamente nos levaram.

Mil quatrocentos sessenta e um, inovação,  
Diogo Afonso, da escola de Sagres navegador,  
Experimenta novas técnicas de navegação,  
O quadrante mostra-se auxiliar facilitador,  
Latitudes pela estrela polar, mereceu  
aprovação,  
Explorava Cabo Verde e todo seu redor.  
Continuava assim a grande aventura Lusitana,  
Pedro de Sintra irá explorar a costa Africana.

Mil quatrocentos sessenta e dois decorria,  
Explorará entre a Baía De St<sup>a</sup> Maria das Neves  
E o Rio Geba, duas caravelas levaria,  
Mostravam ser embarcações fortes e leves.  
Diogo Afonso descobre S. Vicente; St<sup>a</sup> Luzia;  
St. Amaro e outras de Cabo Verde, viagens  
breves.  
Portugal oferecia novos mundos ao mundo,  
Descobrimo novas terras, segundo após  
segundo.

Mil quatrocentos sessenta e cinco, talvez,  
Nasce grande nome desta Lusa gente,  
Primeiro grande dramaturgo Português,  
Não é certo onde terá nascido Gil Vicente,  
Sabendo-se que teria origens de burguês,  
Senhor de uma inteligência muito à frente.  
Há quem o identifique como ourives também,

Atribuindo-lhe a autoria da Custódia de Belém.  
Mil quatrocentos sessenta e nove, há temor,  
D. Afonso quinto concede monopólio comercial,  
Fernão Gomes, um importante mercador,  
Explorará o Golfo da Guiné, pagando renda  
anual,  
Duzentos mil réis, será tal estipulado valor,  
Puro desinteresse ou outro qualquer motivo  
Real.  
João de Barros fala-nos de algumas condições,  
Desde a obrigatoriedade de novas explorações.

Cem léguas costa adiante, cada cinco anos,  
Não existindo pormenores desse avanço,  
Teria abrandado o interesse dos Lusitanos,  
Ou caído num falso e perigoso descanso,  
Nada disso, que se desfaçam todos os  
enganos,  
Avançavam, e até mais do que o esperanço.  
João de Santarém; Lopo Gonçalves; Pedro  
Escobar;  
Fernão Pó e outros, não paravam de avançar.

Ilha de S. Tomé, mil quatrocentos e setenta,  
Navegadores João de Santarém e Pêro  
Escobar,  
Outra que à já longa lista se acrescenta.  
Um ano depois Arzila e Tânger iremos  
conquistar,  
Mas agora, um novo desafio se nos apresenta,  
Apostar na política de Marrocos ou em  
navegar.  
O golfo da Guiné apresenta novas dificuldades,  
Resistência na África equatorial, outras  
adversidades.

A tomada de Arzila permite-nos recuperar  
Os restos mortais do Infante D. Fernando,  
Na capela do Fundador, Batalha, irão repousar.

D, Afonso V por Marrocos vai avançando,  
Tânger é tomada depois do chefe Mouro  
desertar,  
Terras por títulos os dois líderes vão trocando.  
O chefe Mouro torna-se no rei de Fez,  
Dando as terras a norte de Arzila ao rei  
Português.

Expedições Portuguesas chegam a Elmina,  
Onde o comércio de ouro florescia.  
João de Santarém, outro obstáculo elimina,  
Com Pêro Escobar, Cruzeiro do Sul descobria,  
Constelação que novas navegações, ilumina.  
João Gonçalves Zarco, neste ano morreria.  
Com estranha pneumonia, quantidade  
exagerada  
De joias nos dedos, Paulo II ia de abalada.

Mil quatrocentos setenta e dois, Ilha Formosa,  
Fernão do Pó, da descoberta será o autor,  
Trata-se uma ilha em África, descoberta  
valiosa,  
Hoje tem outra denominação e um outro  
senhor,  
Viagens difíceis as desta gente valorosa.  
Bioko, ex-Ilha do Pó, em memória do  
navegador.  
Após tantos anos sob domínio de Portugal,  
Tornou-se na ilha principal da Guiné Equatorial

Terra Nova vê chegar navegador Português,  
A pedra de Dighton indica João Vaz Corte Real,  
Seu filho Gaspar também lá foi uma vez,  
Viagem que se lhe terá revelado como fatal,  
Miguel, irmão do anterior, igual viagem fez,  
Pura ironia do destino, teve sorte igual.  
Pedra de Dighton, bloco de rocha com  
inscrições  
Que tem originado imensas superstições.

Ainda menos de um ano é passado,  
Já se ouve falar de outro feito Português,  
Lopo Gonçalves vê o Equador ultrapassado  
Dá seu nome ao cabo, hoje Cabo Lopez.  
Açúcar da Madeira é, em Rouen,  
desembarcado,  
Andamos por mil quatrocentos setenta e três.  
O mundo dobra-se perante Portugal,  
Nada impede nossa caminhada triunfal.

Ano de mil quatrocentos setenta e quatro,  
D. João II introduz profunda alteração,  
Ainda príncipe demonstra não ignorar o facto  
De nem tudo ir bem na política de expansão,  
Portugal tem de empenhar-se no acto,  
Monopolizando o processo de transacção.  
Só os capitães e soldados das fortalezas  
Poderão comprar ouro. Defesa das riquezas.

Não poderão comprá-lo assim à toa,  
Só até ao montante do seu salário,  
E, assim que mal pisarem terras de Lisboa,  
Convertê-lo em moeda, extraordinário  
Esquema, onde a mercadoria se escoar,  
Impedindo que caminhe em sentido contrário.  
Muito este remoto tempo nos ensina,  
Nada se descure, funda-se a Casa da Mina.

Aqui se superintendem todas as actividades,  
Nada mais será igual, tudo mudará,  
Luso êxito que tantas e tantas curiosidades,  
Aos do reino de Castela suscitará,  
Manda, D. João, esconder as verdades  
Sobre as cargas que nossa marinha trará.  
Portugal navega em frente, nada o desvia,  
Dão-se primeiros passos na Cartografia.

O Ouro, até às águas Atlânticas é atraído,  
As caravanas do Saara perdem suas rotas,

Um novo poder começa a ser erigido,  
Portugal afasta os ventos das derrotas,  
Junta dos Cosmógrafos aponta novo sentido  
Impulsionando e controlando nossas frotas.  
Anos seguintes seriam de alguma acalmia,  
O mundo parecia adivinhar o que aí viria.

Ano de mil quatrocentos setenta e nove,  
Portugal prepara grandes conquistas,  
O mundo em torno de Castela se move,  
Navegadores Lusos seguem novas pistas.  
Casam-se os Reis Católicos, que se prove  
Serem monarcas de largas vistas,  
Unem-se os reinos. Portugal, sem medo,  
Negoceia o tratado de Alcáçovas e Toledo.

Procura-se proteger novas descobertas,  
Os dois reinos negoceiam a Paz,  
Sente-se que novas portas foram abertas,  
Grande divisão do mundo se faz,  
Madeira, Açores e Cabo Verde estão certas,  
Portugal revela-se negociador audaz.  
Castela renuncia navegar a sul do Bojador,  
Canárias, constituem sua conquista maior.  
Dois hemisférios dividiam o mundo a metade,  
Terras descobertas, e todas a descobrir,  
Situadas a norte tronar-se-iam propriedade  
De Castela, enquanto o que a sul se vir  
Terá o reino de Portugal como sua entidade  
Dominadora, era o espírito Luso a emergir.  
Portugal podia progredir a sul e a oriente,  
Castela tinha o Novo Mundo à sua frente.

Nascia, em Toledo, decisão provocatória,  
"Mare Clausum" segundo o qual,  
O paralelo das Canárias virava linha divisória,  
Que concedia plenos direitos a Portugal,  
Monopólio no Atlântico Sul, bela vitória  
Na guerra de controlar o comércio naval.



Vive-se o ano de mil quatrocentos e oitenta,  
Portugal sente que o futuro se apresenta.

Mil quatrocentos oitenta e um,  
Portugal tem mar aberto para triunfar,  
D. Afonso V evita qualquer zunzum,  
Novo diploma que irá confirmar  
D. João responsável único, mais nenhum,  
Pela organização das viagens a efectuar.  
"...sabemos certo que ele dá per si,  
e per seus oficiais...". Está próximo seu fim.

Ainda em vida do pai, o infante D. João  
Organiza uma importante viagem,  
A primeira do navegador Diogo Cão,  
Começam a soprar ventos de viragem  
Nos destinos da gloriosa Lusa navegação,  
Não nos faltam homens de grande coragem.  
Toda a costa, até ao Padrão de St<sup>o</sup> Agostinho,  
É estudada, Diogo Cão não viaja sozinho.

Leva consigo todo um nobre povo  
Que nunca deixou de acreditar  
Na descoberta de um mundo novo.  
D. Afonso V prepara-se para nos deixar.  
D. João segundo recebe o covo,  
Que seu tio-avô nos deixou para cuidar.  
Morre o rei, continua o sonho Lusitano,  
D. Afonso V ficaria como "O Africano".

Entretanto, volta de mil quatrocentos oitenta,  
Nascera Fernão de Magalhães, não é certa  
A data em que tal acto se deu, atormenta  
Ver como tal janela da história fica aberta,  
Muitas as justificações com que se argumenta,  
Até sua terra de nascimento é algo incerta.  
Nascido em terras do Norte, isso é certeza,  
Cedo veio para pajem da Rainha Portuguesa.



Navegação de toda a costa Africana,  
Algo que se regista neste reinado,  
Fracos resultados não abalam a alma Lusitana,  
Assinala-se o de mais significativo alcançado,  
Cruz de Cristo, nos marcos, Fé que emana.  
Atinge-se o Rio Zaire, um ano após ser  
coroadado.  
Mil quatrocentos oitenta e dois, nem mais,  
Com o Rei do Congo se criam relações  
comerciais.

## D. João II

---

D. João II revela-se um entusiasta  
Da continuação dos descobrimentos,  
Compreende que a aristocracia não acata,  
Pelo menos de boa vontade, tais sentimentos,  
Sentindo-se traído, seu primo mata,  
E à casa de Bragança tira argumentos.  
Nunca abdicando do direito à autoridade,  
D. João demonstrava forte personalidade.

Navegação de toda a costa Africana,  
Algo que se regista neste reinado,  
Fracos resultados não abalam a alma Lusitana,  
Assinala-se o de mais significativo alcançado,  
Cruz de Cristo, nos marcos, Fé que emana.  
Atinge-se o Rio Zaire, um ano após ser  
coroadado.  
Mil quatrocentos oitenta e dois, nem mais,  
Com o Rei do Congo se criam relações  
comerciais.

Ainda no decorrer deste mesmo ano,  
Nasce, S. Jorge da Mina, importante fortaleza,  
Era o afirmar do império Lusitano,  
O início da grande expansão Portuguesa,  
Algumas bandeiras ganhavam Luso pano,  
Arzila, Alcácer Ceguer e Tânger, uma beleza.  
Ouro. Malagueta e comércio esclavagista,  
Justificavam tão grande empresa de conquista.

D. João segundo não se deixava ludibriar,  
Nem ambicionava fazer tudo sozinho,  
Cristóvão Colombo não podia imaginar  
Como El-Rei já lhe sabia seu caminho,  
Por ali, nunca à Índia poderia chegar.  
Diogo Cão navegou além do cabo Stº  
Agostinho.

O navegador Genovês propunha ir por  
ocidente,  
D. João pretendia contornar África pelo  
Oriente.

El-Rei de Portugal teria futuro bonito,  
Não podendo descurar caminhar em frente,  
Enquanto Diogo Cão atingia o Lobito,  
Lisboa vê nascer algo de tudo diferente,  
Galeão de dez mil tonéis, que seria descrito  
Como o maior do seu tempo e resistente.  
Forte, tão forte, que nem as balas o  
perfuravam,  
Afastar navios corsários que nos atacavam.

Não se ficava por aqui a real acção,  
Havia que defender os tesouros no mar,  
Armavam-se os navios, e sua modernização  
Era algo que D. João II não iria descurar.  
Oitenta e cinco, novo avanço de Diogo Cão,  
Serra Parada, ainda neste ano lá irá voltar.  
Depois da ilha de Ano Bom, ter descoberto,  
Um de Janeiro. Navegador ousado e esperto.

Pedro Reinel, cartógrafo deveras importante,  
Elaborou a primeira carta de marear assinada,  
Portuguesa, representando terra distante.  
Portulano, assim tão original carta era  
chamada,  
Reflectia as viagens de Diogo Cão. Vida  
abundante,  
Que fez de Portugal uma nação admirada.  
Outros cartógrafos de grande renome,  
Estiveram ao serviço de tão grande homem.

Ano de mil quatrocentos oitenta e sete,  
D. João II não teme continuar a sonhar,  
Em grande jornada de expansão se mete,  
Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã vão buscar

Informações sobre o Índico. O futuro promete  
Sorrir a quem no mundo deseja mandar.  
Bartolomeu Dias, ao comando de três  
caravelas,  
Irá escrever uma das nossas páginas mais  
belas.

Ainda neste mesmo ano, oitenta e sete,  
Grande acontecimento assinala sua presença,  
Numa Judiaria de Faro há quem se apreste,  
A dar a Portugal, contacto com a imprensa,  
"O Pentateuco", há exemplar que o ateste.  
Primeiro livro que aqui teve a sua nascença.  
Antes, outros livros poderão ter surgido,  
Mas todas as provas terão desaparecido.

D. João II nunca perdeu a confiança  
De fazer de Portugal, o império maior,  
Bartolomeu Dias alimentou tal esperança,  
Ao dobrar as Tormentas de todo o navegador,  
Mil quatrocentos oitenta e oito, avança  
Para essa dobragem de incomparável valor.  
Eis que a porta ficava assim aberta,  
Para se sonhar com a maior de toda a  
descoberta.

Fosse por obra de um Rei sonhador,  
Ou por uma firme e Lusa determinação,  
Portugal sentia soprar vento a favor  
Do maior feito da epopeia da navegação,  
Quais Colombo ou outro navegador,  
D. João II olhava o futuro com convicção.  
Alexandre II cede, a Espanha, terras  
Americanas,  
Eram já outras as ambições Lusitanas.

Que importa discutir tais terras e ilhas,  
D. João II espalha seu olhar mais além,  
Defende Lusos interesses em Tordesilhas,

Vendo mais longe que outro alguém,  
O mundo é assim alvo de partilhas,  
Só Portugal e Espanha, mais ninguém.  
Argumenta, fortemente, o rei de França,  
Advinham-se tempos de pouca bonança.

Contesta as pretensões do rei Português,  
“Gostaria de ver a cláusula de Adão  
Que me exclui da partilha do mundo.” O  
Gaulês

Não aceita a Bula Papal, quer anular a decisão,  
Alexandre II tal vontade não lhe satisfaz,  
Navios Portugueses sofrem feroz perseguição.  
Portugal mostrou ao mundo, neste tratado,  
A inteligência de que El-Rei era dotado.  
D. João II morreria um ano mais tarde,  
Não viveria o momento da glória,  
A morte o atraçou de forma cobarde,  
Mas não o afastou da Lusa história,  
Seria D. Manuel a viver a felicidade  
De assistir a tão esplendorosa vitória.  
Muito fez El-Rei D. João II por Portugal,  
Legando-nos império de grandeza mundial.

Até então, os castelos integravam as prisões,  
Onde não os houvesse, servia qualquer  
espaço,  
Como por exemplo nas pequenas povoações,  
Pouco importando se era ou não escasso,  
Nem se olhando a qualquer tipo de distinções,  
O crime era visto como o caminho do fracasso.  
D. João manda construir a prisão do Limoeiro,  
Nosso estabelecimento prisional pioneiro.

Os nobres nem só sofreram perseguições,  
Também viram uma lei ser publicada  
Onde lhes eram impostas duras proibições,  
O uso da seda, matéria tão apreciada,  
Era-lhes vedado, duras e morais humilhações

Que deixaram a nobreza revoltada.  
Só uma vez foi levantada, uma única  
excepção,  
Casamento de D. Afonso e D. Isabel de  
Aragão.

D. João II pensava em tudo o que fazia,  
Não foi ao acaso que aceitou os Judeus,  
Espanha expulsava-os, ele, com diplomacia,  
Ambicionava os grandes bens que eram seus,  
Aceitando os ricos em troca de boa quantia,  
Oferecendo uma estadia temporária aos  
plebeus.  
Dando provas de ser homem muito esperto,  
Organiza primeiro serviço de informações  
secreto.

D. Afonso era herdeiro de D. João segundo  
D. Isabel de Aragão herdeira dos Reis  
Católicos,  
O rei Português sonhava dominar o mundo,  
Tal casamento tinha interesses patrióticos,  
Unir as duas coroas. D. Afonso era, no fundo,  
A esperança para atingir tais feitos heróicos.  
Todo o sonho real se desfez num instante,  
Um acidente a cavalo tirou a vida ao infante.

A morte de D. Afonso o coloca num dilema,  
Quem nomear seu legítimo sucessor,  
Tenta D. Jorge, filho bastardo, um problema,  
Escolhe D. Manuel, irmão de D. Leonor,  
Talvez para não provocar grande celeuma,  
Ou para lhe atenuar um pouco a dor.  
Ano de noventa e cinco, diz adeus à vida,  
Vinte e cinco de Outubro, está de partida.

Desaparecia o Príncipe Perfeito,  
Como na lusa história ficou cognominado,  
"O Tirano" como a nobreza marcou o jeito

Com que viu partir quem a tinha desafiado,  
"O Homem", homenagem que lhe terá feito  
Isabel a Católica, num modo aliviado.  
D. João II ousou sonhar um reino poderoso,  
Não temendo nem o Cabo mais tenebroso



## D. Manuel I

---

Não conseguindo seu filho, D, Jorge, impor,  
D. João II decidiu escolher seu cunhado,  
D. Manuel, como seu verdadeiro sucessor,  
Em noventa e cinco, este se viu coroado,  
Esperava-o uma época de enorme fulgor,  
Que o deixaria conhecido como o Afortunado.  
Chegando ao trono de modo algo sinuoso,  
Fez por merecer o cognome de "O Venturoso".

Querendo agradecer o apoio do povo,  
Estava ciente que não era seu aquele papel,  
Convocou as Cortes de Montemor-O-Novo,  
Onde manifestou que se manteria fiel  
Às doações feitas, não lhe faziam estorvo,  
Utilizava grande subtileza, El-Rei D. Manuel.  
Mandou chamar os nobres que tinham fugido  
Às injustiças de D. João II, revelava-se sabido.

D. Manuel, recebendo o ambicioso projecto  
Do caminho marítimo para a Índia,  
Mostraria ao mundo ser homem esperto,  
Alta classe com bons olhos não o via,  
Contentando-se com comércio mais perto,  
O monarca convenceu-os desta mais-valia.  
Nasce a figura do velho do Restelo, pessimista  
Que não acredita no êxito de tal conquista.

El-Rei não desanima nem perde o norte  
Apoia-o D. Leonor, irmã do soberano,  
Que também se vê bafejado pela sorte  
Para tão ambicioso projecto Lusitano,  
Abraão Zacuto traz um contributo forte,  
"Tábuas Almanach Perpetuum", decano.  
O Sol passava a ser precioso auxiliar náutico,  
Calculavam-se latitudes de um modo prático.

Tábuas que em conjunto com o Astrolábio,  
Se revelariam de importância determinante,  
Futuros navegadores, num manejar sábio,  
O aperfeiçoariam num evoluir constante,  
Tais ensinamentos, presentes num Alfarrábio,  
Seriam essenciais para viagens a jusante.  
D. Manuel reinava com grande determinação,  
Sentia aproximarem-se dias de glorificação.

Mil quatrocentos noventa e sete, oitavo dia  
Do mês de Junho, inicia-se a ansiada  
expedição,  
Nada se vira assim, meio mundo percorreria,  
Levando no convés grande e Lusa ambição,  
À descoberta de tão desejado caminho  
conduziria,  
Portugal antecipava-se na rota da globalização.  
Vasco da Gama fora o capitão escolhido,  
Ocupando um lugar por seu pai já preenchido.

Estevão da Gama era o preferido de D. João II,  
Ambos tinham entretanto falecido,  
Seria então seu filho a descobrir novo mundo,  
Depois de muitos perigos ter vencido,  
Inclusive, nas Canárias, um nevoeiro profundo  
Que deixa as naus a navegarem sem sentido.  
Oito de Junho não foi a data de partida,  
Somente um mês mais tarde estariam de  
saída.

Oito de Julho, após a missa vai-se em  
procissão,  
Toda a corte Portuguesa está presente,  
Os navios, ancorados no Tejo, marcam a  
direcção,  
Ermidinha do Restelo, ali mesmo à frente,  
Desfraldam-se bandeiras, aperta-se a mão  
E lá partem com o sonho da glória na mente.

Três carracas S, Miguel, S, Rafael e S, Gabriel,  
E a caravela, Bérrio, diziam adeus a D. Manuel.

Vasco da Gama comandava a S. Gabriel,  
A caravela Bérrio comandada por Nicolau  
Coelho,  
Paulo Gama, seguia no comando da S. Rafael,  
Assim zarpavam do cais do Restelo  
Levando Gonçalo Nunes no comando da S.  
Miguel,  
De acordo com a única crónica, de Álvaro  
Velho.  
Em terra deixam ansiedade, medo e  
esperança,  
Levando consigo Fé, coragem e muita  
confiança.

Quinze de Julho, chegam ás Canárias,  
Um tremendo nevoeiro faz dispersar as Naus,  
Navegar significava dificuldades várias,  
Não desanimam, rezam por dias menos maus,  
Revelando fé, coragem e força extraordinárias,  
Que os levam a superar difíceis degraus.  
Reencontram-se em Cabo Verde, como  
planeado,  
Ainda o mês de Julho não se dera por  
terminado.

Foi no dia vinte e sete, mais concretamente,  
Todos os navios podiam prosseguir viagem,  
Nada consegue amedrontar tão valorosa  
gente,  
Fazem-se de novo ao mar com toda a  
coragem,  
Levando no pensamento seguir em frente,  
Medo ou fracasso não cabiam na sua bagagem.  
As naus levando a bandeira de Portugal,  
Chegam, vinte cinco de Dezembro, a Natal.

Muito antes de aqui terem aportado,  
Tiveram de passar o Cabo da Boa Esperança,  
Onde curioso episódio se terá passado,  
Os marinheiros deixaram entrar a desconfiança  
Ao verem o mar em tal estado agitado,  
Verdadeira montanha de água que tudo  
ameaça.  
Vagalhões enormes impedem-nos de respirar,  
Os porões são alagados, temem naufragar.

Mau tempo que não permite preparar comida,  
A fome se dá a conhecer, grande  
contrariedade,  
As naus parecem cabritos numa louca corrida,  
Controlar a tripulação nada tem de facilidade,  
Os marinheiros começam a temer pela vida,  
Procurando impor, ao comando, a sua  
vontade.

Vasco da Gama, homem de forte querer,  
Grita a todo o instante “É vencer ou morrer”.  
Quanto mais os marinheiros lutavam,  
Mais as vagas se mostravam revoltadas,  
As dificuldades nas naus engrossavam,  
Fome e desânimo bailavam de mãos dadas,  
Enquanto as tripulações se sublevavam  
E ideias de regresso se tornavam aliadas.  
Admitiam mesmo aprisionar o capitão,  
Apossar-se da nau e mudar de direcção.

Nicolau Coelho, homem valente e leal,  
Compreendendo que o caso era sério,  
Tomou decisão que se revelaria como vital,  
Mudou de rumo e fez emparelhar a Bérrio  
Com a S. Gabriel, fingindo rumar a Portugal,  
Ficando Vasco da Gama a pensar no mistério:  
“Senhor, devemos procurar abrigo na costa,  
Ou o fazemos nós, ou eles, em plena revolta.”

Palavras que soaram estranhas ao  
comandante,  
Conhecia bem o capitão, meditou  
E apercebeu-se que era aviso importante,  
Agiu depressa, quase tão depressa como  
pensou,  
"Senhor Nicolau Coelho, não desejo ir avante,  
Também desejo voltar, bastante temeroso  
estou,  
Que cada um assine o documento que vou  
redigir,  
Preciso justificações quando El-rei mas pedir."

Ninguém ousou recusar assinar tal documento,  
Convencidos que lhe seria feita a vontade,  
Vasco da Gama sentiu ser chegado o momento  
De todos conhecerem a sua personalidade,  
Voltou a falar aos marinheiros, com  
sentimento,  
Mentia-lhes com o que pensavam ser a  
verdade:  
"Não será necessário que todos assinem,  
Bastarão aqueles pela cultura náutica se  
definem."

Nicolau Coelho, três terá indicado,  
Sendo estes conduzidos à S, Gabriel,  
Vasco da Gama levou-os ao camarim  
reservado,  
Acompanhado por gente sua fiel,  
Ainda mal os três homens tinham entrado  
Já se viam agarrados, de forma cruel.  
Foram então conduzidos ao tombadilho:  
"Olhem, olhem, ainda querem sarilho?"

Sei que haveis conspirado contra Portugal,  
Agora de nada vos servirá qualquer motim,  
Afora o vosso capitão, não tendes igual  
Que vos conduza a embarcação a bom fim,

Ficai todos sabendo que o sonho real  
Continua totalmente vivo dentro de mim.  
Agora, nenhuma vaga nos fará frente,  
Rumo à glória ou à morte, ilustre Lusa gente.”

Foram meses e meses, seguidos a navegar,  
Até voltarem a avistar terras do litoral,  
Vinte cinco de Dezembro, para celebrar  
Só lhe poderiam chamar Terra de Natal,  
Maneira diferente de tal data festejar  
Tão distantes estavam do reino de Portugal.  
Ultrapassaram Moçambique e Mombaça,  
Seu destino estava traçado, dádiva de graça.  
Um piloto Árabe, em Melinde contratado,  
Vai ajudá-los a contornar dificuldades,  
Aprestam-se para penetrar mundo vedado,  
Terra Muçulmana onde não têm amizades.  
Mil quatrocentos noventa e oito é chegado,  
Aproximam-se tempos de grandes novidades.  
Vinte de Maio, atingem terras de Calecute,  
Sua chegada, depressa, pela zona se  
repercute.

Vasco da Gama navegava rumo à glória,  
D. Manuel I caminhava para a viuvez,  
Enquanto uns saboreavam vitória,  
D. Isabel de Castela deixava o rei Português,  
Foi ultrapassada por tão forte história,  
De nada lhe valendo casar-se segunda vez.  
Esposa do herdeiro ao trono de Portugal,  
Seria com D. Manuel que atingiu coroa real.

Ano de mil quatrocentos noventa e nove,  
Agitam-se as águas do Tejo e do País,  
A nau Bérrio transporta a notícia tão feliz,  
Portugal vive horas de felicidade, comove  
Ver uma Nação vibrar com feito de tal cariz.  
A gente de Lisboa para o Tejo se move.  
Vasco da Gama ficara na Índia a negociar,



Neste mesmo ano, Portugal o veria regressar.

Vasco da Gama traz importante carta,  
Do Samorim, dirigida ao Rei de Portugal,  
Na qual, o governante local retrata,  
A riqueza daquelas terras, riqueza natural,  
Pedras preciosas e especiarias que se farta,  
Aceitando trocá-las por ouro, prata e coral.  
D. Manuel I, como não será difícil de adivinhar,  
Sentiu que agora ninguém o podia criticar.

Não há tempo a perder, nesse mesmo ano,  
Há que preparar e enviar nova armada,  
É fundamental alicerçar o feito Lusitano,  
Será por Pedro Álvares Cabral comandada,  
Irá estabelecer relações com o poder  
Muçulmano,  
Promover o comércio e regressar carregada.  
Composta de dez Naus e três caravelas,  
Mais de mil e quinhentos homens navegam  
nelas.

Nove de Março de Mil e quinhentos,  
Missa solene com a presença de toda a corte,  
Não será difícil adivinhar os pensamentos,  
Que Pedro Álvares Cabral tenha sorte,  
Comanda uma equipa de valorosos elementos,  
Que constituem uma aposta bastante forte.  
Entre outros Bartolomeu Dias e Nicolau  
Coelho,  
No Restelo já não se teme o tal de velho.

A armada vai-se afastando de águas de  
Portugal  
Quarenta e três dias a navegar em alto mar,  
Vinte e dois de Abril, avistam o Monte Pascoal  
Não pode ser, pensam-se a dormir e a sonhar,  
Pedro Álvares Cabral lança-lhes um sinal,  
Era mesmo ali que tinha intenções de aportar.

A guarnição compreende, não é engano puro,  
Fundeião em águas de Porto Seguro.  
Bahia de St<sup>a</sup>. Cruz Cabrália, concretamente,  
Por ali ficam até ao dia dois de Maio,  
Alguns marinheiros encantam aquela gente,  
Mas a maioria recebe-os com olhar de soslaio  
Diogo Dias, navegador bastante experiente,  
Um dos que provoca um ou outro desmaio.  
Pero Vaz de Caminha acabará por o descrever  
Como sendo homem gracioso e de prazer.

Carta do achamento do Brasil, não descoberta,  
Dez de Agosto, Cabo da Boa Esperança  
dobrado,  
Diogo Dias deixa os companheiros, não é certa  
Se foi de livre vontade ou se foi obrigado  
Por alguns ventos mais fortes, mantém-se  
alerta  
E vai em busca de novas terras noutro lado.  
Chega a uma Ilha, S. Lourenço lhe irá chamar,  
Mudam os tempos e hoje é Madagáscar.

Conseguiu, talvez graças ao acaso,  
Ser o primeiro Português a viajar  
Pelo Mar Vermelho, um simples atraso  
Pode evoluir para um enorme avançar,  
Nem tudo será assim tão claro e raso,  
São factos herdados não os tentemos alterar.  
Regressa a Portugal com sete homens apenas,  
A Lusa história vive destas histórias pequenas.

Ano de mil quinhentos e um, Calecute,  
Pedro Álvares Cabral anuncia sua chegada,  
Nem tudo é pacífico, com o Samorim discute,  
Ocorrem confrontos, a relação é cortada,  
Cochim é alternativa para que ali se execute  
A feitoria tão necessária e, agora mais,  
desejada.  
D. Manuel I prepara a terceira expedição,



Por João da Nova comandada, importante missão.

Mil quinhentos e quatro, Pedro Reinel,  
Elabora a primeira carta náutica,  
Conhecida, com as latitudes no papel,  
Importante avanço, torna mais prática  
A sua leitura. Determinado, D. Manuel  
Vence aquela incerteza tão dramática.  
A rosa-dos-ventos é, pela primeira vez,  
Representada, glória do povo Português.

Ano de mil quinhentos e seis a decorrer,  
Lourenço Almeida atinge o Ceilão,  
O mundo não pára de se surpreender  
Com a Lusa capacidade de expansão.  
D. Manuel I sente o sangue Luso a ferver  
No calor de tanta conquista e afirmação.  
Portugal é senhor de todos os mares,  
Seus navegadores são homens ímpares.

Ano de mil quinhentos e oito, derrota pesada,  
Lourenço de Almeida não consegue resistir  
Ao ataque vindo de uma poderosa armada,  
Dos Mamelucos do Egipto, não pôde fugir,  
Foi morto, e nossa armada, bastante  
destroçada,  
Retirou-se para Cochim, para depois reagir.  
Os Mamelucos usavam poderosa artilharia,  
Sabe-se que eram os Turcos quem lha  
fornecia.  
Mil quinhentos e nove, ilha de Sumatra,  
Maior ilha que a Indonésia detém totalmente,  
Sente curiosidade pelo navio que ali atraca,  
Navegadores Lusos comportam-se  
cordialmente  
A desconfiança revela-se sempre nefasta,  
Portugueses conquistá-los-ão pacientemente.  
D. Manuel I vai assim conquistando o mundo,

Sentindo-se grato a El-Rei D. João Segundo.

Neste mesmo ano, paira no ar a vingança,  
D. Francisco de Almeida. Vice-Rei,  
Ainda chora seu filho, sempre na esperança  
De o vingar e impor sua vontade e lei,  
Três de Fevereiro, armada Portuguesa avança,  
Sem dó nem piedade, mortes que nem sei.  
Fernão de Magalhães é elemento activo,  
Mostrando-se soldado determinado e  
combativo.

Afonso de Albuquerque conquista Goa,  
Decorre o ano de mil quinhentos e dez,  
Envolve-se numa discussão, talvez à toa,  
Com Francisco de Almeida, o rei Português  
Resolve acabar com a questão, decisão boa  
Que os deixará satisfeitos, todos três.  
Francisco de Almeida defendia o poder no mar,  
Afonso de Albuquerque na terra, toca a  
conjugar.

Portugal continua a avançar, como o  
calendário,  
Na corrida do tempo, novo ano se anuncia,  
Afonso de Albuquerque, novo feito  
extraordinário,  
Conquista da Malásia, Malaca então se dizia,  
Encetando esforço diplomático revolucionário.  
Portugal avançava, já nada surpreendia.  
Pretendia o navegador, que comerciantes  
Chineses  
Fizessem eco das boas relações com os  
Portugueses.

Mil quinhentos e onze evolui coma expansão,  
Afonso de Albuquerque envia um emissário  
À actual Tailândia, antigo reino do Sião,  
Queriam Malaca, revelando-se temerário,

Duarte Fernandes, concretiza a Lusa intenção,  
Portugal e Sião estabelecem acordo conciliário.  
Primeiro europeu a viajar num junco Chinês,  
Ah mundo, quanto deves ao mundo Português.

Afonso de Albuquerque não parava,  
Novembro, descobre a ilha das especiarias,  
Localização secreta que há muito procurava,  
Actua, pilotos Malaios servem de guias  
À armada que para o sudeste Asiático rumava,  
Ilhas Banda, nas Molucas, estão a pouco dias.  
António de Abreu e Francisco Serrão  
Comandam os navios desta nova expedição.

Nem só na Índia se expande Portugal,  
Diogo Álvares atinge o Caramaru, na Bahia.  
Mil quinhentos e onze chega ao final,  
O ano seguinte traz nova onda de alegria,  
Nem sempre tudo o que é mau acaba mal,  
Francisco Serrão decerto assim o diria.  
Perto de Ceram, Ilhas Moluca, vai encalhar,  
Logo, o sultão de Ternate se apresta a ajudar.  
Não é por puro acaso que o Sultão o faz,  
Espreita ali uma oportunidade verdadeira  
De promover não só um pacto de paz,  
Também aliança com forte nação estrangeira,  
Os tripulantes Portugueses, tara terra traz,  
Sem querer, abre-se ali uma nova fronteira.  
Edifica-se o Forte de S. Baptista de Ternate,  
Passagem para o Pacífico, novo muro se abate.

Acalma-se um pouco a sede de expansão,  
Mil quinhentos e treze trará novas investidas,  
Jorge Álvares ao sul da China, zona de Cantão,  
Aí, algumas negociações são estabelecidas,  
Feitorias muito importantes na afirmação  
Do poder de uma das nações mais temidas.  
Entrepasto de Macau ali se começou a formar,  
Foi o primeiro europeu a, Hong Kong, visitar.



D. Manuel I, apenas um ano mais tarde,  
Encarrega Lopo Homem, cartógrafo Português,  
De superar grande e manifesta dificuldade,  
Fazer e emendar todas as Bússolas, assim o  
fez,  
Este importante cosmógrafo mostra habilidade  
E repara os problemas dos navios, de vez.  
Noutros inventos se haveria de aventurar,  
Conseguindo seu lugar na história conquistar.

Ano de mil quinhentos e dezanove,  
Portugal não pára de surpreender o mundo,  
D. Manuel I, suas influencias move,  
A ciência náutica ganha fulgor profundo,  
El-Rei de Portugal quer que o mundo prove  
O sabor do êxito Lusitano, êxito rotundo.  
Elabora-se em terras de Portugal  
Atlas que atingirá fama internacional.

Lopo Homem, Pedro e Jorge Reinel,  
Cartógrafos de classe reconhecida,  
Irão trabalhar e passar para o papel,  
Linhas e desenhos, tela bem colorida,  
Onde representavam, de forma fiel,  
As descobertas, e uma mensagem escondida.  
Tentavam dissuadir a circum-navegação  
Que se sabia, em Sevilha, estar em  
preparação.

Fernão Magalhães atinge o Rio de Janeiro,  
Hernan Cortés conquista terras Mexicanas,  
Nada que possa assustar D. Manuel primeiro,  
Não englobavam as descobertas Lusitanas,  
El-Rei tinha agora como objectivo derradeiro  
Ir além de cartas náuticas simples e medianas.  
Desponta o cartógrafo Fernão Vaz Dourado,  
Um dos melhores do seu tempo, considerado.

Mil quinhentos e vinte decorria,  
Suas cartas apresentam algo inovador,  
Em grande escala, as desenvolvia,  
Tornando mais fácil a leitura, ao navegador,  
A influência de Ptolomeu se desvanecia,  
Atingia-se mais precisão e pormenor.  
Ptolomeu foi extraordinário, não nego,  
Astrónomo, matemático e geógrafo Grego.  
Pode-se dizer que foi o pai da cartografia,  
Durante muitos anos sua influencia se notou,  
Nasceu no século I e viveu em Alexandria,  
Geocentrismo, doutrina que o apaixonou,  
Terra como centro do mundo, ele defendia,  
Cometeu erros nos seus estudos, mas  
falsificou.  
Seus trabalhos revelaram-se importantes,  
Nunca mais se viram os astros como antes.

Mil quinhentos e vinte e um a decorrer  
Ilustre navegador da coroa de Espanha,  
Descobre as Filipinas, Lusitano tinha de ser,  
Fernão de Magalhães, o autor de tal façanha,  
Às possessões Marianas setentrionais foi ter,  
Bem como a Polinésia Francesa também  
apanha.  
Vendo D. Manuel I, o aumento de sua tença  
recusar.  
Tinha-se oferecido a Espanha para circum-  
navegar.

Numa encruzilhada de passos da história,  
Ambos morreriam nesse mesmo ano,  
Conseguindo sobreviver além memória,  
Tão ilustres figuras do povo Lusitano,  
Bebiam os tragos da desejada vitória,  
Talvez reféns da mais pura inveja e engano.  
D. Manuel I foi importante rei de Portugal,  
Fernão de Magalhães, navegador imortal

D. Manuel não partiria em primeiro,  
Decorria então o mês de Dezembro,  
Teria como sucessor seu filho, D. João terceiro,  
Coisas que da história Lusa me lembro.  
Morria um rei mais conquistador que guerreiro,  
Da sociedade Lusa mais que simples membro.  
Seu percurso de vida que o fez coroado,  
Valeu-lhe o cognome de "O Bem-Aventurado."

Cognominado, ainda, do "Venturoso",  
Tal como também o de "O Afortunado".  
D. Manuel I teve reinado esplendoroso,  
Com farto território descoberto e conquistado,  
De tais feitos se mostraria orgulhoso,  
Exibindo-os em cortejos que deram brado.  
No mais exótico cortejo da história de Lisboa,  
Desfilaram excêntricas conquistas da coroa.

Numa mostra do poder de tais conquistas,  
D. Manuel I fechava um desfile curioso,  
Na frente do mesmo, dando bem nas vistas,  
Um Rinoceronte com seu porte grandioso,  
Cinco elefantes lhe seguiam as pistas,  
Atrás dos quais, um cavalo persa, formoso.  
O monarca orgulhava-se do seu rinoceronte,  
Projetando imponente combate no horizonte.

O rinoceronte contra um elefante,  
Só que este não esteve pelos acordes,  
O real desejo não pôde ir avante,  
O rinoceronte gritou "Foge enquanto podes"  
Assim o fez o escolhido elefante,  
Não aceitava combater naqueles moldes.  
Deu meia volta e desatou a fugir,  
Espezinhando quem se aventurasse a intervir.  
Fuga desde o Palácio da Ribeira ao Rossio,  
Um elefante totalmente descontrolado,  
D. Manuel I não gostou, mas não desistiu,  
O rinoceronte tinha novo desafio reservado,

Iria, com pompa e circunstância, num navio,  
Ser, ao mais alto poder eclesiástico, enviado.  
Parecia estar amaldiçoado, o navio naufragou,  
Desta, nem o pobre rinoceronte escapou.

Mesmo morto não deixava de ser admirado,  
D. Manuel I não se deixava desanimar,  
O rinoceronte foi recolhido e empalhado,  
Tinha de haver maneira de o fazer chegar,  
Diz-se que o Papa ficou muito impressionado,  
Tratava-se de um animal digno de admirar.  
El-Rei de Portugal mostrava sua determinação,  
Afinal era o líder de tão próspera Nação.

As leis do reino mereceram-lhe revisão  
"Ordenações Manuelinas" assim é conhecida  
A tão audaciosa, e preciosa, compilação,  
Ajudada pela Imprensa, então introduzida,  
Na sua acelerada propaganda e difusão,  
A ineficácia via sua defesa ser destruída.  
Mil quatrocentos oitenta e sete se passava,  
Quando a Imprensa, em Portugal, entrava.

Juízes viam-se agora obrigados  
A aplicar a lei, não encontravam razões  
Para não o fazer, seriam até multados,  
Se não cumprissem com suas obrigações.  
D. Manuel I preocupou-se com os cuidados  
Que eram prestados às populações.  
Mandou efectuar um levantamento nacional,  
Para saber o estado do reino de Portugal.

Quinhentas instituições de assistência,  
Entre as quais duzentos hospitais,  
Duas mil e quinhentas era a existência  
De camas, mas o monarca queria mais,  
Como homem religioso mostrava insistência  
Quanto aos cuidados mais espirituais.

Investiu parte da fortuna em Igrejas e  
Mosteiros,  
Também nas artes foi um dos pioneiros.

Patrocinou, novas colónias, a evangelização,  
Enviando missionários católicos,  
Procedeu a grandes reformas na educação,  
Imortalizou alguns actos heróicos,  
O teatro beneficiou da sua protecção,  
Deixou-nos monumentos deveras simbólicos.  
Mosteiros dos Jerónimos, Torre de Belém,  
Símbolos da vontade de ir mais além.

D. Manuel I reformou os estudos gerais,  
Criou novos planos educativos,  
Bolsas de estudo outra sua criação mais,  
Surgiam Ilustres Lusitanos, activos,  
Alguns, como Portugal vira jamais,  
Eram cidadãos bastante participativos.  
De entre estes, justo é que se saliente  
O pai do teatro em Portugal, Gil Vicente.  
O cosmógrafo Duarte Pacheco Pereira,  
Do "Esmeraldo de Situ Orbis" autor,  
Mereceu de D. Manuel I ajuda financeira,  
Trata-se de uma obra de grande valor,  
Abordava a conhecida aventura marinha,  
Desde D. Henrique até ao reinado em vigor.  
Livro escrito em língua Portuguesa,  
Dividido em quatro volumes, uma beleza.

Desenvolveu-se, durante o seu reinado,  
Um estilo artístico inspirado nas viagens,  
Mas também, todo ele, ornamentado  
Pelos símbolos da coroa, belas imagens,  
Sua divisa, esfera armilar, tem-se perpetuado  
Para além de todas as políticas viragens.  
Esta esfera armilar a ouro, ter-lhe á dado,  
D. João II após matar D. Diogo, seu cunhado.



Tal estilo, Manuelino, também conhecido  
Por Gótico Português tardio, ou flamejante,  
Exala um simbolismo régio bem definido,  
Exuberância de formas, característica  
dominante,  
Onde o Cristianismo está subentendido,  
Mas também outras leituras são uma  
constante.  
O estilo Manuelino é bastante admirado,  
Tendo sido, em várias vertentes, aplicado.

D. Manuel I não tinha só bom coração,  
Por detrás de tanta cultura e bondade,  
Também se escondia um homem de ambição,  
Que gostava de reinar à sua boa vontade,  
Não dando às cortes, grande valorização,  
Só as reunindo três vezes, pouco na realidade.  
Impondo a força assente no poder da coroa,  
Reuniu cortes sempre no paço de Lisboa.

Grande marca negra do seu reinado,  
Foi a perseguição a Judeus e Muçulmanos,  
Fruto de algo que tinha acordado  
Com os Reis Católicos, mas pouco humanos,  
Fazia parte do seu acordo de noivado,  
Isabel de Aragão agradava ao rei dos  
Lusitanos.  
Mil quatrocentos noventa e seis a oito,  
Muçulmano ou Judeu não se fizesse afoito.

Mil quinhentos e seis, Lisboa enlouquecida,  
Centenas de pessoas são torturadas  
Nem a quadra festiva, Páscoa, que é vivida  
Vale àquelas pessoas, são acusadas  
De serem culpadas da seca e peste sentida,  
Morrem em fogueiras, no Rossio,  
improvisadas.  
A morte de escudeiro real, Cristão-Novo,  
É pretexto para as tropas enfrentarem o povo.

Seguem-se conversações forçadas,  
Embaixador em Roma recebe importante  
missão,  
Acabavam de ser definitivamente criadas  
As condições, para a se estabelecer a  
Inquisição.  
Muitas vidas se veriam destroçadas  
Numa página negra da história desta Nação.  
D. Manuel I dava seu nome a tão má memória,  
Conquistando, outros feitos, lugar na Lusa  
História.

## D. João III

---

D. João Terceiro tinha dezanove anos  
Quando foi coroado como novo senhor  
Dos destinos dos valorosos Lusitanos,  
Reino dos mais ricos em terras e vigor,  
Outras riquezas seriam puros enganos,  
De ouro, já os cofres não viam a cor.  
Terras Marroquinas, demasiado dispendiosas,  
Serão abandonadas em situações dolorosas.

Trinta e seis anos teria seu reinado,  
Valeram-lhe o cognome, "O Piedoso",  
Pelo apoio, à Fé Cristã, dedicado,  
Sua visão de futuro foi trunfo valoroso.  
Viu na Ásia um importante aliado,  
Sentindo o reino num caminho sinuoso.  
Império demasiado grande, impotente  
Perante as despesas, com falta de gente.

Alargou contactos na China e no Japão,  
Tentando contornar as dificuldades,  
Resultantes de uma da fraca produção,  
As especiarias não supriam as necessidades,  
Não conseguiu encontrar a chave da solução,  
Mas nunca ignorou as duras realidades.  
Publicou leis proibindo luxo ostentoso,  
Portugal navegava por um mar perigoso.

A dívida pública não parava de aumentar,  
D. João terceiro tinha de pedir emprestado,  
A produção só um terço conseguia superar,  
Nosso destino começava a ser traçado,  
Vendiam-se mercadorias antes de cá chegar,  
Vinham da Índia, podia o navio ser assaltado.  
D. João travava uma luta desigual,  
Esvaziava o cofre para expandir Portugal.

O Império vivia um difícil momento,  
Tinha de se encontrar uma outra solução,  
Acende-se uma luz através do real casamento,  
D. Catarina da Áustria simboliza a salvação,  
Dura pouco tempo o estado de encantamento,  
Nada consegue travar a grande inflação.  
Duzentas mil dobras de ouro eram seu dote,  
D. João terceiro deve ter bem-dito tal sorte.

Ele, jovem de média estatura,  
Aceitava, deste modo, ver-se casado  
D, Catarina não teria grande formosura,  
Ele. seria um jovem bem encorpado,  
Pele clarinha, olhos claros, com cultura,  
Talvez fosse um Rei bastante desejado.  
Casamento por interesse, era normal,  
D. João terceiro casava por Portugal.

Passados dois encantadores anos,  
Eis que surge uma nova e grave ameaça,  
Isabel, irmã de D'El-Rei dos Lusitanos,  
Casa-se com Carlos quinto, nova acha  
No fraco erário de nossos soberanos,  
D. João terceiro não sabe o que faça.  
Novecentas mil dobras de ouro se vão,  
Dote demasiado elevado, agrava a situação.

Isabel seria rainha de Espanha,  
Tal como o seria, da Alemanha, imperatriz,  
Mas para atingir tal sorte tamanha,  
D. João terceiro teve de arruinar o país,  
Nem que para isso tivesse ousadia tacanha,  
Reunir Cortes, coisa que muito pouco quis.  
Convocar Cortes só por questões familiares,  
Precisava de apoio para conflitos particulares.

Novamente convocadas por D. João Terceiro,  
Só quando este decidiu fazer o juramento

De seu filho D. Manuel, legitimo herdeiro,  
Viria a morrer, seria muito o sofrimento,  
Dez filhos e nenhum, doloroso e verdadeiro,  
Sobreviveu para poder receber o testamento.  
Novo juramento, D. João, reúne a Corte.  
O príncipe D. João não teria melhor sorte.

Difícil imaginar cenário pior que este,  
Finanças arrasadas, filhos sempre a morrer,  
População a ser dizimada pela Peste,  
Imigração levando outros a desaparecer,  
Só faltava algo ainda muito mais agreste,  
Logo um terramoto haveria de aparecer.  
Mil quinhentos cinquenta e um, verdade,  
Terras agrícolas abandonadas, dura realidade.

Portugal sem capacidade de produzir,  
Reino outrora rico, agora importava  
Tudo o que precisava para consumir,  
Reino empobrecido, até o pão rareava,  
D. João sentiu chegada a hora de decidir,  
Comunidade Judaica tinha o que precisava.  
Escreve então ao Papa a pedir autorização,  
Abrindo as portas à entrada da Inquisição.

Mil quinhentos trinta e um, feito o pedido,  
Conflitos Judeus e Cristãos, argumenta,  
Quer é as fortunas, vê seu pedido atendido,  
Quem sabe se assim o reino se aguenta,  
O povo Judeu vê-se ameaçado e perseguido,  
Dez anos depois, a morte pela porta lhes  
entra.  
Mais de mil pessoas terão sido queimadas,  
Mais de vinte mil, as que foram processadas.

D. João terceiro acreditava na intelectualidade,  
Contratou renomados professores,  
Transferiu a localização da Universidade,  
Viu nascer alguns nomes, um dos maiores,



Luís Vaz de Camões. Teve ainda a felicidade  
De ver desenvolver outros bons autores.  
Garcia de Resende; Diogo de Gouveia;  
Sá de Miranda muitos mais. Louve-se a ideia.  
Gil Vicente viveu a época, e aproveitou,  
Diogo de Teive, outro dos emergentes.  
D. João outras boas heranças, nos deixou,  
Bases do ensino secundário, trouxe novas  
gentes,  
Humanistas e pensadores, o que inovou  
A sociedade Portuguesa, distintas correntes.  
Protegeu a companhia de Jesus, não foi à toa,  
Instalando colégios em Coimbra e Lisboa.

Revoltaram-se as gentes populares,  
Destruindo parte das construções efectuadas,  
El-Rei forçara a venda de bens particulares,  
Tiveram de reparar as partes danificadas.  
Seu reinado foi, assim, dos mais invulgares,  
Pelas condições, e pelas decisões tomadas.  
Passou os últimos anos de vida, doente,  
Morria em mil quinhentos cinquenta e sete.

## D. Sebastião

---

A tragédia acompanhou D. Sebastião,  
Nascido em mil quinhentos cinquenta e quatro,  
Logo aos dezassete anos ficou órfão,  
Sua mãe, D. Joana da Áustria, só após o parto  
Tomou conhecimento da morte de D. João,  
Temeram e esconderam-lhe tal facto.  
Nasce o Infante, cumpre-se o pacto nupcial,  
D. Joana ruma a Espanha, deixando Portugal.

D. Sebastião fica entregue à avó, D. Catarina,  
Que assume a regência do reino Português,  
A intriga sob a regente depressa germina,  
D. Sebastião é nomeado rei com apenas três,  
É verdade três anos de idade, nem imagina  
Como a tragédia o visitará mais de uma vez.  
Tratando-se de uma criança tão desejada,  
Por entre guerras palacianas foi educada.

D. Catarina defenderia interesses Castelhanos,  
E seu tio-avô D. Henrique, interesses opostos,  
Mais concretamente interesses Lusitanos.  
D. Sebastião teria duas paixões, dois gostos,  
A guerra e o zelo religioso, trar-lhe-iam danos,  
Deixar-nos-ia um reino de feridos e mortos.  
Ninguém sonhava o que estava para vir,  
Nessa fatídica tarde em Alcácer-Quibir.

D. Sebastião dava indícios de alguma loucura,  
Miguel Leitão de Andrada, seu seguidor,  
Tornar-se-ia no fiel apoiante de aventura,  
Já feito prisioneiro, daria conta do horror  
Vivido no campo de batalha, dor e tortura,  
Relatando a morte do seu Rei e senhor.  
Escreveria "Miscelânea", livro fascinante,  
Onde relata a batalha em formato dialogante.



D. Sebastião contava quinze anos  
Quando assumiu o governo,  
Depressa pôs em marcha seus planos,  
Queria o exército Luso em pleno,  
Ambicionava retomar territórios Africanos,  
Ignorando o poderio Sarraceno.  
Forçava os soldados a treinos maiores  
E premiava os nossos melhores atiradores.

Portugal vive uma preocupação maior,  
El-rei nunca mais aceitava casar,  
O reino suspirava por um sucessor,  
D. Sebastião só pensava em batalhar,  
Portugal parecia adivinhar o pior,  
El-Rei queria a glória antes de casar.  
A Nobreza caduca e o Clero conservador  
Apoiam-no e elegem-no como salvador.

Assume como sua principal prioridade,  
Espalhar a Fé e viver épicas conquistas,  
Crê na guerra como grande oportunidade  
Para seus devaneios expansionistas,  
Ninguém ousa fazê-lo ver a realidade,  
Uns por medo, outros, puros oportunistas.  
O clero anseia novos territórios por  
evangelizar,  
A nobreza desespera por onde amealhar.

Nem a peste faz D. Sebastião desanimar,  
Milhares de pessoas morrem só na capital,  
El-Rei abandona a cidade para se salvar,  
Aproveitando a viagem para, acto surreal,  
Seus antepassados, no tumulto, homenagear,  
Só os grandes guerreiros mereceram honra  
real.  
D. Afonso II seria antepassado preferido,  
Todos os reis não guerreiros, terá omitido.



Comportamentos estranhos, uma constante,  
Terá escolhido dia de forte temporal,  
Para apreciar o mar tenebroso, ia a vante  
De um navio. Tenebroso futuro de Portugal.  
Quanto ao casamento mantinha-se vacilante,  
Nenhuma aliança lhe dava confiança total.  
Margarida de Valois e Isabel da Boémia,  
Não conseguiram revelar-se aposta séria.

Filipe Segundo viu sua filha ser rejeitada,  
Consta mesmo que Isabel Eugénia acreditou,  
Várias vezes a aliança terá sido negociada,  
Mas a todas elas D. Sebastião se escusou,  
Continuava a Lusa sucessão adiada,  
Indecisão que bastante cruel se revelou.  
El-Rei recuperava leis sobre o vestir,  
Algumas delas foram mesmo de fazer rir.

Autorizavam vestimentas em conformidade  
Com o papel que detinha cada cidadão,  
Os pobres, apesar da tremenda dificuldade,  
Não podiam comprar seda, ah pois não.  
Eram leis, sem fundamento ou utilidade,  
Reveladoras da inaptidão de D. Sebastião.  
Não daria o assunto por encerrado,  
O tema voltaria, mais tarde, a ser legislado.

El-Rei sonhava reviver glórias passadas,  
Oferecer alegrias ao seu povo martirizado,  
Só campanhas e conquistas ousadas,  
Fariam despertar este povo, acomodado  
Perante a decadência das praças conquistadas,  
Por valorosos guerreiros do passado.  
Ansiava, El-Rei, por um golpe providencial  
Que pudesse exaltar os feitos de Portugal.

Algo que fizesse cumprir o destino,  
Eis que surge Luís Vaz de Camões,  
Saído assim do nada, qual peregrino

Vindo de encontro às reais pretensões.  
D. Sebastião, num gesto repentino,  
Atribui-lhe uma pensão e muitas atenções.  
Camões vê seus serviços recompensados,  
"Os Lusíadas" tinham sido já publicados.  
D. Sebastião sente aproximar-se a hora,  
Surge um conflito em África, no norte,  
É tempo de agir sem qualquer demora,  
Não pode deixar escapar momento de sorte,  
Entrega-se ao sonho e vai embora,  
Ignorando que vai ao encontro da morte.  
Mil quinhentos setenta e oito, Portugal  
Vê partir seu rei, fica entregue ao Cardeal.

D. Sebastião comanda exército numeroso,  
Leva novecentos e quarenta navios,  
Perto de vinte mil homens, poderoso.  
Tremem as águas perante tais poderios,  
Mas Alcácer-Quibir é mar tenebroso,  
Muito mais tenebroso que todos os rios.  
Tombam, chacinados, sodados Lusitanos,  
Desaparece El-Rei, tinha vinte e quatro anos.

Desapareceu El-rei D. Sebastião,  
Nasce um mito para a eternidade,  
Regressam os derrotados, em humilhação,  
El-Rei voltara um dia mais tarde,  
Portugal vive horas de angústia, aflição,  
Teme-se pelo futuro da Lusa Liberdade.  
El-Rei não morreu, talvez esteja prisioneiro,  
Voltará, para libertar, numa manhã de  
nevoeiro.

Com a morte de D. Sebastião "O Desejado",  
Temeu-se o pior para o reino de Portugal,  
Não nos deixara o sucessor tão almejado,  
Restava entregar o trono a um Cardeal,  
Tio do rei em terras de Marrocos derrotado,  
D. Henrique nunca tivera aspiração real.

Arcebispo de Braga, antigo inquisidor-mor,  
Candidato a Papa, viu-se rei e senhor.

## D. Henrique

---

Durante os anos em que fora regente,  
Procurara equilibrar as finanças nacionais,  
Era homem estudioso e consciente  
Da importância da defesa, assim, Cascais  
E Tanger, foram fortificadas fortemente.  
Planos para ficar com o poder, jamais.  
D. Sebastião atingiu a maioridade,  
D. Henrique entrega-lhe toda a autoridade.

Cerimónia pública, plena Lisboa, Rossio,  
Pede-lhe o rei que continue a seu lado,  
Deseja contar com a experiência do tio  
Até seu projecto Africano ter terminado.  
D. Henrique aceita com todo seu brio,  
Só recusando quando se sentiu ultrajado.  
Cristão novos pagam a D. Sebastião  
Para que este lhes conceda o seu perdão.

Tal coisa, nunca poderia aceitar,  
A ruptura entre ambos é inevitável,  
Só a morte os voltará a reaproximar,  
Aceita o trono num gesto responsável,  
Mas nenhuma dúvida poderá restar,  
Acima de tudo será sempre Cardeal.  
Mil quinhentos setenta e oito, é aclamado,  
Agosto, D. Henrique está debilitado.

Portugal atravessa momentos de dor,  
Milhares de Portugueses desaparecidos,  
D. Henrique elege como prioridade maior  
Libertar aqueles que vivem retidos  
Em terras de infiéis, indagando o valor  
Da libertação. Sacrifícios são oferecidos.  
Religiosos são enviados para negociar,  
Alguns nem hesitariam em se entregar.

Não conseguem obter seus intentos,  
D. Henrique envia alguns diplomatas,  
Mas nem assim se vêem proveitos,  
Há que enviar dinheiro, jóias e pratas,  
Tecidos da Índia revelam-se perfeitos,  
Portugal abdica de riquezas bem fartas.  
Famílias inteiras, ricas, pobres, não hesitam,  
Trocam bens por familiares, assim o permitam.

D. Henrique queria resgatar D. Sebastião,  
A vida não lhe permitiria tal acto.  
Doente, vivia preocupado com a sucessão,  
Vendo o corpo ir para Ceuta em recato,  
Recusando, a D. António, a pretensão  
Ao trono. Foi cognominado "O Casto".  
D. António, neto do rei D. Manuel primeiro,  
Apoiado pelo povo, não era herdeiro.

D, Henrique retirou-lhe a nacionalidade,  
Duvidando da sua boa intenção,  
Chegou mesmo a colocar a possibilidade  
De procurar noutro campo a solução,  
Como pedir a renúncia aos votos de castidade,  
Para casar e tentar garantir a sucessão.  
Filipe segundo de Espanha, outro pretendente,  
Também não granjeava confiança suficiente.

D. Henrique não encontrou a solução,  
Nomeou um conselho de governadores,  
Entregando-lhes o dilema da sucessão,  
Filipe Segundo teve os apoios maiores.  
A dinastia de Avis despedia-se da nação,  
Hora de se apresentarem novos senhores.  
D. António, Prior do Crato, nunca foi rei,  
Mesmo que tenha sido aclamado pela grei.

Tal aclamação terá sido precipitada,  
D. António de tal estaria consciente,

Decisão dos governadores era aguardada,  
Pelo que a aclamação saía na frente,  
Vinte quatro de Julho, tem cabeça coroadada,  
Titulo exercido nas praças do continente.  
Vinte cinco de Agosto, mil quinhentos oitenta,  
Alcântara, Prior do Crato não se aguenta.

Derrotado por tropas do Duque de Alba,  
Foge para os Açores, Ilha Terceira.  
Vila Franca do Campo, aí é que se acaba  
A viagem, de D. António, aventureira,  
Batalha naval que lhe dá água pela barba,  
E lhe matou a esperança derradeira.  
Vinte seis de Julho, mil quinhentos oitenta e  
dois,  
D. António faria novas tentativas, anos depois.

Aliar-se-ia ao reino de Inglaterra,  
Entretanto tornada inimiga da coroa  
Espanhola,  
D. António via com esperança tal guerra,  
Incrível Armada, Espanha, no mar se atola,  
Sendo Mercadores Portugueses quem se ferra,  
Espanha não perdoa, Frota Portuguesa se  
amola.  
Prior do Crato ainda tentou tomar Lisboa,  
Peste entre a Armada Inglesa deixou-o à toa.

Mil quinhentos noventa e cinco, morre,  
Levando consigo a Dinastia de Avis,  
D. Filipe II de Espanha, logo acorre  
A tomar conta dos destinos deste nosso país,  
Misto de alegria e de tristeza percorre  
O sentimento da Lusa gente que se contradiz.  
Uns veriam na força de Espanha, a salvação,  
Outros temiam que dali saísse subjugação.

## Filipe I

---

Mil quinhentos e oitenta, nova dinastia,  
Filipe Segundo de Espanha, "O Prudente",  
Entra em Portugal, já oposição não havia,  
D, António, Prior do Crato, e sua gente,  
Fora derrotado e para França fugia,  
Terminando a resistência no continente.  
Filipe torna-se primeiro de Portugal,  
As cortes de Tomar dão-lhe seu aval.

D. Filipe inicia, aos cinquenta anos,  
Nova dinastia em Portugal, "Filipina",  
É rei de Portugueses e Castelhanos,  
A esperança em D. Sebastião não termina,  
Alguns farsantes provocam enganos,  
São descobertos, a descrença domina.  
Reino enfraquecido, povo esfomeado,  
Cofres vazios, anseia-se pelo "Desejado".

O novo senhor fizera muita promessa,  
Aproveitando a paz então vivida  
Para reorganizar o país, sem pressa,  
Compensando nobres pela ajuda recebida,  
O erário público vitalidade atravessa,  
A unidade Ibérica vai sendo construída.  
Tão vasto território para governar,  
Implicava pouco tempo para descansar.

Conta-se que o rei D. Filipe viajava  
Sempre rodeado de muito papel,  
Durante as viagens, ofícios despachava,  
Dessassogava-o uma tal de D. Isabel,  
Rainha que contra ele tramava,  
Isabel Tudor, rainha à Inglaterra fiel.  
Organiza uma importante força naval,  
Duas centenas de navios, armada brutal.



Vinte mil homens, "Armada Invencível",  
Mil quinhentos oitenta e oito, saem o Tejo,  
Uma tempestade mostra o incrível,  
"Navios, onde andais que vos não vejo",  
Perderam-se, aquilo era impossível,  
Dois meses andaram fora do cortejo.  
Seriam derrotados na batalha real,  
Desastre e destruição da Lusa frota naval.

Ano de mil quinhentos oitenta e nove,  
D. Filipe, o fecho dos portos Portugueses  
Aos seus inimigos, decreta e promove  
Depois, fechá-los-á aos Holandeses,  
Tal atitude não os assusta nem demove,  
Antes os estimulou a provocar-nos reveses.  
Não podendo vir buscar géneros do Oriente,  
Começam a ir lá buscá-los, directamente.

Nossa fragilidade, no Oriente, era notória,  
Ingleses e Holandeses salteavam as  
possessões,  
De nada nos valiam tantos anos de glória,  
Os nativos começavam a impor condições,  
Inglaterra e Holanda reviravam a história,  
Enquanto D. Filipe teimava nas expedições.  
Ano de Mil quinhentos oitenta e três,  
Abandona, de vez, terras do reino Português.

Alberto de Áustria, seu fiel sobrinho,  
Por cá fica encarregue de governar,  
Filipe primeiro ignora o reino vizinho,  
Sua ambição é, a Inglaterra derrotar,  
Resolve atacar por um outro caminho,  
Guerra à Irlanda resolve declarar.  
Nada se comparava à sua sede de vingança,  
Mil quinhentos noventa e seis, avança.

Novos temporais, nova humilhação,  
Quarenta navios Espanhóis são destruídos,



Ter-lhe-á servido de severa lição,  
Muitos dos nossos Portos estavam perdidos.  
Procurando tratar de assegurar sucessão,  
Quatro casamentos lhe são atribuídos.  
Três filhos, duas filhas e um rapaz,  
Afinal de muito pouca prole foi capaz.

## Filipe II

---

D. Filipe segundo seria seu sucessor,  
Rei que não nasceu para governar,  
Desprezou-nos muito mais que o antecessor,  
Nem manifestando vontade em nos visitar,  
Fá-lo-ia como se fizesse grande favor,  
Cofres Lusos, tal viagem tiveram de custear.  
Só por uma vez, o povo Português viu,  
Aquele que ficaria na história como "O Pio".

D. Filipe segundo adorava a boa vida,  
Entregou, a vice-reis, o trono de Portugal,  
Mas também a Espanha se viu esquecida,  
Recebendo tipo de governação igual.  
Duque de Lerma a personalidade escolhida  
Para substituir e representar sua alteza real.  
Só uma questão irá merecer real atenção,  
Judeus prometem fortuna em troca da  
liberação.

Cento e setenta mil cruzados para poderem ir,  
Querem é levar todos os seus bens  
confiscados,  
Mil seiscientos e sessenta, mais cinco hão-de  
vir  
Até que vejam seus anseios serem realizados,  
Com o preço, dez vezes mais, a subir,  
Não importa, liberdade vale sacrifícios  
suportados.  
Lisboa teme um ataque das tropas Inglesas,  
Clamando ao rei que visite terras Portuguesas.

D. Filipe, muito contra sua vontade, acede,  
Mas não há como esquecer um pormenor,  
A viagem é cara, por isso, dinheiro pede,

Portugal não tem como pagar, vive-se em  
pavor,  
Lisboa procura arranjar verba, tudo mais se  
quede,  
Portugal une esforços, tudo corre pelo melhor.  
Sua majestade, outras desculpas vai  
arranjando  
E a data da visita vai-se, pelo tempo,  
arrastando.

Mil seiscentos e dezanove, chega finalmente,  
Não sem antes pedir subsidio extraordinário,  
Lisboa empenhou-se para a jornada ir em  
frente,  
D. Filipe demonstraria ser um visionário,  
Permitindo que se queime, viva, muita gente,  
Mas nem mesmo assim conquistando o vigário.  
Arcebispo de Braga não fora convidado  
Para o casamento de seu filho, herdeiro  
jurado.

Évora recebe o monarca com auto-de-fé,  
Onde doze pessoas morrem queimadas,  
Almada ilumina todas as ruas, aquilo é que é  
Alegria, gentes pobres mas bem trajadas.  
Nobreza exalando riqueza, de chinela no pé,  
Presenteia o rei com três dias de Touradas.  
Terreiro do Paço palco de muito tourear,  
Setembro. Depois partiu para não mais voltar.

D. Filipe segundo casou com D. Margarida,  
Filha do arquiduesa Maria Ana da Baviera,  
Contava somente catorze anos de vida,  
Coisa nada de pasmar, era costume da era,  
Conseguiu o feito de tanta coroa reunida,  
Numa só cabeça, quatro. Deus assim o  
quisera.  
Espanha, Sicília, Nápoles e também Portugal  
Se reuniram numa única cabeça real.



Oito filhos nasceriam deste casamento,  
Filipe quarto Espanha, terceiro de Portugal,  
Um deles. Viveu alguns tempos de tormento,  
Sua religiosidade foi além do racional,  
Patrocinaria a construção de muito convento,  
Levou damas de companhia à vida conventual.  
Diz-se que, quando sozinha, tinha visões,  
Clérigos e freiras, mereceriam suas atenções.

Nos seus primeiros anos de casada,  
Não se preocupou das políticas questões,  
Mil seiscentos e seis, era rainha interessada,  
Duque de Lerma lhe dava preocupações,  
Sua influência fazia-a sentir-se ameaçada,  
Tinha de lhe restringir algumas funções.  
Frei Luís de Aliaga, seu privado confessor,  
Apoiou-a, sem que tal revelasse grande valor.

Mil seiscentos e onze, três de Outubro  
Terá falecido, misteriosamente, no escorial,  
Sua morte levou D. Filipe ao rubro,  
Sofreu grande desgosto, desinteresse total  
Em viver. Outra razão não lhe descubro  
Para justificar seu comportamento final.  
Recusava sair do palácio, seu reino delimitado,  
Morreu aos quarenta e três anos, destroçado.

## Filipe III

---

“Rei morto, rei posto” diz o ditado popular,  
D. Filipe, que falta de originalidade,  
Quarto Espanha, terceiro Portugal, a reinar,  
Contava apenas dezasseis anos de idade,  
De “O Grande” o haveriam de cognominar,  
Apesar de demonstrar total inabilidade.  
Só uma vez visitou terras de Portugal,  
Em jovem, com seu pai, no juramento real.

Portugal e Espanha viam-se empobrecidos,  
Possessões ultramarinos eram ameaçadas,  
Enormes sacrifícios, a Lisboa, foram pedidos  
Quando terras da Baía se viram atacadas,  
Navios Holandeses, fortemente guarnecidos,  
Viram suas pretensões deveras facilitadas.  
D. Filipe terceiro exige cem mil cruzados,  
Lisboa reúne muitos mais que os desejados.

Avança a armada Luso-Castelhana,  
São obrigados a render-se, os Holandeses,  
Recuperava-se a dignidade Lusitana.  
D. Filipe repetiria o pedido outras vezes,  
Sem nunca abdicar da faustosa vida palaciana,  
Davam sinais de insatisfação, os Portugueses.  
Indiferente, o rei, impõe novos impostos,  
Os protestos aumentam, sem quaisquer rostos.

Deixa de pagar juros, expediente caduco,  
Tal como o ordenado dos funcionários,  
É preciso dinheiro para defender Pernambuco,  
Há que mobilizar recursos extraordinários.  
Eis que surge uma figura, um pouco maluco,  
Apontado como autor de protestos vários.  
Figura bem conhecida em Évora, Manuelinho,



Vira rosto da contestação, nada faria sozinho.

Movimentava-se o Duque de Bragança,  
Recupera o reino e faz ultimato a Lisboa,  
Estes temem Madrid, receiam a vingança,  
Não há tempo a perder ou a oportunidade voa,  
Mil seiscentos e quarenta, renasce a  
esperança,  
Primeiro de Dezembro, é uma data boa.  
Miguel de Vasconcelos é homem de mão,  
De D. Margarida, pagará cara tal traição.

Nove da manhã, tomam o Paço da Ribeira,  
Miguel Vasconcelos não acredita na sua sorte,  
Treme de medo, esconde-se, triste ratoeira,  
Encontram-no, não o poupando da morte,  
Cadáver atirado pela janela, prova derradeira  
Que Portugal vive revolta bem forte.  
D. Miguel de Almeida vem à varanda,  
Portugal está livre, o povo é quem manda.

Futuro rei está desde há muito escolhido,  
D. João quarto, Duque de Bragança,  
Povo Português, descontente e oprimido,  
Apoia a revolução que rapidamente avança.  
Forças leais a D. Filipe, pouco terão resistido,  
Não dando mostras de grande confiança.  
Terminava a dinastia Filipina, de má memória,  
Portugal precisava reescrever sua história.

D. Filipe terceiro protagonizou reinado  
De sucessivas revoltas, prova do  
descontentamento  
Que em Portugal se foi vendo instalado,  
Tratava-se de monarca de baixo sentimento,  
Nunca tendo, o povo Português conquistado,  
Tão fraco seu governo como o empenhamento.  
No campo amoroso, trabalhou ele com afinco,  
Só filhos bastardos deixou trinta e cinco.



De entre tantos, só um foi reconhecido,  
Reza a história que seria seu amigo leal,  
Lindas damas, lhe terá escolhido,  
Tornando-se, assim, num aliado ideal,  
Mulheres elegantes terá sempre preferido,  
Mesmo da má vida, não vinha daí qualquer  
mal..

D. Isabel, sua esposa, sentia-se mulher  
amada,  
Tais deleites não lhe importavam nada.

Isabel de Bourbon, bela princesa Francesa,  
Casou com Filipe terceiro de Portugal,  
Ainda este não herdara a coroa Portuguesa,  
Ela tinha somente sete anos, normal,  
D. Filipe tinha ainda menos, cinco com certeza.  
Tratou-se de um casamento apenas formal.  
Contava a filha de Henrique IV, de França,  
Dezoito anos quando o casamento avança.

Portugal, Nápoles, Sicília e Espanha,  
A serviram como rainha consorte, influente,  
Activa, a política, de perto, acompanha,  
Ao Duque de Olivares se opõe fortemente,  
Sua estratégia de governo, depressa apanha,  
Incita o rei ao deboche para agir livremente.  
França era governada por Richelieu, Cardeal,  
D. Isabel não temeu fazer oposição frontal.

Muitos terão sido seus apaixonados,  
Conde de Villamediana, o mais famoso,  
Pitorescos episódios ficaram relatados,  
Como aquele plano, audaz e perigoso,  
Com que se viram, ambos confrontados,  
Pegou fogo ao teatro, homem corajoso.  
Representava-se uma peça de sua autoria,  
Terá levado a rainha em braços. Aleluia.

Não há provas de alguma infidelidade,  
Tal seria muito complicado de provar,  
Talvez nunca tenha tido tal felicidade,  
Tendo de se contentar por, ao longe, a  
cortejar.  
Desentendidos com o rei são uma realidade,  
Mas por uma sua amante lhe roubar.  
Francisca de Távora, filha de general  
Português,  
Foi a amante que tal desfeita lhe fez.  
Mil seiscentos quarenta e quatro, quarenta  
anos,  
Morre D. Isabel, já não rainha dos  
Portugueses.  
D. Filipe continuou seus jogos de enganar.  
Portugal renascia, como renasceria tantas  
vezes,  
Gloriosa história de gloriosos Lusitanos  
Que nunca se rederam a perigos ou reveses.  
D. João IV iniciara mais que a dinastia de  
Bragança,  
Com ele renascia, das cinzas, a Lusa  
esperança.



## D. João IV

---

Muitas dúvidas persistem na história,  
Seria D. João desinteressado do poder,  
Ou simples estratégia de trajectória,  
Que, sabia-o, o poderia levar a vencer,  
Se assim o foi, honremos tal glória,  
Se não foi, nunca o haveremos de saber.  
Apresentando-se, assim, descomprometido,  
D. João tornava-se ainda mais querido.

Acreditemos que não ambicionasse reinar,  
Unir os ideais de Pátria seria sua ambição,  
Ou, calculista, temera D. Filipe enfrentar.  
Nascido em Vila Viçosa, cedo ficou órfão,  
D. Ana de Velasco não viveu para o criar,  
Seu pai, D. Teodósio, deu-lhe rígida educação.  
Herdando um reino com desastrosa finança,  
Saberia corresponder a toda a confiança.

D. João sondara o pulsar do povo,  
Agosto de mil seiscentos trinta e três,  
Vai a Évora com um irmão mais novo  
E recebem-no como Rei Português,  
Ter-se-á sentido como que num covão,  
Imperava acalmar os Castelhanos, de vez.  
Outro seu irmão, Duarte, foi sondado,  
No exército imperial estava colocado.

Mil seiscentos e quarenta, forte contestação,  
Filipe III teima em impor o seu valido,  
Conde-Duque de Olivares. É hora de união,  
Há que recuperar o destino perdido,  
Nobres e burgueses em torno de D. João,  
O rosto da revolução estava escolhido.  
Portugal era um reino quase desarmado,  
O plano teria de ser muito bem preparado.

Antes, Junho de mil seiscentos trinta nove,  
D. João deslocara-se a terras de Almada,  
Onde reunião de nobres se promove,  
Aproveita-se a ocasião e é-lhe apresentada  
A estratégia por onde a conjura se move,  
Ideia, nessa altura, por D. João, rejeitada.  
Jorge de Melo; Pedro de Mendonça Furtado  
D. Antão de Almada, uns que lá terão estado.

Miguel de Almeida lá esteve igualmente,  
Propunham pôr o plano em andamento,  
D. João aconselhou a agirem moderadamente,  
Entendia não ser ainda o momento,  
Atitude de receio, ou bastante prudente,  
Talvez um pouco de cada sentimento.  
Dia primeiro de Julho, cidade de Lisboa,  
Calorosa recepção a D. João, o povo doa.

D. João fora saudar a princesa Margarida,  
Clero, Nobreza e Povo aproveitam a ocasião,  
Indícios que a revolução tinha vida.  
Agosto, Filipe III convoca cortes em Aragão,  
A presença de fidalgos Lusos é pedida,  
Sobretudo os de mais destacada posição.  
Muitos terão recusado cumprir tal mandado,  
Tornando irreversível o golpe planeado.

Doze de Outubro, casa de D. Antão de Almada,  
Reúnem-se vários dos conjurados,  
Pedro de Mendonça Furtado, após longa  
jornada,  
Trouxera, de Évora, bons resultados,  
Francisco de Melo, era aliança assegurada,  
Muitos nobres de Vila Viçosa, entre os aliados.  
Juntavam-se as pedras do puzzle perfeito,  
Faltava D. João aceitar ser o líder eleito.

Finalmente chega o fim tão desejado.

Sucedem-se as reuniões, em Lisboa,  
Palácio dos Duques de Bragança, Chiado,  
Aqui, a Portugalidade vai na proa,  
Palácio de Jorge de Melo, outro conjurado,  
Xabregas, ária de esperanças se entoa.  
Palácio Almada, de D. Antão de Almada,  
Rossio, terceira nave da mesma armada.

Todas as precauções eram tomadas,  
Nunca seguiam juntos os conspiradores,  
Cada um em seu coche, cortinas fechadas,  
Se descobertos, sofreriam horrores,  
Onde nem suas vidas seriam respeitadas,  
Havia que desconfiar dos traidores.  
Duquesa de Mântua, detestada regente,  
Miguel de Vasconcelos, falso da Lusa gente.

Curiosas histórias, no tempo, perduraram,  
Jerónimo de Ataíde e Francisco Coutinho,  
Só por sorte, na conjura participaram,  
Filipa de Vilhena lhes preparou o caminho,  
Por vontade de sua mãe, cavaleiros se  
armaram,  
Mesmo na véspera da conjura, um carinho.  
Nestes tempos, como hoje, tudo se conseguia  
Mais tarde seria Marquesa de Atouguia.

Mariana de Lancastre lhe seguiu as pisadas,  
Oportunidade assim não se podia perder,  
Vastas recompensas se fariam chegadas,  
Fernão Teles não se viria a arrepender  
Tão vastas, as honras que lhe foram dadas,  
Futuro Conde de Vilar Maior, veio a ser.  
António Teles da Silva, o seu irmão,  
Governo-geral do Brasil lhe cairia na mão.

Miguel de Vasconcelos, secretário de estado,  
Podia ter conseguido abortar a conjura,  
Não se tivesse revelado ser tão descuidado,



Talvez a história tivesse outra escritura,  
Tarde se deve ter arrependido, demasiado,  
Daquele seu momento e acto de loucura.  
Carta denunciando a conjura não foi aberta,  
Conjurados seriam descobertos pela certa.  
Dr, João Pinto Ribeiro; D. Antão de Almada,  
E D. Miguel de Almeida, entre outros mais,  
Lideraram a revolta há tanto desejada,  
Restaurando os mais altos desejos nacionais,  
Apelando a D. João para responder à chamada  
E tornar-se no quarto de outros nomes iguais.  
Conta a história, não provado, que se terá  
ouvido:

“Antes morrer rainha, que viver servindo”.

Célebre frase atribuída a D. Luísa de Gusmão.  
Confrontado com a determinação da mulher,  
D. João aceitou apanhar o caminho da  
revolução.

D. João Pinto Ribeiro correu a escrever,  
Frase codificada que só alguns podiam  
perceber,  
Referia uma caçada na companhia de D. João.  
“Estive com D. João na Tapada de Vila  
Viçosa...”

A revolução ganhava, aqui, outra força.

Avançava o 1º de Dezembro, definitivamente,  
Acorrem fidalgos ao Paço Real,  
Miguel Vasconcelos é ferido mortalmente,  
Aprisiona-se a duquesa que governava  
Portugal,  
Castelo de S. Jorge passa para a Lusa gente,  
Fortes que guardam Lisboa e Tejo, têm sorte  
igual.

D. João sai de Vila Viçosa, rumo a Lisboa,  
Quinze de Dezembro, é-lhe entregue a coroa.

Mil seiscentos e quarenta, D. João é aclamado,

Portugal acredita manter sua nacionalidade,  
Novel rei, por D. Luísa, sempre bem apoiado,  
Repele tentativas de invasão com tenacidade,  
Sabendo que o reino ficava bem governado,  
D. Luísa comandava o reino rumo à liberdade.  
Espanha tentava, pelo Alentejo a invasão,  
Nunca conseguindo vencer as tropas de D.  
João.

Num grande teatro de madeira armada,  
Contíguo à varanda do Paço da Ribeira,  
Varanda esta toda muito bem engalanada,  
D. João quarto fez seu juramento de bandeira,  
Jurando restituir a dignidade roubada  
Pelos senhores da bandeira estrangeira.  
No acto da sua própria coroação, D. João,  
Coroou Rainha de Portugal, N<sup>a</sup> Sra. Da  
Conceição.

Encontra um reino totalmente arruinado,  
Tanto económica como militarmente,  
O plano de defesa tem de ser reorganizado,  
Castelos apresentam-se num estado  
indecente,  
D. João começa a trabalhar mal se vê coroado,  
Impera estabelecer alianças urgentemente.  
Catalunha; Países nórdicos; Roma; França  
E Holanda, vai-se readquirindo a confiança.

Duarte de Bragança, irmão mais novo,  
Partira para a Áustria, para combater,  
Na guerra dos Cem Anos honrou seu povo,  
Conspiradores pensaram em o escolher,  
Pode ser mera imaginação, nada de novo,  
Tão longa é a história, tudo pode acontecer.  
Partira para servir soberano estrangeiro,  
Às mãos deste, morreria no cativoiro.  
Tornava-se imperioso reconstruir Portugal,  
Conde Óbidos; Fernão da Silveira;

Jorge de Melo; João Pereira Corte-Real;  
Francisco de Faro, militares de primeira,  
Álvaro Abranches, Gastão Coutinho, igual,  
Foram chamados a missão de charneira.  
Matias de Albuquerque; Jorge de Meneses,  
São Conselheiros de Guerra Portugueses.

Homens de grande experiência militar,  
Onde Vasco Fernandes César se contava.  
Filipe terceiro não admitia capitular,  
Significativa franja de Lusos, o apoiava,  
Nobres e prelados recusaram regressar,  
Mesmo sabendo que D. João, os perdoava.  
Invejas relativas à casa de Bragança,  
Minavam o que se queria de forte aliança.

D. João seria alvo de conspirações,  
Mil seiscentos quarenta e um, Rossio,  
Os cabecilhas de uma dessas traições  
Sentem quebrar-se o ténue fio  
Que suas vidas guardaram das prisões.  
Nunca Agosto lhes parecera tão frio.  
Marquês de Vila Real; Duque de Caminha;  
Conde de Armamar, sua vida ali definha.

Outros mais lhe faziam companhia,  
Alguns deles de grande poder na sociedade,  
Vacilar, D. João quarto, não podia,  
Jogava-se muito mais que a liberdade,  
Era toda uma nação que temia  
Pela sua história e pela sua identidade.  
Importantes decisões se aproximavam,  
Guerra, realidade que não ignoravam.

Apoiado por Suécia; Inglaterra e França,  
Portugal não hesita enfrentar Espanha,  
D. João herdeiro de Catarina de Bragança,  
É a carruagem que a revolução apanha,  
Sensibilização, por cortes Europeias, avança,

Apoio europeu é objectivo da campanha.  
Mil seiscentos quarenta e um, cortes,  
Nova doutrina dá, ao povo, poderes fortes.

Poder que vindo de Deus, através do povo,  
Era transferido para sua majestade real,  
Podia ser destituído e aclamado um novo,  
Caso usurpasse tal poder dar-se-ia mal,  
Seria destituído, não constituindo estorvo  
Para se nomear sucessor ao trono de Portugal.  
Neste mesmo ano, iniciam-se os confrontos,  
Alentejo visto como parte mais fraca, tontos.

Elvas, aí se concentram meios de defesa,  
Conde de Vimioso comandou a operação,  
Conde de Monterrey invade terra Portuguesa,  
Reforçado em Badajoz, sente débil oposição,  
Matias de Albuquerque, militar de destreza,  
É chamado à defesa de Serpa a Marvão.  
Espanha atacara Campo Maior e Olivença,  
Esta ultima, nunca mais foi Lusa pertença.  
Mil seiscentos quarenta e dois, Algarve,  
Forças Espanholas atacam Castro Marim,  
Portugueses repelem o ataque alarve,  
Sucedendo o mesmo na vila de Alcoutim,  
Invasores nem sequer subiram ao adarve,  
Fracas tentativas não atingiram seu fim.  
Na Beira Alta, tal como no Alto Minho,  
As escaramuças seguiram igual caminho.

Mil seiscentos quarenta e quatro, batalha  
No Montijo, Espanha, guerra da restauração  
Onde entra o Restaurador, e não falha.  
Antes, já coroara N<sup>a</sup> Sra da Conceição  
Rainha e padroeira de Portugal, não é gralha,  
Nenhum futuro rei teria honras de coroação.  
Portugal navegava ondas de esperança,  
D. João mostrava ser homem de confiança.

Seria tão valoroso nome Lusitano  
A provocar as tropas de D. Filipe terceiro,  
Tomando importante praça do rei Castelhana,  
Não temendo desafia-lo em confronto caseiro,  
Montijo caiu de modo que parecia engano,  
Nenhum exército Castelhana lhes saiu a  
terreiro.  
Surpreendidos pela facilidade encontrada,  
Retornam sem que a precaução seja  
descuidada.

Vinte seis de Maio, de quarenta e quatro,  
Marquês de Torrecusa, Filipino comandante,  
Envia exército de grande aparato,  
Barão de Mollingen o comanda, vai confiante,  
Matias de Albuquerque previra tal acto,  
Suas gentes anseiam pela luta, decepcionante.  
Aliados Holandeses, comandados por Piper,  
Fogem sem disparar, um tiro sequer.

Vivem-se instantes bem complicados,  
Homens de Castela entram na defesa Lusitana,  
Pelo próprio barão são comandados,  
A fé que das ilustres gentes Lusas emana  
Não se abala mesmo em tempos apertados,  
Na farda de um oficial Francês se faz humana.  
Lamorlé depara-se com quadro de alvura,  
Matias de Albuquerque combatia com bravura.

Combatia ao lado do cavalo abatido, a pé.  
Não temendo pela própria vida,  
Sem homens, sem cavalo, valia-lhe a Fé,  
Essa, nunca, entre a gente Lusa, é perdida.  
Aceita a franca oferta de Lamorlé,  
Monta a cavalo e reúne sua tropa fugida.  
Castelhanos não esperavam tal resposta,  
Tampouco a artilharia de D. João da Costa.

Rejubila Matias de Albuquerque, com razão,



Tal vitória Lusa pela Europa ecoa,  
Seu feito produz grande repercussão,  
Sendo motivo de enorme júbilo em Lisboa,  
Filipe IV de Espanha sofre enorme humilhação,  
Ninguém ignora a vingança que já se apregoa.  
Rejubilava de alegria a Lusa gente,  
Matias de Albuquerque seria Conde de  
Alegrete.

Julho de mil seiscentos quarenta e oito,  
Salvador Correia de Sá atraca em Angola,  
Trata-se de um Português bastante afoito,  
Ideais de reconquista, leva na sacola,  
Portugal temia que pudesse dar para o torto,  
O valente Português tinha trunfos na cartola.  
Surgiu em águas de Luanda, de rompante,  
Holandeses temeram atitude tão confiante.

Portugal ponderara outras soluções,  
Transferir a corte para a Ilha Terceira,  
Uma das hipóteses nas Lusas cogitações,  
Salvar a coroa não era brincadeira,  
Ou pagar, aos Holandeses, indemnizações  
Para que deixassem terra Brasileira.  
Guararapes, importante, ajuda nos dariam,  
Segunda derrota aos Holandeses, imporiam.

Ao receber a coroa, D. João quarto  
Recebe também desafios importantes:  
Reconhecimento como herdeiro de facto;  
Reivindicação das colónias distantes,  
Situando em África tal anfiteatro  
E defesa das fronteiras inconstantes.  
Mil seiscentos cinquenta e seis, morre D. João,  
Seguindo-se grandes batalhas de restauração.

## D. Pedro II

---

D. Pedro segundo fez repetir a história,  
Tal como D. Afonso terceiro ao irmão,  
D. Sancho segundo, afastou da glória,  
Também D. Pedro logrou obter a coroação  
Através de uma politica palaciana de vitória,  
De D. João quarto, era o último na sucessão.  
Nunca poderia arranjar melhor aliada,  
Indo busca-la à cama do irmão, sua cunhada.

Tendo sido "O Pacifico" cognominado,  
Não terá sido nenhum pacífico amoroso,  
Com D. Pedro, voltaram hábitos do passado,  
Em episódios extraconjugais ficou famoso,  
Além de por duas vezes, El-rei, se ter casado,  
Nada que, já nesse tempo, fosse escandaloso.  
Suas amantes, de tantas, difíceis de enumerar,  
D. Pedro precisava descontraír para reinar.

D. Pedro segundo herdou um reino arruinado,  
Vinte e oito anos de longas e dolorosas  
guerras,  
Após outros sessenta por Espanha ocupado,  
Tornavam difíceis as economias nestas terras,  
D. Pedro sentiu necessidade de estar bem  
rodeado,  
Não só por mulheres de muito sangue nas  
guelras.  
Realmente, nem só de sensualidade se fez  
rodear,  
Ilustres homens, notáveis, se decidiu a  
consultar.

Economia Portuguesa havia que reformar,  
Assim, o terceiro Conde da Ericeira,  
D. Luís de Meneses, manda chamar,



Encarregando-o de encontrar maneira  
De promover tal reforma, para o ajudar  
Chama outros economistas de grande craveira.  
Colbert, ministro Francês das finanças,  
E suas teorias, iluminam, Lusas esperanças.

Diogo Rodrigo de Macedo, outro convidado,  
El-rei de Portugal não olha a meios,  
Nada parecia valer a este reino arruinado,  
Comércio do Oriente navegava no devaneio,  
Só o Brasil ia mantendo o reino amparado,  
Levando D. Pedro a viver em constante anseio.  
Açúcar; Ouro; Prata; Madeiras e diamantes  
Constituíam fontes de receita muito  
importantes.

África é nova luz que no horizonte desponta,  
Valorizar tais domínios económicos  
Revela-se o caminho para evitar a bancarrota,  
D. Pedro não recusa tais recursos patrióticos,  
Ouro e pedras preciosas, Brasil, alta quota  
Que permite, a D. Pedro, acordos históricos.  
Methwen, com a Inglaterra, tratado  
impulsionador  
Da divulgação do vinho do Porto, inovador.

D. Pedro segundo acabou com as cortes,  
Os trabalhos da última ficaram por concluir,  
Estavam assim lançadas as suas sortes,  
Discutiam aquilo que não podiam discutir,  
Pretexto para as dissolver, simbólicas mortes.  
Luís catorze, França, era modelo a seguir.  
Paris rejubilava com sua iluminação,  
Lisboa viu D. Pedro decretar tal intenção.

Outubro de mil seiscentos oitenta e nove,  
Vinte e dois anos depois de Paris,  
O colectivo de vereadores não se comove,  
Opõem-se ao rei, acham a ideia infeliz,

Já a iluminação da capital não se promove,  
Afastem-se essas modernices do país.  
D. Pedro, tal como sucedera a D. Fernando,  
Resigna aos seus intentos, vai-se esperando.

Curiosos argumentos, ainda muito actuais,  
Utilizaram os vereadores em sua defesa:  
“Se aí, crimes nocturnos não há mais,  
Não é por estarem iluminadas, de certeza,  
Mas sim por julgamentos justos, pontuais,  
E severos, não como na justiça Portuguesa.”  
Outros tempos, idênticas realidades,  
A história escreve-se por entre casualidades.

Casualidade não terá sido o encanto  
Que D. Maria Francisca Isabel de Sabóia  
sentiu,  
Andando a rainha desolada pelo seu recanto,  
Logo o atrevimento de D. Pedro a atraiu,  
Seria forte o amor, ou não seria assim tanto,  
Devolução do dote da rainha se pressentiu.  
D. Pedro segundo grande susto apanha,  
Devolver o dote, então e a guerra com  
Espanha.

Tal não seria possível naquele momento,  
Há que arranjar forma de contornar a questão,  
Se caso for preciso arranja-se o casamento,  
Casem D. Maria Francisca e D. Pedro, pois  
então.

Ano passado e já se avista um nascimento,  
D. Isabel Luísa é o fruto da nova união.  
Tanto tentara engravidar de D. Afonso sexto  
E foi D. Pedro quem lhe proporcionou tal feito.

Dezembro de mil seiscentos oitenta e três,  
A vinte sete, morre D. Maria Francisca,  
Não se conhece sofrimento do rei Português,  
Em breve de outro amor, El-rei, petisca.

D. Pedro segundo, após quatro anos de viuvez,  
Casar-se, com D. Maria de Neuborg, arrisca.  
Filha do Conde Neuborg e de Isabel Madalena,  
Trazia, de dote, uma quantia nada pequena.

Mil seiscentos oitenta e sete, pleno Agosto,  
Celebra-se o casamento, grandes celebrações,  
D. Maria Sofia de Neubourg tinha bom gosto,  
Mulher culta, afável, instruída e de belas  
feições,  
De D. Maria Francisca parecia ser o oposto,  
Revelando-se senhora de benevolentes acções.  
Três personagens brilharam nestas  
celebrações,  
Cavaleiros tauromáquicos que ouviram  
ovações.

D. Luís Manuel de Távora, conde de Atalaia;  
D. Cristóvão Manuel, conde de Vila Viçosa,  
E D. Lourenço de Almeida, homens onde raia  
A coragem desta Lusa gente corajosa,  
Que sua majestade, impressionada daqui saia,  
Sentindo-se como já sendo gente da gente  
nossa.

D. Maria Sofia de Neuborg a todos  
surpreenderia,  
Retirava-se do Paço e, aos pobres, lhes valia.

## D. João V

---

Morto D. Pedro segundo, seu filho lhe sucedeu,  
D. João de seu nome, quinto na cronologia,  
Monarca culto e devoto a Deus, cedo se  
percebeu  
Estar identificado com o que pela Europa se  
vivia,  
Fruto de esmerada educação que recebeu,  
Mas também dos recursos que, do Brasil,  
recebia.  
Nos conflitos Europeus, preferiu a  
neutralidade,  
Só intervindo numa guerra de Cristandade.

Lutava o Papa contra Turcos e Venezianos,  
D. João quinto não hesitou, pura devoção,  
Grande desgaste no erário dos Lusitanos,  
Seria uma das grandes pechas de D. João,  
Investir em empreendimentos sobre-humanos  
Que muitos recursos custavam à nação.  
El-rei preocupava-se em agradar a Deus,  
Não hesitando pedir sacrifícios aos seus.

Igreja de S. Roque recebe linda capela,  
Seria a São João Baptista dedicada,  
Vinda de Roma, obra riquíssima e bela,  
Encomendada a architectos de nomeada,  
Luigi Vanvitelli e Nicola Salvi, pais dela,  
Exigiam dinheiro enquanto não foi acabada.  
Talvez nem fossem os artistas, na realidade  
Antes o Papa Benedito catorze, pura verdade.

Interveio na organização da capital,  
Dividindo Lisboa em duas zonas geográficas,  
Nasceram Lisboa oriental e ocidental,  
Questões mais religiosas que práticas,

Uma Lisboa metropolitana e outra patriarcal,  
Tratava-se de puras manobras acrobáticas.  
D. João quinto não descansou até conseguir  
Que o Papa lhe dissesse o que queria ouvir.

Ansiava ser denominado de rei fidelíssimo,  
Mesmo que tal significasse muitas ofertas,  
D. João quinto sentiu-se deveras felicíssimo,  
Deixava, aos seus descendentes, portas  
abertas  
Para igual tratamento, puro e real egoísmo,  
Aproveitado por aquelas mentes espertas.  
Enriqueceu conventos e no exagero caiu,  
Mais de setecentas mil missas, exigiu.

Missas por uma imagem de prata dourada,  
Só porque o Papa a benzeu, abismal.  
Sua religiosidade, de tal forma enraizada,  
Levou-o a fundar o convento do Lourçal,  
Grande quantia, ali, seria desbaratada,  
Enquanto Roma recebia oferendas sem igual.  
D. João quinto ordenou que fossem enviados,  
Perto de milhão e meio de cruzados.

Destinavam-se a indulgências e canonizações,  
O monarca não deixava nada por fazer,  
O comércio ultramarino mereceu atenções,  
Espanha e França foram obrigadas a ceder,  
Tratado de Utreque, numa das nossas  
pretensões,  
Soberania Lusa sobre o Brasil. Portugal a  
vencer.  
Nunca as cortes reuniram neste reinado,  
D. João quinto ficou ao absolutismo associado.

Homens do clérigo granjeavam sua confiança,  
Cardeal da Mota nomeado primeiro-ministro,  
Foram também tempos de avanços e  
esperança,

Cultura e artes, como nunca antes visto,  
Mereceram grande e real apoio e confiança,  
Num misto de mecenato e exploração,  
esquisito.

“Magnânimo” cognome que lhe foi atribuído,  
Embora talvez “Rei-Sol” tivesse preferido.

Na corte de D. João quinto reinava a riqueza,  
Grandes serões, fogo-de-artifício, muita festa,  
Ricas travessas cravadas de ouro iam à mesa,  
Fazendo com todos ficassem de boca aberta,  
Vivia-se uma época de luxo na corte  
Portuguesa,  
Ópera e touradas marcavam presença certa.  
Coches revestidos a talha dourada, café,  
Novidade, tal como o eram o chocolate e o rapé.

Dançava-se a pavana e o minuete,  
Tudo ao som de violino ou do cravo,  
Poesia e teatro alegravam toda a gente,  
Só o povo nada tinha, amargo travo,  
El-rei tinha obsessão que o deixava doente,  
Luís catorze deixava-o fulo, meio parvo.  
Queria-o sempre, o rei Francês, suplantar,  
Não olhando a meios para seu ego alimentar.

“Constróis Versalhes, eu erijo Mafra,  
Que me importam milhões de cruzados,  
Vou-lhe dar um toque de minha safra,  
Dois carrilhões, ali, serão instalados,  
De ouvir belas músicas ninguém se safa,  
Procurem os músicos mais afamados.”  
Cerca de cinquenta mil trabalhadores  
Ali trabalharam, alguns artistas dos melhores.

Sinos, cento e catorze na sua totalidade,  
Músicas em simultâneo nos dois carrilhões,  
Mafra tornou-se pátria da grandiosidade



Que ainda hoje continua a atrair multidões.  
Outras obras ilustram tão real necessidade  
De se afirmar em tão palacianas questões.  
Aqueduto das Águas Livres; Solar de Mateus;  
Torre dos Clérigos e igreja, sempre Deus.

Biblioteca Joanina, na cidade do Mondego  
Igreja e escadas do Bom Jesus, em Braga,  
Santuário N<sup>a</sup> Sra. dos Remédios, Lamego,  
Extensa lista que aqui não se acaba,  
Corrente renovadora digna do real ego,  
Que por muitas outras artes se propaga.  
Cumprido qual sonho de príncipe menino,  
Ficou estilo conhecido por Barroco Joanino.  
Foi, efectivamente, um rico reinado,  
Mobiliário; Talha; azulejo; Ourivesaria,  
D. João quinto não se fez rogado.  
Contratou os melhores artistas que havia,  
Português ou estrangeiro era chamado  
A contribuir com o que de melhor sabia.  
Nem tudo foram passos progressivos,  
Na pintura surgiram coloridos excessivos.

D. João quinto revelava-se egocentrista,  
Não abdicando, nunca, do seu lugar destacado,  
Vivia-se em pura monarquia absolutista,  
Machado de Castro foi escultor deste reinado,  
Presépios, tema que lhe deu mais vista,  
El-rei devia sentir-se como que homenageado.  
Presépios só podia ser pela sua religiosidade,  
Outra justificação não lhe permitia sua  
vaidade.

Vieira Lusitano, na pintura se iria destacar  
Luis António Verney, o conseguiu na filosofia,  
Autor de "O Verdadeiro Método de Estudar." ,  
Carlos Seixas na música se distinguiria,  
No teatro, António José da Silva há a realçar,  
Conhecido pela alcunha "O Judeu", ficaria.

Mil setecentos vinte, por decreto real alteza,  
Cria a Academia Real da História Portuguesa.

Mil setecentos quarenta e seis, ao norte,  
Academia Cirúrgica Protótipo-Lusitânica  
Portuense,  
D. João quinto favorecia autores sem sorte,  
Habilitando-os a publicar escritos com  
interesse,  
Algumas obras fugiram assim á anunciada  
morte,  
Permitindo que a arte da escrita se  
desenvolvesse.  
Padre António Reis, "Corpus poetarum  
lusitanorum",  
"O Vocabulário Português e Latino", Bluteau.

"História Genealógica da Casa Real  
Portuguesa"

D. António Caetano de Sousa foi seu autor,  
Nunca veriam a luz do dia, de toda a certeza,  
Não fosse a intervenção do rei seu benfeitor.  
D. João quinto deixou, apesar da sua avareza,  
Um legado virado ao futuro e enorme valor.  
Numa época de singulares curiosidades,  
É de realçar o corte de cabelo entre as  
novidades.

D. João quinto foi inovador até no barbeiro,  
Seu corte de cabelo seria um caso de fama,  
Contemplava uma espécie de carreiro,  
Evitava que os piolhos ali fizessem cama,  
Não esquecer que os prazeres do banheiro  
Ainda não tinham ganho a actual chama.  
Fim de Julho de mil setecentos e cinquenta,  
D. João quinto parte, seu filho se apresenta.

## D. José

---

D. José primeiro seria o sucessor,  
Atravessaria um polémico reinado,  
Que lhe daria o cognome "O Reformador",  
Tais as dificuldades do reino herdado,  
Escolhe colaboradores no polopositor  
À política seguida no recente passado.  
Sebastião José de Carvalho e Melo  
Encetaria um percurso sem paralelo.

Primeiro conde de Oeiras, Marquês de Pombal,  
Tomaria medidas visando pura vingança,  
Aceitaria o encargo de restaurar a capital,  
Inventaria novos esquemas de cobrança,  
O ouro vindo do Brasil era essencial  
Para devolver ao reino o clima de esperança.  
Substituiria a cobrança por capitação,  
Por um novo sistema de avença,  
rentabilização.

Sistema de agrado dos ricos e abonados,  
Aqueles que mais ficariam a ganhar,  
Enquanto os outros seriam mais penalizados.  
D. José veria um terramoto dizimar  
Grande parte de Lisboa, ficaram aterrorizados,  
O Marquês, da reconstrução se iria ocupar.  
Mil setecentos cinquenta e cinco, o ano  
Em que tão rudemente tremeu o solo Lusitano.

Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês,  
Vê na tragédia a escada do seu sucesso,  
Como que substitui o monarca Português,  
Toma medidas, pura vingança, em excesso,  
Há que acabar com as pilhagens, de vez,  
Lisboa reergue-se numa linha de progresso.  
São construídas forcas por toda a cidade,

Ladrões e criminosos não merecerão piedade.

Os mortos, sem se poderem enterrar,  
Constituem forte e perigosa ameaça,  
Terão de se lançar seus corpos ao mar,  
Patriarca de Lisboa autoriza que se faça,  
As almas, essas acabarão por se salvar,  
Então que se evite uma maior desgraça.  
Triunfa o sonho do Marquês de Pombal,  
Lisboa impõe-se como a grande Capital.

Lisboa reconstruída, D. José avança  
Para nova e distinta fase do seu reinado,  
Entra em Guerra com Espanha e França,  
O movimento oposicionista é esmagado,  
O Marquês ganha poder e confiança,  
Muito nobre se vê acusado e é executado.  
D. José inicia a reforma da Inquisição,  
Ordens Jesuítas recebem ordem de expulsão.

Mil setecentos cinquenta e seis, se inicia,  
Mil setecentos sessenta e quatro, irá terminar.  
Página tenebrosa da Lusa história se escrevia,  
A Companhia de Jesus tem de se marchar,,  
O Marquês de Pombal assim desejava e queria,  
Clemente catorze, Papa, o viria apoiar.  
Não existiam limites para a sua crueldade,  
El-rei deixava-o actuar à sua perfeita vontade.

Época, por tantas vinganças, assinalada,  
Teria também momentos de vitória,  
Vinhas do Alto Douro, é companhia criada,  
Tal como Grão Pará e Maranhão, glória,  
Repleta de sinuosas intenções, mascarada.  
Período tumultuoso e de tão dura memória.  
Ano de mil setecentos setenta e sete,  
Grande massacre, na Trafaria, se comete.

Marquês de Pombal prepara-se para a guerra,

Pelos limites da América, contra Espanha,  
Vários homens refugiam-se naquela terra,  
Tropa real persegue-os mas não os apanha,  
Marquês não hesita, na pobre aldeia os encerra  
E manda atear fogo, atrocidade tamanha.  
Decorria o dia vinte e três de Janeiro,  
Reinava, sua majestade D. José primeiro.

Decorrendo mil setecentos setenta e nove,  
Novo processo de vingança se instalava,  
Campanha contra os Távoras urde e move,  
Processos onde era quem mais beneficiava,  
A frieza dos seus actos nem o comove,  
Parecia que só a desgraça alheia, o saciava.  
Todo o processo se inicia numa visita de amor,  
D. José fora visitar sua amante D. Leonor.

D. Teresa Leonor de Távora, amante oficial,  
Não se livraria dos caminhos da morte,  
Após, segundo invenção, do Marquês de  
Pombal,  
Terem tentado dar a El-rei, igual sorte.  
Todos foram torturados, de forma cruel e  
brutal,  
Só ela, mulher, sofreu logo o mortal corte.  
Muitos se salvaram, graças à futura D. Maria.  
Grato, D. José, Conde de Oeiras dele faria.

D. José deixaria alguma obra meritória:  
A Real Junta do Comercio e o Erário Régio,  
Assim como a Real Mesa Censória.  
No campo educativo teve o privilégio  
De escrever uma bela página da nossa  
história,  
Quem sabe fruto de algum momento de  
sortilégio.  
Criou o Colégio dos Nobres, ensino secundário,  
Instituindo também o ensino primário.

No que respeita ao campo da cultura,  
Dedicou-se a Ópera do Tejo, Paço da Ribeira,  
Inauguração de grande pompa para a altura,  
No aniversário da rainha, sua peça primeira,  
"Alessandro nelle Indie" bonita abertura,  
Devastador terramoto seria sua peça  
derradeira.

A trinta e um de Março seria sua inauguração,  
A um de Novembro não resistiu à destruição.  
Situava-se onde a marinha tem seu Arsenal,  
Apesar de ter durado sete escassos meses  
Conseguiu granjear admiração internacional,  
Não resistiu à natureza e seus reveses.  
D. José primeiro só teve uma amante oficial,  
Nenhum filho varão deixou aos Portugueses.  
Inicia-se nova era na monarquia,  
Não existe filho varão, coroe-se D. Maria.

## D. Maria I

---

Somente um dia após a morte do progenitor  
Assinava seu primeiro acto oficial,  
Demitia Sebastião de Carvalho e Melo e, pior,  
Desterrava-o para terras de Pombal,  
Condenando-o a não pisar terreno em redor  
De vinte léguas da nova rainha de Portugal.  
Em mil setecentos trinta e quatro, nascida,  
Dezassete de Dezembro, foi rainha decidida.

Recitava, aos três anos, versos latinos,  
Bastante nova aprendeu Castelhana, Francês  
E Latim. Mulher de alguns encantos femininos,  
Viu o casamento adiado por mais de uma vez,  
D. João V, seu avô, lhe traçou os destinos,  
Oferecendo-lhe um pretendente Português.  
D. Pedro, seu tio, viria a ser o escolhido,  
Outro tio, Espanhol, também lhe foi oferecido.

D. Luís António, o tio Espanhol pretendente,  
Não ignorava contornos da Lei Fundamental,  
Só com conjugue Português, estava assente,  
Uma mulher poderia ser rainha de Portugal,  
Mesmo que dissessem ser D. Pedro impotente,  
D. Maria não descurou o interesse nacional.  
Resolvido o assunto relativo ao seu  
casamento,  
Havia que prestar, como rainha, juramento.

D. Maria encontrou prisões apinhadas,  
Presos políticos, do Marquês opositores,  
Do Marquês e das políticas, por ele, adoptadas,  
Padres Jesuítas, Bispos e grandes senhores,  
Ninguém escapara às teias montadas  
Pelo Marquês e sua rede de denunciadores.  
Homens houve que nunca perderam a Fé,



Entre os quais os irmãos bastardos de D. José.

“Meninos de Palhavã” ficaram conhecidos.  
O Marquês de Alorna, e outros mais,  
De entre os que estavam na Junqueira detidos,  
Recusaram sair, queriam ver os actos brutais,  
Do Marquês, serem publicamente debatidos,  
Aparentavam ter sido tratados como animais.  
Seu estado era lastimoso, magros;  
estropiados,  
Cegos e loucos. São factos comprovados.

D. Maria concedeu-lhes real clemência,  
Popularizando-se entre povo e realeza,  
De forte convicção religiosa por excelência,  
Não seria, fisicamente, de grande beleza,  
Rainha dotada de grande dose de paciência,  
Reprovava a depravação na corte Portuguesa.  
Enviou para Jerusalém milhares de réis,  
Oferecendo, ainda, muitas esmolas aos fiéis.

Olhos pequenos e saliente nariz,  
Tornavam-na rainha pouco atractiva,  
Impediu que as mulheres deste país  
Tivessem uma vida artística activa,  
Proibindo, de uma certa forma infeliz,  
Que pisassem os palcos, lei punitiva.  
Os papéis femininos eram interpretados  
Por homens, “os Castrati”, castrados.

D. Fernando primeiro e D. Pedro segundo  
Já o haviam pensado, e até tentado,  
Mas Lisboa continuava em escuro profundo,  
D. Maria primeira consegue o tão desejado,  
Ilumina-se Lisboa, o erário vai ao fundo,  
Apelo à população de Lisboa é lançado.  
São setecentos setenta candeeiros de azeite,  
O apelo na forma de um quadrilho é aceite.



Dezassete de Novembro, ano oitenta  
De mil e setecentos. Lisboa vê-se iluminada,  
A despesa não é muita, mas não se aguenta,  
Lisboa volta a viver de noite apagada,  
Pina Manique, intendente policial, inventa  
Regras, bizarras, contra uma moda importada.  
Amplas e redondas saias e vestidos compridos  
Dão lugar a modelos muito mais atrevidos.

Vestidos estreitos e mais curtos à frente,  
Cintados e apresentando ousados decotes,  
Não são bem vistos pelo zeloso intendente,  
As senhoras não temem mostrar seus dotes,  
Pina Manique tenta impedir tal corrente,  
Proibindo as costureiras de fazer tais cortes.  
Tarefa infrutífera, a moda vinda de França  
É mais forte que o intendente e avança.

Rainha dedicada à religião e à caridade,  
Ficaram-nos do reinado de D. Maria  
Obras de grande valor para a sociedade,  
No Castelo de S. Jorge fundou a Casa Pia,  
Enquanto para aquele ponto da cidade,  
A casa de correcção de mulheres transferia.  
Convento das Freiras Carmelitas Descalças  
De Santa Teresa, fundação de suas graças.

Ano de mil setecentos setenta e nove,  
Vinte e quatro de Outubro, largo da Estrela,  
Lisboa inteira, pela Fé, para ali se move,  
Inaugura-se uma linda Basílica, bela,  
E cara, seis milhões de réis, que se inove  
É que o povo de Lisboa se orgulhe dela.  
Única dedicada ao Coração de Jesus,  
No mundo Cristão, verdadeiro raio de luz.

Academia Real das Ciências, Cordoaria,  
Como também a Biblioteca Nacional,  
Nasceram durante o reinado de D. Maria,

Contributos à cultura do reino de Portugal.  
Mil setecentos oitenta e oito, dor lhe traria,  
Conduzindo-a ao estado de loucura final.  
Marquês de Angeja, homem de confiança,  
Morre, vive-se a ameaça vinda de França.  
Perde também D. José, príncipe herdeiro,  
Tal como a filha D. Mariana Vitória,  
A varíola leva-lhe outro filho, o terceiro,  
O Infante D, Gabriel, ano de má memória.  
Sua religiosidade terá sido mau conselheiro,  
Não os deixou vacinar, assim reza a história.  
Ameaça Francesa e sucessão de mortes,  
Levam-na à loucura, mudam-lhe as sortes.

Ano de mil setecentos noventa e dois,  
É declarada incapaz de governar,  
Já louca embarca, algum tempo depois,  
Para o Brasil, ficando o marido a reinar.  
D. Maria Primeira, vós por quem sois  
Na guerra que de França nos vem ameaçar.  
"Por Portugal" seria a resposta dela,  
Morreu no Brasil e repousa na Estrela.

Dois cognomes lhe seriam atribuídos,  
"Louca" no Brasil e em Portugal "Piedosa"  
Mulher e rainha de méritos reconhecidos,  
Fez do seu casamento, arma valiosa,  
Eliminando muitos dos noivos oferecidos,  
Seria refém da sua devoção religiosa.  
Portugal lhe reconhece toda a dedicação,  
Perdoando tão religiosa e cara devoção.

## D. João VI

---

D. João VI, cognominado "O Clemente",  
Sucedeu a sua mãe, D. Maria primeira,  
Teria um reinado conturbado e diferente,  
Daria para escrever uma novela verdadeira,  
Com todo o género de ingrediente,  
Sexo, intriga, conspiração e aventura  
Brasileira.  
Podem identificar-se três fases distintas,  
Nem todas elas das mais leais e bonitas.

Primeira, quando se viu príncipe regente,  
Mil setecentos noventa e dois a decorrer,  
Sua mãe encontrava-se muito doente,  
Dava sinais de começar a enlouquecer,  
Sofrera grandes desgostos muito de repente,  
Vira D. José, herdeiro do trono, morrer.  
Alguns defendiam que D. João era igual  
Temia-se pelo futuro da coroa de Portugal,

Justificada a forte preocupação Lusitana,  
Caso D. João não se mostrasse capaz,  
Seria sua esposa, originária de Espanha,  
Que já dera mostras de ser mulher audaz,  
Quem teria direito a tal honraria tamanha,  
Nem sequer esconde como isso a satisfaz.  
D. João lá foi príncipe regente, bem ou mal,  
O mais importante era defender Portugal.

Outra ameaça nos começava a ameaçar,  
Napoleão Bonaparte tinha sede de poder,  
D. João, a Espanha se resolve aliar,  
Para na campanha do Rossilhão combater.  
Pouco tempo depois, tudo iria mudar,  
Duas coroas, em campos opostos se irão ver.  
Mil oitocentos e um, Napoleão reinicia a guerra



Contra a toda poderosa coroa de Inglaterra.

Napoleão exige a Portugal drástica decisão,  
Fechar os portos aos navios de Inglaterra,  
D. João vive verdadeiros momentos de tensão,  
Diz que sim, mas portos nacionais não  
encerra,  
Espanha e França, já em perfeita união,  
Não hesitam, fazem-nos declaração de guerra.  
D. João deve ter pensado, o que tu me  
arranjas,  
Agora lá temos de ir para a "guerra das  
Laranjas"

Portugal seria um dos grandes perdedores,  
Olivença deixou de ser praça Portuguesa,  
Jogava-se um jogo de bons jogadores,  
Portugal mantinha posição de incerteza,  
Estávamos perante poderes muito maiores,  
Ventos trazidos pela revolução Francesa.  
Tentando ganhar tempo, o príncipe D. João,  
Tenta manter-se neutro, sofre nova invasão.

O que D. João não poderia imaginar  
Era que dentro da sua própria corte,  
Ou melhor dizendo, do próprio lar,  
Alguém jogava os seus dados da sorte,  
Sua esposa, Espanhola, ousava conspirar  
Contra ele, sua ambição era bem forte.  
Talvez D. João fosse homem de inteligência  
Não fora mero acaso recusá-la na regência.

D. Carlota, a esposa e futura rainha,  
Não se dá facilmente por vencida,  
Aliada a fidalgos, é impossível sozinha,  
Tenta derrubar o regente, vê-se perdida,  
Descoberta, para Queluz se encaminha,  
D. João não a quer mais na sua vida.  
Não conseguindo seus objectivos atingir,

Aproveita a vida no palácio para se divertir.

D. João ignorava que a sorte Lusa era traçada  
Entre a França e os reinos seus seguidores.  
Tratado de Tilsit, com a Rússia, sua aliada,  
Em Fontainebleau outros os negociadores,  
Espanhóis concretamente, estava lançada  
A investida de fortes e determinados  
opositores

D. João finge aceitar o bloqueio decretado,  
Mas faz da Inglaterra o verdadeiro aliado.

Aliança onde, entre outros, fica acordado  
O apoio dos Ingleses à Real Lusa gente,  
Brasil é o destino que fica combinado,  
Embora D. João se demonstre descontente,  
Deixava-o triste o facto de se ver obrigado  
A abandonar o reino assim tão de repente.  
Outubro do ano de mil oitocentos e sete,  
Chega ao reino notícia que muito promete.

Exército misto de Espanhóis e Franceses  
Aproxima-se de terras de Portugal.  
Primeiro de Novembro, nobres Portugueses  
Recebem informação de carácter vital,  
Napoleão divulga que dentro de dois meses  
A Casa de Bragança perderá o poder real.  
Não há tempo a perder em discussões,  
A corte tem de partir, urgentes decisões.

Mil oitocentos e sete, parte a família real,  
Podendo dizer-se que outra fase se inicia,  
Napoleão ameaçava invadir Portugal,  
Não havia que arriscar, assim se transferia  
A corte para o Brasil, era a decisão ideal,  
Portugal lutava por manter sua soberania.  
Partida que provocou grande discussão,  
Uns apoiavam-na, muitos outros, não.

A viagem revelou-se mal preparada,  
No navio da rainha iam todos os sucessores,  
A coroa Portuguesa ficava ameaçada,  
Perante mares perigosos e ameaçadores.  
Fins de Novembro, Lisboa assiste à chegada  
De Jean-Andoche Junot e seus invasores.  
Tropa faminta, mal armada e inexperiente,  
Valeu-lhes não encontrar quem lhe fizesse  
frente.

Mil oitocentos e oito, mês de Janeiro,  
A comitiva de suas majestades reais  
Aporta a Salvador, território Brasileiro,  
D. João alterou a rota dos planos iniciais,  
Para agradar ao povo quis ir ali primeiro,  
Salvador fora a primeira das capitais.  
Rio de Janeiro recebeu a restante comitiva,  
Há pouco substituíra a capital primitiva.

D. João revelou-se lesto e tomou decisões,  
Assinou carta régia onde declarava  
Abertos os portos a todas as amigas nações,  
No mês seguinte, a rio de Janeiro rumava,  
Aí toma novas medidas, revoga proibições,  
Manufacturas no Brasil, e instituições criava.  
Impressão Régia; Desembargo do Paço;  
Fábricas, tudo em muito curto espaço.

Estimula a agricultura e a navegação,  
Também o banco do Brasil é fundado,  
Intendência-geral da policia, outra criação,  
Vai com algumas outras de braço dado.  
Brasil, durante os anos que se seguirão,  
A reino, unido a Portugal, se vê elevado.  
D. Carlota Joaquina, a futura rainha,  
Ficará conhecida por inventar a "Caipirinha".

Mil oitocentos e quinze, data da elevação.  
Ano seguinte morre D. Maria primeira,  
D. João tem caminho aberto à sucessão,

Só dois anos após é a coroação verdadeira,  
Outros assuntos mereciam mais atenção,  
D. Carlota tentava a jogada derradeira.  
Brasil ficava longe de tudo e era inseguro,  
Casar um príncipe apresentava-se duro.

Havendo que casar o príncipe D. Pedro,  
Procurava-se uma esposa digna da sorte,  
O Marquês de Marialva, nada temendo,  
Conseguiu meio de enganar uma corte,  
Tratava-se de um embaixador sem medo,  
Corte Austríaca foi onde fez jogo forte.  
O imperador Francisco tinha linda menina,  
Acedeu a conceder a mão de Leopoldina.

Mil oitocentos e dezassete, casamento,  
Todos aspiravam retirar dividendos de tal,  
Ignorando, os Austríacos, o mau momento  
Que se vivia em terras do reino de Portugal,  
Ao mesmo tempo que distinto sentimento  
Se sentia no Brasil, onde nem se vivia mal.  
Imperador e seu ministro viam a aliança  
Como semente para nova zona de confiança.

Mil oitocentos e vinte, mês de Agosto,  
Dia vinte e quatro mais concretamente,  
Emerge um movimento, na cidade do Porto,  
Com vista a construir um futuro diferente,  
Lisboa sente repercussões e dá o rosto  
Para que o movimento possa ir em frente.  
Reúnem-se as Cortes, convocam-se eleições,  
Madeira e Açores apoiam novas pretensões.  
D. João via-se intimidado a regressar,  
Jura fidelidade à futura constituição  
Portuguesa,  
No ano seguinte, não há como o recusar.  
Neste mesmo ano o regresso é uma certeza,  
Vinte seis de Abril é tempo de embarcar,  
Trazendo uma rainha em estado de fraqueza.

D, Carlota recusara assinar a nova  
constituição,  
Tal facto lhe irá ditar medidas de exclusão.

Severas penas, como perda de cidadania,  
E todas as demais prerrogativas de rainha,  
Só escolher o local de exílio lhe permitia,  
Pouco se preocupava, nunca estaria sozinha,  
Quinta do Ramalhão, por saúde, a acolhia,  
Consta-se que muito romance aqui tinha.  
Romances também os teria D. João,  
Alguns dignos de causar grande confusão.

Uma jovem, D. Eugénia de Menezes,  
Filha do governador de Minas Gerais,  
Tê-lo-á consolado por diversas vezes,  
Até que as coisas foram longe demais,  
Estas coisas do amor têm seus revezes,  
Não existiam métodos anticoncepcionais.  
Vivia-se o ano de mil oitocentos e três,  
Ficou deveras aflito o monarca Português.

Temendo a rainha, muito temperamental,  
João Francisco de Oliveira Álvares, amigo,  
Aceita fugir com a donzela, tudo normal,  
D. João lá conseguiu superar o perigo,  
Logo trataria de recompensar o amigo leal,  
Agora tinha era de se preocupar consigo.  
Foi o único romance conhecido, feminino,  
Outro terá sido um tal de Francisco Rufino.

Seu guarda-roupa e ajudante pessoal  
Teria por hábito aconchegá-lo no leito,  
Mil oitocentos e nove, distinção real,  
A barão foi designado e depois, feito  
Visconde de V.N. da Rainha, afinal  
El-Rei recompensava os amigos do peito.  
Tudo não passará de meras histórias  
Das quais nunca se cantaram glórias.



Portugal vivia tempos de dificuldade,  
D. João sexto temia pelo futuro,  
Sabia que à primeira oportunidade,  
D. Miguel o depor, oportunista puro,  
Vivia ciente da triste Lusa realidade,  
Mas o filho teria nele um osso duro.  
Mil oitocentos vinte e três, a Vilafrancada,  
Logo no ano seguinte é a Abrilada.

Terras de Vila Franca, mês de Março,  
D. Miguel, apenas com vinte e um anos,  
Tenta dar à Lusa história outro traço,  
Sonha depor o pai e ser rei dos Lusitanos,  
É derrotado mas consegue ganhar espaço,  
Elevados poderes e nenhuns danos.  
Derrotas podem significar conquistas,  
Basta ter a argúcia dos fiéis absolutistas.  
Espanha é invadida por tropas de França,  
Pretendem esmagar regime constitucional,  
Ordens expressas da Santa Aliança,  
Sonham os absolutistas de Portugal,  
Norte do país, aqui o sonho mais avança,  
Conde de Amarante é rosto principal.  
D. Miguel vai opor-se aos revoltosos,  
Vila Franca vive momentos tenebrosos.

Tropas de infantaria revelam-se  
Apoiantes das causas dos absolutistas,  
Unem-se a D. Miguel, rebelam-se,  
Almeida bem podia suspirar suas visitas.  
Forças leais ao rei manifestam-se,  
D. Miguel contorna ventos derrotistas.  
Palácio da Bemposta, Maio nos finais,  
D. João sexto define caminhos nacionais.

Recebendo encorajantes manifestações  
Entende ser chegada a hora de actuar,  
D. Miguel, ciente das suas condições,

Procura saída airosa, não pode recuar,  
Finge defender as paternais posições,  
D. João sexto como que se deixa ludibriar.  
O Infante é nomeado chefe do exército,  
Sua inteligência lhe valeu tal mérito.

D. Miguel, que via seu poder reforçado,  
Consegue obter a dissolução das cortes,  
De índole liberal, seu jogo está lançado,  
Só espera por oportunidades mais fortes.  
Liberais anseiam regressar ao passado,  
D, Miguel tenta trocar-lhe as sortes.  
Mil oitocentos vinte e quatro, mês de Abril,  
Dia trinta mais concretamente, acto vil.

D. Miguel convoca tropas de toda a Lisboa,  
Pretende colocar termo à conspiração,  
Na realidade não é acto feito à toa,  
Vê ali a oportunidade de obter a coroação,  
Seu intento no corpo diplomático se escoo,  
D. João sexto está a salvo, sob condição.  
HMS Windsor Castle, Inglês navio de guerra,  
Recolhe o monarca, negocea-se em terra.

D. Miguel não hesitara mandar deter  
Homens importantes do governo de então,  
Duque de Palmela e outros irão ver  
Os acontecimentos a partir da prisão.  
Portugal teme o que poderá vir a acontecer,  
D. Miguel não esconde sua ambição.  
Palácio dos Estaus, hoje teatro D. Maria,  
É quartel de quem tanto teme a maçonaria.

D. João sexto, Palácio da Bemposta,  
Vulgarmente chamado Paço da Rainha,  
Parece não ter capacidade de resposta,  
A coroa Portuguesa não está sozinha,  
A elite diplomática manifesta-se disposta  
Para apoiar quem a Lusa coroa detinha.

D. Miguel é demitido do cargo e exilado,  
Ninguém pensasse que estava derrotado.

## D. Pedro IV

---

Contava somente sete anos de idade  
Quando deixou os jardins de Queluz,  
Seus pais procuravam a tranquilidade  
Ameaçada pelas tropas da cidade luz,  
Assim o conta a história, outra verdade  
É algo que, hoje, a muitos outros seduz.  
D. Pedro quarto teve o mais curto reinado,  
Somente sete dias, este terá durado.

Curto pode ter sido seu reinado,  
Vinte seis de Abril a dois de Maio,  
Mas bem grande foi o seu legado,  
A muitas amantes estendeu seu raio.  
Foi imperador e rei algo contestado,  
Saltitando entre amantes, qual gaio.  
Ano de mil oitocentos vinte e seis,  
Quando possuiu a coroa dos Lusos reis.

Seu cabelo preto e olhos brilhantes  
Tornavam-no num homem charmoso,  
Conquistando, facilmente, amantes,  
A quem se mostrava bastante generoso,  
Tinha mudanças de humor constantes,  
Cultivava ódios e amores, era ambicioso.  
Demonstraria ser homem bem viril,  
Proclamou a independência do Brasil.

Mil oitocentos vinte e dois, ano corrente,  
Fundando o império Brasileiro,  
Ainda jovem dava provas de ser diferente  
Do que viria a ser D. Pedro primeiro,  
Homem justo mas por vezes indiferente  
A actos que nada tinham de justiceiro.  
D. Pedro, além de primeiro imperador,  
Seria, de títulos, grande coleccionador.

Grão-Prior do Crato; Infante de Portugal;  
De Portugal, Brasil e Algarves, reino unido,  
Foi Príncipe regente e também príncipe real  
Príncipe da Beira título lhe foi atribuído,  
Império Ultramarino Português, título real,  
Sete dias, como rei Português, foi detido.  
Cognomes: "Rei-Soldado" ou "Rei-imperador".  
No Brasil e em Portugal, "Rei-Libertador"

Rei-Soldado por ter enfrentado,  
O príncipe D. Miguel, na guerra civil,  
Entre trinta e dois e quatro travado,  
Rei-Imperador pelo cargo no Brasil,  
Rei- Libertador por ter libertado  
Ambos os reinos de domínio vil.  
Ao Brasil libertou-o do domínio Português,  
A Portugal do absolutismo, de vez.

Ainda jovem já se diferenciava do irmão,  
Combatiam em regimentos opostos,  
Talvez não fosse simples imaginação,  
Mas sim reflexos de pensamentos e gostos.  
D. Pedro revelar-se-ia contra a escravidão,  
Não admitindo diferenças entre rostos.  
D. Pedro sempre apreciou artes manuais,  
Equitação, Marcenaria entre outras mais.

Outra sua grande habilidade e virtude  
Residia na arte de manejar armamento,  
Na equitação era vasta a sua amplitude,  
Não se ficando pelo simples andamento,  
Ele os ferrava e selava, coisas da juventude  
Que o marcariam a todo o momento.  
D. Pedro, ainda na força da mocidade,  
Adorava disfarçar-se e divertir-se à vontade.

Frequentava tabernas do Rio de Janeiro,  
Misturado com empregados palacianos,

Ninguém descobria tratar-se do herdeiro  
Dos destinos Brasileiros e Lusitanos.  
Gostava do convívio puro e verdadeiro  
Sem falsas amizades geradoras de enganos.  
Assim conheceu fiel amigo, de sua graça.  
Francisco Gomes da Silva "O Chalaça".

D. Pedro recebeu esmerada educação,  
Contando com bons mestres e educadores,  
Sabia Português; Latim; Francês; Alemão  
E ainda Inglês. Um dos seus amores  
Seria a matemática, verdadeira paixão,  
Também na poesia mostrou seus valores.  
Na Flauta, fagote, trombone, lundu, cravo  
Violino, piano, violão, clarinete, era bravo.

Pintura, litografia e escultura, o atraíam,  
Tantas artes não estavam nem por perto  
Da educação que suas funções exigiam,  
Muitos o considerariam semianalfabeto,  
D. Pedro, como poucos o conseguiriam,  
Compreendia tais falhas, homem esperto.  
Uma de suas medidas mais extraordinárias,  
A responsabilidade sobre escolas primárias.

D. Pedro sabia bem o valor da educação,  
Todos os livros que fossem importados  
Ficariam isentos de qualquer tributação,  
Também cursos jurídicos seriam criados,  
Enquanto censura prévia sofria abolição,  
Cuidando que seus filhos fossem educados.  
Todos os grandes homens têm um senão,  
D. Pedro tinha-o em assuntos do coração.

Anteriormente, mil oitocentos dezasseis,  
Sua avó, D. Maria primeira, morria,  
Seu pai entrava na galeria dos Lusos reis,  
Ele, príncipe real e herdeiro, se via.  
Mil oitocentos e vinte, mudam-se as leis,

O regresso do rei, a Portugal, se exigia.  
Defendia-se a restituição do Pacto Colonial,  
Só no ano seguinte regressou a família real.  
D. João sexto tentou ignorar tal decisão,  
Não deixaram, Clero, burguesia e nobreza.  
Cortes Gerais e extraordinárias da nação  
Elaboravam nova constituição Portuguesa,  
O monarca não teve como resistir à pressão,  
Treze anos após, deixa o Brasil, com tristeza.  
A notícia, no Brasil, foi muito mal recebida,  
Não aceitavam a decisão régia de partida.

Parte o rei, fica o filho como regente,  
Em Portugal tomam-se decisões,  
No Brasil cresce a onda descontente,  
As cortes rescindem algumas concessões.  
D. Pedro alia-se ao movimento crescente,  
Em Portugal endurecem-se as rescisões.  
Terra que já foi elevada a Reino Unido  
Não volta a ser colónia, está decidido.

O Título de príncipe regente é anulado,  
D. Pedro recebe uma ordem judicial,  
Através dela vê-se, o príncipe, obrigado  
A regressar, imediatamente, a Portugal,  
Uma frota tenta cumprir o decretado.  
"Fico" é a resposta recebida no final.  
Mil oitocentos vinte e dois, Janeiro,  
Dia nove, é a alegria do povo Brasileiro.

D. Pedro aproveitava a solene ocasião:  
"Nenhuma ordem das cortes Portuguesas  
Será cumprida, sem minha autorização"  
Viviam-se tempos de grandes incertezas,  
O Brasil iniciava o caminho da separação,  
Portugal arriscava perder tantas riquezas.  
Sua popularidade seria provada em Abril,  
Minas Gerais representava todo o Brasil.

São Paulo enfrentava uma rebelião,  
D. Pedro entendeu que tinha de intervir,  
Parte e recebe importante informação,  
José Bonifácio, desde Portugal, faz-se ouvir,  
Por carta, conta-lhe a Lusa intenção  
De atacar o Brasil e obrigá-lo a cumprir.  
Junto ao riacho do Ipiranga lança sua sorte,  
D. Pedro profere: "Independência ou morte".

Apoio do povo é imediato e incondicional,  
Doze de Outubro, volta ao Rio de Janeiro,  
As tropas do exército de Portugal,  
Que se encontram em solo Brasileiro,  
Contestam a independência, atitude leal,  
Encetando um último esforço guerreiro.  
Mil oitocentos vinte cinco, nada a fazer,  
Portugal reconhece nova nação a nascer.

Entretanto, mil oitocentos vinte e três,  
Já D. Pedro apresentara uma constituição  
Que afastava o Brasil do jugo Português,  
Os três poderes eram alvo de separação,  
Na prática, D. Pedro, nada disto fez,  
Semente de alguma, e futura, contestação  
D. Pedro primeiro foi aclamado imperador,  
Seu discurso provocaria algum clamor.  
Portugal, após a vitória dos Republicanos,  
Optariam por uma política de desvalorização,  
Onde emergiriam algumas falhas e danos  
De D. Pedro, difundindo-a até na educação,  
Para tentar denegrir os monárquicos anos,  
Atribuindo a D. Pedro o ónus da situação.  
O Imperador defendia políticas inovadoras,  
Perdia-se era em camas pouco avalizadoras.

Seria influenciado pelas muitas amantes,  
Domitília de Castro principalmente.  
A Assembleia assistia a lutas constantes,  
Existiam três vias de política diferente,



“Os Bonifácios” onde seus integrantes  
Defendiam uma monarquia resistente.  
José Bonifácio escrevera discurso inflamado  
Proferido por D. Pedro ao ser aclamado.

Defendiam um país unido no imperador,  
A abolição de toda a espécie de escravidão,  
A reforma agrária como o grande motor  
De desenvolvimento de próspera nação,  
País sem empréstimos estrangeiros de maior,  
Numa política constitucional de governação.  
D. Pedro primeiro entendia-a como ideal,  
Podia governar e ter liberdade sentimental.

Outra corrente “Os Portugueses absolutistas”,  
Opunham-se aos “Bonifácios” nos ideais,  
Não admitiam abdicar de suas conquistas,  
Escravos, privilégios e muitas outras mais,  
Integravam Lusitanos e também nacionalistas,  
Defendiam absolutismo com poderes centrais.  
Era a política em toda a sua plenitude,  
Manietando o país logo desde sua juventude.

“Liberais Federalistas” a terceira corrente,  
Defendiam uma monarquia figurativa,  
Se fosse centralizada e federal, excelente,  
A escravidão teria de se manter bem viva,  
Viam nos “Bonifácios” um perigo eminente,  
Fazendo-lhes oposição fortemente activa.  
Razões políticas, interesses de força superior  
Levaram a uma união conta o imperador.

Liberais e Portugueses resolveram se unir,  
Registavam-se alguns pontos convergentes,  
Queriam forçar D. Pedro primeiro a demitir  
José Bonifácio, então ministro, e suas gentes,  
Atingindo o objectivo começaram a dirimir,  
Definindo então, objectivos pouco diferentes.  
D. Pedro, conhecendo as ideias liberais,

Alia-se aos Portugueses, aquilo era demais.

António Carlos de Andrada e seu irmão,  
Vitimas da reformulação governamental,  
Conseguem mobilizar uma multidão  
E instalar uma forte corrente anti-Portugal,  
Tudo a partir de pressuposta agressão,  
Contra um boticário, por artigo no jornal.  
Teriam sido dois oficiais Lusitanos  
Os autores de tão nefastos actos e danos.  
D. Pedro assistindo a toda a movimentação,  
Desde a janela do Paço Imperial,  
Ao lado da cadeia velha, local de realização  
Da constituinte, emitiu nota oficial  
Para que o exército entrasse de prevenção,  
Temia-se conflito de carácter institucional.  
Reina a apreensão entre os deputados,  
Exigem que sejam de imediato informados.

Francisco Barbosa, ministro do Império,  
Em pura representação governamental,  
Desloca-se ao espaço e desfaz o mistério,  
D. Pedro exige uma acusação formal  
Contra os Andrada, pelo abuso sério.  
Reúnem os deputados, algo corre mal.  
A resposta só chegou no dia seguinte:  
"Não". D. Pedro dissolveu a constituinte.

Considerá-lo como fora de lei, a decisão,  
Quem julgariam que eram os deputados,  
D. Pedro primeiro não temeu a reacção,  
Ficassem e seriam, por baionetas, varados,  
Não se verificaria necessária a intervenção,  
Somente alguns se veriam deportados.  
Deportação de alguns, o que sobraria  
Da chamada "Madrugada da noite da agonia".

Manos Andrada demandaram a França,  
Portugueses propuseram antes Portugal,

onde a morte seria a única esperança,  
D. Pedro opôs-se de forma dura e frontal,  
"Isso nunca" seria trair toda a confiança,  
"Nunca", seria uma atitude muito desleal.  
Convocam-se todos os demais deputados,  
Elaborar nova constituição, são convidados.

Envolvem-se em lutas meramente pessoais,  
Ignorando seu principal objectivo.

D. Pedro primeiro não pode demorar mais,  
Reúne conselho de estado, selectivo,  
São urgentes os preparos constitucionais,  
O Império precisa de se manter activo.  
Capital do império vive à beira da anarquia,  
D. Pedro não deseja impor-se pela tirania

Cansado de tarefas tão desgastantes,  
Recusou ser rei da Grécia independente,  
Preferindo dedicar o tempo às amantes,  
Ignorando sua esposa, já muito doente,  
D. Pedro esquecera seu amor de antes,  
Domitília de Castro era figura presente.  
A figura de Imperador ia-se degradando,  
Políticos oportunistas iam-se aproveitando.

Adivinham-se tempos de grande tensão,  
Já vários filhos tinha, Infanta D. Maria,  
D. Maria segunda, por paterna abdicação,  
E D. Pedro, segundo do Brasil seria.  
Eis que inesperadamente, el-rei D. João,  
Ano de mil oitocentos e vinte seis, morria.  
Domitília Castro não lhe dava paz,  
Revelando-se amante bastante audaz.  
D. Pedro primeiro parecia comandado,  
Logo ele, aclamado como o libertador,  
Apesar de tudo, seria um pai preocupado,  
Tratando a todos, quase, com zelo e amor.  
Agora via-se perante dilema complicado,  
Ser rei de Portugal ou do Brasil imperador.



Ainda procurou ambos, em acumulação,  
Não o deixou o Brasil, pela sua constituição.

D. João sexto deixou tudo preparado,  
Parecia adivinhar a chegada da morte,  
Sua filha, D. Isabel, foi elemento nomeado  
Para integrar a regência da nossa sorte,  
Até que D. Pedro fosse regente empossado,  
Não fosse a governação ficar sem norte.  
D. Pedro mantinha direitos em Portugal,  
Seria Príncipe regente e herdeiro real.

D. Miguel não revela sua contrariedade,  
Sabe como jogar naquele xadrez,  
Opta por esperar pela nova oportunidade  
De regressar a solo do reino Português.  
Não o manifestou mas a grande verdade,  
Não esperava perder a coroa outra vez.  
A Regência chama o imperador D. Pedro,  
Conhecendo a realidade, sente algum medo.

D. Pedro tornava-se rei, D. Pedro quarto,  
Portugal, Algarves, daquém e d'além mar,  
Em África era senhor, mas temia o facto  
De não o deixarem tantos títulos acumular.  
Assume a coroa e protagoniza insólito acto,  
Passados somente sete dias resolve abdicar.  
Sua filha, D. Maria da Glória, ainda criança,  
é herdeira da coroa, nasce a desconfiança.

D. Pedro, Liberalista e constitucionalista,  
Temia as ideias de seu irmão, D. Miguel,  
Conhecido por ser acérrimo absolutista,  
Havia que arranjar maneira de o manter fiel,  
Os Portugueses viam-no como oportunista,  
Sempre á espreita do principal papel.  
Por duas vezes, seu pai, procurara assassinar,  
Não era figura bem vista para nos governar.

A somar à sua legal impossibilidade,  
Havia que contar com seu irmão,  
D. Miguel não mudara na verdade,  
Conservava em si a mesma obsessão,  
D. Pedro conhecia tal realidade,  
Agora tinha de procurar uma solução.  
Travava-se uma luta de interesses pessoais,  
Disfarçada entre absolutistas e liberais.

Abdica a favor da filha, D. Maria da Glória,  
Outorgando importante carta constitucional,  
Pensara encontrar as luzes da vitória  
Para a grave crise da sucessão nacional.  
D. Miguel finge aceitar o evoluir da história,  
Já de olho na coroa do reino de Portugal.  
Sacrifica-se a ficar noivo da sobrinha,  
Faz jura solene e rumo à coroa caminha.  
D. Pedro demonstrou ser homem ciente,  
Assegurou que a constituição, por si aprovada,  
Se manteria em vigor entre a Lusa gente,  
E que sua filha seria, com D. Miguel, casada,  
Pensara ter encontrado fórmula inteligente  
De a trégua, absolutistas e liberais, ser selada.  
D. Miguel, encontrava-se na Áustria exilado,  
Desde o golpe contra o pai, fingiu-se  
agradado.

Chegou a Portugal e jurou a constituição,  
Já o fizera em Viena, bem como o casamento,  
Assumindo a regência em nome da união,  
Foi paz que durou por breve momento,  
Nobres conservadores lhe ofereciam a  
coroação,  
Aliou-se a eles, esquecendo-se do juramento.  
Mil oitocentos vinte oito, decorria Julho,  
Vinte e três, é proclamado rei, sente orgulho.

D. Carlota Joaquina tudo comandava,  
Nada se fazia sem obter seu consentimento,

Mil Oitocentos vinte seis passava,  
Quando em Outubro se dá o casamento,  
Áustria e por procuração, pouco interessava,  
Importante era garantir tal momento.  
D. Miguel, tendo sua mãe como aliada,  
Conquistava a glória tão desejada.

Liberais e absolutistas iniciam guerra civil,  
As denominadas guerras Liberais Portuguesas,  
D. Pedro vê-se obrigado a deixar o Brasil,  
Vivem-se, em Portugal, tempos de incertezas,  
O povo não apoia acto desonesto e vil.  
D. Pedro quarto esquece amores e tristezas.  
Nação Brasileira é realidade consolidada,  
Agora é tempo de reconquistar coroa roubada.

D. Pedro abdica da coroa Brasileira,  
Seu filho, D. Pedro segundo, é o sucessor,  
Ruma aos Açores, Ilha Terceira,  
Aqui recebe apoio militar do melhor,  
E se prepara para aventura guerreira,  
Onde muitos dariam provas de seu valor.  
D. Pedro lutava por algo muito belo,  
A filha, desembarca no Porto, Mindelo.

Seguem-se dolorosas batalhas, mortais,  
Chacinas para qualquer um dos lados,  
Acabariam por vencer os Liberais,  
D. Miguel e seus acabam por ser exilados,  
Mil oitocentos e trinta e quatro mais,  
Alemanha, país para onde são enviados.  
D. Maria segunda regressa à coroa,  
Convenção de Évora-Monte o apregoa.

Liberais Espanhóis teriam oferecido,  
A D. Pedro, a coroa do seu País,  
Mil oitocentos vinte seis decorrido,  
Consolidar o Império Brasileiro ele quis,  
Convite, três anos depois, repetido,

“Não” novamente o Imperador lhes diz.  
Mil oitocentos trinta, nascem os “Carlistas”  
Facção Espanhola composta de absolutistas.  
Novo convite, ao soberano, é endereçado,  
Ofereciam-lhe ser imperador Ibérico,  
D. Pedro aceita, daí também ter abdicado,  
Desfecho final, por conflito periférico,  
Sublevação na Cisplatina, reforçado.  
D. Pedro debateu-se de modo enérgico.  
Seu prestígio começava a cair em desgraça,  
Ser imperador Ibérico, sonho não grassa.

Mil oitocentos vinte seis, quase no final,  
Onze de Dezembro mais concretamente,  
Imperatriz Leopoldina dá suspiro mortal,  
D. Pedro quarto sente-se impotente,  
Debate-se em grande conflito sentimental,  
Nunca a respeitou, mas sofre, sinceramente.  
Domitília de Castro sonha ser imperatriz,  
Viscondessa ou marquesa não a deixa feliz.

Mil oitocentos vinte e nove, casamento,  
A notícia deve ter causado altos prantos,  
Amélia de Beauharnais, longo tormento,  
Desfazia os sonhos da marquesa de Santos,  
Ninguém aprovava aquele relacionamento,  
Obstáculos para obter noiva, uns quantos.  
Duquesa de Leuchtenberg, aceita o desafio,  
Fora a esposa que Napoleão preteriu.

Mil oitocentos trinta e dois, Açores,  
D. Pedro, na qualidade de Duque de Bragança  
Nomeia ministério composto dos melhores,  
Mouzinho da Silveira nome que avança,  
Marquês de Palmela outro dos legisladores,  
Agostinho José Freire, merece a confiança.  
Mouzinho da Silveira ir-se-ia destacar,  
Revelando competências dignas de elogiar.

Mil oitocentos trinta e quatro, Julho a correr,  
Dia vinte e quatro, cidade de Lisboa,  
Os Liberais, depois de muito penar e sofrer  
Cantam vitória, um nome então se entoa,  
Duque da Terceira. Não há tempo a perder,  
Agosto, D. Maria reconquista a coroa.  
Vinte e quatro de Setembro do mesmo ano,  
Tuberculoso, morre mais um rei Lusitano.

Convenção de Évora Monte confirmara,  
Há muito pouco tempo, a vitória dos Liberais,  
Causa que tanto defendera e abraçara.  
D. Pedro quarto não foi somente um rei mais,  
Foi alguém a quem vida não ensinara  
Como amar, mas que soube lutar por ideais.  
Contava trinta cinco anos desde que vira a luz,  
Morreria no mesmo quarto, palácio de Queluz.

Por mera coincidência, ironia do destino,  
Até acabaria por morrer na mesma cama,  
Ladeado, musa da causa de que fora paladino,  
D. Maria segunda, filha que tanto ama,  
E D. Amélia, lhe desculpara todo o desatino,  
Nunca reclamando algum olhar a outra dama.  
Lisboa, Igreja de S. Vicente de Fora,  
Ali foi sepultado, entretanto já lá não mora.  
Seu coração, por sua decisão testamentária,  
Foi doado à cidade do Porto, igreja da Lapa,  
Aí se conserva como relíquia, extraordinária,  
Num mausoléu da capela-mor que o tapa.  
Seus despojos sofreram transladação  
mortuária  
E no museu do Ipiranga uma visita não  
escapa.  
D. Pedro quarto terá vivido dias felizes  
Hoje descansa entre suas duas, imperatrizes.

D. Leopoldina seria uma mulher elegante,  
D. Amélia passaria mais despercebida,



Aquela da botânica e zoologia uma amante,  
Esta simples amante de uma tranquila vida,  
A primeira viveu em tristeza constante,  
A segunda olhou a vida de forma divertida.  
Quem compreenderá os caminhos do amor,  
Ninguém, nem D. Pedro, o Imperador.

As amantes lhe trouxeram dificuldades,  
Tristezas, amarguras e muitos sarilhos,  
D. Pedro quarto mostrou qualidades  
Quando se tratava de assuntos dos filhos,  
Na história nem tudo são meras verdades,  
Também se cometem alguns pecadilhos.  
Uma das melhores constituições nacionais,  
A ele se deve. Recordá-lo nunca é demais.

## D. Maria II

---

Mil oitocentos vinte seis, a viragem,  
Seu pai, D. Pedro quarto, abdica do trono,  
Era o início de conturbada viagem,  
Nada que lhe conseguisse tirar o sono,  
Nem quando D. Miguel ganhou vantagem,  
Acreditando na frase "o seu a seu dono".  
Julho de mil oitocentos vinte e oito,  
Deixa o Rio de Janeiro, é duquesa do Porto.

Seus direitos à coroa são reconhecidos,  
Embora que não por todo o mundo,  
Desde Março, seus sonhos eram traídos,  
Seu tio D. Miguel desferira golpe profundo,  
Dissolvera as Cortes, artigos escondidos  
Permitiam-lhe sonhar alterar tudo.  
D. Maria levava companhia de confiança,  
Marquês de Barbacena, quem com ela avança.

Três de Setembro, águas de Gibraltar,  
Tomam conhecimento da Lusa situação,  
Marquês de Barbacena resolve mudar,  
Irem para Viena não seria boa solução,  
D. Miguel tinha Metternich para o apoiar,  
Este tinha a política europeia na mão.  
Tomando a responsabilidade, o Marquês,  
Resolve ir para Inglaterra, mau outra vez.

Lorde Wellington apoiava, abertamente,  
D. Miguel, não transmitia tranquilidade,  
D. Maria é recebida, na corte, honrosamente,  
Mas recusam conceder qualquer liberdade,  
Aos emigrantes que são gente da sua gente  
De irem lutar, sua expressa e livre vontade.  
Tropas liberais esperavam na Ilha Terceira,  
Portugal protestava contra a acção traiçoeira.



## D. Miguel

---

D. Miguel não nasceu destinado a reinar,  
Era terceiro na linha de sucessão,  
Tal nunca o impediria de sonhar  
Em dirigir os destinos da Lusa nação,  
Sonho que se haveria de reforçar  
Ao ver morrer o seu, mais novo, irmão.  
D. Francisco António Pio de Bragança  
Morreu quando era ainda uma criança.

Contava somente seis anos de idade,  
Abrindo, a D. Pedro, a porta da sucessão.  
D. Miguel, ainda não nascido nessa tarde,  
Viria a contestar a sucessória decisão.  
Quando já homem, chamaria à realidade  
Artigos que tiravam a D. Pedro tal pretensão.  
Leis Fundamentais do Reino, documento  
Em que assentava todo seu argumento.

Alicerçado na força dos seus vinte anos,  
E de ideais católicos e tradicionalistas,  
D. Miguel insurgiu-se, como muitos Lusitanos,  
Contra tendências de reinar sob novas vistas,  
Portugal vinha de guerras de muitos danos,  
Desconfiava-se de novas ideias, reformistas.  
Gozando de popularidade entre o povo,  
Via, nos movimentos liberais, perigo novo.

Não granjeando grande simpatia  
Entre os adeptos do ideário liberal,  
Oriundos, principalmente, da burguesia,  
Aproveitava o devastado clima social,  
Que de duas guerras, há pouco, saía,  
Para tentar impor o que tinha como ideal.  
O povo enfrentava inúmeras dificuldades,  
Igreja lhes valia nalgumas necessidades.

D. Miguel, revelando grande inteligência,  
Resolve aproveitar alguma animosidade,  
Dos Liberais pela Igreja, agindo com  
prudência,  
E retirando, daí, num gesto de oportunidade,  
Apoios de quem sentia a urgência  
De ser comandado por alguém com  
autoridade.  
Metternich da Áustria, o modelo admirado,  
Mesmo que com outro estilo de reinado.

D. Miguel, é quase certo que temeria  
Certas influencias vindas do estrangeiro,  
Principalmente as ideias da Maçonaria,  
Que considerava um perigo verdadeiro,  
Tomar medidas urgentes se exigia,  
Ia mil e oitocentos no vigésimo terceiro.  
Portugal adoptara um regime parlamentar,  
D. Miguel entendeu chegada a hora de actuar.

Vinte sete de maio foi o dia escolhido,  
Vila Franca de Xira o local da proclamação,  
Regime parlamentar não resiste, é destituído,  
Poder absoluto volta às mãos de D. João,  
Sua majestade revela-se deveras agradecido,  
Seu filho é comandante das tropas da nação.  
Contam relatos da época, uma história curiosa,  
Ao chegar a Lisboa tiveram recepção gloriosa.

Absolutistas e a população, descontente  
Com o passado, abordaram o coche real,  
Numa manifestação muito pouco frequente,  
Então quarenta militares, algo surreal,  
Desatrelam os cavalos e, determinadamente,  
Puxam eles o coche D'El Rei de Portugal.  
Consumava-se, assim, a Vilafrancada,  
Agora, era tempo de esperar pela Abrilada.

O episódio da substituição dos animais,  
Não ficaria sem lugar especial na história,  
Dele se aproveitariam os Liberais,  
Atribuindo, aos Absolutistas, pouca memória,  
Apelidando-os de Burros, nem mais,  
Estes pouco se importavam, viviam em glória.  
D. João VI parecia trilhar outras pistas,  
Não tomando o partido dos Absolutistas.

D. Miguel, e seus partidários, temem o pior,  
Outubro de mil novecentos vinte e três,  
A própria rainha planeia, seu marido depor,  
Não lho permitem alguns, pequenos, porquês,  
Pensam, mãe e filho, prendê-lo seria melhor,  
Colocando D. Miguel no trono Português.  
Vila Viçosa seria a praça então escolhida,  
Também esta tentativa não seria bem-  
sucedida.

Fevereiro de mil oitocentos vinte e quatro,  
Conselheiro real é assassinado, em Salvaterra,  
Não saem grandes consequências deste facto,  
D. Miguel, sabido, novo golpe desferra,  
Os Liberais estavam por trás de tal acto,  
Sendo necessário expulsá-los da Lusa terra.  
Trinta de Abril, reúnem-se tropas no Rossio,  
D. Miguel demonstra ser homem astuto e frio.

Simulando querer proteger a família real,  
Mantém o Rei retido no Palácio da Bemposta,  
Seu sonho é tomar o trono de Portugal,  
Conselheiros reais são presos, numa suposta  
Medida contra o perigo do movimento liberal,  
Embaixadores estrangeiros recusam tal  
aposta.  
No Tejo está um navio Inglês ancorado,  
É nele que D. João sexto se vê refugiado.

D. Miguel perde e recebe ordem de expulsão,

Que contempla, igualmente, a rainha,  
Esta, fazendo alarde de grande encenação,  
Consegue ficar em terras Lusas, sozinha,  
Enquanto D. Miguel parte em navegação,  
Viena será o seu destino, ninguém o detinha.  
Aguarda o reino, ansioso de medidas reais,  
Iria colar-se aos absolutistas ou aos liberais.  
Mil oitocentos vinte e seis, dez de Março,  
Morre D. João sexto, mostrando-se atento,  
Às pretensões da rainha trocara o passo,  
Dando a sua filha, D. Isabel, o real assento,  
Não de forma decisiva, esse era outro laço  
Que teria de ser desatado em futuro momento.  
D. Pedro quarto tornara-se novel imperador,  
Do Brasil, o que constituía obstáculo maior.

Brasileiros, Portugueses, ninguém queria  
A união das duas coroas, havia que agir,  
D. Pedro abdica em nome da filha, D. Maria,  
Criança, somente sete anos, tem de assumir  
Tão dura prova que a Lusa Pátria lhe pedia,  
Corre-lhe o sangue real, não há como fugir.  
D. Pedro, seu pai, era homem consciente,  
Promete-a a D. Miguel, que fica como regente.

Canta-se vitória, entre Absolutistas e Liberais,  
Estes pela nova Carta Constitucional,  
Aqueles por verem os interesses nacionais  
Na posse de gente sua, tudo ficaria igual,  
Mesmo assim não chega, querem ainda mais,  
Querem ver D. Miguel no trono de Portugal.  
D. Pedro vê-se acusado de alta traição,  
Levantara armas contra a sua própria nação.

Mil novecentos vinte e oito, Fevereiro,  
A vinte e dois, regressa D. Miguel,  
Jura a constituição, mas seu conselheiro  
Deseja que represente outro papel,  
Alicerçado em forte apoio estrangeiro

Sugere-lhe que a seus ideais seja fiel.  
D. Miguel jurara a Carta Constitucional,  
Quatro dias após regressar a Portugal.

O ambiente no reino era algo conturbado,  
D. Miguel resolve dissolver as cortes,  
O regime absolutista é, assim, restaurado,  
Mil oitocentos vinte e oito, são fortes  
As razões que o levam a ser proclamado  
Rei de Portugal. Temem-se duros cortes.  
Nações estrangeiras retiram embaixadores,  
Alguns voltariam em anos posteriores.

Inglaterra, França e Áustria são exceção,  
Nunca reconheceriam D. Miguel como rei,  
Liberais planeiam nova revolução,  
Falhada a revolta militar, rejubila a grei,  
Revoltosos veem-se alvo de perseguição,  
Prende-se e mata-se, tudo em nome da lei.  
Governo, de ministros pouco competentes,  
Não congrega o contentamento das gentes.

Portugal vê sua situação, grave, a piorar,  
D. Pedro envia D. Maria para Inglaterra,  
A muitos dos Liberais fugidos se irá juntar,  
Está aberto o caminho que levará à guerra,  
Ilha Terceira, peça vital se irá revelar,  
Muitos. Liberais exilaram-se naquela terra.  
Absolutistas acenam-lhe com suas cores,  
Liberais conquistam o resto dos Açores.  
D. Pedro, abdicara da coroa do Brasil  
A favor de seu filho, D. Pedro segundo,  
Homem determinado numa luta febril  
Procura apoios por todo o mundo,  
Mil oitocentos trinta e dois, de forma viril  
Desembarcam no Porto, golpe profundo.  
Não terão imaginado tanta facilidade,  
Quase sem luta tiveram acesso à cidade.

Seguiram-se dois anos de guerra civil,  
Absolutistas pareciam ter tudo controlado,  
Liberais sabiam que seria bem difícil,  
Contavam com homens fortes a seu lado,  
Por ideal e não por qualquer acto servil,  
Desde médico, cientista, escritor, advogado.  
Diferenças de forças eram abismais,  
Oitenta mil absolutistas, sete mil os Liberais.

Absolutistas, após recuperarem da surpresa,  
Resolvem cercar o Porto, dura um ano,  
Há que atacar outra zona de terra Portuguesa,  
Dispersar Absolutistas é o novo plano,  
Esquadra ataca o Algarve, com firmeza,  
De um extremo ao outro do território Lusitano.  
Frota Liberal derrotara a Absolutista,  
Desertam Miguelistas, Lisboa está à vista.

Marcham os Liberais sobre Lisboa,  
Derrotam tropas inimigas logo ao novo dia,  
D. Miguel sente-se como que à toa,  
Deixa o Porto, a capital o requeria.  
No caminho, Almoester e Asseiceira, soa  
O clarim de ataque, D. Miguel perdia.  
Não lhe restava nenhuma outra opção,  
Derrotado e esgotado, pede a rendição.

ÉvoraMonte, vinte e seis de Maio,  
Do ano de mil oitocentos trinta e quatro,  
D. Miguel, veloz que nem um raio,  
Decide aceitar os termos de tal contrato,  
Nem tudo lhe parecia mau, puro ensaio  
Para se livrar de momento tão ingrato.  
D. Pedro é acusado de agir brandamente.  
Apoiantes Liberais discordam abertamente.

D. Miguel vai para Sines, bem escoltado,  
Não com medo que intentasse fugir,  
Sim por se temer que pudesse ser atacado.



Um de Junho, vê chegada a hora de partir,  
Génova, Itália, porto que lhe está destinado,  
Logo ali, a convenção trata de desmentir.  
Aceitara a perda de direitos a seus sucessores,  
Algo esquecido em anos posteriores.

Eram comuns tais jogadas palacianas,  
Tudo se prometia e aceitava na má hora,  
Pensando desde logo, sinas Lusitanas,  
Deitar todos os compromissos fora,  
Ontem como hoje, tábuas rasas, planas,  
De sua palavra não faziam penhora.  
Morreria em mil oitocentos sessenta e seis,  
Um dos mais discutidos, Lusos Reis.  
D. Miguel viveu conflituoso reinado,  
Nunca logrando seus intentos,  
Para uns tornar-se-ia "O Sacrificado"  
Para outros, distintos sentimentos,  
Outro cognome lhe estava reservado,  
"O Ursupador". Foram difíceis momentos.  
A terras de Portugal, não mais regressaria,  
Deixando caminho livre a D. Maria.

## D. Maria II

---

Mil oitocentos vinte e nove, Agosto,  
Trava-se violenta batalha na vila da Praia,  
Miguelistas sofrem tremendo desgosto,  
Em Inglaterra espera-se que D. Miguel caia.  
D. Maria inicia viagem em sentido oposto,  
Não suportava mais ter Londres na sua raia.  
D. Maria, não podia suportar a humilhação.  
Emigrantes não escondem sua decepção.

Mostrando grande raça e tenacidade,  
D. Maria não hesitou em dizer "basta"  
Por nada abdicaria de sua dignidade,  
No Brasil esperava-a sua futura madrasta,  
D. Amélia de Leuchtenberg, pura amizade.  
Na europa, a esperança liberal se afasta.  
Quando já começa a rarear a esperança,  
Rebenta a revolução de Julho, em França.

Voltam a animar-se as hostes liberais.  
Mil oitocentos trinta e um, sete de Abril,  
D. Pedro quarto não se sustém mais,  
Abdica, para seu filho, da coroa do Brasil,  
Vem, com filha e mulher, lutar por ideais,  
Paris vive ainda num estado primaveril.  
D. Pedro titula-se Duque de Bragança  
E regente, sua decisão, novo ânimo lança.

Marquês de Palmela, Conde de Vila Flor,  
José António Guerreiro, são nomeados  
Regentes da Ilha Terceira, pelo imperador,  
Rapidamente todos os Açores são tomados.  
D. Pedro recebe em Paris novo vigor,  
Luís Filipe primeiro e governo são aliados.  
D. Miguel não soubera seu apoio cativar,  
Chegando ao ponto de nos deixar humilhar.

D. Pedro deixa sua filha em Paris,  
Aproveitaria para completar sua educação,  
Rumando para comandar a revolta no país,  
D. Maria aceita respeitar tal determinação,  
Sua madrasta acompanha-a, mesmo infeliz  
Lá vai rezando por uma breve resolução.  
Mil oitocentos trinta e dois, Março,  
D. Pedro chega aos Açores, ganha espaço.

Nomeia novo ministério, forma exército.  
Conde de Vila Flor assume seu comando,  
D. Pedro começa a conquistar crédito,  
Depressa, ao continente estará rumando,  
Sartorius, oficial Inglês de reconhecido mérito,  
Até Matosinhos o vai transportando.  
Dia oito de Julho entra para a história,  
Liberais desembarcam na praia da Memória.

Segue-se o cerco do Porto, resiste a cidade,  
Duros combates se travam, vida ou morte,  
Duque da Terceira vence na Cova da Piedade  
Lisboa sente que está a mudar sua sorte,  
Liberais rejubilam e cantam hinos à liberdade,  
O mesmo sucedendo na capital do Norte.  
D. Pedro entra triunfante na Lusa capital,  
Preparando a vinda de D. Maria para Portugal.

Vinte e quatro de Julho, nome de avenida,  
Foi o dia da entrada triunfal em Lisboa,  
Duque da Terceira arriscara sua vida  
Por uma causa que lhe parecera justa e boa,  
Ilustre Lusa gente nunca dada por vencida,  
Nunca se entregando, lutando pela coroa.  
Muito faltava para Portugal atingir a paz,  
Que importa o sacrifício que por bem se faz.

Mil oitocentos trinta e quatro, a vinte e quatro  
Mês de Setembro, Portugal pode respirar,

A guerra civil terminara, festejava-se o acto,  
D. Maria segunda poderia, finalmente, reinar,  
Conta quinze anos de idade, irrelevante facto,  
Perante tudo que a vida lhe daria a provar.  
D. Maria aproveita seu primeiro acto oficial  
Para condecorar seu pai, já em fase terminal.

Grã-Cruz da Ordem de Torre e Espada,  
Do Valor, Lealdade e Mérito. Foi D. Maria  
Quem, perante uma corte emocionada,  
Tal distinção, ao peito lhe colocaria.  
Morre poucos dias depois, sente-se  
abandonada,  
De ora em diante só consigo própria contaria.  
Madrasta e tias não lhe merecem confiança,  
Portugal, reino dividido, paulatinamente  
avança.

Portugal não se esconde perante adversidades,  
Traço genético que destes tempos herdámos,  
D. Maria toma decisões, enfrenta dificuldades,  
Nunca demonstra temor, assim aqui  
chegámos,  
Dá ao Duque de Pamela novas oportunidades  
Nomeia-o chefe do governo, assim  
começámos.  
Favores com favores, sempre se pagaram,  
Duque de Palmela, um dos que, seu pai,  
apoiaram.

As câmaras lhe demonstram sua oposição,  
Debatiam-se com maior prioridade  
Casar a rainha, sua grande preocupação  
Viviam-se tempos de grande instabilidade,  
Havia que assegurar a real sucessão,  
Lá longe, outros espreitavam a oportunidade.  
Vários noivos foram sugeridos e destinados,  
Sua madrasta tinha seus trunfos guardados.

Estava vedado, a todas as rainhas de Portugal,  
Casar com qualquer pretendente estrangeiro,  
Assim o determinava a carta constitucional,  
As camaras teriam de se pronunciar primeiro.  
Deram-lhe o sim, casar era mesmo essencial,  
Só assim se poderia aspirar por um herdeiro.  
Amélia de Leuchtenberg lança sua carta,  
Seu próprio irmão, bem esperta esta  
madrasta.

Augusto de Leuchentenberg é oficializado,  
Neto de Maximiano da Baviera,  
Não era o noivo, por D. Maria, desejado,  
Duque de Nemours, esse sim é que o era,  
Acima de seus desejos estava o estado,  
Ou os de quem a madrasta defendera.  
Luís Filipe de Orleães, soberano Francês,  
Não recebe de bom grado o gesto Português.

Recebera, principescamente, a princesa  
E agora recusavam seu filho, para consorte  
De D. Maria, não esconde sua tristeza.  
Dois meses após o casamento é a morte,  
Fica novamente sozinha a rainha Portuguesa,  
Parece não querer nada com a sorte.  
Ainda não se refez de choque tão brutal  
Já pensam em nova cerimónia matrimonial.

Escolhem Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha,  
Leopoldo primeiro da Bélgica é seu tio,  
Não importa se D. Maria aceita a aposta,  
Decide um ministro, o Conde do Lavradio,  
Mais importante que saber-se se gosta  
É garantir o apoio de tão ilustre poderio.  
São negociações difíceis e complicadas,  
D. Fernando detinha fortunas abastadas.

Abril de mil oitocentos trinta e seis,  
Finalmente casados, só meses mais tarde  
É que se vêem, estranhas coisas de reis,

Parecem entender-se bem, é verdade,  
Muito bem mesmo, como adiante vereis,  
D. Maria liberta-se de sua ansiedade.  
Parcela menor de um negócio maior,  
Acaba por revelar-se casamento de amor.

Tendo criado novo estado, a Bélgica,  
Países europeus decidiram dois casamentos,  
Pura politica, grande jogada estratégica,  
Evitavam-se possíveis futuros tormentos,  
Europa mostrava-se bastante enérgica,  
Tal como se mostraria noutros momentos.  
Vitória de Inglaterra não escapava,  
Com Alberto, primo de D. Fernando, se casava.

Vitória de Inglaterra e D. Maria de Portugal,  
Tornavam-se primas por casamento.  
D. Fernando é nomeado marechal-general,  
Não fugindo, em nenhum momento,  
Às suas responsabilidades enquanto tal,  
Combatendo longo tempo, em sofrimento.  
Sofria, D. Fernando, do mal de saudade,  
Saudade de sua esposa e da tranquilidade.

Mil oitocentos trinta e seis, maio a decorrer,  
Portugal vive a febre das eleições.  
Setembro, desse mesmo ano, irá trazer,  
À rainha, novas e oficiais obrigações,  
Juramento à constituição tem de fazer,  
É um sem terminar de complicações.  
Quase nem, a constituição tinha jurado  
Já se confrontava com novo golpe de estado.  
Novembro, ainda deste mesmo ano,  
A Belenzada, queria a carta constitucional,  
D. Maria terá apoiado tal acto Lusitano,  
D. Fernando dá-lhe seu apoio total.  
Navios Belgas e Ingleses levantam pano,  
Há que precaver se algo correr mal.  
Forças antagónicas tomam posições,

Surge Passos Manuel e enceta negociações.

D. Maria aceita participar na negociação,  
Outros tempos, outros modos de governar,  
Acordam trabalhar nova constituição,  
Grave incêndio surge para tudo complicar,  
Edifício do Tesouro é alvo de destruição,  
Logo os partidos se começam a acusar.  
Erguiam-se pilares para tempos futuros,  
Partidos revelavam-se rivais casmurros.

Mil oitocentos trinta e oito, finalmente  
Nova constituição vê a luz do dia,  
Crises ministeriais são norma corrente,  
Começa a ruir o edifício da monarquia,  
Começando também a tornar-se evidente  
Que a solução não seria a partidocracia.  
Ano antes, nascera o herdeiro desejado,  
D. Pedro, que como quinto seria coroado.

D. Fernando via-se declarado rei,  
Fernando segundo, por vezes esquecido,  
Cumpria-se determinação da lei,  
Muito o património lhe ficaria agradecido,  
Também à Lusa cultura quis bem,  
Amante das artes apreciado e reconhecido.  
Mil oitocentos quarenta e dois, Costa Cabral  
Protagoniza novo golpe de estado, liberal.

Passos Manuel chefiava então o governo,  
Portugal sofria grandes transformações,  
o teatro precisava ganhar novo terreno,  
Garret é chamado a liderar as inovações,  
Trabalho que se deseja tranquilo e sereno,  
Nada condizente com tantas revoluções.  
Criam-se Liceus, reformam-se universidades,  
Nascem escolas superiores, reais  
necessidades.

Costa Cabral fora, de D. Pedro, apoiante,  
No celebre desembarque do Mindelo,  
Repõe a carta constitucional e, num rompante,  
É nomeado ministro do reino, é vê-lo  
A governar de modo firme e determinante,  
Fá-lo, continuando o progresso, com zelo.  
Cria importantes instituições culturais,  
Academia das Belas-Artes e outras mais.

Escola de Arte Dramática, Imprensa Nacional,  
São sementes, por si, à terra lançadas,  
Homem de visão muito além do tempo actual  
Promove o início da construção de estradas.  
Acusam-no de procurar o controlo total,  
Onde até as ideias opostas são censuradas.  
D. Maria será vítima desta ânsia de dominar,  
Até já lhe dera o título de Marquês de Tomar.  
A política nunca respeitou fronteiras,  
Quanto a estratégias, está bem visto,  
Não rejeitando artimanhas e ratoeiras,  
Inventam-lhe romances com o ministro,  
Procuram atingi-la de todas as maneiras,  
Oh, que mundo tão baixo e sinistro.  
Por essa Europa se espalha o boato,  
D. Maria revela-se magoada com o facto.

Tudo se esclarecerá, é reposta a verdade,  
D. Maria não se deixa ir em ilusões,  
Sente que aquela falsa tranquilidade  
Traz consigo, ventos de novas revoluções,  
Maria da Fonte e Patuleia são a realidade,  
Portugal não se livrava das convulsões.  
Costa Cabral vê-se afastado do poder,  
Embora seja medida só para entreter.

Mil oitocentos quarenta e seis, Minho,  
Mais concretamente Póvoa do Lanhoso,  
Mais uma revolução a abrir caminho,  
Uma mulher comanda o povo revoltoso,



Costa Cabral não desperta carinho,  
"Maria da Fonte" o movimento vitorioso.  
Duque de Palmela substitui Costa Cabral,  
Portugal recupera alguma da paz social.

Dia seis de Outubro, golpe palaciano,  
Ficaria conhecido pela "Emboscada"  
D. Maria remodela o governo Lusitano,  
Logo maria da Fonte é rebuscada,  
Guerra Civil, que só no próximo ano,  
Junho, no Gramido, se dá por terminada.  
Inicia-se quando novo governo nomeia,  
Dando origem á guerra da Patuleia.

Mil oitocentos cinquenta e um, quase cai,  
Partidos extremistas assim o desejam,  
D. Maria recusa abdicar, Portugal mal vai,  
Mas pior ficava se fizesse o que almejam,  
Sua tenacidade foi fundamental, ajuizai,  
Quais as intenções daqueles que a invejam.  
"Mais depressa morreria combatendo nas ruas,  
Do que abdicar" terão sido palavras suas.

D. Maria reinou durante dezanove anos,  
Reinado atravessado por crises sucessivas,  
Sem dúvidas que lhe terão causado danos,  
Terá tomado algumas decisões emotivas,  
Mas pensando sempre no bem dos Lusitanos,  
Mostrando ideias inovadoras e criativas.  
Mulher de grande força de vontade,  
Revelou-se verdadeira amante da liberdade.

Rainha cognominada como "a Tirana",  
Por quem não suporta a derrota,  
Pois para quem amou esta rainha Lusitana,  
"Educadora ou Boa Mãe" foi a aposta.  
D. Maria revelaria sua faceta humana,  
Pena de morte, por crimes políticos, é deposta.  
Fazia longos passeios pelo jardim da Estrela,

Terrenos por si comprados, para obra bela.  
D. Maria segunda, era mulher de visão,  
Portugal, apesar das confusões, progrediu,  
O primeiro selo postal entrou em circulação,  
Sistema métrico no seu reinado introduziu,  
Telegrafia eléctrica, outra sua inovação,  
Primeira moeda de cobre, no reino se viu.  
Tráfego de escravos, colónias a sul do  
Equador,  
É proibido, sendo Sá da Bandeira seu autor.

Fontes Pereira de Melo dá nas vistas,  
Obras Públicas merecem ministério,  
Finanças do país são bem revistas,  
Estavam depauperadas, nenhum mistério,  
Crises políticas deixam duras pistas,  
O ministro vai usar de rigor e critério.  
D. Maria constrói, Garret dá colaboração,  
Teatro sobre ruínas do palácio da Inquisição.

Confessando que em tempo de escassez,  
Muito lhe custava privar-se o teatro.  
Fernando Lodi, quem o projecto fez,  
Anos de construção seriam quatro.  
Columbano Bordalo Pinheiro, Português,  
Deixou nas pinturas do tecto, seu acto.  
D. Maria sonhou, e só quem sonha, ousa,  
Garret aqui estreou "Frei Luís de Sousa".

Em seu reinado viveu muito ilustre Lusitano:  
Almeida Garret; Domingos Sequeira;  
Andrade Corvo; Alexandre Herculano;  
João de Lemos; Mouzinho da Silveira;  
Bulhão Pato, não, não é nenhum engano,  
Visconde de Santarém. Gente de primeira.  
Daniel Augusto Silva, grande matemático,  
Portugal ombreava com o mundo mediático.

Grandes nomes mundiais despontavam:

Géricault; pinta a Jangada de Medusa;  
Berlioz; músicas com que todos sonhavam,  
Perante tanta qualidade, brilhava a Lusa,  
Nabuco e Traviata em Verdi se ensaiavam,  
D. Maria sente como nossa cultura pulsa.  
Vitor Hugo publica "Nossa Senhora de Paris"  
Vive-se a mudança, no mundo e no país.

Augusto Comte, "Curso de Filosofia Positiva"  
George Sand vê seu primeiro romance editado,  
Balzac tem "Comédia Humana" bem viva,  
"David Copperfield", por Dickens, é criado,  
Louis Daguerre inventa a fotografia. Era  
criativa.

Ingres e Delacroix deixam o mundo mais  
pintado.

Artes; Medicina, Política e também tecnologia,  
Tudo, a velocidade vertiginosa, evoluía.

Éter e clorofórmio, anestésicos descobertos,  
Primeira locomotiva é desenhada, além-mar,  
Vivem-se tempos de espíritos abertos,  
Génios são como que convidados a inventar,  
Isac Singer constrói máquina de pontos certos,  
Muito têm agora, as senhoras, que costurar.  
Portugal acompanhava toda a transformação,  
Ninguém imaginaria como seria o tropeção.  
Na política emerge primeira grande aliança;  
França; Espanha; Portugal e Inglaterra,  
D. Maria tinha noção que tanta mudança,  
Podia significar invejas e com elas a guerra,  
Havia que ensinar, ao povo, que é em criança  
Que a boa educação se aprende e aferra.  
"Exemplo vem de cima" com toda a razão,  
Diz o povo. D. Maria exemplo de educação.

Foi mulher e rainha bastante forte,  
Não temendo enfrentar grandes sarilhos,  
Nunca resignando nem à morte,

Sua mãe, seu pai, marido e alguns filhos,  
Só quando Deus lhe deu igual sorte,  
Não pôde ser ela a escolher seus trilhos.  
Morreu em mil oitocentos cinquenta e três,  
Deixando profunda dor no povo Português.

D. Maria morreu em trabalhos de parto,  
Infante D. Eugenio, um natimorto,  
Suas dificuldades eram conhecido facto,  
Dizia; "Se morrer, morro no meu posto"  
Décimo primeiro filho, um rol farto,  
A todos desejando com amor e gosto.  
Novembro, contava trinta e quatro anos,  
Dia quinze, quando se despediu dos Lusitanos.

## D. Pedro V

---

Jovem rei, senhor de forte personalidade,  
Além de possuidor de grande beleza,  
Homem apaixonado, verdadeira raridade,  
Por uma só mulher, não sendo Portuguesa,  
Daria grandes provas de nacionalidade,  
D. Estefânia, cuja origem é uma incerteza.  
D. Pedro quinto, filho de D. Maria segunda,  
Era príncipe dotado de educação profunda.

Desde cedo revelou inteligência excepcional,  
Contando apenas ano e meio, ainda de fralda,  
Falava, para além do idioma nacional,  
Alemão e Francês, não diria quase nada,  
Fazia bem ao ego Português, sangue real.  
Linhagem dos Bragança bem vincada.  
Conviveu com a corte Inglesa de perto,  
Amigo e confidente do príncipe Alberto.

Mil oitocentos cinquenta e quatro, avança  
Para viagem que o deixará mais culto e feliz:  
Bélgica; Holanda; Prússia; Áustria e França,  
Países que irá visitar, com o irmão D. Luís,  
Ainda terras de Saxe-Coburgo Gotha alcança,  
Passando por Londres antes de voltar ao país.  
Viajaram a bordo do navio vapor Mindelo,  
Ano seguinte, nova viagem, percurso paralelo.

Além dos países anteriormente visitados,  
Junta-lhes, entre outros, Itália e Suíça,  
Valiosos, os conhecimentos conquistados,  
D. Pedro não era jovem dado à preguiça.  
Seus direitos, ainda bebé, lhe foram jurados,  
Nunca seu direito foi alvo de cobiça.  
Ainda jovem, dezasseis anos somente,  
Viu morrer sua mãe e seu pai ficar regente.

Setembro, mil oitocentos e cinquenta cinco,  
Dia dezasseis, é aclamado pelas cortes,  
Dos reis mais queridos, D. Pedro quinto,  
Revelar-se-ia monarca de convicções fortes,  
Além de grande alma e carácter distinto,  
Nunca temendo epidemias ou mortes.  
Tratando-se de príncipe belo e formoso,  
Não foi, contudo, galanteador primoroso.

Fazendo paralelo com El-Rei D. Sebastião,  
No amor que o povo lhe dedicava,  
Também nestes assuntos do coração,  
Muito paralelismo entre os dois se achava,  
Conventos nunca mereceram sua atenção,  
Mais a coisas da cultura se entregava.  
Quartos de Cortesãs pouco lhe diziam,  
A outros interesses, seus passos o conduziam.

Fosse em tempo de férias de verão,  
Ou nas suas actividades mundanas,  
Queixava-se da vida levada em vão,  
Por tantas daquelas vidas humanas,  
Com quem se cruzava, não via razão  
Para perder tempo com coisas medianas.  
Produzindo grande actividade literária,  
Escrevia discursos de beleza extraordinária.

A tomada de Gaeta, território Italiano,  
Por tropas Piemontesas, Itália mas a norte,  
Mereceu o interesse do rei Lusitano,  
Sob pseudónimo, Azonbolos de seu nome,  
Escreveu um estudo sobre tal dano,  
Revista Contemporânea mereceu tal sorte.  
Foi monarca sempre atento às dificuldades,  
Fundando a Escola Real das Necessidades.

Mil oitocentos cinquenta e seis decorria,  
Mês de Setembro, um ano passado,

Após ter , precisamente no mesmo dia,  
Sido, pelas Lusas cortes, aclamado.  
Paço de Maфра, desde ano anterior, exhibia  
Outra escola que El-Rei ali tinha instalado.  
Homem de grande humanidade e visão,  
Ordenara a seu secretário importante  
tradução.

Joaquim Pinheiro Chagas se encarregaria  
De traduzir “Clef de la Science” de Brewer,  
Depois, às escolas Portuguesas, a adaptaria,  
Nada era deixado ao acaso, a aprender,  
Livros gratuitos, às crianças, se distribuiria,  
Homens destes nunca deveriam morrer.  
Numa visita a Coimbra, à Universidade,  
Criticou os instrumentos, de pouca utilidade.

Uns apresentavam-se antiquados,  
Outros, aqueles com alguma utilização,  
Se não eram velhos, estavam estragados.  
Curso Superior de Letras é sua criação,  
Lisboa, na reforma Pombalina olvidados,  
Não hesitando conceder pessoal doação.  
Faculdade de Letras de Lisboa actualmente,  
Três professores eram seu corpo docente.

Admirador de Alexandre Herculano,  
A quem visitava frequentes vezes,  
Discutiam, escritor e monarca Lusitano,  
Coisas científicas, de variados interesses.  
D. Pedro quinto adorava tocar piano,  
Pintar, atirar e andar entre os Portugueses.  
Recusou confirmar a pena de morte,  
Só Deus poderia desempenhar tal sorte.

Aboliu etiqueta palaciana, o beija-mão,  
Não concordava com tal ritual,  
Via-o mesmo como uma humilhação  
Às gentes do nobre reino de Portugal,

Não era acto digno de nenhum cidadão,  
Dos quais, ele era somente outro igual.  
Pacifista e acérrimo defensor da abolição  
Da escravatura, decreta o fim da escravidão.  
Mil oitocentos cinquenta e oito é o ano,  
Vinte e cinco de Abril mais concretamente,  
Comemora-se o casamento do rei Lusitano,  
Dá prazo de vinte anos, mas efectivamente  
Mil oitocentos sessenta e nove corria o pano  
Sob o tráfico dessa tão sacrificada gente.  
Esclavagistas apoiados pela nação Francesa,  
Ousam afrontar a bandeira Portuguesa.

D. Pedro quinto nunca esquecia o povo,  
Gostava mesmo de ouvir sua opinião,  
Assim, introduziu um conceito novo,  
Caixa verde para receber reclamação,  
À porta do palácio, não fazia estorvo,  
Andando a chave sempre na sua mão.  
Sistema métrico surge no seu reinado,  
Inaugura-se a linha Lisboa-Carregado.

Portugal e Angola são ligados por vapores,  
Carreiras marítimas do mais sofisticado,  
D. Pedro quinto seria monarca dos melhores,  
Merecendo ser "O Esperançoso" cognominado.  
Também enfrentou sofrimentos e dores,  
Vendo morrer D. Estefânia, ficou desolado.  
Portugal foi flagelado por duas epidemias,  
Cólera e febre-amarela, foram difíceis dias.

D. Pedro quinto não se escondeu,  
Percorria os hospitais, acarinhando doentes,  
Muito pela vida do rei então se temeu,  
Conquistando o carinho das Lusas gentes,  
Cognome de Rei Santo lhe valeu,  
Assim se vêm os homens bons e valentes.  
Julho de mil oitocentos cinquenta e nove,  
Morre D. Estefânia, Portugal se comove.



D. Pedro quinto escreve sentida carta,  
Ao presidente do conselho de ministros,  
Duque da Terceira, onde não descarta  
Ter percorrido caminhos algo sinistros,  
Acreditando que seu amor terá vida farta  
Lá nos céus, entre todos os espíritos.  
Não poderia, o monarca, sequer imaginar  
Que em breve se haveriam de juntar.

Outubro de mil oitocentos sessenta e um,  
El-Rei descola-se até ao Alentejo,  
Não imagina poder correr perigo algum,  
Eis que o Paludismo lhe dá um beijo,  
Dos três irmãos não escapará nenhum,  
D, Augusto e D. Fernando outros que vejo.  
Morre primeiro o príncipe D. Fernando,  
Depois El-Rei, Novembro vai passando.

D. Augusto não será o último a morrer,  
Dezembro, com sintomas parecidos,  
É a vez do príncipe D. João morrer.  
Portugueses estão desorientados, perdidos,  
Não compreendem o que está a suceder,  
Diversos boatos começam a ser ouvidos.  
Suspeições originam tumultos do Natal,  
Teme-se conspiração contra a casa real.  
Portugal não aceita tão devastadora sorte,  
José Estevão dita frase para a história:  
"Anarquia da dor protestando contra a morte."  
Algo parecido não há sequer memória.  
Povo Português tinha de mostrar-se forte,  
Só assim D. Pedro descansaria em glória.  
"Rei Santo" e "Esperançoso", rei amado,  
Viu seu percurso ser abruptamente cortado.

Triste sina a deste ilustre e valente país,  
Quando surge algum bom governante,  
Logo algo surge a deixar o povo infeliz,

Enquanto os maus seguem sempre avante,  
Não creio que fosse Deus que assim o quis,  
Talvez um pôr-nos à prova constante.  
Descansem as almas de nossos antepassados,  
O povo Português vos trará recordados.

## D. Luís

---

Lipipi, assim lhe chamavam em rapaz,  
Foi mestre de galanteio e marinheiro,  
Sua mãe lhe transmitiu valores de paz,  
Mostrando-lhe o mundo verdadeiro,  
Preparando-o para a vida, para ser capaz  
De assumir responsabilidades por inteiro.  
Contava somente quinze anos de idade  
Quando sua mãe partiu, deixando saudade.

D. Luís viajou muito com seu irmão,  
Dedicando-se ao estudo das artes navais,  
Do brigue Pedro Nunes seria capitão,  
Corveta Bartolomeu Dias, funções iguais,  
Costas Africanas visita nessa ocasião,  
Volta a Lisboa, três cerimónias nupciais.  
D. Pedro, mil oitocentos cinquenta e oito,  
Dos que o faz regressar, vem com gosto.

Infanta D. Maria Ana, está casamenteira,  
Maio de mil oitocentos cinquenta e nove,  
D. Luís não faltaria de nenhuma maneira,  
Navio Português em alto mar se move,  
São bravos marinheiros, de longa carreira,  
Unem esforços na jornada que os absorve.  
Setembro do ano seguinte, nova história,  
O casamento da Infanta D. Antónia.

Mil oitocentos sessenta e um, Novembro,  
Dia catorze, reúnem-se as cortes,  
Galeria de reis Lusos tem novo membro,  
D. Luís é aclamado rei, lançadas as sortes  
Há que pensar em casar o rei, relembro  
Que se desejavam herdeiros sãos e fortes.  
Perfilam-se candidatas, ilustres princesas  
Aspiram vir a tornar-se rainhas Portuguesas.

Duas pertencem à Casa Saxe-Coburgo,  
Outras duas de Orleães, outra de Sabóia,  
Entre tantas, nenhuma cá do burgo,  
Naquelas eras, casamento era uma tramóia,  
Grande análise, muito maior o expurgo,  
D. Luís inclinava-se para uma outra jóia.  
Filha da rainha Vitória era a preferida,  
Questões religiosas impediram a vinda.

D. Maria Pia de Sabóia seria a eleita,  
Filha de Vítor Manuel, rei Italiano,  
Princesa inteligente e bela, a perfeita,  
Muito daria que falar em solo Lusitano,  
D. Luís a traía, não acusou a desfeita,  
Partindo, também ela, para o engano.  
Rainha e mulher bastante vaidosa,  
Só podia arranjar amante de nome Rosa.

D. Luís não teve um pecado reinado,  
Sendo confrontado com insurreições,  
Primeiro quando novo imposto é criado,  
Geral do consumo, fazer comparações  
Não me ficaria bem, nem me é autorizado,  
Podia levar a indevidas interpretações.  
Marechal Saldanha à cabeça do movimento,  
Eram ideais republicanos livres ao vento.

“Janeirinha”, assim ficaria conhecido,  
Demitir o governo, a pura intenção,  
Jogo político entre boas ideias escondido,  
Nunca a política traz bela sem senão,  
“Partido Reformista” daqui se viu nascido,  
Perde-se a estabilidade vivida até então.  
Movimento origina nome de jornal,  
“Primeiro de Janeiro” no norte de Portugal.

Fontes Pereira de Melo é contestado,

Particularmente sua política fiscal.  
António José de Ávila é convidado  
Para chefiar novo gabinete governamental,  
O fim da regeneração está traçado,  
Altera-se o figurino político em Portugal.  
Grandes investimentos, fraco crescimento,  
Da economia, geraram descontentamento.

Martens Ferrão, nova divisão territorial,  
Também contribuiu com sua quota-parte,  
Colidia com o forte sentido municipal,  
Para legislar também preciso ter arte.  
D. Luís enfrentou, ainda, guerra cultural,  
"Questão Coimbrã" por ali ser o baluarte.  
Terá sido António Feliciano de Castilho,  
Quem primeiro acendeu tal rasilho.

Luta travada entre diversos escritores,  
Castilho, e seus protegidos, de um lado,  
Antero de Quental, e os novos autores,  
Na outra face do confronto letrado,  
Aqueles de Stato Quo eram senhores,  
Estes, novas ideias tinham assimilado.  
Manuel J. Pinheiro Chagas e Tomás Ribeiro,  
Pertenciam ao grupo daquele primeiro.

Vieira de Castro e Teófilo de Braga,  
Dois que apoiavam Antero de Quental,  
Cada edição era mais uma chaga  
Numa guerra com pouco de intelectual,  
Troca de palavras que não mais acaba,  
Entrando em questões do foro pessoal.  
Ramalho Ortigão critica ataques pessoais,  
Acusando os novos de irem longe de mais.

Eça de Queiroz "Crime do Padre Amaro"  
Apoia os jovens companheiros literários.  
Portugal acompanhava, caso nada raro,  
Os movimentos europeus, revolucionários.

D. Luís a tudo assistia sem fazer reparo,  
Nos amores, seus favores eram necessários.  
Portos de Lisboa e Leixões são iniciados,  
Caminho-de-ferro, e estradas, são alongados.  
Palácio de Cristal, Porto, é construído,  
Escravidão, no reino de Portugal, é abolida,  
Primeiro Código Civil é redigido,  
Por crimes civis é proibido tirar-se a vida.  
D. Luís era, culturalmente, instruído,  
Obra de Shakespeare, foi por si traduzida.  
Sendo tão grande amante da beleza,  
Sexo feminino era uma constante certeza.

Apesar das muitas aventuras apontadas,  
Marina Mora e Rosa Damasceno,  
São únicas amantes oficialmente registadas,  
D. Luís vivia num idílio pleno,  
Ou as outras seriam senhoras respeitadas,  
A quem convinha romance sereno.  
Comportamentos lascivos lhe eram imputados,  
Por seu pai, segundo a história, comprovados.

Grandes somas lhe seriam extorquidas,  
Por amantes de baixa qualidade moral,  
Muitas das acusações que lhe eram dirigidas  
Esconderiam objetivos de política nacional,  
Republicanos tinham ambições desmedidas,  
Procurando tomar os destinos de Portugal.  
Marina Mora lhe daria descendente,  
Luís António Pretti, protegido legalmente.

Outubro de mil oitocentos oitenta e nove,  
D. Luís, vítima de doença prolongada,  
Morre, logo a massa política se move,  
Sonharam ter chegado a hora tão desejada.  
D. Maria Pia o ódio, ainda mais, promove,  
Com sua conduta, por todos, criticada.  
D. Amélia, sua nora, das que mais a criticava,  
A rainha, indiferente a tudo, continuava.

De esposa dedicada, inícios do casamento,  
Passou, após D. Afonso ter nascido,  
A mulher feroz, talvez pelo sofrimento  
De saber que D. Luís sempre a tinha traído,  
Nunca demonstrou aceitar tal procedimento,  
Mas fazer igual foi o caminho escolhido.  
“Cá se fazem, cá se pagam” assim pensava,  
O marido a traía, na mesma moeda lhe  
pagava.

Nem só de romances se falava da rainha,  
Sua extravagância alimentava comentários,  
Banquetes e bailes, nunca estava sozinha,  
Numa só noite, vestidos usados eram vários,  
Melhores costureiros da Europa, tinha,  
Fomentando o ódio de seus adversários.  
“Quem quer rainhas, paga-as” frase histórica,  
Mil novecentos e onze, acabava a retórica.

## D. Carlos

---

Morto D. Luís cognominado "O Popular"  
Sucedeu-lhe seu filho "O Diplomata"  
Cujo grande amor consistia em caçar,  
Mesmo que fosse caça de uma outra nata,  
Preferia prazeres carnais a ter de governar,  
Levando, de amantes falando, vida farta.  
Desde novo recebeu esmerada educação,  
Onde aprender diversas línguas era obrigação.

Jovem viajado, cortes europeias visitou,  
Numa dessas viagens de aprendizagem,  
A princesa Amélia de Orleães, o conquistou,  
Ainda o trono Português era miragem,  
Mil oitocentos oitenta e seis se consumou  
O casamento, não significava a viragem.  
Sonhou acalmar D. Carlos, ele não o quis,  
A jovem filha de Luís Filipe, conde de Paris.

Se assim o tiver pensado, logo viu que não,  
O jovem só contava vinte e três anos.  
Inicia seu reinado enfrentado conturbação,  
Levantavam-se os ventos Republicanos,  
Maçonaria fomentava forte agitação,  
Não olhando nem a meios, nem aos danos.  
Nem só a política interna o emperra,  
Também uma velha aliada, a Inglaterra.

Mil oitocentos noventa, "Ultimato Britânico",  
Territórios Africanos temos de abandonar,  
D. Luís revela-se pouco ágil e dinâmico,  
Republicanos aproveitam para contestar,  
Política Portuguesa entra em espiral vulcânico,  
A monarquia começava-se a desmoronar.  
Portugal temia perder Moçambique e Angola,



Junto de França e Alemanha, como que  
esmola.

D. Carlos parece alheio às dificuldades,  
O reino navega em águas revoltas,  
Tumultos rebentam em várias cidades,  
El-rei vai deixando muitas pontas soltas,  
As obras no Palácio das Necessidades,  
Ajuda e Belém são contas de outras voltas.  
Erário público tem seu grande devedor  
Na Família Real, D. Carlos era um gastador.

Outubro de mil oitocentos oitenta e nove,  
Não satisfeito com tudo que recebia,  
D. Carlos, seu próprio aumento promove,  
Passando para um conto de réis por dia,  
Afinal não há político que não inove,  
Principalmente em termos de mais-valia.  
Das que mais recebia, a Família real  
Mostrava ao mundo o que seria Portugal.

Povo passando necessidades de primeira,  
Monarcas precisando de adiantamentos,  
Aqueles por não conseguirem maneira  
De poder aumentar seus rendimentos,  
Estes, fruto de muita luxúria e asneira,  
Do estado recebiam mais de quinhentos.  
Mais de quinhentos e vinte contos anuais,  
Superior ao que recebiam outras casas reais.

D. Carlos até começou bem seu reinado,  
Transmitiu, ao reino, alguma estabilidade,  
Muita, em épocas anteriores, havia faltado,  
Depois começaram a surgir dificuldades,  
Erário, por crises financeiras, devastado,  
O reino apresentava profundas necessidades.

Fontes Pereira de Melo muito investira,  
Obras Públicas como nunca antes se vira.

D. Carlos demonstrava ser activo,  
Apreciador da vida fora do gabinete,  
Palácio das Necessidades é atractivo,  
Courts de ténis fazem o seu deleite,  
Seus seis Peugeots dão-lhe motivo  
Para competições com a Lusa gente.  
Investigação oceanográfica é estimulada  
Sua cultura, digna de ficar registada.

Mil oitocentos noventa e um, Janeiro,  
No último dia deste primeiro mês,  
Porto, incidente republicano, o primeiro,  
Nunca o soube o povo Português,  
Estava lançado o ataque, era o pioneiro,  
Que se viria a repetir mais de uma vez.  
D. Carlos não terá sabido ler os dados,  
Insistindo em gastos pouco controlados.

África exigia investimento militar,  
Determinado pela Conferência de Berlim,  
Portugal tinha de sua presença efectivar,  
D. Carlos não via a crise chegar ao fim,  
Republicanos aproveitam para atacar,  
João Franco atinge posição de galarim.  
Surge o Partido Regenerador Liberal,  
Altera-se o pano partidário em Portugal.

Ano de mil novecentos e um a decorrer,  
São ex-deputados do Partido Regenerador.  
Mil novecentos e cinco, vai ocorrer  
Nova dissidência, agora dá-se no interior  
Do Partido Progressista, vindo a nascer  
A Dissidência Progressista, perigo maior.  
José Maria Alpoim luta por ambição,  
Aliando-se a movimentos de conspiração.

Partido Republicano, ou maçónico,  
Encontra-se em grande actividade,  
D. Carlos sente-se perdido, algo atónico,  
Assumindo a grande responsabilidade  
De convidar João Franco, algo cómico,  
A substituir Hintze Ribeiro. Fatalidade.  
Revela-se um governo ditatorial,  
Levará ao fim da monarquia em Portugal.  
Mil novecentos e oito, um de Fevereiro,  
Regressa, de Vila Viçosa, a família real,  
Terreiro do Paço, tiros, um primeiro,  
Logo outro, outro e outros mais, fatal,  
Morreram El-rei e o príncipe herdeiro,  
Assim assassinados, de forma brutal.  
Manuel José dos Reis da Silva Buíça  
Entrava na história de forma espicha.

## D. Manuel II

---

Partido Progressista e Partido Renovador,  
Ambos de ideologia monárquica,  
Enfrentam, agora, um novo opositor,  
Partido Republicano, daí sua tática,  
Matar o rei podia ser um perigo maior,  
Pensavam derrubá-lo noutra prática.  
Vencem os partidos ligados à monarquia,  
Muito seria o sangue que correria.

Indeterminável número de feridos,  
Além de catorze mortos registados.  
Novos votos, municipais, são pedidos,  
Um de Novembro, votos contados,  
Monárquicos são os grandes vencidos,  
Nenhuns tumultos são assinalados.  
Câmara Municipal, a cem por cento,  
Republicana, ganham novo alento.

D. Manuel segundo vê-se condicionado,  
Constitui governo de pouca firmeza,  
Republicanos, sentindo ventos do seu lado,  
Continuam a agitar a sociedade Portuguesa,  
Motins no Douro lançam novo dado,  
Surtos grevistas no sul reforçam a incerteza.  
D. Manuel segundo não se dá por vencido,  
Chama Léon Poincard, sociólogo reconhecido.

D. Manuel segundo tudo enfrenta,  
Grande industrial Inglês, na Madeira,  
Poderosa acção contra o estado intenta,  
Hinton quer indemnização doceira,  
Monopólio do açúcar, até aí o sustenta,  
Sente que Portugal lhe passou a rasteira.  
Inglaterra fez grande pressão diplomática,  
Para que Portugal revogasse tal prática.

Faltava rebentar questão fulcral,  
Importantes figuras do regime permitem  
Grande desfalque no Crédito Predial,  
Será por acaso que tais situações existem,  
Ou fruto da guerra política em Portugal,  
Certezas são poucas, as dúvidas persistem.  
D. Manuel procura apoios no exterior,  
Monarquia está no términus do corredor.

Começaram por ser os idealistas,  
Pronto se juntaram os impacientes,  
Difundiam ideias mais belicistas,  
Não acreditavam as palavras suficientes,  
Era preciso procurar outras pistas,  
A luta armada bailava nas suas mentes.  
Eis a Carbonária, braço da Maçonaria,  
Sangue, ele surgirá mais dia, menos dia.

Não se tratam por irmãos, na Carbonária,  
Como o fazem no seu lado diplomático,  
Aqui são "primos", forma extraordinária  
De tratar por homens dados ao prático,  
Faziam da luta a sua indumentária,  
Peça essencial naquele jogo esquemático.  
Quantos, sim quantos, não pertenciam  
A ambas, todos fingiam que não sabiam.

Os regicidas eram das suas fileiras,  
Ganhava força o ideal Republicano,  
D. Manuel procurava derrubar barreiras,  
Não conseguia impor-se como soberano,  
Escapara à morte mas não às asneiras  
Que seu pai cometera por tanto ano.  
Começava a despontar nova paixão,  
Futebol, nem isso impedia a revolução.

Vive-se em descontentamento geral,  
Horários penosos, imensos desempregados,

Culpas atribuídas ao desnorte real,  
D. Manuel não consegue inverter os dados,  
Há fome entre o povo de Portugal,  
Monárquicos começam a ficar isolados.  
Militares, Carbonária, Maçonaria,  
Aliam-se para derrubar a monarquia.

Quatro de Outubro, mil novecentos e dez,  
Grupo de militares, armados de canhões,  
Instalam-se na rotunda, agora sim é de vez,  
Homens da Carbonária tomam posições,  
Movem-se pela capital do reino Português,  
Pontos-chave da cidade sofrem perturbações.  
Revoltosos invadem dois cruzadores,  
Adamastor e S. Rafael, são danos maiores.

Bombardeiam o Palácio das Necessidades,  
Tal como fazem o mesmo com o Rossio.  
D. Manuel, ignorando tais actividades,  
Joga calmamente às cartas, sente um arrepio,  
Prevê que aí vêm tempos de dificuldades,  
Portugal vive momentos como nunca se viu.  
Sossego de Sintra, D. Amélia e D. Maria Pia  
Desfrutam, ignorando tudo que se vivia.

Vão para Mafra, espera-as D. Manuel,  
D. Maria Pia mostra-se muito incomodada,  
Numa tentativa de manter o seu papel,  
Diz, ao motorista: "Vá devagar pela estrada,  
Não quero que pensem que fujo." Fiel,  
Ignorava que em breve bateriam de retirada.  
Ericeira, no iate real Amélia irão embarcar,  
Monárquicos dominados, república a triunfar.

Numa dessas suas viagens, europa fora,  
Conheceu deslumbrante beleza,  
Gaby Desly, bailarina, actriz e cantora,  
Mil novecentos e nove, seria Francesa,  
Talvez Polaca, pouco importa agora,

D. Manuel segundo amou-a, de certeza.  
Mil novecentos e dez, Outubro o mês,  
Revolta Republicana inicia-se dia três.  
Monárquicos não desistiram de sonhar,  
D. Manuel segundo não acredita,  
O regime em Portugal irá mesmo mudar,  
Eleição presidencial assim o dita,  
Manuel de Arriaga nos irá comandar,  
A lusa história continua a ser escrita.  
D. Manuel segundo perdeu a coroa,  
Perdeu a actriz, sem esquecer Lisboa.

D. Vitória Augusta lhe dá moral,  
Filha de príncipes nunca será rainha,  
Casa com o ex-soberano de Portugal,  
Quando este, já coroa não tinha,  
Nunca recebendo tal título oficial,  
Entre monárquicos como tal se mantinha.  
D. Manuel, na Primeira guerra mundial,  
Honra e prestígio a história de Portugal.

Cinco de Outubro, dois dias passados,  
Desde o início da revolução, é proclamada  
A República. D. Manuel e D. Amélia, exilados,  
Twickenham, Inglaterra, os aguarda,  
Monárquicos não se darão por derrotados,  
Preparam, na Galiza, ataque de retaguarda.  
Trazem bandeira azul e branca, sem coroa,  
Paiva Couceiro tentara negociar com Lisboa.

Propusera um plebiscito à população,  
Deveria ser esta a decidir o regime,  
D. Manuel não aceita tal humilhação,  
A revolta constituía um grave crime,  
Fora legalmente jurado chefe da nação,  
Não podia vacilar, tinha de ser firme.  
Monarquia banida, república proclamada,  
Desde logo, se inicia a caminhada.



## República

---

Reis; Rainhas; Fidalgos, Navegadores,  
Muitos deles já aqui os cantei,  
Suas taras; paixões; intrigas e desamores,  
Verdades ou mentiras, nem eu as sei,  
Importa-me mais seus feitos maiores  
Desta Lusa Pátria que herdei.  
Longos e altos feitos de filhos Lusitanos,  
Que os honrem, os ideais republicanos.

Que nunca se olvidem anos transactos,  
São alicerces, sólidos, de nossa história,  
Homens e mulheres que, com seus actos,  
Conquistaram a unidade conciliatória  
Que nos conduziram a novos estratos,  
Trazendo à Lusa história, tão grande glória.  
Que nunca, tais heróis já desaparecidos,  
Sejam, pelo ilustre povo Lusitano, esquecidos.

Que brilhem as luzes da glória  
Perante tão valorosos guerreiros.  
Portugueses de tão ilustre e boa memória  
Não esquecem seus heróis pioneiros.  
Içarão bandeira e cantarão o hino da vitória,  
Abominando ignóbeis actos traiçoeiros.  
Heróis, esses que tentarei cantar  
Se Deus assim o quiser e me ajudar.



## Interregno

---

Na bela história Lusitana,  
5 de Outubro é esperança,  
A revolução Republicana  
Permitia nova esperança,  
Pensava ilustre mole humana  
Vir aí a desejada bonança.  
Ano de Mil novecentos e dez,  
Sonhava o povo Português.

Sempre que o vento muda,  
O povo Português sonha,  
Mesmo na hora de dor aguda,  
Na força da besta medonha,  
Gritamos "Que deus nos acuda,  
Que isto, está uma vergonha.

Não desistimos de sonhar,  
Porque acreditamos em nós,  
Recusamos deixar de lutar,  
Obedecendo a uma só voz,  
Que não nos deixa vergar  
Mesmo que fiquemos sós.  
Já nos levantámos tantas vezes,  
Orgulhosamente, somos Portugueses.

Cinco de Outubro, baixa Lisboeta,  
Varanda dos Paços do concelho, euforia,  
A implantação da República está certa,  
Canta o povo, Portugal rejubila de alegria,  
Nascem novos heróis na caneta do poeta,  
Não morrem os que ficaram da monarquia.  
Após se registarem sessenta e um mortos,  
Mais de quatrocentos feridos, sorriem rostos.

Serão tempos de grandes transformações,

---

Extinguem-se privilégios da igreja,  
Títulos nobiliárquicos sofrem extinções,  
Mas também se vivem tempos de inveja,  
De boatos, guerrilhas, denúncias, deserções,  
Dignidade humana é direito que se deseja.  
Mil novecentos e dez, decreto governamental  
Nomeia governo provisório para Portugal.

Teófilo Braga, teorizador republicano,  
Forma governo, não há tempo a perder,  
Renasce, uma vez mais, o sonho Lusitano.  
São definidas normas de se eleger  
Os legais representantes, no seguinte ano,  
Os Decretos começam-se a suceder.  
Um em Março, três outros em Abril,  
Portugal vive momento tenso, febril.

Governo por Teófilo Braga chefiado,  
Que inclui ilustres individualidades,  
Afonso Costa; Bernardino Machado,  
Que assumiria maiores responsabilidades,  
Tal como outro, a ministro chamado,  
António José de Almeida, difíceis tardes.  
Havia que cortar com laços da monarquia,  
Pela denominação dos ministérios começaria.

Ministério do Reino, no regime anterior,  
Um dos que teriam forçosamente de mudar,  
Assim sucedeu, passou a ser do "Interior",  
Da Fazenda, "Finanças" se passou a chamar,  
Obras Públicas como Fomento ficou melhor,  
Muitos obstáculos, havia que contornar.  
Basílio Teles nem toma posse, recusa o  
convite,  
O país não pára, José Relvas é o seguinte.

O divórcio vê-se institucionalizado,  
Mulher, no casamento, ganha igualdade,  
O direito à greve é conquistado,

Casamento civil ganha legalidade,  
Autonomia das colónias é passo dado,  
Fomenta-se apoio à infância e terceira idade.  
Altera-se o hino nacional, "A Portuguesa"  
Moeda e bandeira nova tornam-se certeza.

Ano mil novecentos e onze, mês de Março,  
Estão estabelecidas condições necessárias  
Para o exercício do poder, próximo passo,  
Assembleia Nacional Constituinte, são várias  
As correntes, presentes naquele enorme maço,  
Todas elas eivadas de ideais extraordinárias.  
Duzentos e dezassete, o número de  
deputados,  
Ocuparão lugares arduamente disputados.

Abril de mil novecentos e onze, editais  
Informam condições necessárias para votar,  
São publicações feitas através dos jornais,  
Saber e escrever é condição a observar,  
Ser chefe de família, uma das outras mais,  
Mulheres, isso nem era coisa de pensar.  
Oitocentos quarenta e seis mil, oitocentos e  
um,  
Números de homens recenseados, a olho nu.

Nem todos votariam, longe de tal suceder.  
Eis que surge episódio inesperado,  
Carolina Beatriz, mesmo sendo mulher,  
Desejava votar, sucedia que tinha enviuvado  
E trabalhava, era médica, para sobreviver,  
Uma filha menor a seu cargo tinha ficado.  
Apresenta-se, convicta, a recenseamento,  
Recusam, desconhecem seu temperamento.

Não desiste, recorre ao tribunal,  
Chefe de família pode ser uma mulher,  
Será ela a cantar vitória final,  
Carolina vota, não tinha como não ser.

Não se repetiria em próximo acto eleitoral,  
Sociedade machista trata de se precaver.  
Mulheres veem-se impedidas de votar,  
Mas novos terrenos começam a conquistar.  
Outra Carolina, Michaellis, é professora,  
Mas numa universidade, grande conquista,  
Função pública, fechada até agora,  
Abre-se às mulheres, mudanças à vista,  
Ministério das Finanças, um tabu outrora,  
É mundo onde a mulher também se alista.  
Portugal promete trabalhar na igualdade,  
Desconfiam, as mulheres, de tanta facilidade.

Mil novecentos e onze, dezanove de Junho,  
Nasce a Assembleia Nacional Constituinte,  
Teófilo Braga, de seus poderes, abre punho,  
Anselmo Braamcamp Freire dá passo seguinte,  
Vê aprovada proposta de seu cunho,  
Da Assembleia era Presidente, por conseguinte  
Tudo acaba por continuar de modo igual,  
Até à eleição do primeiro Presidente de  
Portugal.

O povo, através deles, ali representado  
Quem vai eleger o primeiro presidente,  
Manuel de Arriaga e Bernardino Machado  
Sujeitam-se ao veredicto daquela gente,  
O primeiro ganha e vê-se mandatado  
Para presidir aos destinos desta Lusa gente.  
Novo regime, nova bandeira, novo hino  
Nova moeda, que também novo seja o destino.

Bandeira nova a verde e vermelho,  
Cores do Partido Republicano Português,  
Substituíram o azul, gasto de velho,  
Que renovou a bandeira, uma e outra vez.  
Outro significado, só lho deu um conselho,  
Ah, como durante tantos anos o fez.  
Caíram os títulos honoríficos e nobiliárquicos,

Apenas se distinguirão militares fantásticos.

## Interregno

---

À data dos revolucionários acontecimentos,  
Estava Manuel de Arriaga retirado,  
Escrita e família davam-lhe calmos momentos.  
Apesar de, tal mudança, sempre ter apoiado,  
Não deixou de mostrar seu lamento,  
Por tão cedo, a revolução, se ter dado.  
Tê-lo-á confessado ao amigo Raul Brandão,  
Desconhecendo destino traçado numa visão.

Avô, de cabelo já bem esbranquiçado,  
Manuel de Arriaga sente aguçar-se o apetite,  
Reitor de Coimbra, o desafio está lançado,  
Não tem como recusar honroso convite,  
Logo depois novo desafio, chefe de estado,  
Aceita de novo, não sem que ainda hesite.  
Lisboa, principal centro político da nação,  
Tem o dobro do Porto, falando de população.

Muitos passos poderão ser dados atrás,  
Muitos mais nos levarão em frente,  
Por caminhos sinuosos a história se faz,  
Filho monárquico é eleito presidente,  
Não que não houvesse mais gente capaz,  
Simplesmente terá sido obra de um vidente.  
Ano de mil oitocentos oitenta e dois,  
Quatro espíritas veem o destino anos depois.

Um advogado, jovem não monárquico,  
De nome completo e bastante comprido,  
O que se tornaria muito pouco prático,  
Ignora que seu destino vai sendo decidido,  
Uma mesa de pé de galo, dramático,  
Um quarteto de espíritas está aqui reunido.  
Eis que um espírito faz sua aparição,

Não é um espírito qualquer, é D. Sebastião.

“A República Portuguesa será implantada  
Pelas armas, a nação terá prosperidade...,  
Ah como a visão estava tão enganada,  
...Manuel de Arriaga terá a responsabilidade  
De presidir à República recém-criada.”  
Visão ou não, viria a tornar-se realidade.  
Manuel José de Arriaga Brum da Silveira  
E Peyrelongue, monárquico de primeira.

Muito aconteceria no reino de Portugal,  
Até que se concretizasse tal visão,  
Pequenas querelas, assassínio real,  
Tumultos, conflitos, e uma revolução,  
Mas ainda não chegara o momento ideal  
Para Manuel de Arriaga assumir a nação.  
Só em mil novecentos e onze, Agosto,  
O septuagenário estaria em seu posto.

Grande ironia do nosso Luso destino,  
Ser um professor septuagenário  
A tomar conta deste tão jovem menino,  
Portugal Republicano, extraordinário,  
A instabilidade ainda toca o sino,  
Vive-se período de cariz revolucionário.  
Portugal enfrenta grandes desafios,  
Também o mundo vive tempos sombrios.

É neste estado de verdadeira ebulição  
Que Manuel de Arriaga, ilustre Açoriano,  
Assume as rédeas dos destinos da nação,  
Nascido em ambiente rico, calor humano,  
Partilha sua mocidade com muito irmão,  
Cinco, mas riqueza também não era engano.  
Ainda bastante jovem, em terra Açoriana,  
Aprende inglês com professora Americana.

Portugal sonha com drástica mudança,

A jovem República traz o povo apaixonado,  
É proscrita a família Bragança,  
Até ao quarto grau, acabou-se o reinado,  
Monárquicos ainda têm alguma esperança,  
Mas não há como regressar ao passado.  
Mil novecentos e onze, e doze, duas vezes,  
Tentam, não lho permitem os Portugueses.

Mil novecentos e doze é ano de luto,  
Francisco Lázaro, valoroso maratonista,  
Morre nos jogos olímpicos, golpe bruto,  
Estocolmo perde o atleta Luso de vista,  
Quilómetro trinta, eis que cai um vulto,  
Causa, doping é a mais recente pista.  
Francisco Lázaro morreu no dia seguinte,  
Portugal Republicano ficou mais triste.

Sucedem-se inúmeras conquistas sociais,  
Domingo é instituído descanso semanal,  
Nasce a consciência das questões laborais,  
Lança-se a semente da organização sindical,  
Direito à greve, uma das conquistas mais,  
Crescia a confiança num novo Portugal.  
Combatem-se índices, altos, de analfabetismo,  
Muito faltava, mas não o optimismo.

Impossível haver só coisas boas,  
Continua a enviar-se, condenados,  
Para o degredo em Angola, pessoas  
Que veem ser-lhe recusados  
Direitos que são republicanos loas,  
Alguns vão, por vadios, acompanhados.  
Há que mostrar mão firme na autoridade,  
Ninguém poderá ameaçar a liberdade.

Delfina Vitor, no Teatro Apolo era actriz,  
Vê-se confrontada com singela acusação,  
Ao recolher ao camarim desrespeitou o país,  
Atirando uma bandeira ao chão,



Levada a tribunal escapou por um triz,  
Acto devido a crise nervosa, a justificação.  
Mil novecentos e catorze, unidade sindical,  
É fundada a União Operária Nacional.  
Revistas e jornais operários fazem a ponte,  
É através deles que toda a informação  
Chega aos trabalhadores, qual pura fonte  
Que também contempla a diversão,  
Trabalho e vida social num novo horizonte,  
Ideais expressos na republicana revolução.  
Manuel de Arriaga recebe um Portugal  
Em aparente estado de graça, nada mal.

Ser Presidente naqueles tempos de outrora,  
Também significava alguma mordomia,  
Nada parecido com os tempos de agora,  
Num Palacete, na Horta Seca, ele vivia,  
Mas a renda saía-lhe do bolso fora,  
A república não decepcionava, surpreendia.  
Mil novecentos e doze, pleno verão,  
Volta a pagar para poder servir a nação.

Ganha vinte e quatro contos de ordenado,  
Paga cem escudos de renda, para despachar  
Assuntos que dizem respeito ao estado,  
Regime não quer opulência, nem esbanjar,  
Ali vive, Manuel de Arriaga, de bom grado,  
Sendo também ele, quem o carro vai pagar,  
Doa um conto, do ordenado, a obras sociais,  
Custeia tudo, até instrumentos musicais.

Seu filho é seu secretário, sem vencimento,  
Manuel de Arriaga não é desistir,  
Enfrenta todas as dificuldades do momento,  
Sem que uma queixa se lhe possa ouvir,  
Preferiu sofrer em silêncio o seu tormento,  
Não se iludam, está mais pobre ao sair.  
"A dificuldade pouco me importa,  
Tive a vantagem de ter um polícia à porta."

Para vender o carro, anúncio teve de colocar.  
Sempre soube vestir o papel de presidente,  
Mesmo quando as coisas o pareciam negar.  
Consta que certa vez, algo muito corrente,  
Não perdeu tempo, a certa obra apreciar,  
E fez uma compra que o deixou deprimente,  
Quadro de Columbano Bordalo Pinheiro,  
Com uma couve, custou-lhe bom dinheiro.

Só ao chegar, ao Palácio de Belém,  
Terá comentado: "Que couve tão cara"  
A nível financeiro nem tudo correu bem,  
Oposição política não foi coisa rara,  
Mesmo que de Republicanos também,  
Caem os governos, mas ninguém o pára.  
Registam-se lucros, durante três anos,  
Acertam os velhos espíritos Republicanos.

Como diz o ilustre Lusitano Povo,  
"Não há...Nem bem que nunca acabe"  
O Presidente enfrenta desafio novo,  
Ameaçam as nossas colónias e ele sabe  
Que as podemos perder num sorvo,  
Indefinição é algo que aqui não cabe.  
Grande instabilidade política e social  
Leva muitos Portugueses a deixar Portugal.  
Efectivamente o país era neutral,  
Mas há que tomar uma dura decisão,  
Alguns interesses de Portugal  
São ameaçados por ataque Alemão,  
Invadem Luso território colonial,  
Não podemos permitir tal humilhação.  
Angola e Moçambique estão ameaçadas,  
Tropas Portuguesas para lá são enviadas.

Manuel de Arriaga procura a solução,  
Dissolve o parlamento, há novo governo,  
Pimenta de Castro, militar, dá-lhe a mão,

Escolhe ministros num círculo fraterno,  
Reabre igreja e permite a reorganização  
Dos velhos apoiantes da ideia de um reino.  
Parlamento fechado, Palácio da Mitra,  
Reúnem os deputados, que Arriaga se demita.

Não os contentava a pura demissão,  
Era sangue o que mais desejavam,  
Vêem-no como um traidor da nação,  
Assassiná-lo era algo que preparavam,  
Retrai-os um pequeno senão,  
Reacção Inglesa, muito, receavam.  
Mil novecentos e quinze, catorze de Maio,  
A revolta popular eclode como um raio.

Não é ao acaso que a revolta arranca,  
Grupos secretos são determinantes,  
Um, o denominado "Formiga Branca"  
Tem um currículo de actos arrepiantes,  
Do Partido Republicano era a alavanca,  
Talvez uma PIDE criada uns anos antes.  
A Maçonaria era mais diplomática,  
Deixava aos outros, a guerrilha prática.

Pimenta de Castro, o chefe do governo,  
Recusava-se a acreditar numa revolta,  
Continuou a viver a vida de modo sereno,  
Fazendo dos alertas, conversa morta,  
Deitou-se cedo, mas o sono foi pequeno,  
Tiros de canhão bateram-lhe à porta.  
Não queria, mas foi obrigado a acreditar,  
Dia catorze, sua demissão irá apresentar.

Mais de duzentos mortos após o início,  
Terminava mais uma revolução,  
Manuel de Arriaga sente o precipício,  
Dia vinte e seis apresenta a demissão,  
Saindo pelas portas do fundo do edifício,  
Levando consigo, enorme desilusão.

“Só as minhas flores, as minhas telas  
E os meus poetas me interessam...” Belas.

Belas as palavras com que desabafou,  
Em conversa que com Augusto Castro,  
Já no final da sua vida, travou.  
Era um homem abatido, de rasto.  
Verdade que nunca mais recuperou  
De tão violento e dramático acto.  
Morre em mil novecentos e dezassete,  
Decorria o mês de Março, concretamente.  
É enterrado, como qualquer cidadão  
No cemitério dos Prazeres, sem honraria,  
Dois mil e quatro, muda-se para o Panteão,  
Talvez contra aquilo que mais desejaria.  
Serviu o país com grande entrega e paixão,  
Mantendo-se fiel aos ideais que defendia.  
Eram tempos de convulsão e de guerra,  
O sangue de inocentes corria sobre a terra.

## Teófilo Braga

---

Mil novecentos e quinze a decorrer,  
Manuel de Arriaga toma drástica decisão,  
Congresso da República resolve dissolver,  
Tais poderes não lhe dava a Constituição.  
Maio, sente que algo está para acontecer,  
Dia catorze é dia de nova revolução.  
Levantamento de índole político-militar  
Pretende, governo e presidente, derrubar.

Álvaro de Castro e o general Sá Cardoso,  
Estão à cabeça de tal levantamento,  
Que, mil mortos depois, sairá vitorioso.  
João Chagas é ferido, no Entroncamento,  
O povo não perdoa e, num acto furioso,  
O autor é morto, vítima de linchamento.  
João Chagas, de um olho, fica cego eterno,  
Fora indigitado chefe do novo governo.

João José de Freitas, então senador,  
Foi o autor do traiçoeiro atentado.  
Junta Constitucional é solução melhor,  
Manuel de Arriaga sente-se manietado,  
Demite-se, que venha o seu sucessor,  
Quem sabe o país fique melhor governado.  
Portugal agita-se, o país não pode parar,  
O inimigo espreita, há que não descurar.

Cai o presidente Manuel de Arriaga,  
Que se apresente o seu sucessor,  
Joaquim Teófilo Fernandes Braga,  
Curiosamente, Açoriano como o anterior,  
O Luso povo anseia que ele traga  
Estabilidade e uma vida bem melhor.  
Teófilo Braga ia, dois, além dos setenta,  
Quando na cadeira presidencial se senta.



O povo estava bem enganado,  
Se o que mais desejava, era estabilidade,  
Então escolheu o momento errado,  
Quando o descobriu já era tarde,  
Muitas vezes, o mesmo passo será dado,  
O povo parece enganar-se com facilidade.  
Não propriamente na pessoa do presidente,  
Homem simples e politicamente coerente.

Era toda a situação política nacional,  
Tudo era novo, não houvera preparação,  
Viviam-se tempos de guerra mundial,  
Havendo quem defendesse a participação,  
Inglaterra, nosso aliado incondicional,  
Era principal opositor a tal pretensão.  
Só mais tarde se veriam tropas nacionais,  
Já outro tinha funções presidenciais.

Vivia-se num tempo muito conturbado,  
Alemanha ameaçava terras Portuguesas,  
Em África, o que terá despertado  
Interesse em participar. Apesar das fraquezas,  
Que há muito se tinham identificado,  
Era urgente preparar futuras defesas.  
Teófilo Braga era presidente de transição,  
Em Agosto deixava o comando da Nação.

Pouco mais que dois simples meses,  
Quanto tempo assumiu a responsabilidade  
De ser o Presidente dos Portugueses,  
Cargo que desempenhou com seriedade,  
Nunca quis honrarias e, várias vezes,  
Daria provas de toda a sua simplicidade.  
Teófilo Braga foi exemplo de dedicação,  
Presidência da República não era obsessão.

## Bernardino Machado

---

Mil novecentos e quinze a fervilhar,  
Decorre o dia seis de Agosto,  
Sente-se como que novo vento a soprar,  
Ainda há pouco se vazara o posto,  
Já novo Presidente se faz anunciar,  
Bernardino Machado é o novo rosto.  
Vem encontrar um Portugal dividido,  
Ir, ou não, à guerra é tema debatido.

Após três escrutínios, por si vencidos,  
Se viu, Presidente da República, eleito,  
Se os dois primeiros foram aguerridos,  
No terceiro, contra Correia Barreto,  
Os votos, dos congressistas, por si obtidos,  
Tornavam-no no candidato perfeito.  
Cinco de Outubro se inicia o mandato,  
Data simbólica para tão ilustre acto.

A situação dos territórios Africanos  
Tornava-se, cada vez mais, insustentável,  
Daí não admirar que os Republicanos  
Vissem a entrada na guerra, indispensável,  
Caso contrário, o país sofreria danos,  
Cujas consequências era algo impensável.  
Afonso Costa, e o partido Democrático,  
Defendiam um Portugal menos apático.

Mil novecentos e dezasseis, Fevereiro,  
Inglaterra pede ao seu velho aliado,  
Que tome como seu prisioneiro  
Todo o navio Alemão, aqui atracado,  
Tal acto revelou-se passo derradeiro  
Que deu, a Portugal, o rumo desejado.  
Navios Austro-Hungaros sorte igual,  
Era a declaração de guerra, de Portugal.

Mil novecentos dezasseis, nove de Março,  
Não havia como voltar atrás,  
Portugal entrava na guerra, era passo  
Com horizontes nas cimeiras de paz.  
Só assim, Portugal, conseguiria espaço  
Para defender sua soberania, de forma eficaz.  
Mil novecentos e dezassete, partem soldados  
Rumo à Flandres, vão mal preparados.

As perdas são algo nunca antes pensado,  
Ou talvez não seja assim tão inocente.  
Tudo assentava num grande objectivo, gorado,  
Não só pela morte de tanta Lusa gente,  
Como, principalmente, pelo impacto gerado  
Numa sociedade já de si tão carente.  
Não se conseguia obter tão desejada unidade,  
Antes se caminhando para grande  
instabilidade.

Este mesmo ano, de dezassete, decorria  
Quando Portugal vive momento especial,  
Treze de Maio, em Fátima, acontecia  
Episódio de enorme significado espiritual,  
Nossa Senhora, a três jovens, apareceria,  
Milagre em tempos de guerra mundial.  
Bernardino Machado, por entre aparições,  
Via seus opositores exigirem modificações.

Ele que foi ministro durante a monarquia,  
Além de deputado, Partido Regenerador,  
Terminar seu mandato não conseguiria,  
Seus adversários conseguiriam levar a melhor,  
Anos mais tarde, à Presidência voltaria,  
Com sorte, em quase tudo, igual à anterior.  
Oito de Dezembro, cai Bernardino Machado,  
Confirma-se mesmo o golpe de Estado.



## Ministério chefiado por Sidónio Pais

---

Sidónio Pais era um convicto opositor  
Da presença de Portugal na guerra,  
Sua condição de militar dava-lhe melhor  
Posição de ver o perigo que tal encerra,  
Ou talvez seu sonho fosse superior,  
Tornar-se Rei e senhor desta humilde terra.  
Presidindo à aclamada Junta Revolucionária,  
Ascendeu à mais elevada secretária.

Portugal atravessava difíceis momentos,  
Não só consequências da guerra mundial,  
Mas também porque alguns elementos,  
Dos Partidos da esfera governamental,  
União Sagrada, se dividiam em segmentos  
Pouco aconselháveis ao momento nacional.  
Sidónio Pais, demonstrando grande visão,  
Aproveita-se da governamental confusão.

Governo Revolucionário é formado,  
Sidónio Pais e Machado Santos o integram.  
Republicanismo histórico está representado,  
Algumas medidas nem a todos alegram,  
Logo em Janeiro começa a ser contestado,  
Ministros Unionistas como que desertam.  
Sidónio Pais antevê algumas dificuldades,  
Dezassete de Março, findariam amizades.

## Sidónio Pais I

---

Junta de Salvação Pública reage,  
Publicando manifesto de intimidação,  
À imprensa, mas ninguém a coage,  
Antes contribuindo para nova união,  
Mundo do trabalho também interage,  
Formando-se forte corrente de oposição.  
Sidónio Pais distancia-se do seu partido,  
Acabando por ser, deste, mesmo banido.

Alguns rostos apoiantes da Monarquia,  
Ocupam altos postos de decisão,  
Aguardam-se eleições, ninguém sabia  
Que de nada valeria tal eleição,  
Parlamento é encerrado logo no outro dia,  
Ditadura assume forma de governação.  
Opositores são alvo de perseguições,  
Condenados políticos enchem as prisões.

Sidónio Pais, indo contra a constituição,  
Chamou a si tudo que fosse poder  
Não só era o chefe máximo da Nação,  
Como ambicionava vir a ser  
Dono e senhor de toda e qualquer decisão,  
Era o absolutismo puro a renascer.  
Apoiantes diziam ser a República Nova,  
Bastante cara lhes sairia tal prova.

Sentindo falta do apoio partidário,  
Resolveu ir pelo caminho da retaliação,  
Talvez num raio deveras extraordinário,  
À igreja, propõe-se fazer da alteração,  
Da Lei de separação, objectivo prioritário,  
Colhe o apoio generalizado da população.  
Republicanos históricos, e Maçonaria,  
Opõem-se, sem saberem o que aí viria.

Mil novecentos e dezoito, onze de Março,  
Emite decreto com nítido objectivo pessoal,  
Arriscando dar um precioso passo  
No caminho da Ditadura governamental,  
Sidónio Pais, não temendo o fracasso,  
Impõe o sufrágio directo e universal.  
Nada era feito ao acaso, sem aplicabilidade,  
Presidente estava consciente da popularidade.

## Sidónio Pais II

---

Nesse mesmo ano, vinte e oito de Abril,  
É eleito Presidente da Republica Portuguesa,  
Eleitores acorrem num número febril,  
Nunca ninguém vencera com tanta certeza,  
Nove de Maio, numa acção quase viril,  
É proclamado Presidente, impõe firmeza.  
Parlamento nem sequer se vê consultado,  
Sidónio Pais não admite ser afrontado.

Seus Decretos são como nova constituição,  
Ninguém se ouse atravessar no caminho,  
Novo Presidente não perdoa à oposição.  
Corpo Expedicionário sente-se sozinho,  
Batalha de La Lys será de má recordação,  
Nem após o Armistício, um gesto de carinho.  
Sidónio Pais começa a enfrentar dificuldades,  
Contestações ao regime tornam-se realidades.

Sidónio Pais sente o poder a fugir,  
Seus ideais, Germânicos, são conhecidos,  
É curto o espaço por onde fugir,  
Seus opositores mostram-se decididos  
A não deixar sua política continuar a florir.  
Portugal sofre o revés dos anos perdidos.  
Instala-se um clima de grande violência,  
Ninguém se pense livre da turbulência.

Dia cinco de Dezembro, há festa,  
Homenagem à guarnição sobrevivente  
Do NRP Augusto Castilho, se presta  
Para tentativa de atentado ao Presidente,  
Falha, é verdade, mas ninguém contesta,  
Que da próxima vez será tudo diferente.  
Catorze de Dezembro desse mesmo ano,  
Surge José Júlio da Costa, Republicano.

Sidónio Pais não resiste a novo atentado,  
Morria o Presidente-Rei, no Rossio,  
Deixando um país dividido e traumatizado,  
Se para uns era um homem frio,  
Para outros era um Santo, até idolatrado,  
Sabendo tirar partido se todo o seu brio.  
Dia catorze de Dezembro marcado na história,  
Início de um período de má memória.

## Governo chefiado por João do Canto e Castro

---

Assassinado o Presidente, Sidónio Pais,  
Dando cumprimento à constituição,  
O comando dos destinos nacionais  
São entregues ao governo de então,  
Um nome sobressai entre os demais,  
João Canto e Castro assume a transição.  
Portugal vivia momento algo insólito,  
O mais desatento poderia ficar atónito.

Bernardino Machado, à luz da constituição,  
Seria, ainda, o legitimo Presidente,  
Só que havia de ultrapassar tal questão,  
O país precisava de uma solução, urgente,  
Que não se adie mais a tomada de decisão,  
Jogue-se mão de quem estiver presente.  
Portugal não pode parar, há que ser prático,  
Nem que para tal se chame um Monárquico.

João Canto e Castro é oficial respeitado,  
Apesar de ter o contra de ser militar,  
O contexto não será o mais indicado,  
Mesmo assim há quem se atreva a arriscar,  
Primeiros indícios trazem um novo dado,  
João Canto e Castro é homem a respeitar.  
Ultrapassado este primeiro grande teste,  
Decide aceitar enfrentar o contexto agreste.

## João do Canto e Castro

---

Portugal não tem tempo a perder,  
Camaras do congresso têm de decidir,  
João Canto e Castro acaba por merecer  
A dupla confiança para nos presidir.  
Dezasseis de Dezembro, dezoito a correr,  
Grande determinação se lhe irá pedir.  
Homem monárquico, fortes convicções.,  
Não deixará que tal, lhe tolhe funções.

Seu mandato não será muito cumprido,  
Durará mesmo, menos de um ano,  
Durante o qual, seu dever será cumprido,  
Respeitando monárquico e Republicano,  
Quedas de governo, tumultos, tudo lhe foi  
servido,  
Não hesitou, tornou-se ídolo Lusitano.  
Desta massa se faz a gente Portuguesa,  
Perante as dificuldades, avança com firmeza.

Vinte e três de Dezembro, nomeia governo,  
Para o chefiar convida Tamagnini Barbosa,  
As contestações não param, problema eterno,  
Oposição continua a mostrar-se ansiosa,  
Não hesitando tornar em verdadeiro inferno,  
Acção que se desejava fosse venturosa.  
Caminhos que só a política poderá explicar,  
Finais de Janeiro, não há condições para  
governar.

Neste mesmo dia de Dezembro, vinte e três,  
Movimenta-se a sociedade militar,  
Norte e Sul, temem que se volte outra vez  
À velha República, tal não querem deixar.  
João Almeida, conceituado coronel Português,  
Algumas unidades, de Lisboa, vai concentrar.

Monsanto, posição estratégia mais apropriada.  
No Porto, Junta Governativa Militar é formada.

Três de Janeiro de mil novecentos e dezanove,  
Junta governativa assume posição de  
charneira,  
Pelo ideal Sidonista se orienta e se move,  
Proclamando-se sua representante e herdeira.  
Remodelação governamental se promove,  
Velhos republicanos veem manobra traiçoeira.  
Oito de Janeiro, é a apresentação formal,  
Às Câmaras. Oposição tem voz em Cunha Leal.

Tamagnini Barbosa, por receio, terá cedido  
Às exigências das Juntas militares,  
Cunha Leal não será único a fazer-se ouvido,  
Machado dos Santos terá atitudes similares,  
Senado será o cenário por si escolhido,  
Discursos de grandes agitações capilares.  
Dez de Janeiro, Lisboa anoitece envolta  
Nos meandros de uma eminente revolta.  
Castelo de S. Jorge; Arsenal da Marinha;  
Sendo seguidos, logo ao romper da manhã,  
Por gente que mesmos ideais, tinha,  
Nomeadamente tropas de Santarém e Covilhã,  
Antiga constituição era só uma pontinha,  
De concreto, a revolta era coisa quase vã.  
Lisboa e Covilhã são, rapidamente, dominados,  
Em Santarém, mostram-se mais  
determinados.

Exigem a formação de um governo forte,  
Preferencialmente de cariz mais republicano,  
Onde a força da velha República se note,  
Monárquicos do Idealismo Lusitano,  
Não aceitam e resolvem agir mais a norte.  
Governo dá sinais de algum, breve, abano.  
Substituir comandos é uma possibilidade,  
Golpe falhado, tal não é uma necessidade.



Falhada a tentativa de formar governo militar,  
É hipólito Raposo, apoiante da monarquia,  
Quem, com outros mais, decide avançar,  
Rui da Camara e José Rino Fróis, a companhia,  
Memorando, tipo ultimato, vão apresentar,  
Há muito que tal acção se pensava e  
pretendia.

Antigo lugar-tenente de D. Manuel segundo,  
Teria de dar seu aval a gesto tão profundo.

“Go On” seria a senha de início da revolução,  
Conselheiro Aires de Ornelas, é chamado,  
Era o homem encarregue de escrever a  
expressão,  
Que D. Manuel segundo lhe teria deixado,  
Para que, quando entendesse haver condição,  
O estandarte Monárquico ser, de novo, içado.  
Monárquicos denotavam alguma ansiedade,  
Talvez temendo que se fosse fazendo tarde.

Quinze de Janeiro, tenente Teófilo Duarte,  
Obtém, dos revoltosos de Santarém, rendição.  
O país não pode parar por este pequeno  
aparte,  
Toma posse o novo governo da nação,  
Tamagnini Barbosa, em nova aventura parte,  
Sabendo que vai encontrar forte oposição.  
Dois dias depois cai o regime presidencialista,  
Iniciado na república nova de ideal Sidonista.

João Canto e Castro era eleito à moda antiga,  
Termos da constituição de mil novecentos e  
onze.

Nessa mesma noite, é outra a cantiga,  
Monárquicos, sentido que o tempo lhes foge,  
Decidem actuar, sem que ninguém os  
contradiga,  
D. Manuel segundo continua lá bem longe.

Junta Central do Integralismo Lusitano,  
Reúne-se em Lisboa, é urgente novo plano.

Luís de Almeida Braga e António Sardinha  
São enviados para a capital do Norte,  
Tentar adiar o pronunciamento que se adivinha  
É missão destinada, sem grande sorte,  
A ansiedade monárquica não se continha,  
Terão assinado sua própria sentença de morte.  
Governo namora Democráticos, Unionistas,  
Tal como consegue a adesão dos Socialistas.  
Porto para onde vai Paiva Couceiro,  
É zona propícia à restauração da Monarquia,  
Vai decorrendo o dia dezoito de Janeiro.  
No dia seguinte, logo mesmo ao nascer do dia,  
É dado o passo considerado pioneiro,  
Para o sucesso ou fracasso, ninguém sabia.  
Após militares desfilarem em parada,  
Bandeira azul e branca se vê hasteada.

Ouve-se o hino da carta constitucional,  
Urge tomar medidas tidas por essenciais,  
Paiva Couceiro assume o comando total,  
Ao mesmo tempo que apela a outros mais,  
A desempenharem papel fundamental,  
No movimento monárquico são peças fulcrais.  
Dr. Júlio Girão Faria de Morais Sarmento,  
Integra painel de chefia da carta do momento.

Carta constitucional é declarada em vigor,  
Pedro Barbosa Falcão de Azevedo e Bourbon,  
É outro a aceitar, não o terá feito sem temor,  
Integrar a chefia da carta, no mesmo tom  
Ficaria Artur da Silva Ramos, Coronel de valor,  
Acreditavam que o momento era mesmo bom.  
António Adalberto Sollari Allegro não se negou  
E Luís Cipriano Coelho de Magalhães, aceitou.

A junta governativa do Reino fica instalada

Junto ao governo civil do Porto,  
Por Henrique Paiva Couceiro era comandada,  
Não podia permitir que desse para o torto,  
Tinha consciência que se não desse nada,  
Seria, muito certamente, um homem morto.  
No norte, quase todas as cidades aderiram,  
Só em Chaves, adesão não conseguiram.

Lisboa, junta militar tem iguais intenções,  
No entanto não conseguem unanimidade.  
Dia vinte, são tomadas importantes decisões,  
Hipólito Raposo, livre e espontânea vontade,  
Suspende o jornal "A Monarquia" razões,  
Talvez poucos as conhecessem na verdade.  
Belém, regimento de cavalaria dois,  
É para lá que Hipólito Raposo se dirige depois.

Aí se começavam a concentrar monárquicos,  
Tencionam tomar o posto TSF de Monsanto,  
Contactar o norte, não por serem simpáticos,  
Sim por precisarem de coordenação, enquanto  
Não chegassem notícias de factos práticos,  
Tudo parecia encoberto sob espesso manto.  
No Porto tudo continuava muito activo,  
Só assim poderiam manter o sonho vivo.

Movimento demonstrava muita planificação,  
Elegendo Portalegre como local mais indicado  
Para que a Monarquia, aí tivesse proclamação,  
António Sardinha, seu governador é nomeado,  
Talvez tenham esquecido um pequeno senão,  
De outra tarefa, prioritária, o tinham  
encarregado.  
Constituir gabinete da Presidência do governo,  
A prioridade que requer trabalho sereno.  
Nosolini Leão e Luís de Almeida Braga,  
Dois que, com António Sardinha, colaboram,  
Enquanto tão importante tarefa não se acaba,  
Pelo norte, suas vidas se desenrolam.



Se do sul, notícias, não há vento que as traga,  
Então que os do norte aproveitem e se  
movam.

Dias vão passando em clima de tranquilidade,  
Serviço de comunicações é uma necessidade.

António Teles de Vasconcelos avança,  
Monta serviço de comunicações na fronteira,  
Pequenos passos que fazem crescer a  
confiança,  
Sentiam ser hora de quebrar nova barreira,  
Terras de Espanha lhes vêm à lembrança,  
Ali pensam ter espaço de acção, pura ratoeira.  
António Sardinha é enviado para Badajoz,  
Luís Teles de Vasconcelos para Tui, vão sós.

Para Cáceres, Joaquim de Almeida Braga vai,  
Ali prepararão entrada triunfal em Portugal,  
Plano que muito ao contrário lhes sai,  
Polícia Monárquica Espanhola lhes faz sinal,  
Não de partida, mas de prisão. Num ai  
Todo o plano lhes começa a correr mal.  
Dia vinte e dois, eclode revolta em Lisboa,  
E no forte de Monsanto, novo hino soa.

Revolta comandada por Aires de Ornelas,  
E Álvaro de Mendonça, tenente-coronel,  
Cerca de setenta militares, coisas singelas,  
Júlio da Costa Pinto, comando é seu papel,  
Tomam o forte de Monsanto, vão às janelas  
E hasteiam bandeira monárquica, sem tropel.  
Estabelecem contacto com o norte,  
Ignoram qual será seu destino, sua sorte.

Se nos meandros norte, do sul pouco se sabia,  
Em Monsanto, tropas republicanas agiam,  
Ao contrário do que poderia pensar a  
monarquia,  
Forças governamentais não adormeciam,

Monárquicos descuraram, um pouco, a vigia,  
Viram-se cercados, até final do dia resistiam.  
Capitão das forças, monárquicas, ocupantes,  
Não hesitou, tinha feridos graves,  
preocupantes.

De Janeiro passavam vinte e quatro dias,  
Tamagnini Barbosa dava por finda sua missão,  
João Canto e Castro procura novas sinergias,  
Convida José Relvas, o rosto da Revolução,  
Aos vinte e sete mostram-se novas ideologias,  
Vertente socialista está em plena ascensão.  
Augusto Dias da Silva é primeiro  
representante,  
Na primeira república abre portas de  
governante.

Porto, dia treze de Fevereiro, é a derrota,  
Após duros combates, principalmente em  
Angeja,  
Monarquia do Norte encerra sua porta,  
Não é o fim que D. Manuel segundo deseja,  
Também não terá sido sua, tão arriscada  
aposta,  
Gente Monárquica, que Deus a proteja.  
João Canto E Castro, monárquico e presidente  
Dava mostras de ser do mais ilustre dirigente.  
Centenas de oficiais do exército são afastados,  
Alguns deles são mesmo demitidos,  
Processos sumariamente abertos e fechados,  
Tais golpes traiçoeiros não mais serão  
permitidos.  
Afonso Costa e seus democráticos aliados,  
Veem-se, novamente, nos lugares pretendidos.  
Monárquicos entram em debandada geral,  
Acusando os autores de pura traição real.

Integralismo Lusitano joga sua última cartada,  
Procurando o apoio de D. Manuel segundo,

Para o que enviam, a Londres, uma  
embaixada,  
No entanto, sentem desespero profundo,  
D. Manuel não os terá ajudado em nada,  
Crê-se que já não seria este o seu mundo.  
Desiludidos, resolvem seguir uma nova pista,  
Optando por se juntarem à causa legitimista.

Tomam D. Duarte Nuno de Bragança,  
Neto do antigo rei D. Manuel primeiro,  
Como sua derradeira rampa de esperança,  
Tentando que seja reconhecido como herdeiro,  
Processo que, vagarosamente, avança,  
Sem se obter um consenso verdadeiro.  
D. Manuel, mil novecentos trinta e dois,  
Morre. Suposto pacto de Dover surge depois.

Segundo este mesmo, suposto, pacto,  
Todos os organismos reconheciam o sucessor,  
Há muitas dúvidas quanto a tal facto.  
Eleições de Maio, o inquestionável vencedor  
É o Partido Democrático, significativo acto.  
Republicanos vivem tempos de esplendor.  
João Canto e Castro continuava sua missão,  
Um monárquico na presidência da nação.

Dezanove de Julho, Epitáfio Pessoa,  
Recém-eleito presidente do Brasil,  
Chega para primeira visita a Lisboa,  
Portugal vive num ritmo quase senil,  
Quando discurso erudito, nos ares soa,  
É António José de Almeida no seu jeito viril.  
João Canto e Castro, algo difícil de explicar,  
Pede àquele que o visitante vá saudar.

António José de Almeida é aplaudido,  
Quem sabe já em campanha presidencial,  
Ele que se mantivera desaparecido  
Durante o tempo de convulsão em Portugal.

Clima durante a monarquia do norte, vivido,  
Por medo, ou pura estratégia pessoal.  
Mil novecentos e dezanove, fim da linha,  
João Canto e Castro deu tudo quanto tinha.

Após três governos e diversas convulsões,  
A cinco de Outubro terminava mandato,  
Sem nunca abdicar das suas convicções,  
Conseguiu manter um estilo bem sensato,  
Não se deixando levar por algumas tentações,  
Como dar, à monarquia, um especial trato.  
João Canto E Castro deu lição de liderança,  
Deixando a seu sucessor, um país de  
esperança.

## António José de Almeida

---

Deu provas de ser bastante activo,  
Ainda nos tempos da monarquia,  
Quando publicou artigo bem criativo,  
Que três meses de prisão lhe valeria,  
Era um grito contra El-rei, muito vivo,  
D. Carlos, do mesmo, não gostaria.  
"Bragança, o ultimo", assim se intitulava  
Sua defesa, a Manuel de Arriaga entregava.

Não pensassem manietá-lo pela prisão,  
Já no declinar dos tempos de monarquia  
Era vê-lo, sempre em ritmo de ebulição,  
Em campanha que ao parlamento o levaria,  
Não obtendo, no primeiro ano, a eleição,  
Em mil novecentos e seis, lá o conseguia.  
Soldados, ao parlamento são chamados,  
Para expulsar os Republicanos, sem  
resultados.

António José de Almeida não se contém,  
"Proclamem a Republica" então gritaria,  
Comportamento que não escapou a ninguém.  
Mil novecentos e sete, adere à Maçonaria.  
Mil novecentos e oito, nova detenção vem,  
Em tentativa revolucionária se meteria.  
Corriam os primeiros dias de Janeiro,  
D. Carlos caminhava em tempo derradeiro.

António José de Almeida, figura popular,  
Principalmente no seio dos Republicanos,  
Nunca se terá deixado intimidar,  
Mesmo naqueles conturbados anos,  
Em que a monarquia ainda se permitia sonhar,  
Resguardando-se de eventuais danos.  
Fundou Partido Evolucionista, moderado,



Várias vezes se veria ministro e deputado.

Mil novecentos e dezasseis, união inesperada,  
Une-se a Afonso Costa, seu opositor,  
No sentido de formar a União Sagrada,  
Governo pensado para ser o mentor  
De uma política nova, proveitosa e desejada,  
Nem tudo lhes terá corrido pelo melhor.  
Mil novecentos e dezanove, seis de Agosto,  
Presidente da República é seu novo posto.

Cinco de Outubro, dia em que tomou posse,  
Seus discursos, inflamados, dão que falar,  
Ninguém o calava, fosse porque fosse,  
Era verdadeiro mestre na arte de improvisar,  
Daquele género de gente que até torce,  
Mas que nunca os conseguirão quebrar.  
Nem situações impensáveis, algo caricatas,  
Limitariam suas palestras, autênticas sonatas.  
Brasil festeja aniversário da independência,  
Aceita o convite e ruma a outros mares.  
Chefes do governo esgotaram-lhe a paciência,  
Tornaram-se tarefas quase curriculares,  
Sucediã-se com tão grande frequência  
Que se tornaram acontecimentos vulgares.  
Dezasseis foram os que, no total, nomeou,  
Um deles, nem mais de cinco minutos durou.

Numerosos Governos, eleições legislativas,  
Atentados, simples revoltas, revoluções,  
Eram outras eras, bastante mais activas,  
A tudo respondeu, talvez com muitas  
hesitações,  
Mantendo, no povo Luso, esperanças vivas,  
Sonhos, quem sabe tantas e tantas ilusões.  
Foi dos homens que ousou sonhar outro  
Portugal,  
Até no voo de Gago Coutinho e Sacadura  
Cabral.

Único presidente a cumprir o seu mandato,  
Na primeira república, logicamente,  
Viu na revolução de Outubro, vil acto,  
Ali perderia a vida, ilustre gente,  
Noite sangrenta, o governo de Liberato  
Fora demitido, o que não foi bem aceite.  
António Granjo, chefe do governo à altura,  
Foi um dos assassinados, noite muito dura.

Carlos da Maia e Machado dos Santos,  
Dois heroicos lutadores Republicanos,  
Também ali tombaram, mais uns quantos,  
Tempos duros, não se perdoavam enganar,  
Homens que tampouco se rendiam a prantos,  
Facturando a sangue, muitos dos danos.  
Comandou o ilustre povo Português,  
Até ao ano de mil novecentos vinte e três.

## Manuel Teixeira Gomes

---

Em Inglaterra foi Ministro plenipotenciário,  
Tratando-se de republicano convicto,  
Assumiu tal cargo após o golpe revolucionário,  
Ali demonstrou muito de seu instinto,  
Apresentando, num gesto algo visionário,  
Credenciais ao rei Inglês, Jorge quinto.  
D. Manuel segundo ali se encontrava exilado,  
Era imperioso manter tal coroa a nosso lado.

Não se apresentava tarefa de fácil execução,  
Estava, ainda, no inicio da sua carreira,  
O ministro empenhou-se na sua missão,  
Conseguindo derrubar tamanha barreira,  
A Portugal presente na grande guerra dá  
razão,  
Sidónio Pais, e outros, não aceitam tal  
rasteira.  
É demitido do seu cargo na capital Inglesa,  
Não lhe perdoam toda sua franqueza.

Após a morte de Sidónio Pais, vai para Madrid,  
Não é aquele cargo que o consola,  
Sem sabermos bem porquê, não está bem ali,  
Não que tenha algo contra a capital Espanhola.  
Volta a Londres, sente-se bem, ali sim,  
É ali que todo o futuro se joga e desenrola.  
Ano de mil novecentos vinte e dois,  
É nomeado delegado na Sociedade das  
Nações.

Eleito a seis de Agosto de vinte e três,  
A cinco de Outubro toma posse como  
Presidente,  
Para o eleger, muito escrutínio se fez,

Primeiro escrutínio, ninguém tem voto  
suficiente,  
Segundo escrutínio, novo impasse, outra vez,  
Faça-se um terceiro. É eleito, finalmente.  
Manuel Teixeira Gomes vencia destacado,  
Em segundo ficaria então, Bernardino  
Machado.

Novo Presidente jura fidelidade à constituição,  
Procurando inteirar-se dos problemas,  
Ao chefe do governo oferece a continuação,  
Convidando outro, que grandes dilemas  
Constituía o dia-a-dia de nossa governação.  
Afonso Costa não alinhou nestes sistemas.  
Vê-se forçado, Manuel Teixeira Gomes,  
A procurar encontrar muitos outros nomes.

Executivos tomam posse e caem a seguir,  
Vivia-se clima de grande instabilidade,  
Sete governos, tantos quantos irão cair,  
Dois anos, presidência de tão tenra idade,  
Republicanos começam-se a desunir,  
Greves, tentativas de golpes, são a realidade.  
Dezoito de Abril do ano de vinte cinco,  
Militares revoltam-se, marcando forte vinco.

Foi revolução, ou golpe dos Generais,  
De grande magnitude e alerta nacional,  
O povo, e o país, não suportavam mais,  
O clima que se instalara em Portugal,  
Apontada como defendendo novos ideais,  
Com a de Primo Rivera tinha muito de igual.  
Rotunda volta a ser o local preferido,  
Cunha Leal é preso, sem nada ter com o  
sucedido.

Suspendem-se os grandes jornais de então,  
"O Século" e "Diário de Notícias, por dias,  
No quartel do Carmo tenta-se a conciliação,

Sinel de Cordes é quem procura tais vias,  
Tratava-se de um dos líderes da revolução,  
Apercebe-se que as marés estão bravias.  
Pereira da Silva, Almirante e ministro,  
Tem papel fundamental, como se já previsto.

Legitimidade democrática restaurada,  
É hora de acertar algumas contas,  
Ministro da Guerra é figura derrotada,  
Mas outras guias de marcha estão prontas,  
Ernesto Maria da Rocha Vieira, vê terminada  
Sua carreira. Pagam-se caro certas afrontas.  
Tranquilidade, algo que mais não volta,  
Dezanove de Julho, dá-se mais uma revolta.

Jaime Batista e José Mendes Cabeçadas,  
São dois dos maiores protagonistas,  
O estado de sitio é, de imediato, decretado,  
Jaime Baptista consegue tapar as vistas  
A quem o deveria manter bem vigiado,  
Forte da S. Julião da Barra, especialistas.  
Assalta o Forte do Bom Sucesso, Belém,  
Mendes Cabeçadas actuava também.

Cruzador Vasco da Gama era objectivo,  
Conseguindo revolta-lo, de pouco valia,  
Forças fiéis ao governo mantêm-no vivo,  
Mas o sonho da revolução, não morria.  
Agatão Lança era comandante no activo,  
Capitão Armando Pinto Correia, se feria.  
Revoltosos são presos e julgados,  
Rapidamente seriam de novo reintegrados.

Mil novecentos vinte cinco ara o ano,  
Onze de Dezembro, o Presidente-escritor,  
Resigna ao mais alto cargo Lusitano,  
Homem de ideais, de Salazar opositor,  
Talvez temendo algum maior dano,  
Opta por se auto-exilar indo para o exterior.

Não mais voltará a pisar solo Português,  
Da escrita, seu objectivo de vida, fez.

## Bernardino Machado

---

No primeiro mandato como presidente,  
Foi deposto pelo golpe de Sidónio Pais,  
No segundo não teria sorte diferente,  
Argumentos, se não os mesmos, são iguais,  
Portugal é um país desunido e descontente  
Com o rumo dado aos destinos nacionais.  
Bernardino Machado não é nenhum jovem,  
Ignoram-se os objectivos que o movem.

Seu primeiro acto é nomear governo novo,  
Governo novo, velho governante,  
António Maria da Silva é conhecido do povo,  
Sua estrela já terá sido mais brilhante,  
Bernardino Machado sente-se num covo,  
República atravessa período agonizante.  
Sucedem-se as tentativas de golpe de estado,  
Presidente teme ter seu tempo contado.

Mil novecentos vinte e seis, Fevereiro,  
Vendas Novas, Escola Prática de Artilharia,  
Oficiais rendem-se, é o passo primeiro  
Para a revolução que se desejava, e temia,  
Oficiais rendem-se, movimento pioneiro,  
Braga; Coimbra; Lisboa; Évora se seguiria.  
Lacerda de Almeida e Martins Júnior,  
Chefes da ocupação, que daria fruto maior.

Dez de Março, Parlamento, Cunhal Leal  
Apresenta União Liberal Republicana,  
Novo partido, O descrédito já era geral,  
"Seara Nova" é que não se ilude nem engana,  
Alertando para o perigo de chegar a Portugal,  
O Fascismo. Prossegue a luta quotidiana.  
Braga, Gomes da Costa, formalmente,  
Herói das campanhas Africanas, vem à frente.

Lisboa, comando de Mendes Cabeçadas,  
Bernardino Machado mostra-se algo relutante,  
Em obedecer às exigências emanadas,  
Não que esteja, convictamente, confiante,  
Sim porque teme consequências derivadas  
De um golpe de cariz tão preocupante.  
Mil novecentos e vinte seis, mês de Maio,  
Dia vinte e oito, fosse como se caísse um raio.

Adesões à revolução são uma sucessão,  
Dia vinte e nove, outro golpe rude,  
É a vez de o governo apresentar demissão,  
Ninguém acredite que o panorama mude,  
Mendes Cabeçadas assume total gestão,  
Presidente é obrigado a repensar sua atitude.  
Mesmo dia, senado e camara de deputados,  
São, por Mendes Cabeçadas, encerrados.

Trinta e um de Maio do ano de vinte e seis,  
Demite-se o presidente Bernardino Machado,  
Tentando dar a ideia que cumpria as leis,  
Entregando o poder ao comandante designado,  
Pura ilusão, como a burla de Alves dos Reis,  
Revolucionários tinham tudo controlado.  
Sina de Bernardino Machado, assim se repetia,  
Portugal, que futuro o esperava, ninguém  
sabia.

Primeira República terminava sem glória,  
Passados pouco mais de quinze anos,  
Desde que se ouvira o grito de vitória,  
Saído da boca de ansiosos Republicanos,  
No bem e no mal, é a nossa história,  
Irrelevante o balanço entre ganhos e danos.  
Lutas, foram marco mais caracterizador,  
Até republicanos lutaram no seu interior.

Trinta e nove governos, oito Presidentes,



Presidência de Ministérios seriam duas.  
Foram, de facto, anos muito exigentes,  
Sete Parlamntos, tropas chamadas às ruas,  
Algumas conquistas das Lusas gentes,  
Como o direito à greve, foram heranças suas.  
Quarenta e oito horas e liberdade sindical  
A par de revoluções e junta constitucional.

Crimes públicos e políticos, crises sociais,  
Desvalorização da moeda, carestia de vida,  
Eram contratempos, dificuldades, a mais,  
Quase dezasseis anos de oportunidade  
perdida,  
Nem sequer se aproveitaram alguns sinais,  
Que pudessem indicar o caminho, a saída.  
Biénio dezanove/vinte ainda houve esperança,  
Mas vinte/vinte e dois, voltou a desconfiança.

## Ministério de Mendes Cabeçadas

---

Comandante do movimento revoltoso,  
É quem recebe a renúncia de Bernardino  
Machado,  
Revela-se, de imediato, não só ambicioso,  
Como também revolucionário moderado,  
Não terá contado com esquema engenhoso  
Onde, por outros, o governo é poleiro  
desejado.  
Tendo chegado a deter todo o poder,  
Nem teve tempo, para seu lugar aquecer.

Pouco mais de quinze dias, deixou pistas,  
Do que poderia ter sido linha de orientação,  
Após renunciar, uniu-se aos oposicionistas,  
Lutando contra quem lhe dava preocupação,  
Temia que fossem forças, e ideias, fascistas,  
Quem se preparava para tomar conta da  
nação.  
Iniciou seu mandato querendo impor rigor,  
Tomando medidas de muito amargo sabor.

Suspendeu liberdade política e individual,  
Algo que o tornaria pouco popular,  
Terá percebido, demasiado tarde, o sinal  
Que por outro caminho teria de enveredar,  
Se quisesse garantir o governo de Portugal,  
Outros se preparavam para o derrubar.  
Faria da oposição, luta constante e dura,  
Sempre disponível a enfrentar a ditadura.

Teve dos mandatos mais curtos da história,  
Sem tempo para desenvolver seus ideais,  
Terá conquistado o direito à glória,  
Depois de deixar de dirigir desígnios nacionais,  
Por vezes, na derrota se conquista a vitória,

Optando por lutar ao lado dos demais.  
Em mil novecentos vinte seis tomou posse,  
Logo depois, Gomes da Costa quis que se  
fosse.

## 1º Ministério de Gomes da Costa

---

Gomes da Costa não terá gostado  
Ver Mendes Cabeçadas como presidente,  
Afinal, fora ele quem tinha iniciado  
O movimento revoltoso, na linha da frente,  
Agora, o lugar estava, por outro, ocupado,  
Não gostava e não podia ficar indiferente.  
Comandara um golpe de estado, sem temor,  
Se necessário, de outro seria mentor.

Assim o pensou, ainda melhor o fez,  
Revolta sai, novamente vitoriosa,  
Chegou a hora de ser Presidente Português,  
Só assim sentira sua vida valorosa,  
Não o preocupam acusações ou porquês,  
Imagina-se numa caminhada gloriosa.  
Presidência do ministério é assumida,  
Apenas o início de novo ciclo de vida.

Será muito curta esta viagem,  
Ministério de escassos e perturbados dias,  
Nada mais que uma pensada passagem  
De poderes, por conturbadas vias,  
Entre quem tinha, nas armas, vantagem  
De granjear privilégios e regalias.  
Tempos difíceis da bonita História,  
Deste Luso povo de grande glória.

Gomes da Costa, na cadeira do poder,  
Procuraria, através de novo ministério,  
Legitimar sua autoridade para exercer  
A Presidência de modo legal e sério,  
Mas, também ele, já deveria saber  
Como a vida Portuguesa era um mistério.  
Tempos idos, onde tantos pensamentos,  
Não podemos avaliar nestes momentos.

## Gomes da Costa

---

Mandato com menos de um mês de duração,  
Que não terá deixado saudade, ao terminar,  
Gomes da Costa terá sentido Grande  
frustração,  
Seu sonho passava por uma ditadura militar,  
Não lho permitira outra contrarrevolução,  
Deixando as sementes para aquela germinar.  
Gomes da Costa terá sido vítima dele mesmo,  
Não conquistara o país, com cortes a esmo.

Seria a presidência seu grande sonho,  
Um dos segredos desses tempos passados,  
Terá vivido um desgoverno medonho,  
Assuntos importantes não eram tratados,  
Não terá tido mandato tão risonho,  
Como, em sonhos, vemos os sonhos  
realizados.  
Militar de grandes méritos, Gomes da Costa,  
Acabou por não se revelar válida aposta.

A história mostra-nos tantos sinais,  
Parecemos nem sequer ouvir sua voz,  
Se ouvíssemos, talvez os desígnios nacionais  
Não caminhassem tantas vezes a sós,  
Desviando-se dos sonhos, dos ideais,  
Que nos foram deixados por nossos avós.  
Portugal tem seu destino no fado,  
Fado é glória de um povo determinado.

## Ministério de Óscar Carmona

---

Óscar Carmona chefiou novo golpe de estado,  
Desalojando o Presidente Gomes da Costa,  
Num primeiro período, não legitimado,  
Mera formalidade, podendo ser repostas  
Através de qualquer método, mesmo  
inventado.

Óscar Carmona tentou passar imagem legal,  
Nada que não fosse prática em Portugal.

No segundo período, através do ministério,  
Iria fortalecer o regime ditatorial,  
Censura prévia tornava-se um caso sério,  
Nunca mais a vida se revelaria igual,  
Tudo se censurava, sem qualquer critério,  
Tempo duro, semente de período brutal.  
Óscar Carmona nunca esteve sozinho,  
Muitos o ajudaram a escolher o seu caminho.

Durante dois anos, presidente interino,  
Vai construindo a imagem de unificador,  
Não do país democrático, sim do doutrino  
Da nova ideologia, do regime ditador,  
No qual desempenhará papel de figurino,  
Vergando-se a um outro vulto, maior.  
Óscar Carmona não teria grande carisma,  
Ou então sabia, bem, como usar tal sofisma.

Óscar Carmona era oficial de secretária,  
Ao contrário do seu antecessor,  
Contando-se uma história extraordinária,  
Que, em nada, abona em seu favor,  
Suas tropas são enviadas até frente contrária,  
Ele recusa comandá-las, simples temor.  
Movendo influências, demite Gomes da Costa,  
Assumindo o poder sem aguardar resposta.

## Óscar Carmona I

---

Óscar Carmona é eleito no mês de Março,  
Tomando posse em Maio, quinze era o dia,  
Tratou-se de uma legitimação em falso,  
Nenhum outro candidato se conheceria,  
Não que, alguns, não desejassem dar tal  
passo,  
Era a política de então que o não permitia.  
Ajuda quem, um dia, o levará a arrepender,  
Até lá, muitos desses inimigos, irá proteger.

Será por sua mão que despertará Salazar  
Vinte sete de Abril, sempre Abril na História,  
Pasta das Lusas finanças irá chefiar,  
Não que fosse sua, tão distinta convocatória,  
Sim de Vicente de Freitas, então a governar,  
Convite que não lhe deixaria boa memória.  
Óscar Carmona e Salazar não eram amigos,  
Assim o rezam testemunhos mais antigos.

Oliveira Salazar vai preparando terreno,  
Começando por pedir total autonomia,  
Óscar Carmona vê nele, homem sereno,  
De todos os ataques, no seio da maioria,  
O vai protegendo, beberia do seu veneno,  
Quando já todo o poder lhe pertencia.  
Promove a legitimação da Ditadura Nacional,  
Decisão que muito custaria a Portugal.

Salazar vai reequilibrando as finanças,  
Simultaneamente vai conquistando força,  
Portugueses sentem renascer esperanças,  
Sem sonhar como a censura se reforça,  
Pouco a pouco se vão cimentando mudanças,  
Sem que a ditadura se quebre ou torça.  
Falham várias tentativas, da oposição,

Visando o derrube do regime em ascensão.

Mil novecentos e trinta, ano de decisões,  
Oliveira Salazar cria a União Nacional,  
Seus sonhos, não conhecendo limitações,  
Levam a oficializar o Império Colonial,  
Óscar Carmona vai cedendo nas concessões,  
Se é que ainda mandava em Portugal.  
Escurecia o futuro do povo Português,  
Escuro, sempre mais escuro cada vez.

Salazar governava a seu belo prazer,  
Lançando sementes da plena ditadura,  
Sem dúvidas, detinha as rédeas do poder,  
Reforçando seus critérios de censura,  
Ninguém sonhasse sequer em o deter,  
A resposta servida seria muito dura.  
Óscar Carmona podia até ser o Presidente,  
Mas, seria Salazar a figura omnipresente.

Finanças Portuguesas estão equilibradas,  
Salazar emerge como o rosto da unidade,  
Oposição e imprensa são censuradas,  
Carmona vai perdendo a própria liberdade,  
País de portas cada vez mais trancadas,  
Onde a mentira tapa a luz da verdade.  
Opositores começam a encher as prisões,  
Ninguém escapa ao desgaste de perseguições.

Regime nem se preocupa em dissimular,  
Age com a maior das impunidades,  
O mundo tem mais com que se preocupar,  
Intensificam-se velhas rivalidades,  
Tecido produtivo dá início de ir mudar,  
Há discrepâncias entre campo e cidades.  
Uma paz podre impregna o ar Português,  
Rumamos a mil novecentos trinta e três.



## Óscar Carmona II

---

Abril de mil novecentos e trinta e três,  
Entra em vigor a nova constituição,  
Concretizava-se o isolamento Português,  
Óscar Carmona conseguia a eleição,  
Estávamos em pleno Abril, outra vez,  
Talvez já fosse uma Lusa predestinação.  
Nascia o estado novo, corporativista,  
Autoritário, de profunda inspiração fascista.

Presidente da República era figura de fachada,  
Perdendo voz activa na política Portuguesa.  
Policia politica, PVDE, iria ser criada,  
Actuava escondida sob uma capa de defesa,  
Onde nem sequer a vida era respeitada,  
Partindo de denúncias, à traição e de surpresa.  
Ninguém podia considerar-se seguro,  
Temendo sua própria sombra no escuro.

Agora, nada era feito ao simples acaso,  
Antes tudo muito bem pensado,  
Portugal caminhava em penoso atraso,  
Mas outro sentido, a tudo era dado,  
Mascarando a verdade, como no caso  
Das regalias concedidas ao operariado.  
Até nos pormenores da nova Constituição,  
Se viam indícios de tamanha imaginação.

Mulheres, até aí sem direito de expressão,  
Ganhavam legitimo direito de votar,  
Sendo tudo pensado a bem da Nação,  
Era óbvio que ninguém ousaria contestar.  
Carmona, há muito que não tinha opinião,  
Limitando-se a, novo regime, legitimar.  
Salazar fizera-lhe ver uma nova frente,  
Ao protelar o tema da reeleição do Presidente.

Segundo a Constituição de trinta e três,  
Mandato passava de cinco a sete anos,  
A estabilidade justificava todos os porquês,  
Eleições só serviam para gerar danos,  
Não podíamos dar-nos a tal luxo, burguês,  
Hipotecando o Luso futuro por longos anos.  
Trinta e cinco, ano de futura eleição  
Carmona concorrerá, sem ter oposição

Nem tudo era mau, nem podia ser,  
Assim, a sete de Novembro, estreava  
"A Canção de Lisboa" filme a não perder.  
Nesse mesmo ano se inaugurava  
Obra de Raul Carapinha, digna de ver,  
Da Estufa-fria, em Lisboa, se tratava.  
Primeiros passos de longa caminhada,  
Onde muita da verdade seria desvirtuada.

Mil novecentos trinta e quatro começa agitado,  
Decorre o dia dezoito do mês de Janeiro,  
Governo de Salazar se vê confrontado  
Com revolta das gentes do sector vidreiro,  
Na Marinha Grande, principalmente, instalado,  
Mas que se generalizaria pelo país inteiro.  
Greves, confrontos com forças de segurança,  
Apenas rastilhos de ténues réstias de  
esperança.

Mil novecentos trinta e cinco, Maio é o mês,  
Vai decorrendo o vigésimo primeiro dia,  
É promulgada lei de grande morbidez,  
Segundo a mesma, é ilegalizada a Maçonaria,  
No futuro, ser funcionário do estado  
Português,  
Assinar declaração inédita, implicaria.  
Não ser Maçon, seria obrigado a jurar,  
Tal, como, de futuro, a organização rejeitar.

Sede do Grande Oriente Lusitano, Grémio Lusitano,  
Se vê confiscada, e logo encerrada,  
Para que no decorrer do próximo ano,  
A sede de organização já pensada, aí seja instalada.  
Óscar Carmona aceita o desfecho tirano,  
Ele que seria Maçon, sem fazer nada de nada.  
Salazar continuava sua caminhada triunfal,  
Rumo ao que regime idealizado para Portugal.

Bebendo, nos regimes fascistas, inspiração,  
Sentia necessidade de outra força paralela,  
Assim se germinava, e nascia, a Legião,  
Tarefas de vigilância era mais com ela,  
Mesmo negando, ser essa a sua missão,  
A verdade, nunca ninguém duvidou dela.  
Estado Novo, métodos novos, sorte igual,  
Quem sofre é sempre a massa populacional.

Salazar, quem mandava na realidade,  
Ia dando mostras de grande inteligência,  
Assim criava nova capa, a "Mocidade Portuguesa",  
organização, de aparência,  
Destinada a inculcar bons hábitos na sociedade,  
Mas cujo objectivo tinha outra abrangência.  
Funcionaria como antecâmara cerebral,  
Onde o novo regime era visto como o ideal.

Louco trinta e seis, não só em Portugal,  
Organizações que seriam complementadas  
Com a inauguração do campo do Tarrafal,  
Tantas vidas ali seriam despejadas,  
Numa manifestação de desprezo total,  
Por regras de humanismo mais sagradas.  
Portugal tornava-se um país rudimentar,  
Agricultura forte, aposta a não descurar.

Ano de mil novecentos trinta e oito,

Salazar vive uma tentativa de assassinato,  
Obra de grupo anarcossindicalista afoito,  
Intentos gorados, ficou o registo do facto,  
Levando Salazar a procurar novo coito,  
Demonstrativo de que não ignorou o acto.  
Deixa a sua casa junto ao Marquês de Pombal,  
Tornando S. Bento, a residência oficial.  
Mil novecentos trinta e nove, guerra,  
Salazar promete não deixar morrer o sol,  
Hitler, e seus aliados, fazem tremer a terra,  
Nasce importante tratado, Luso-Espanhol,  
Não-agressão o objectivo que encerra,  
Já o pacto anti- Komintem não entra no rol.  
Salazar dava mostras de saber o que queria,  
Ficar livre de compromissos, o que pretendia.

Desenvolve-se a guerra, ano de quarenta,  
Hipólito Raposo, reconhecido integralista,  
Salazar, e o estado novo, acusa e enfrenta,  
De regime autocrático, Salazarquia, o lista,  
Deportação para os Açores não o apoquentas,  
Antes isso que preso com tortura à vista.  
De todo o mundo chegam relatos de terror,  
Forças Nazis não poupam ninguém, um horror.

Judeus enchem os campos de concentração,  
Lisboa vive tempos algo paradoxais,  
Vinte e três de Junho, inaugura-se exposição  
Como nunca antes houvera outra mais,  
"Exposição do Mundo Português" a  
denominação,  
Loas ao Estado Novo, objectivos principais.  
Portugal mantinha-se ao longe da tragédia,  
Desempenhando papel de nação intermédia.

Judeus, fugidos da perseguição Nazi,  
Encontram uma porta de salvação aberta,  
Salazar teme que tal se vire contra si,  
Emitindo circular muito pouco concreta,

Famosa circular catorze, que nem dizia sim,  
Nem dava o não como decisão certa.  
Passaportes, aviso levado pouco a sério,  
Só após consultarem PVDE e Ministério.

Serviços consulares continuaram sua acção,  
Principalmente o situado em Bordéus,  
O cônsul, já protagonista de certa tensão,  
Nunca abdicando de princípios muito seus,  
Continuou a emitir passaportes de salvação  
A milhares e milhares de fugitivos Judeus.  
Aristides de Sousa Mendes não queria glória,  
Mas escrevia seu nome a ouro, na Lusa  
história.

Ainda neste mesmo ano de quarenta,  
Óscar Carmona, em nome do Estado  
Português,  
Não ele em pessoa, mas sim quem o  
representa,  
Firma concordata onde, mais uma vez,  
Nem tudo objectiva aquilo que aparenta,  
Com a Santa Sé, tal concordata se fez.  
Vários privilégios lhe são concedidos,  
Salazar guardava outros intentos escondidos.

Vinte e nove de Julho, pacto reforçado,  
Num ano de profundas convulsões mundiais,  
Pacto de não-agressão via protocolo  
adicionado,  
Jogavam-se grandes interesses nacionais,  
Salazar, não o revelando, vivia preocupado  
Com consequências de evoluções  
internacionais.  
“Livro-vos da guerra, mas não da fome”  
Célebre frase que nem o passar do tempo  
consome.  
Viviam-se tempos difíceis, termos mundiais,  
Portugal não fugia à regra, era o racionamento

De tudo, até bens considerados essenciais.  
Mundo fora aumentava o medo e o sofrimento,  
Forças Nazis continuam seus actos infernais,  
Todos temem sua chegada, a qualquer  
momento.  
Portugal vai conseguindo manter a  
neutralidade,  
Fazendo jogo duplo, na grande verdade.

Ano de mil novecentos quarenta e três,  
Salazar tenta jogar importante cartada,  
Cede a base das Lages ao governo Inglês,  
E afirma que é no Ultramar que está retratada  
A verdadeira identidade do estado Português,  
Enquanto crise mundial vai sendo aproveitada.  
Açúcar; tabaco e volfrâmio são exportados,  
Tanto para os alemães como para os aliados.

Volfrâmio para construção de armamento.  
Dez de Junho de mil novecentos quarenta e  
quatro,  
Estado Novo promove grande acontecimento,  
Jamor, estádio é inaugurado com aparato,  
Tudo servia para disfarçar difícil momento,  
Reforçando o regime com tão simbólico acto.  
Hitler sente dificuldades em vencer os aliados,  
São muitos os obstáculos nunca antes  
considerados.

Mil novecentos quarenta e cinco, Abril  
novamente,  
Dia vinte sete, tropas Russas ocupam Berlim,  
Desfecho da guerra adquire um rumo  
diferente,  
Sonho Hitleriano vê aproximar-se o seu fim,  
O próprio líder, pressentindo um fim eminente,  
Não hesita, suicida-se, ou não. A história diz  
que sim.  
Trinta de Abril, dia escolhido para fim do culto,

Estado Português decreta três dias de luto.

Sete de Maio, rende-se o governo Alemão,  
Não significava, ainda, o fim da terrível guerra,  
Mantinha-se a resistência do Japão,  
Seis de Agosto de quarenta e cinco, treme a  
terra,  
Hiroshima e Nagasaki sofrem destruição  
Nunca antes vista, Bomba atômica não erra.  
Milhares e milhares de mortos, maioria  
inocentes,  
Dois de Setembro, fim da guerra, novas  
sementes.

Oito de Outubro, novo movimento é criado,  
Movimento de Unidade Democrática,  
Simplesmente por MUD será identificado,  
Oposição a Salazar seria sua ideia prática,  
Governo não se revela deveras incomodado,  
Prefere adoptar outra estratégia, outra tática.  
Cria o Secretariado Nacional de Informação,  
Oliveira Salazar ficava com seu controlo na  
mão.

Mil novecentos quarenta e seis é o ano  
Em que Pio doze, talvez retribuindo favores,  
Nomeia Clemente de Gouveia, cardeal  
Lusitano,  
Mas também é ano de sonhos maiores,  
Nova província ultramarina está no plano,  
Estado da Índia Portuguesa, são uns  
sonhadores.

Logo no ano seguinte, Portugal recusa pedido,  
Índia desejava anexar estado recém-nascido.  
Não importam condenações internacionais,  
Tribunal e assembleia das Nações Unidas.  
Tomam-se medidas populares adicionais,  
Restrições de consumo energético são  
varridas,



Medida puramente simbólica, nada mais,  
Nos grandes centros, pouco eram cumpridas.  
Vigoravam desde a segunda guerra mundial,  
Vinte cinco de Fevereiro, a data do edital.

Mil novecentos quarenta e oito, passo em  
frente,  
Da OCDE, Portugal é membro co-fundador.  
MUD, começava a incomodar muita gente,  
É ilegalizado, era esta a tática então em  
vigor,  
Eliminava-se quem ousasse pensar diferente,  
Que pensassem como pensava o ditador.  
Óscar Carmona limitava-se, simplesmente, a  
assistir,  
Embora Salazar suspeitasse que se andava a  
insurgir.

Mil novecentos quarenta e nove, ano feliz,  
Medicina Portuguesa vive hora de glória,  
Prémio Nobel é atribuído a Egas Moniz,  
Mais um nome gravado a ouro na Lusa  
História,  
Momento de orgulho para um triste país  
Ávido de, novamente, poder gritar vitória.  
Neste mesmo ano, importante facto,  
Portugal entrava, como fundador, na NATO.

Norton de Matos candidata-se à Presidência,  
Este general, forte opositor de Salazar,  
Diz-se disposto a ser o rosto da resistência,  
E que nunca se poderá permitir descansar  
Enquanto não lho permitir sua consciência  
De não conseguir, do ditador, seu país livrar.  
Norton de Matos recolhe apoio de muita gente,  
Alberto Serpa; Miguel Torga; Pulido Valente.

Apoiantes de Carmona fazem bom trabalho,  
Utilizando os mais manhosos argumentos,



Conseguem dividir a oposição, o “Revirvalho”,  
Provocando temores nalguns elementos,  
Tomando o perigo comunista como espantalho,  
E apelando a velhos e gastos sentimentos.  
Alguns, até ali, valorosos antifascistas,  
Tornam-se, assim, convictos anticomunistas.

Norton de Matos acaba mesmo por desistir,  
Deixando o caminho livre a Óscar Carmona,  
Candidatura que acaba por conseguir  
O apoio da causa Monárquica, vêm à tona  
Causas que os unem, em vez de os dividir,  
Fezas Vital é o líder de tão ignóbil intentona.  
Assim se jogam os interesses do país,  
Manifestações criticadas por Rocha Martins.

Mil novecentos e cinquenta, dois de Janeiro,  
Morre, na prisão, forte opositor de Salazar,  
O comunista Português Militão Ribeiro.  
PVDE persegue quem quer que ouse contestar,  
Portugal quer dar mostras de país ordeiro,  
Não se detendo perante limites para lá chegar.  
Presidente da República não tem voz activa,  
Seu papel é, meramente, de figura decorativa.  
Mil novecentos cinquenta e um, Portugal,  
No sentido de suster pressões internacionais,  
Passa a nação multirracial e pluricontinental,  
Nascem províncias ultramarinas, nem mais,  
Antigas colónias são seu território inicial,  
“Solução Portuguesa” estratégias sensacionais.  
Óscar Carmona morre no cargo de Presidente,  
Dezoito de um Abril incontornável, o dia  
corrente.

## António de Oliveira Salazar

---

Morrendo Óscar Carmona, repentinamente,  
Coube a Salazar assumir a responsabilidade,  
Nada que trouxesse algo de diferente,  
Puro e mero cumprimento de formalidade,  
Pois já era ele quem mandava realmente,  
Praticamente três meses, tal eventualidade.  
Portugal, praticamente nem se apercebeu,  
Somente se sabia que o Presidente morreu.

Salazar garantia lugar entre os Presidentes,  
Ainda que de uma forma muito fugaz,  
Pormenores que lhe seriam indiferentes,  
Importava-lhe mais o que estava por trás,  
Controlar a vida política em todas as frentes,  
Num atestado de se julgar o único capaz.  
Presidência da República não o seduziria,  
Afinal, só era Presidente quem ele queria.

Era tempo de procurar figura consensual,  
Alguém que não levantasse muitos pós,  
Que respeitasse o seu sonho, o seu ideal,  
A sua máxima, "Orgulhosamente só",  
Não permitiria outra ideia em Portugal,  
Para pensar, lá estava ele, mesmo por nós.  
Salazar não era homem de aparar golpes,  
Tendo visto a figura ideal em Craveiro Lopes.



## Craveiro Lopes

---

General, e antigo comandante-geral da Legião,  
Craveiro Lopes, apoiado pela União Nacional,  
Apresenta-se como candidato da situação,  
Dois outros pretendiam disputar o acto  
eleitoral,  
Só que ambos representavam a oposição,  
Prof. Ruy Luís Gomes foi impedido pelo  
tribunal.  
Candidato Comunista, não teria idoneidade,  
O outro seria forçado a desistir, tempo mais  
tarde.

Quintão Meireles, Almirante, o candidato,  
Craveiro Lopes seria, assim, facilmente eleito,  
No entanto não vestiria aquele fato  
Que o Estado Novo, Salazar, lhe tinha feito,  
Revelando-se não se rever naquele pacto,  
Em que o queriam, um pau-mandado perfeito.  
Ainda a sua Presidência era uma menina,  
Já Portugal adoptava nova politica Ultramarina.

Mil novecentos cinquenta e quatro, morte,  
Catarina Eufémia, trabalhadora rural,  
Não teme enfrentar o sistema, pouca sorte,  
É baleada em Baleizão, no Monte do Olival,  
Tenente Carrajola o assassino. Reacção forte  
Que se repercutiria pelo território nacional.  
Este oficial da Guarda Nacional Republicana,  
Tristemente escreveu seu nome na vida  
Lusitana.

Neste mesmo triste e complicado ano,  
Dadrá e Nagar Havelli mereciam especial  
atenção,  
Parte de Portugal em território Indiano,

São alvo, pela União Indiana, de anexação,  
Demorará algum tempo a concretizar tal plano,  
Portugal tenta ilegalizar a Indiana pretensão.  
Mil novecentos cinquenta e cinco, ONU,  
Portugal obtém autorização para ser mais um.

Mil novecentos cinquenta e sete, Ilha do Faial,  
Vulcão dos Capelinhos entra em erupção.  
Neste mesmo ano, sete de Março, Portugal  
Tem sua primeira transmissão de televisão,  
Acontecimento aproveitado a nível nacional,  
Regime apresenta-o como símbolo da  
evolução.  
Craveiro Lopes desentende-se com Salazar,  
Muito próximo da oposição se anda a colocar.

Chefe do governo não perdoa a desilusão,  
Dando instruções, à União Popular,  
Que encontre outro candidato à eleição,  
Que no ano seguinte haverá de ter lugar.  
Craveiro Lopes não resiste à reprovação,  
Optando por nem sequer se candidatar.  
Surgirá então, o opositor tão desejado,  
Ilustre general e chama-se Humberto Delgado.

Ficará conhecido como o general sem medo,  
Enfrentará o candidato Américo Thomaz,  
De seus objectivos não faz segredo,  
Demitir Salazar, se ser eleito for capaz.  
Polícia secreta o ameaça com o degredo,  
Humberto Delgado não teme e não volta atrás.  
Treze de Junho, processo fraudulento,  
Regime exulta cantando vitórias, ao vento.

Craveiro Lopes fora rosto de esperança,  
Américo Thomaz era sinónimo de retrocesso,  
Humberto Delgado prometera a mudança,  
Forças obscuras travavam-lhe o sucesso,  
Regime entregava à Polícia de Segurança

Carta-branca para encerrar aquele processo.  
Salazar continuava seu caminho sonhado,  
Amérco Thomaz tornava-se seu sério aliado.

## Américo Thomaz

---

Ano de mil novecentos cinquenta e oito,  
Américo Thomaz é empossado Presidente,  
Estamos a nove do quente mês de Agosto,  
Eleições em treze de Junho precedente,  
Tudo não passa, puramente, de novo rosto,  
O país continuará o processo de antigamente.  
Dia vinte e seis de Novembro é chegado,  
Prendem apoiantes, fortes, de Humberto  
Delgado.

Vieira de Almeida; Delgado Azevedo Gomes;  
António Sérgio e também Jaime Cortesão,  
Alguns dos organizadores, ilustres nomes  
Da campanha eleitoral do candidato da  
oposição,  
Indícios dos mais funestos das síndromes  
Que irão ser o futuro, próximo, da Lusa nação.  
Outubro de mil novecentos cinquenta e nove,  
A mais alta esfera militar se agita e move.

Antevêem-se dias difíceis, deveras  
complicados,  
PVDE prevê eclosão da guerra subversiva,  
Militares não podem deixar-se ficar parados,  
Lisboa, inaugura o metropolitano, continua  
activa,  
Vinte e nove dias de Dezembro são passados,  
Portugal entra em organização de índole  
corporativa.  
Associação Europeia de Livre Comércio,  
Fundação nascida em pleno solo Helvécio.

Mil novecentos e sessenta, complicações,  
Álvaro Cunhal, líder dos ideais comunistas,  
Foge da prisão de Peniche, gerando acusações.

Em África, surgem movimentos independentistas,  
MPLA e UPA em Angola, mais confusões,  
FRELIMO e PAIGC também dão nas vistas.  
Agostinho Neto; Eduardo Mondlane e Amílcar  
Cabral,  
prometem vida difícil ao governo de Portugal.

Salazar confiava que pouco tempo duraria,  
Ignorando que algo se içava em desfavor  
Movimentos vão aproveitar a guerra fria,  
Que, Estados Unidos e URSS iria opor,  
Tal confronto, aqueles movimentos, favorecia,  
Potências lhe forneciam armamento superior.  
Sessenta e um, quatro de Fevereiro, Luanda,  
MPLA assalta a cadeia, alguns mortos na  
demanda.

Ano seguinte, dia vinte e um de Janeiro,  
O mundo ouve falar de Henrique Galvão,  
Comandando movimento, talvez, pioneiro,  
Ligado ao Directório Ibérico de Libertação,  
Assalta o Pacote Santa Maria, verdadeiro  
Golpe, "Operação Dulcineia", a denominação.  
Ataques preocupantes, ao regime de Portugal,  
Com a agravante do início da guerra colonial.

Vinte e três de Fevereiro, Conselho de  
segurança,  
Da ONU, condena política Salazarista,  
No que às colónias respeita, não abala a  
confiança  
Que o regime, na sua legitimidade, deposita,  
Tanto assim que passados dois dias, avança  
Numa nova frente, numa outra pista.  
United States Steel Export Company vais  
assinar,  
Contrato para construir futura ponte Salazar.

Ainda em sessenta e um, a quinze de Março,



UPA ataca fazenda no norte de Angola,  
Está dado importante e derradeiro passo  
Para uma guerra que durante anos nos isola,  
Do resto do mundo, sem que um fracasso  
Alguma vez tenha dado, ao regime, nova ola.  
Sessenta e um, Abril, novo movimento,  
Abril, sempre Abril no desejado momento.

Um general de seu nome Botelho Moniz,  
Protagoniza tentativa de golpe de estado,  
Falhou, mas conseguiu agitar o país,  
Poderá ter sido um processo mal organizado,  
Ou sofrido alguns contras de distinto cariz,  
Onde não será de descurar algum infiltrado.  
Américo Thomaz, um possível denunciador,  
Kaúlza de Arriaga também, apoiava o ditador.

O ano ainda era o mesmo, terrível este ano,  
Vinte e quatro de Agosto, serra da Canda,  
Tropas penetras em pleno coração Angolano,  
Operação conjunta de tropas, longe de  
Luanda,  
Aviação e exército, primeiro mano a mano,  
Força pára-quedista também por lá anda.  
O ano encaminha-se para o seu final,  
Índia faz tremer proclamada unidade nacional.

Dezanove de Dezembro, soldados Indianos,  
Quarenta mil, sensivelmente, nada de  
concreto,  
Ocupam Goa, retirando soberania aos  
Lusitanos,  
Maioria das nações dão o acto como correcto,  
Salazar, Na Assembleia Nacional, vários anos,  
Assegura, aos seus representantes, lugar  
certo.  
Iniciava-se estranha, e dolorosa, caminhada,  
Portugal escolhia via à derrota condenada.



Mil novecentos sessenta e dois chegou,  
Adivinha-se mais um ano complicado,  
Crise académica, mundo estudantil se rebelou,  
Lá viria um ou outro momento mais dourado,  
Navio Escola Sagres, Marinha integrou,  
Adesão à EFTA, acontecimento empolgado.  
Regime começava a mostrar suas fraquezas,  
Despertavam novas consciências Portuguesas.

Janeiro de mil novecentos sessenta e três,  
Começa a guerrilha pela libertação da Guiné,  
Demasiados desafios ao governo Português,  
Salazar, de sua ideologia não arreda pé.  
Ano seguinte, Fevereiro, início do ano outra  
vez,  
Moçambique, nova frente de guerra, haja fé.  
Já quando caminhamos para o final do ano,  
MPLA reconhecido representante Angolano.  
Não, não nos deixemos levar por ilusões,  
Salazar recusava reconhecer legitimidade,  
Tal reconhecimento foi de organizações  
Que condenavam Portugal e sua brutalidade.  
Ano seguinte, há que procurar novas soluções,  
Vem mesmo a calhar, visita de Sua Santidade.  
Portugal recebe, de braços abertos, Paulo  
sexto,  
Estávamos em Maio. Outubro é diferente o  
texto.

Católicos divulgam importante documento,  
Conhecido pelo manifesto dos cento e um,  
Reivindicavam, demonstrando seu sentimento,  
Respeito pelo direito, sem medo algum,  
À autodeterminação dos povos, duro  
momento.  
Salazar não lhe deve ter dado valor nenhum.  
Seria outra, certamente, sua preocupação,  
Ano seguinte, ponte Salazar teria inauguração.

Voltando a sessenta e cinco, Espanha,  
Grupo de PIDES, Rosa Casaco no comando,  
Numa armadilha, Humberto Delgado apanha,  
Casimiro Monteiro não hesita, vai disparando,  
Assim, cobardemente, sua glória ganha,  
Nem sequer a vida da secretária, respeitando.  
Olivença, local de tão cobarde traição,  
Que tal crime, nunca o esqueça a Lusa nação.

Entramos em mil novecentos sessenta e sete,  
Palma Inácio assalta o banco de todos nós,  
Pertencia à LUAR, foi em Maio, a dezassete,  
Delegação situada na bela Figueira da Foz,  
Mesma LUAR que outro assalto comete,  
Terceira Região militar, Évora. Muitos nós.  
LUAR – Lutar, Unir, Armar; Resistir,  
Em Outubro, o submarino Albacora vai surgir.

Mil novecentos sessenta e sete não terminaria  
Sem que grande tragédia se registasse,  
Falta de ordenamento, grande Lisboa, levaria  
A que toda esta zona, Novembro, se alagasse,  
Cerca de meio milhar de pessoas, morreria,  
E, milhares de famílias, sem habitação ficasse.  
Vinte e seis de Novembro, a noite traiçoeira,  
Tanta vida perdida de estúpida maneira.

Mil novecentos sessenta e oito, Setembro,  
Dia vinte e sete, Salazar deixa o poder.  
Marcelo Caetano torna-se o novo membro  
De um regime que teimava em não morrer,  
Mesmo assim, como ainda bem relembro,  
Nova luz de esperança consegue reacender.  
Vive-se esperançosa primavera Marcelista,  
Liberalização política consta da sua lista.

Economia Portuguesa urge modernização,  
Vinte seis de Novembro, Assembleia Nacional,  
Marcelo Caetano defende a manutenção,

Nas províncias ultramarinas, de Portugal.  
Primeiro discurso, logo primeira desilusão,  
Suspeita-se que afinal, tudo irá continuar  
igual.  
Muitas correntes de opinião se têm gerado,  
Não terá querido mudar, ou não terão deixado.  
Seis de Fevereiro do ano seguinte, Guiné,  
Jangada transportando uma GMC e militares  
Que faziam a retirada de Madina do Boé,  
É alvo de ataques com efeitos invulgares,  
Momento de desespero, dor, raiva até,  
Vidas ceifadas por ideologias rudimentares.  
Delegação de adidos militares em Lisboa,  
Até África, Angola e Moçambique, voa.

Guerra, além das imensas vidas perdidas,  
Tornava-se empreendimento insustentável,  
Verbas da despesa publica, ali investidas,  
Constituíam número nunca imaginável,  
Quase metade das despesas despendidas  
Tinham ali seu destino mais que provável.  
Quase cinquenta por cento era a percentagem,  
Grande parte da população parte em viagem.

Não, Portugueses não iam em passeio,  
Procuravam melhor vida na emigração,  
Não eram tempos propícios a puro veraneio,  
Pobreza era realidade de muita da população,  
Enquanto o regime prosseguia o devaneio  
De sujeitar o futuro de Portugal à sua  
obsessão.  
Regime é contestado, década de setenta,  
Apoio de alguns colonos, também o sustenta.

Mil novecentos e setenta, morre Salazar,  
Curiosamente, termina primavera Marcelista,  
Oposição dá mostras de se organizar,  
Setenta e três nasce o Partido Socialista,

Mário Soares é nome escolhido para  
comandar,  
Crise do petróleo, factor que engrossa a lista.  
Solução política é proposta a Marcelo Caetano,  
Recusa, provoca descontentamento Lusitano.

Oficiais do exército, capitães de patente,  
Organizam-se em movimento, Bissau,  
Mostrando-se decididos a seguir em frente,  
O ambiente entre os militares é muito mau,  
Que a guerrilha é causa perdida, é coerente,  
Há que tentar tudo para que se salve a nau.  
Democratizar; Descolonizar; Desenvolver,  
Ideais que lhes dão forças para se mover.

Vinte e quatro de Setembro, declaração,  
Guiné-Bissau declara-se independente.  
Doze de Outubro, governo procede a  
revogação,  
Carreiras do exército o assunto presente,  
Diplomas de Sá Viana provocaram agitação,  
Governo nomeia comissão de estudo urgente.  
Militares tomavam consciência de sua força,  
Governo assumia que a rebelião deixara  
mossa.

Fevereiro de mil novecentos setenta e quatro,  
António de Spínola lança livro, uma cartilha  
"Portugal e o Futuro" onde defende um pacto  
Entre Portugal e os movimentos de guerrilha,  
Onde uma solução política fosse um facto,  
Outra solução, ex-governador já não partilha.  
Confrontos, em Moçambique, antes registados,  
Levaram militares a emitir novos comunicados.  
Só uma solução política para o ultramar,  
Poderia acalmar as águas assim agitadas  
Governo decide, outra decisão tomar,  
Substituindo chefes das Lusas Forças Armadas,  
Spínola e Costa Gomes têm de abandonar

As chefias que, até então, lhe estavam  
confiadas.  
Neste mesmo ano, a dezasseis de Março,  
É dado, nas Caldas da Rainha, decisivo passo.

Coluna militar marcha sobre Lisboa,  
Comandada por Armando Marques Ramos,  
Não logra seus intentos, mas, os ares, povoada,  
Com aromas que, pouco depois, inalamos,  
Governo, e PIDE, ficam um pouco à toa,  
Sem saber bem em que estado nos situamos.  
Ignoravam que em Abril, sempre Abril,  
Portugal despertaria numa manhã primaveril.

Vinte cinco de Abril de setenta e quatro,  
Portugal está prestes a mudar a história,  
Asseguramos o mais honroso trato,  
A quem tanta dor nos deixou na memória,  
Glorioso povo Lusitano que neste acto,  
Conquistou mais um degrau rumo à glória.  
Coragem é Lusa bandeira em cuja raia,  
Um nome se ergue mais alto; Salgueiro Maia.

## Democracia

---

Democracia é esperança, é vitória,  
Muitos atropelos se irão cometer,  
Uns por pura ambição, sede de glória,  
Outros, simplesmente, por não saber,  
Que a todos os julgue a Lusa história,  
Entretanto deixemos o tempo amadurecer.  
Tentativas de ditadura militar, loucos ideais,  
Julgamentos, daqui a alguns anos mais.

Avanços, retrocessos, avanços, retrocessos,  
Nada disto será de estranhar,  
Estamos, ainda, a aprender processos,  
Como se estivéssemos a aprender a andar,  
Seremos confrontados com insucessos,  
Importante, nunca nos deixarmos desanimar.  
Somos povo com provas de capacidade,  
Povo que nunca abdicou de sua identidade.

Nunca seremos orgulhosamente sós,  
Soubemos dar novos mundos ao mundo,  
Voltaremos a saber exhibir de nós,  
O melhor que temos de mais profundo,  
Para fazermos ouvir a nossa voz,  
Mostrando ao mundo quem somos cá no  
fundo.  
Esqueçam todas as nossas amarguras,  
Caímos, levantamo-nos e voltamos às alturas.

## Nação Valente

---

Refugio-me na minha memória,  
Vendo meu país em chama,  
Navegando nesta bela história,  
Com Álvares Cabral e Vasco da Gama.  
Hoje, por gente de coragem e glória,  
Qual Salgueiro Maia, meu peito clama.  
Somos nação valente e imortal,  
Honremos nossos avós, reergamos Portugal.

Que se esqueçam todas as traições,  
Recordemos valorosos Lusitanos,  
Padre António Vieira deu lindos sermões,  
Viriato soube resistir tantos anos,  
Feitos épicos inspiraram Luís de Camões,  
Nunca tememos enfrentar os tiranos.  
Somos nação valente e imortal,  
Honremos nossos avós, reergamos Portugal.

Fernando Pessoa nos levou pelo Mundo,  
Bocage nos encantou com sua graça,  
António Aleixo falou de um viver imundo,  
Martim Moniz deu a vida pela praça,  
Florbela Espanca cantou amor profundo.  
Marquês de Pombal nos deixou sua traça.  
Somos nação valente e imortal,  
Honremos nossos avós, reergamos Portugal.

Zeca Afonso nos cantou a liberdade,  
Tantos perderam a vida inocentemente,  
Tantos morreram atrás da grade,  
Tantas mães esperaram eternamente,  
Tantos dias se fizeram noite, tarde,  
Para glória desta ilustre Lusa gente.  
Somos nação valente e imortal,  
Honremos nossos avós, reergamos Portugal.

# ÍNDICE

Pré-História.....	4
Lusitana.....	16
Romanização.....	20
Islamismo.....	26
Ideal Cristão.....	31
Cruzadas.....	34
Condado Portucalense.....	37
D. Afonso Henriques.....	41
D. Sancho I.....	52
Afonso II.....	55
Afonso III.....	58
D. Dinis.....	61
D. Afonso IV.....	68
D. Pedro I.....	73
D. Fernando.....	75
Crise 1383-1385.....	79
D. João I.....	86
D. Duarte.....	91
D. Afonso V.....	92
D. João II.....	99
D. João III.....	111
D. Sebastião.....	114
D. Henrique.....	117
Filipe I.....	119
Filipe II.....	121
Filipe III.....	123
D. João IV.....	128
D. Afonso VI.....	137
D. Pedro II.....	145
D. João V.....	149
D. José.....	154
D. Maria I.....	158
D. João VI.....	160
D. Pedro IV.....	172
D. Maria II.....	184
D. Miguel.....	185
D. Maria II.....	191
D. Pedro V.....	203
D. Luís.....	212
D. Carlos.....	225
D. Manuel II.....	231
República.....	239
Interregno.....	240
Manuel de Arriaga.....	247





Teófilo Braga.....	257
Bernardino Machado I.....	259
Ministério chefiado por Sidónio Pais.....	264
Sidónio Pais I.....	266
Sidónio Pais II.....	268
Governo chefiado por João do Canto e Castro.....	269
João do Canto e Castro.....	271
António José da Almeida.....	283
Manuel Teixeira Gomes.....	286
Bernardino Machado II.....	290
Ministério de Mendes Cabeçadas.....	294
1º Ministério de Gomes da Costa.....	295
Gomes da Costa.....	297
Ministério de Óscar Carmona.....	298
Óscar Carmona I.....	300
Óscar Carmona II.....	303
António de Oliveira Salazar.....	314
Craveiro Lopes.....	316
Américo Thomaz.....	319
Democracia.....	324
Nação Valente.....	325

**Colecção**

# digit@lmente

*Título:* **POVO LUSITANO DA PRÉ-HISTÓRIA À  
DEMOCRACIA**

*Autor:* **FRANCIS RAPOSO FERREIRA**

*A partir de 2022, a Colecção Digitalmente acolhe todas  
as edições para uma melhor experiência de leitura  
gratuita online.*

*Edição em Formato Digital:* **Fevereiro de 2022**

© **Autor e Elefante Editores  
para esta edição digital**

*Contacto:*  
**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.net](http://www.elefante-editores.net)**

Editores de Poesia desde 1997